ISAAC ASIMOV

NOVE AMANHÃS



Isaac Asimov

NOVE AMANHÃS

CONTOS DO FUTURO

1º e 2º Volumes

Publicações Europa-América

Título Original: Nine Tomorrows – Tales of the Near Future

Tradução de Mário Redondo

Para Betty Shapian, cuja bondade e solicitude nunca falharam

Suspirei.

Se tentasse, era certo que apanharia o criminoso, mas depois disso seria a coisa mais parecida com fígado cortado que alguém já viu.

Haveria uma remodelação no Serviço, um pivete do tamanho da Galáxia, e, no meio da excitação e da desordem, o segredo da Espaciolina alterada viria cá para fora, de uma forma ou de outra.

É claro que o criminoso podia ser o primeiro que eu revistasse.

Uma hipótese em três.

Escolhia um e depois, sabe Deus…

Que chatice, qualquer coisa tinha feito que eles começassem, enquanto estava a falar com os meus botões.

E a Espaciolina é contagiosa…

ISAAC ASIMOV

VALE A PENA LER, VEJAM!

Oh, Dr. A. -
Oh. Dr. A. -

Há uma coisa (não se vá embora)
Que eu gostaria que me dissesse.

Embora preferisse morrer
A tentar.
Intrometer-me,

O caso, como verá,
É que a minha mente
Elaborou a grande pergunta do dia.

Não pretendo fazer qualquer escárnio barato,
Portanto, por favor, responda com decisão,
E, deixando-se de receios cautelosos e inúteis, Conte-me o segredo da sua visão!

Como é que
Você cria
Essas impossíveis e loucas idéias?

Será indigestão
E trata-se
Do pesadelo que dela resulta?

Dos seus olhos a rodopiar,
A girar,

Dados a enrolarem-se

E a desenrolarem-se,
Enquanto o seu sangue toca sinos enlouquecidos Seguindo o apaixonado ritmo
Do seu abundante e incerto pulso?

Será isso, pense, ou a bebida
Que lhe trará mais depressa o delírio?

Pois um
Pequeníssimo
Martíni seco
Pode bem ser a sua musa privada

Ou talvez aqueles Tom e Jerries:
Encontrarão as
Bagas certas

Para provocar
E libertar
Esse truque secreto ou essa excitação:

Ou uma horrenda
Combinação
De estimulação
Ilegal,

Maconha com tequila,
Que lhe daria aquela sensação

De coisas combinando-se
Enquanto começa a sua atividade mental

Ao doido ritmo sincopado
Decerto algo, Dr. A.,
O faz elétrico
E um pouco excêntrico.

Já que o leio com devoção
Não me daria uma noção
Dessa poção astutamente criada
Da qual emergem os seus enredos?

Essa fantástica e secreta mistura borbulhante Que lhe deu lugar cativo
Nos mais apreciados pontos da ficção científica.

Agora, Dr. A.,
Não se vá embora -
Oh Dr. A. -
Oh Dr. A. -

NOTAS DE RECUSA

a) CULTA

Querido Asimov, todas a leis mentais provam que a ortodoxia tem seus defeitos.

Considere este componente eclético da filosofia de Kant que morde com fauces incansáveis e antilógicas as gastas e inúteis serras que ficam presos em culturas de mutantes de nossa era.

Aí vai pois seu relato (com ânimo fraco).

As palavras anteriores têm amplo motivo.

b) CULTA

Querido Ike, estava preparado (e, menino, realmente assutado) para tragar, vindo de ti, quase qualquer coisa.

Porém, Ike, és pura droga, tua forma de escrever é inebriante: só resta tosse seca e inchamento mental.

Te devolvo esta porcaria; cheirava, empestava, fedia; um breve olhar foi espantoso o suficiente.

Entretanto, criança, pouco a pouco, tenta de novo.

Necessito de algumas Fantochadas, rapaz, adoro teu catarro.

c)AMÁVEL

Querido Isaac, meu amigo, pensei que teu relato era lúcido.

Sumamente delicioso e com méritos, esplendoroso.

Significou uma inteira noite, plena de tensão, amigo, e logo alívio, e acompanhada em boa medida do deleite da latente incredulidade.

É uma trivialidade, apenas correto, quase um ato de maldade, declarar que há pequenos defeitos.

Nada concreto, um retoque, talvez, e por isto não vá desanimar.

Permita-me pois expor, sem mais delongas, meu camarada, meu amigo, que o final do teu história deixou-me satisfeito e alegremente sossegado.

P.S.

Ah, claro, devo confessar (com certo pesar) que, infelizmente!, devolvo em anexo sua história.

PROFISSÃO

George Platen não conseguia esconder a ânsia na sua voz. Era grande demais para poder contê-a.

– Amanhã é o primeiro de Maio. Olimpíadas! – disse ele.

Rolou sobre o estômago e olhou o seu companheiro de quarto por sobre o pé da cama. «Ele não sentia, também? Isso não lhe causava qualquer emoção?»

A cara de George era magra e tinha emagrecido mais ainda no quase ano e meio que tinha passado na Casa. A sua figura era frágil mas o olhar dos seus olhos azuis era tão intenso como sempre fora, e agora havia um ar de clausura na forma como os seus dedos se enroscavam na colcha.

O companheiro de quarto de George levantou os olhos do livro por um momento, e aproveitou a oportunidade para ajustar a intensidade da luz no pedaço de parede junto à sua cadeira. Chamava-se Hali Omani e era Nigeriano de nascimento. A sua pele castanha-escura e a sua figura imponente pareciam feitas para a tranquilidade, e a menção das Olimpíadas não o perturbou.

– Eu sei, George – disse ele.

George devia muito à paciência e bondade de Hali, quando era preciso, mas até a paciência e a bondade podiam ser de mais. «Isto é hora de estar ali sentado como uma estátua feita de uma madeira qualquer, negra e quente?»

George perguntou-se se ele mesmo não ficaria assim depois de estar dez anos ali e rejeitou esse pensamento violentamente. «Não!»

– Acho que te esqueceste do que Maio significa – disse, desafiadoramente.

– Lembro-me muito bem do que isso significa – disse o outro. – Não significa nada! Tu é que te esqueceste disso. Maio não significa nada para ti, George Platen, e – acrescentou suavemente – não significa nada para mim, Hali Omani.

– As naves vêm ai buscar recrutas – disse George. Em Junho, milhares e milhares delas partirão com milhões de homens e mulheres em direção a um mundo qualquer e tudo isso não significa nada?

– Menos que nada. De qualquer forma, que é que tu queres que eu faça em relação a isso? – Omani percorreu com o dedo uma passagem difícil do livro que estava a ler e os seus lábios moveram-se silenciosamente.

George observou-o. «Droga», pensou, «gritar, berrar; isso podes fazer. Dá-me pontapés, faz qualquer coisa.»

Ele queria apenas não estar tão só com a sua raiva. Não ser o único cheio de indignação, não ser o único a morrer uma morte lenta.

Eram melhores aquelas primeiras semanas, quando o Universo era uma pequena concha de luz e som difusos, pesando sobre ele. Era melhor antes de Omani ter aparecido e o ter arrastado de volta a uma vida que não merecia ser vivida.

Omani! Era velho! Tinha pelo menos 30 anos. «Serei assim aos 30 anos? Serei assim daqui a doze anos?», pensou George.

E Porque receava que sim, gritou para Omani: – És capaz de parar de ler esse livro idiota?

Omani virou a página e leu ainda algumas palavras, depois levantou a cabeça, com o seu cocuruto de cabelo encrespado, e disse: – O quê?

– Que é que tu ganhas em ler esse livro? – Avançou e bufou. – Mais eletrônica – E arrancou-o das mãos de Omani.

Omani levantou-se devagar e apanhou o livro. Endireitou uma página amarrotada sem visível rancor.

– Chama-lhe satisfação da curiosidade – disse. – Aprendo alguma coisa hoje, talvez um pouco mais amanhã. De certa forma é uma vitória.

– Uma vitória. Que espécie de vitória? É isso que te satisfaz na vida? Chegares a saber o suficiente para seres um quarto de engenheiro eletrônico registrado quando já tiveres 65 anos?

– Talvez quando tiver 35.

– E nessa altura quem é que te quererá? Quem é que te vai usar? Para onde é que vais?

– Ninguém. Ninguém. Para lado nenhum. Ficarei aqui a ler outros livros.

– E isso satisfaz-te? Diz-me! Tu arrastaste-me para a aula. Fizeste-me ler e memorizar, também. Para quê? Nada disso me satisfaz.

– O que é que ganhas em negar-te a satisfação?

– O que te estou dizendo é que desisto desta farsa. Vou fazer o que sempre planejei fazer desde o início, antes de me teres convencido com tua conversa mansa. Vou forçá-os a… a…

Omani pousou o livro. Deixou o outro parar e disse: – A quê, George?

– A corrigir uma decisão injusta. Uma maquinação. Vou apanhar aquele Antonelli e forçá-o a confessar que… que…

Omani baixou a cabeça.

– Todos os que vêm para aqui insistem em que é um erro. Pensei que já tinhas ultrapassado essa fase.

– Não lhe chames fase – disse George violentamente, no meu caso é um fato. Já te disse…

– Pois disseste, mas no fundo sabes que ninguém se enganou no que te diz respeito.

– Por que ninguém o admite? Achas que algum deles admitiria um erro a não ser que fossem forçados a isso? Pois bem, eu forço-os.

Era Maio que estava fazendo isto com George; era o mês das Olimpíadas. Ele sentia-as trazer de volta o velho entusiasmo e não podia pará-o. Não queria pará-o. Tinha corrido o risco de esquecer.

– Ia ser um programador de computadores e posso ser – disse. – Podia sê-lo hoje, independentemente do que eles dizem que as análises mostram. – Esmurrou o colchão. Eles estão enganados. Têm de estar.

– Os analistas nunca se enganam.

– Têm de estar. Duvidas da minha inteligência?

– A inteligência não tem nada a ver com isto. Não te disseram isso vezes suficientes? Não entendes isso?

George rolou para trás, deitou-se de costas, e olhou melancolicamente para o teto.

– Que é que tu querias ser, Hali?

– Não tinha planos fixos. Engenheiro hidropônico tinha-me servido, acho eu.

– Achas que conseguirias?

– Não tinha a certeza.

George nunca tinha feito perguntas pessoais a Omani.

Pareceu-lhe estranho, quase anormal, que outras pessoas tivessem tido ambições e acabado aqui. «Engenheiro Hidropônico!»

– Imaginavas vir para cá? – disse.

– Não, mas aqui sou exatamente o mesmo.

– E estás satisfeito. Mesmo, mesmo satisfeito. Estás feliz. Adoras isto. Não quererias estar em nenhum outro lugar.

Devagar, Omani levantou-se. Começou a desfazer a cama cuidadosamente.

– George, és um caso difícil. Estás a derrotar-te porque não aceitas os fatos sobre ti próprio. George, estás aqui naquilo a que chamas a Casa, mas nunca te ouvi dizer o seu nome completo. Diz, George, diz. Depois vai para a cama, pode ser que passe…

George cerrou os dentes e mostrou-os. – Não! – disse, num engasgo.

– Então digo eu – disse Omani, e disse-o. Articulou cada sílaba cuidadosamente.

George ficou amargamente vexado ao ouvi-o. Voltou a cabeça para o outro lado.

Durante a maior parte dos primeiros dezoito anos da sua vida, George Platen tinha-se dirigido firmemente numa direção, a de Programador de Computadores registrado. Havia no seu grupo quem falasse sabiamente sobre Espaçonáutica, Tecnologia de Refrigeração, Controle de Transportes e até Administração. Mas George mantinha-se firme.

Ele defendia os seus méritos tão vigorosamente como qualquer um deles, e por que não? O Dia da Educação agigantava-se à sua frente e era o grande acontecimento da sua existência. Aproximava-se firmemente, fixo e certo como o calendário: o primeiro dia de Novembro do ano do 18º aniversário de cada um.

Depois desse dia, havia outros temas de conversa. Podia discutir-se com os outros algum pormenor da profissão, ou as virtudes da mulher e filhos, ou o destino da equipe de espaço-pólo, ou as experiências nas Olimpíadas. Antes do Dia da Educação, porém, havia apenas um

tema que, invariável e persistentemente, captava o interesse de todos, que era o Dia da Educação .

– Vais para quê? Achas que vais conseguir? Epa, essa não vale nada. Vê os registros; a quota foi cortada. Logística é que é…Ou hipermecânica é que é, ou comunicações é que é, ou gravítica é que é…Especialmente gravítica, a essa altura. Todo mundo vinha falando de gravítica nos anos que precederam o Dia da Educação de George, devido ao desenvolvimento do motor de energia gravítica.

Qualquer mundo num raio de dez anos-luz de uma estrela anã, diziam, daria os olhos da cara por um engenheiro gravítico registrado.

Esse pensamento nunca perturbou George. Claro que sim; todos os olhos de caras que conseguisse arranjar. Mas George também sabia o que tinha acontecido antes a uma técnica recente. Racionalização e simplificação seguiam-se em torrente. Novos modelos todos os anos; novos tipos de motores gravíticos; novos princípios. Então todos esses senhores dos olhos-da-cara estariam antiquados e seriam substituídos por exemplares mais recentes com educação recente. O primeiro grupo teria então de se conformar com o trabalho não especializado ou então mudar-se para um mundo lá dos confins que não se tivesse ainda atualizado.

Agora, a procura de programadores de computadores era certa ano após ano, século após século. Nunca havia um mercado fabuloso para programadores; a procura nunca atingia picos espetaculares; mas subia firmemente à medida que novos mundos se abriam e os velhos se tornavam mais complexos.

Discutia com o Stubby Trevelyan sobre isso constantemente. Como grandes amigos que eram, as discussões entre eles tinham de ser constantes e causticas e, obviamente, nunca nenhum conseguia convencer o outro ou vice-versa.

Mas Trevelyan tivera um pai metalúrgico registrado, que tinha realmente trabalhado num dos Mundos Exteriores, e um avô que fora igualmente metalúrgico registrado. Ele próprio pretendia ser Metalúrgico registrado quase como se fosse direito de família e estava firmemente convicto de que qualquer outra profissão era um pouco menos que respeitável.

– Haverá sempre metal – dizia. – E é preciso talento para moldar ligas segundo especificações e vigiar o crescimento das estruturas. Agora, o que é que um programador vai fazer? Sentado à frente de um codificador todo o dia, alimentando uma imbecil máquina gigante.

Mesmo aos 16 anos, George aprendera a ser prático. Disse simplesmente: – Haverá um milhão de metalúrgicos saindo ao mesmo tempo que tu.

– Porque é bom. Uma boa profissão. A melhor.

– Mas és engolido pela multidão, Stubby. Podes bem estar no fim da fila. Qualquer mundo pode educar os seus metalúrgicos, e o mercado para exemplares terrestres avançados não é assim tão grande. E são principalmente os pequenos mundos a procurá-os. Sabes que percentagem da saída de metalúrgicos registrados é enviada para mundos com uma

classificação de Nível A? Eu fui ver. Só 13,3 por cento. Isso quer dizer que terás sete chances em oito de ficar preso num mundo que praticamente só tem água corrente. Podes até ficar preso na Terra; 2, 3 por cento ficam.

– Ficar na Terra não é nenhuma desgraça – disse Trevelyan belicosamente. – A Terra também precisa de técnicos. Bons técnicos. – O seu avô trabalhara como metalúrgico na Terra, e Trevelyan levantou o dedo ao nível do lábio superior e bateu num ainda inexistente bigode.

George sabia do avô de Trevelyan e, considerando a localização terrena dos seus próprios antepassados, não estava com disposição para escarnecer.

– Não é uma desgraça intelectual-disse, diplomaticamente – Claro que não. Mas é agradável entrar para um mundo de Nível A, não é?

«Agora vê os programadores. Só os mundos de Nível A têm o gênero de computadores que realmente necessita de programadores de primeira classe, portanto são os únicos do mercado. E as fitas para programador são complicadas e raramente se ajustam a alguém. Precisam de mais programadores do que a sua própria população pode fornecer. É apenas uma questão de estatísticas. Há, digamos, um programador de primeira classe num milhão. Se um mundo precisa de vinte e tem uma população de dez milhões, tem de vir à Terra buscar entre cinco e quinze programadores. Certo?

«E sabes quantos programadores de computadores registrados foram para planetas de Nível A no ano passado? Eu digo-te. Todos. Se és programador, és um homem escolhido. Acredita.

Trevelyan franziu as sobrancelhas.

– Se apenas um num milhão consegue, que é que te faz pensar que tu vais conseguir?

– Vou conseguir – disse George, resguardando-se. Nunca se atreveu a dizer a ninguém; nem ao Trevelyan; nem aos pais, exatamente aquilo que estava fazendo e que o tornava tão confiante. Mas ele não estava preocupado. Estava simplesmente confiante (essa era a pior das memórias que teria nos dias sem esperança que se seguiriam). Estava tão brandamente confiante como qualquer garoto médio de oito anos aproximando-se do Dia da Leitura, essa antecipação infantil do Dia da Educação.

Claro que o Dia da Leitura tinha sido diferente. Em parte, pelo simples fato da infância. Um rapaz de 8 anos encara muitas coisas importantes com ligeireza. Um dia não se sabe ler e no seguinte já se sabe. É assim que são as coisas. Como o brilho do Sol.

E de qualquer forma, pouca coisa dependia dele. Não havia recrutadores em frente esperando e acotovelando-se pelas listas e resultados da próxima Olimpíada. Um rapaz ou uma garota que passe pelo Dia da Leitura é apenas alguém que tem mais dez anos de vida indiferenciada sobre a fervilhante face da Terra; apenas alguém que volta para a sua família com uma nova capacidade.

Quando o Dia da Educação chegou, dez anos depois, George já não tinha sequer a certeza de grande parte dos pormenores do seu próprio Dia da Leitura.

Mais claramente que tudo, lembrava-se de ter sido um dia triste de Setembro com uma chuva suave a cair. (Setembro para o Dia da Leitura, Novembro para o Dia da Educação, Maio para as Olimpíadas, faziam versos com isto, no jardim da infância.) George encontrava-se vestido

junto às luzes de parede, com os pais bem mais excitados do que ele próprio estava. O seu pai era um montador de tubos registrado e tinha encontrado a sua ocupação na Terra. Este fato tinha sido sempre uma humilhação para ele, embora, claro, como qualquer um pode ver, a maior parte de cada geração deva ficar na Terra, pela natureza das coisas.

Tinha de haver lavradores e mineiros e até técnicos na Terra. Apenas os exemplares recentes de profissão altamente especializadas, que tinham grande procura nos Mundos Exteriores, e apenas alguns milhões por ano da população de oito bilhões da Terra podiam ser exportados. Nem todos os homens e mulheres da Terra podiam estar nesse grupo.

Mas cada homem e mulher podia esperar que pelo menos um dos seus filhos pudesse estar, e Platen, pai, não era decerto excepção. Era claro para ele (e, com certeza, também para outros) que George era notavelmente inteligente e sagaz. Estaria destinado a sair-se bem e teria de o fazer, já que era filho único. Se George não acabasse num Mundo Exterior, teriam de esperar pelos netos para que houvesse outra oportunidade, e isso estava demasiado afastado no tempo para ser grande consolação.

É claro que o Dia da Leitura não provava muita coisa, mas seria a única indicação que teriam antes do grande dia propriamente dito. Todos os pais da Terra ouviriam a qualidade da leitura quando os seus filhos voltassem para casa com ela, procurando ouvir qualquer fluência particularmente fácil e construindo com ela alguns augúrios do futuro. Havia poucas famílias que não tivessem pelo menos um rapaz promissor que, devido à forma como dizia os trissílabos, fosse, desde o Dia da Leitura, a sua grande esperança.

George tinha uma vaga consciência da causa da tensão dos seus pais, e se havia alguma ansiedade no seu coração jovem, naquela manhã chuvosa, era apenas o medo de que a expressão esperançosa do seu pai se esvaísse quando ele regressasse para casa com a sua leitura.

As crianças reuniam-se na grande sala da assembleia do edifício da Educação da cidade. Por toda a Terra, em milhões de edifícios locais, ao longo daquele mês, grupos semelhantes de crianças se reuniriam. George sentia-se deprimido com o tom cinzento da sala e com as outras crianças, tensas e constrangidas por uma elegância a que não estavam habituadas.

Automaticamente, George fez o que todas as outras crianças faziam. Encontrou o pequeno grupo que representava as crianças do seu andar do prédio de apartamentos e juntou-se a eles.

Trevelyan, que morava logo em frente, ainda usava o cabelo infantilmente longo e estava muitos anos longe das suíças e do bigode fino e arruivado que viria a deixar crescer quando fosse fisiologicamente capaz disso.

– Aposto que estás assustado – disse Trevelyan (para quem George era então conhecido por Jaw-jee).

– Não, não estou – disse George. Depois, em tom de confidência: – Os meus pais puseram um monte de coisas escritas em cima da cômoda do meu quarto, e quando for para casa vou lê-as para eles. – (O principal sofrimento de George neste momento residia no fato de não saber muito bem onde havia de pôr as mãos. Tinham-lhe dito para não coçar a cabeça, não coçar os ouvidos, não tirar catota do nariz, não pôr as mãos nos bolsos. Isso eliminava quase todas as possibilidades.) Trevelyan pôs as suas mãos nos bolsos e disse: – O meu pai não está

preocupado.

Trevelyan pai, tinha sido metalúrgico em Diporia durante quase sete anos, o que lhe dava um estatuto social superior no seu bairro, apesar de ele se ter reformado e voltado à Terra.

A Terra dissuadia estes re-imigrantes devido a problemas de população, mas um pequeno grupo conseguia voltar. Por um lado, o custo de vida na Terra era mais baixo, e aquilo que em Diporia era uma anuidade insignificante, por exemplo, era uma receita confortável na Terra. De qualquer forma, havia sempre pessoas que gostavam mais de mostrar o seu sucesso aos amigos, nos lugares da sua infância, do que a todo o restante Universo.

Trevelyan pai, explicou ainda que se ficasse em Diporia, os seus filhos também ficariam, e Diporia era um mundo de uma só nave espacial. Na Terra, os seus filhos podiam ir para qualquer lado, até Novia.

Stubby Trevelyan tinha pegado cedo nesse assunto.

Mesmo antes do Dia da Leitura, as suas conversas baseavam-se no fato despreocupadamente assumido de que a sua casa definitiva seria em Novia.

George, oprimido pela ideia da futura grandeza do outro em contraste com a sua própria pequenez, foi levado de imediato a defender-se belicosamente.

– O meu pai também não está preocupado. Ele quer ouvir-me ler apenas porque sabe que serei bom. Suponho que o teu pai não te vai ouvir tão cedo porque sabe que vais falhar.

– Eu não vou falhar. Ler não é nada. Em Novia, vou contratar pessoas para ler para mim.

– Por que tu não serás capaz de ler por ti, por seres pateta!

– Então como é que explicas que eu vá para Novia?

E George, pressionado, fez a grande negação:

– Quem disse que vais para Novia? Aposto que não vais para lugar nenhum.

Stubby Trevelyan corou.

– Não vou ser um montador de tubos como o teu velho.

– Retira o que disseste, parvalhão.

– Retira tu.

Enfrentaram-se, nariz com nariz, sem pretenderem lutar, mas aliviados por terem algo de familiar para fazer naquele estranho lugar. Além disso, agora que tinha enrolado as mãos em punhos e as tinha levantado ao nível da cara, o problema do que fazer com elas estava, pelo menos por agora, resolvido. Outras crianças se juntaram, excitadas.

Mas tudo acabou quando uma voz de mulher soou alto no sistema público de comunicação. Fez-se instantaneamente silêncio em todo lado. George baixou os punhos e esqueceu Trevelyan.

– Crianças – disse a voz. – Vamos chamar seus nomes. À medida que cada um é chamado, deve dirigir-se a um dos homens que estão ao longo das paredes laterais. Veem-nos? Usam

uniformes vermelhos, portanto são fáceis de encontrar. As moças vão para a direita. Os rapazes vão para a esquerda. Agora olhem à volta e vejam qual é o homem de vermelho que está mais perto de vocês..

George encontrou o seu homem num relance e esperou que o seu nome fosse chamado. Ainda não tinha sido apresentado à sofisticação do alfabeto, e o tempo que estava demorando a chegar o seu nome tornava-se perturbador.

A multidão de crianças diminuía; pequenos regatos dirigiam-se aos guias vestidos de vermelho.

Quando o nome «George Platen» foi chamado, a sua sensação de alívio foi apenas excedida pelo sentimento de pura satisfação pelo fato de Stubby Trevelyan ainda estar no seu lugar, sem ter sido chamado.

– Eh, Stubby, talvez eles não te queiram – gritou George por sobre o ombro enquanto saía.

Esse momento de alegria acabou rapidamente. Foi conduzido a uma linha e levado por corredores na companhia de crianças estranhas. Olhavam umas para as outras, com olhos grandes e preocupados, mas além de uma fungadela, «Para de empurrar» e «Eh, olha lá», não se conversava.

Deram-lhes pequenas folhas de papel que lhes disseram para ter sempre com eles.

George olhou para a dele com curiosidade. Pequenas marcas pretas de diferentes formatos. Sabia que era escrita, mas como é que alguém conseguia formar palavras com isto? Não podia imaginar.

Disseram-lhe para se despir; ele e mais quatro rapazes que eram os únicos que agora se mantinham juntos. Todas aquelas roupas novas foram tiradas e quatro rapazes de 8 anos ali ficaram, nus e pequenos, tremendo mais de embaraço que de frio. Técnicos de medicina passaram por eles, analisando-os, testando-os com estranhos instrumentos, recolhendo o seu sangue. Cada um deles pegou nos pequenos cartões e fez neles mais algumas marcas com pequenas varetas pretas que as produziam, todas impecavelmente alinhadas, a grande velocidade. George olhou para as novas marcas, mas não eram mais compreensíveis que as antigas. Mandaram as crianças vestir de novo as suas roupas.

Sentaram-se então em pequenas cadeiras separadas e esperaram de novo. Os nomes foram outra vez chamados e «George Platen» foi o terceiro.

Entrou numa grande sala, cheia de assustadores instrumentos com botões e painéis vidrados à frente. Havia um birô exatamente no centro, e atrás dela estava sentado um homem, com os olhos nos papéis empilhados à sua frente.

– George Platen?

– Sim, Sr. – disse George, num sussurro vacilante.

Toda aquela espera e todas aquelas idas daqui para ali estavam a enervá-lo. Desejou que estivesse tudo acabado.

– Sou o Dr. Lloyed, George. Como estás? – disse o homem que estava atrás da secretária.

O médico não olhava para ele quando falava. Era como se tivesse dito aquelas palavras vezes sem conta e já não precisasse de olhar.

– Estou bem.

– Estás com medo, George?

– N… não, Sr. – disse George, soando assustado até aos seus próprios ouvidos.

– Isso é bom – disse o médico -, porque não há nada de que ter medo, sabes. Vamos lá a ver, George. Diz aqui no teu cartão que o teu pai se chama Peter e é montador de tubos registrado e que a tua mãe se chama Amy e é técnica doméstica registada. Está certo?

– S… sim, Sr..

– E o teu aniversário é a 13 de Fevereiro, e tiveste uma infecção no ouvido há cerca de um ano. Certo?

– Sim, Sr..

– Sabes como é que eu sei todas estas coisas?

– Estão no cartão, penso eu, Sr..

– Correto. – O médico olhou para George pela primeira vez e sorriu. Tinha dentes certos e parecia muito mais novo que o pai de George. Algo do nervosismo de George desapareceu.

O médico passou o cartão a George.

– Sabes o que todas essas coisas aí significam, George? Embora George soubesse que não, foi levado, pela surpresa do súbito pedido, a olhar para o cartão como se pudesse agora entendê-as, por uma qualquer partida do destino. Mas eram apenas marcas como dantes, e ele devolveu o cartão:

– Não, Sr..

– Por que não?

George sentiu um repentino aguilhão de suspeita em relação à sanidade daquele médico. Ele não sabia por que não? – Não sei ler, Sr. – disse George.

– Gostarias de ler?

– Sim, Sr.

– Porquê, George?

George olhou, estarrecido. Nunca ninguém lhe tinha perguntado aquilo. Não tinha resposta.

– Não sei, Sr. – disse, titubeante.

– A informação impressa vai guiar-te durante toda a tua vida. Terás muito que aprender, mesmo depois do Dia da Educação. Cartões como este ensinar-te-ão. A palavra impressa ensinar-te-a coisas tão úteis e tão interessantes que não saber ler seria tão mau como não poder ver. Compreendes?

– Sim, Sr.

– Estás com medo, George?

– Não, Sr…

– Ótimo. Agora vou-te dizer exatamente o que vamos fazer primeiro. Vou pôr estes fios na tua testa, mesmo por cima dos cantos dos olhos. Vão ficar presos aí mas não vão doer nada. Depois, vou ligar uma coisa que vai fazer um zumbido. Faz um som engraçado e pode ser que te faça cócegas, mas não dói. Agora, se por acaso doer, diz-me, que eu desligo tudo imediatamente, mas não vai doer. Certo?

George acenou e engoliu em seco.

– Estás pronto?

George acenou com a cabeça Fechou os olhos enquanto o médico se atarefava. Os seus pais tinham-lhe explicado isto. Também eles tinham dito que não ia doer, mas havia sempre as crianças mais velhas. Havia rapazes de 10 e 12 anos que andavam atrás dos pequenos de 8, que esperavam pelo Dia da Leitura, gritando: – Cuidado com a agulha. – Havia outros que nos tomavam por confidentes e diziam: – Têm de te abrir a cabeça com um corte. Usam uma faca afiada deste tamanho com um gancho – e assim por diante com detalhes horríveis.

George nunca acreditara neles, mas tivera pesadelos, e agora fechava os olhos e sentia puro terror.

Não sentiu os fios na têmporas. O zumbido era algo distante, e sentia nos ouvidos o som do seu próprio sangue, soando abafado como se ele e o sangue estivessem numa grande caverna. Lentamente, atreveu-se a abrir os olhos.

O médico estava de costas para ele. De um dos instrumentos desenrolava-se uma tira de papel, percorrida por uma ondulante e fina linha roxa. O médico rasgava pedaços e introduzia-os numa ranhura doutra máquina. Fazia-o vezes e vezes seguidas.

De cada vez, saía um pequeno pedaço de filme, para o qual o médico olhava. Finalmente, virou-se para George, com um estranho franzido entre os olhos.

O zumbido parou.

– Já acabou? – disse George, sem fôlego.

– Sim – disse o médico, mas ainda tinha a testa franzida.

– Já consigo ler? – perguntou George. Não se sentia diferente.

– O quê? – disse o médico, e depois sorriu de repente e por pouco tempo. – Correu tudo bem, George – disse. Daqui a quinze minutos conseguirás ler. Agora vamos utilizar outra máquina e vai demorar mais. Vou cobrir a tua cabeça toda, e quando ligar não vais poder ver ou ouvir nada por um momento, mas não vai doer. Só para ter a certeza vou dar-te um pequeno interruptor para segurares. Se alguma coisa doer, aperte no pequeno botão e desliga-se tudo. Certo?

Anos mais tarde, disseram-lhe que o pequeno interruptor era apenas fictício; que tinha sido introduzido apenas para inspirar confiança. No entanto, ele nunca soube ao certo, já que nunca apertou o botão.

Um grande capacete de curvas suaves e revestimento interior elástico foi colocado sobre a sua cabeça e deixado aí. Três ou quatro pequenos botões pareciam agarrar-se a ele e morder-

lhe o crânio, mas era apenas uma pequena pressão que se esvaiu.

Não havia dor.

A voz do médico soou vagamente. – Tudo bem, George?

E então, sem qualquer aviso, uma camada de espesso feltro fechou-se à volta dele. Estava desencorpado, não havia sensação, não havia universo, apenas ele próprio e um murmúrio distante nos limites do nada, dizendo-lhe algo… dizendo-lhe…dizendo-lhe…

Esforçou-se por ouvir e perceber mas havia todo aquele grosso feltro no meio.

Depois o capacete foi-lhe tirado da cabeça, e a luz era tão brilhante que lhe mago-ou os olhos, enquanto a voz do médico ressoou nos seus ouvidos.

– Aqui está o teu cartão, George – disse o médico -, que é que diz?

George olhou de novo para o seu cartão e largou um grito abafado. As marcas não eram apenas marcas, de forma alguma. Elas formavam palavras. Eram palavras, tão claramente como se alguém as estivesse sussurrando aos ouvidos. Ele podia ouvir as palavras a sendo sussurradas ao olhar para elas.

– Que é que diz, George?

– Diz… diz… «Platen, George. Nascido a 13 de Fevereiro de 6492, filho de Peter e Amy Platen em…». – E interrompeu-se.

– Já sabes ler, George – disse o médico. – Já acabou.

– Para sempre? Já não me esqueço?

– Claro que não. – O médico inclinou-se para cumprimentá-o gravemente. – Serás levado para casa agora.

Passaram-se dias antes que George se refizesse deste seu novo e grande talento.

Lia para o pai com tal facilidade que Platen pai, chorou e chamou os parentes para contar a novidade.

George andava pela cidade, lendo todos os bocadinhos de escrita que encontrava e perguntando-se como é que nada daquilo tinha feito sentido para ele antes.

Tentou lembrar-se de como era não saber ler mas não conseguiu. No que diz respeito aos seus sentimentos face a isso, ele tinha sempre sabido ler. Sempre.

Aos 18 anos, George era escuro, de estatura média, mas suficientemente magro para parecer mais alto. Trevelyan, que era pouco menos de um centímetro mais baixo, tinha uma corpulência que tornava «Stubby»! mais apropriado que nunca, mas no último ano tinha-se tornado envergonhado. A alcunha já não podia ser usada sem represálias. E visto que Trevelyan detestava o seu primeiro nome verdadeiro ainda mais fortemente, chamavam-lhe Trevelyan ou qualquer variante decente. Como que para provar ainda mais a sua virilidade, tinha deixado crescer com persistência um par de suíças e um bigode hirsuto.

Agora estava suado e nervoso, e George, que por sua vez tinha crescido de «Jaw-jee» para a

curta guturalidade monossilábica de «George», estava de certo modo divertido com isso.

Estavam no mesmo grande átrio em que tinham estado dez anos antes (e nunca mais desde então). Era como se um vago sonho do passado se tivesse tornado em súbita realidade. Nos primeiros minutos, George ficara nitidamente surpreso ao encontrar tudo aparentemente menor e mais apertado do que lhe dizia a memória; depois deu o desconto do seu próprio crescimento.

A multidão era menor do que tinha sido na infância. Desta vez era exclusivamente masculina. Havia outro dia para as moças.

Trevelyan inclinou-se para dizer:

– Não entendo porque é que eles nos fazem esperar tanto.

– Burocracia – disse George. – Não se pode evitá-a.

– Por que raio é que tu és tão tolerante com tudo isso?

– Não tenho com que me preocupar.

– Oh, caro colega, enjoas-me. Espero que acabes por ser espalhador de estrume registrado, só para ver a tua cara quando isso acontecer. – Os olhos graves varreram a multidão ansiosamente.

George também olhou em volta. Não era bem o sistema que tinham usado com as crianças. As coisas eram mais lentas, e as instruções tinham sido dadas no início, por escrito (uma vantagem sobre os pré-Leitores), Os nomes Platen e Trevelyan continuavam bem no fundo do alfabeto, mas desta vez eles sabiam-no.

Os rapazes saíam das salas de educação, sombrios e pouco confortáveis, pegavam nas suas roupas e pertences e iam para as salas de análise saber os resultados.

Cada um, ao sair, era rodeado por um pedaço da cada vez mais magra multidão.

«Como é que foi?» «O qu'é que se sente?» «O qu'é que pensas que vais ser?» «Sentes-te diferente?».

As respostas eram vagas e evasivas.

George esforçou-se por não fazer parte desses pedaços.

Só servia para aumentar a pressão do sangue. Todos diziam que se tinha as melhores chances se se estivesse calmo. Mesmo assim, podia-se sentir as palmas das mãos arrefecendo. Engraçado como novas tensões surgem com a idade.

Por exemplo, os profissionais altamente especializados que iam para os Mundos Exteriores eram acompanhados pelas mulheres (ou maridos). Era importante manter a relação dos sexos em equilíbrio em todos os mundos B se se ia para um mundo de Nível A, que moça nos rejeitaria:

George não tinha nenhuma menina em especial na cabeça, ainda; não queria nenhuma. Não agora! Assim que fosse programador… assim que pudesse juntar ao seu nome, programador de computadores registrado, poderia escolher, como um sultão num harém. Esta ideia entusiasmou-o e ele tentou afastá-a. «É preciso ficar calmo.»

– Como é que é isto, afinal – resmungou Trevelyan. Primeiro dizem que funciona melhor se se está descontraído e à vontade. Depois fazem-nos passar por isto e tornam impossível que se esteja descontraído e à vontade.

– Talvez seja essa a ideia. Estão separando os rapazes dos homens, para começar. Tem calma, Trev.

– Cala-te.

A vez de George chegou. O seu nome não foi chamado.

Apareceu em letras brilhantes no painel de informações.

Acenou para Trevelyan.

– Tem calma. Não te deixes apanhar.

Estava feliz quando entrou na câmara de testes. Verdadeiramente feliz.

– George Platen? – disse o homem que estava atrás da secretária.

Por um fugaz instante surgiu na cabeça de George a nítida imagem de outro homem, dez anos antes, que tinha feito a mesma pergunta, e era quase como se fosse o mesmo homem e ele, George, tivesse outra vez 8 anos, desde que atravessara a porta.

Mas o homem levantou a cabeça e, obviamente, a sua cara não correspondia de forma alguma à da súbita memória. O nariz era bulboso, o cabelo fibroso e fino, e o queixo parecia amarrado como se o seu dono tivesse outrora sido flagrantemente gordo e tivesse encolhido.

O homem que estava atrás da secretaria pareceu aborrecido.

– Bem?

George desceu à Terra. – Sou George Platen, Sr..

– Então, diga-o. Sou o Dr. Zachary Antonelli, e vamos conhecer-nos intimamente daqui a pouco.

Olhava para pequenos pedaços de filme, segurando-os à luz como uma coruja.

George recuou para dentro. Muito nebulosamente, lembrou-se daquele outro médico (tinha-se esquecido do nome) olhando um para filme como este. Poderia ser o mesmo? O outro médico tinha franzido a testa e este estava agora olhando para ele como se estivesse zangado.

A sua felicidade já tinha desaparecido.

O Dr. Antonelli passava, agora, as páginas de um grosso arquivo à sua frente e punha os bocados de filme cuidadosamente a um lado.

– Diz aqui que você quer ser programador de computadores.

– Sim, Doutor.

– Ainda quer?

– Sim,Sr..

– É uma posição exigente e de responsabilidade. Acha-se capaz de desempenhá-la?

– Sim,Sr..

– A maioria dos pré-educados não refere nenhuma profissão específica. Acho que têm medo de se prejudicar.

– Acho que sim, Sr..

– Não tem medo disso?

– Se quer que seja franco, Sr….

O Dr. Antonelli acenou, mas sem qualquer visível alívio da sua expressão.

– Por que é que quer ser programador?

– E uma posição exigente e de responsabilidade como disse, Sr.. É um trabalho importante e entusiasmante. Gosto dele e penso que posso fazê-o.

O Dr. Antonelli pôs os papéis de lado e olhou George com amargura.

– Como é que sabe que gosta? – disse. – Por que pensa que será pescado por um planeta de Nível A?

«Está tentando confundir-te», pensou George apreensivamente, «fica calmo e continua franco.»

– Acho que um programador tem boas chances, Sr., mas mesmo que ficasse na Terra, sei que havia de gostar – disse. (Era suficientemente verdade. «Não estou mentindo», pensou George.)

– Pronto, como é que sabe?

Fez esta pergunta como se soubesse que não havia resposta decente e George quase sorriu. Ele tinha uma.

– Tenho lido sobre Programação, Sr. – disse.

– Tem o quê? – Agora o olhar do médico era de verdadeiro espanto e isso agradou a George.

– Lido sobre isso, Sr.. Comprei um livro sobre a matéria e tenho andando a estudá-lo.

– Um livro para programadores registrados?

– Sim, Sr..

– Mas não poderia compreendê-o.

– De início não. Comprei outros livros sobre matemática e eletrônica Deduzi tudo o que pude. Ainda não sei muito, mas sei o suficiente para saber que gosto e para saber que posso ser um. (Nem os seus pais tinham alguma vez encontrado aquele de-pósito secreto de livros, ou sequer sabido porque é que ele passava tanto tempo no seu quarto ou exatamente aonde ia parar o sono que perdia.) O médico puxou pela pele solta do seu queixo. – Qual era a sua ideia ao fazer isso, filho?

– Quis certificar-me de que estaria interessado, Sr…

– Sabe com certeza que estar interessado não quer dizer nada. Pode estar mergu-lhado numa matéria, mas se a constituição física do seu cérebro tornar mais eficiente que seja outra coisa, outra coisa será. Sabe isso, não sabe?

– Já mo disseram – disse George, cautelosamente.

– E pode acreditar. É verdade.

George não disse nada.

– Ou acredita que estudando uma matéria qualquer pode torcer as células do cérebro nessa direção, como aquela outra teoria de que uma mulher grávida necessita apenas de ouvir muito boa música persistentemente para que o filho seja compositor – disse o Dr. Antonelli. – Acredita nisso?

George corou. Isso tinha-lhe com certeza passado pela cabeça. Forçando o seu in-telecto constantemente na direção desejada, tinha-se convencido de que levava um certo avanço. Grande parte da sua confiança assentava precisamente nesse ponto.

– Nunca… – começou ele, e não arranjou maneira de acabar.

– Bem, não é verdade. Por Deus, jovem, a configuração do seu cérebro é fixada no nascimento. Pode ser alterada por uma pancada suficientemente forte para danificar as células ou por um vaso sanguíneo rompido ou por um tumor ou por uma infecção greve; sempre para pior, claro. Mas o fato de pensar algo em especial não a afeta com certeza. – Olhou para George pensativamente, e depois disse: – Quem lhe disse para fazer isso?

George, já completamente transtornado, engoliu e disse: – Ninguém, Doutor. Foi ideia minha.

– Quem é que soube que fazia isso, depois de ter começado?

– Ninguém, Doutor. Não quis fazer nada de mal.

– Quem é que falou em mal? Inútil é o que eu lhe chamaria. Por que é que escondeu?

– P… pensei que ririam de mim. – (Pensou abruptamente numa recente discussão com Trevelyan. George tinha abordado muito cuidadosamente o pensamento, como se se tratasse de algo que meramente circulasse ao longe nas mais afastadas áreas da sua mente, da possibilidade de aprender alguma coisa despejando-a manualmente no cérebro, por assim dizer, aos bocados. «George, a seguir vais curtir os teus próprios sapatos e tecer as tuas camisas», tinha dito Trevelyan. Ficara agradecido pela sua política de sigilo.)

O Dr. Antonelli empurrava os bocados de filme, que antes examinara, de um lugar para o outro, pensando soturnamente. Depois disse: – Vamos lá analisá-o, Assim não chegarei a lugar algum. Os fios foram postos nas têmporas de George. O zumbido lá estava. De novo surgiu a memória nítida de dez anos atrás.

As mãos de George estavam pegajosas; o seu coração batia. Nunca devia ter contado as suas leituras secretas ao médico.

Era a sua maldita vaidade, disse para si mesmo. Queria mostrar como era empreendedor, como estava cheio de iniciativa. Em vez disso tinha feito figura de supersticioso e ignorante e tinha provocado a hostilidade do médico. (Via-se que o médico o odiava por ele ser um espertalhão em potência.) E agora tinha atingido um tal estado de nervosismo, que tinha a certeza de que o analisador não iria mostrar nada que fizesse sentido.

Não se percebeu o momento em que os fios lhe foram retirados das têmporas. A visão do médico, olhando-o pensativamente, cintilou na sua consciência e foi tudo; os fios tinham

desaparecido. George recompôs-se com um esforço dilacerante. Já tinha desistido da sua ambição de ser programador. Num espaço de dez minutos, tinha desaparecido por completo.

– Suponho que não? – disse tristemente.

– Não o quê?

– Não vou ser programador?

O médico coçou o nariz e disse:

– Pegue nas suas roupas e em tudo o que lhe pertencer e vá à sala 15-C. Os seus arquivos estarão lá à sua espera. E o meu relatório também.

– Já fui educado? – disse George, completamente espantado. – Pensava que isto era só para…

O Dr. Antonelli baixou os olhos para o birô. – Tudo lhe será explicado. Faça como lhe disse.

George sentiu algo parecido com pânico.

– Que é que não lhe podiam dizer? Não servia para nada a não ser para trabalhador registrado. Iam prepará-o para isso; ajustá-o a isso.

De repente teve a certeza e só a muito esforço conseguiu não gritar.

Cambaleou de volta ao seu local de espera. Trevelyan já não estava lá, fato pelo qual ele teria ficado grato se tivesse a presença de espírito para se aperceber do significado do que o rodeava. Quase ninguém restava, de fato, e os poucos que estavam lá pareciam demasiado esgotados pela espera da cauda-do-alfabeto para resistir ao seu agressivo e quente olhar de raiva e ódio.

Que direito é que eles tinham de ser técnicos e ele, ele, um trabalhador? Trabalhador! Tinha a certeza!

Foi levado por um guia vestido de vermelho pelos corredores movimentados alinhados com salas separadas, cada um com o seu grupo, dois aqui, cinco ali: os mecânicos de motores, os engenheiros de construção, os agrônomos. Havia centenas de profissões especializadas e cada uma delas seria representada, nesta pequena cidade, por um ou dois, de qualquer forma.

Odiava-os a todos naquele momento: os técnicos estatísticos, os contabilistas, as classes mais baixas e as mais altas. Odiava-os porque eles possuíam já o seu presunçoso conhecimento, sabiam o seu destino, enquanto ele, ainda vazio, tinha de enfrentar uma qualquer burocracia suplementar.

Chegou à 15-C, foi levado para dentro e deixado numa sala vazia. Por um momento o seu espírito agitou-se. Decerto que, se esta fosse a sala de classificação dos trabalhadores, estariam aqui dezenas de jovens.

Uma porta foi sugada para o seu vão, do outro lado de uma divisória que chegava até à altura da cintura, e dela saiu um homem idoso e grisalho. Sorriu e mostrou os dentes certos, que eram com certeza falsos, mas a sua cara era ainda rosada e sem rugas e a sua voz denotava vigor.

– Boa tarde, George – disse. – O nosso setor só tem um de vocês desta vez, pelo que vejo.

– Só um? – disse George, confuso.

– Milhares por toda a Terra, claro. Milhares. Não estás sozinho.

George sentiu-se exasperado.

– Não percebo, Sr. – disse. – Qual é a minha classificação? Que é que se passa?

– Calma, filho. Está tudo bem. Podia acontecer a qualquer um. – Estendeu a mão e George apertou-a mecanicamente. Era quente e apertava a mão de George com firmeza. – Senta-te, filho. Chamo-me Sam El enford.

George acenou impacientemente, – Quero saber o que se passa, Sr..

– Claro. Para começar, não podes ser programador de computadores, George. Já tinhas adivinhado isso, penso eu.

– Sim, já – disse George amargamente. – Que é que vou ser, então?

– Essa é a parte mais difícil de explicar, George. – Fez uma pausa e depois disse, com cuidadosa clareza: – Nada.

– O quê?

– Nada!

– Mas que é que isso quer dizer? Por que é que não me podem dar uma profissão?

– A escolha não é nossa, George. E a estrutura do teu cérebro que decide.

George ficou amarelo-pálido. Os seus olhos tornaram-se protuberantes.

– Há alguma coisa errada com o meu cérebro?

– Há alguma coisa. No que diz respeito à classificação profissional, acho que podes dizer que é errada.

– Mas porquê?

El enford encolheu os ombros.

– Acho que sabes como a Terra conduz o seu programa de Educação, George. Praticamente todos os seres humanos podem absorver praticamente todos os conjuntos de conhecimentos, mas cada configuração cerebral individual está melhor preparada para receber determinados tipos de conhecimento que outros. Tentamos combinar o cérebro e conhecimento tão bem quanto podemos, dentro dos limites da quota exigida por cada profissão.

George acenou.

– Sim, eu sei. .

– De vez em quando, George, aparece um jovem cuja mente não está preparada para receber conhecimento super-imposto de qualquer espécie.

– Quer dizer que eu não posso ser educado?

– É o que quero dizer.

– Mas isso é coisa de doido. Eu sou inteligente. Compreendo… – Olhou desamparadamente em volta como que procurando alguma maneira de provar que o seu cérebro funcionava.

– Não me interpretes mal, por favor – disse El enford gravemente. – És inteligente. Não há qualquer dúvida acerca disso. Tens até uma inteligência acima da média. Infelizmente isso não tem nada a ver com o fato de um cérebro poder aceitar conhecimento super-imposto ou não. Na verdade, são quase sempre as pessoas inteligentes que vêm parar aqui.

– Quer dizer que não posso sequer ser um trabalhador registrado? – balbuciou George. De repente até isso era preferível ao vazio que o esperava. – Que é que preciso saber para ser trabalhador?

– Não subestimes o trabalhador, jovem. Há dezenas de subclassificações e cada variante tem o seu próprio conjunto de conhecimentos razoavelmente específicos. Achas que não é preciso técnica para levantar um peso da forma correta? Além disso, para trabalhador, temos de selecionar não só mentes que se adaptem mas também corpos. Tu não tens corpo para durares muito como trabalhador, George.

George tinha consciência da sua frágil figura.

– Mas eu nunca ouvi falar de alguém sem profissão disse.

– Não há muitos – admitiu El enford. – E nós protegemo-os.

– Protegem-nos? – George sentiu a confusão e o medo a crescer dentro dele.

– Estás sob tutela do planeta, George. Desde que entraste por aquela porta, somos responsáveis por ti. – E sorriu.

Era um sorriso afetuoso. Para George pareceu-lhe um sorriso de posse; o sorriso de um homem crescido a uma criança indefesa.

– Quer dizer que vou para a prisão? – disse.

– Claro que não. Vais apenas para junto de outros como tu.

Como tu. As palavras faziam uma espécie de trovão aos ouvidos de George.

– Precisas de tratamento especial – disse El enford. Nós tomaremos conta de ti.

Para seu próprio horror, desatou a chorar.

El enford foi até ao outro extremo da sala e virou-se de costas, como que a pensar.

George esforçou-se para reduzir o choro agonizante a soluços e depois para sufocar estes últimos. Pensou no seu pai e na sua mãe, nos amigos, no Trevelyan, na sua própria vergonha…

– Aprendi a ler! – disse com rebeldia.

– Qualquer um com uma mente íntegra pode fazê-o. Nunca encontramos exceções. E nesta altura que descobrimos… exceções. E quando aprendeste a ler, George, estávamos preocupados com a estrutura do teu cérebro. Já nessa altura foram registadas determinadas peculiaridades pelo médico encarregado.

– Não podem tentar educar-me? Nem sequer tentaram. Estou disposto a arriscar.

– A lei proíbe-nos de fazer isso, George. Mas repara, não vai ser assim tão mau. Vamos explicar tudo à tua família para não ficarem magoados. No lugar para onde vão te levar, terás privilégios. Dar-te-ão livros para que possas aprender aquilo que quiseres.

– Introduzir conhecimento à mão – disse George amargamente. – Pedaço a pedaço. Depois, quando morrer, saberei o suficiente para ser moço de recados júnior registrado, Secção de Clips.

– No entanto, parece-me que já andaste estudando livros.

George estacou. Foi atingido devastadoramente pela súbita compreensão.

– É isso…

– O quê?

– Aquele tipo, o Antonelli. Tramou-me.

– Não, George. Estás completamente engando.

– Não diga isso. – George teve um ataque de fúria. – Aquele desgraçado traiu-me porque pensou que eu era esperto demais para ele. Eu lera livros para tentar estar em vantagem no que respeita à programação. Bem, que é que vocês querem para resolver o assunto? Dinheiro? Não vão conseguir. Vou sair daqui e quando acabar de divulgar isto…

Estava gritando.

El enford abanou a cabeça e tocou num contato.

Dois homens entraram silenciosamente e puseram-se de ambos os lados de George. Apertaram-lhe os braços contra o corpo. Um deles usou um pulverizador hipodérmico na cavidade do seu cotovelo direito e o efeito hipnótico entrou na sua veia e teve um efeito quase imediato.

Os seus gritos pararam e a sua cabeça caiu para a frente. Os seus joelhos dobra-ram-se e apenas os homens que o ladeavam o mantiveram em pé à medida que adormecia.

Tomaram conta de George, tal como tinham dito; eram bons para ele e irrepreensivelmente gentis… da mesma forma, pensou George, que ele próprio seria para com um gatinho doente de que tivesse pena.

Disseram-lhe que ele devia abrir os olhos e interessar-se pela vida; e depois disseram-lhe que a maior parte das pessoas que iam para ali tinham a mesma atitude desesperada ao início e que ele acabaria por ultrapassá-a.

Ele nem sequer os ouviu.

O próprio Dr. El enford foi visitá-o para lhe dizer que os pais tinham sido informados de que ele partira em missão especial.

– Eles sabem… – murmurou George.

El enford assegurou-lhe imediatamente: – Não falamos em pormenores.

Nos primeiros tempos, George recusara-se a comer. Alimentavam-no por via intra-venosa. Escondiam objetos pontiagudos e vigiavam-no. Hali Omani era o seu companheiro de quarto e a sua impassibilidade tinha um efeito calmante.

Um dia, por tédio desesperado, George pediu um livro.

Omani, que lia livros constantemente, levantou os olhos, com um sorriso largo.

George quase retirou o pedido, nessa altura, para não lhes dar essa satisfação, e depois pensou: «Que é que isso me interessa?»

Não especificou o livro e Omani trouxe um sobre química. Tinha letras grandes, com poucas palavras e muitas ilustrações. Era um livro para jovens.

Atirou o livro violentamente contra a parede.

Era isso que ele seria sempre. Um jovem toda a vida.

Seria para sempre um pré-educado e teriam de escrever livros especiais para ele.

Deitou-se na cama, tenso, fitando o teto, e ao fim de uma hora levantou-se mal-hu-morado, apanhou o livro, e começou a ler.

Levou uma semana lendo-o e depois pediu outro.

– Queres que leve o primeiro? – perguntou Omani.

George franziu as sobrancelhas. Havia coisas no livro que ele não tinha entendido, mas não se ia rebaixar ao ponto de o admitir.

Mas Omani disse:

– Pensando melhor, é melhor ficares com ele. Os livros são para ser lidos várias vezes.

Foi nesse mesmo dia que ele se rendeu, finalmente, ao convite de Omani para visitar o local. Seguiu o nigeriano e examinou o que o rodeava com olhadelas rápidas e agressivas.

Aquilo não era, obviamente, uma prisão. Não havia muros, nem portas trancadas, nem guardas. Mas era uma prisão na medida em que os que lá estavam não tinham para onde ir fora dela.

Era de certa forma agradável ver outros como ele às dúzias. Era tão fácil acreditar que era o único no mundo assim… mutilado.

– Quantas pessoas é que aqui estão, afinal? – resmungou.

– Duzentas e cinco, George, e este não é o único local deste gênero no mundo. Há milhares deles.

Os homens olhavam quando ele passava, aonde quer que fosse; no ginásio, ao longo das quadras de tênis; na biblioteca (nunca na sua vida imaginara que os livros pudessem existir em tão grande número; estavam empilhados, empilhados mesmo, ao longo de grandes prateleiras). Olhavam para ele com curiosidade e ele retribuía os olhares ferozmente. Pelo menos eles não eram melhores do que ele; eles não tinham o direito de olhar para ele como se fosse alguma curiosidade.

A maior parte deles estava na casa dos 20.

– Que é que acontece aos mais velhos? – disse George bruscamente.

– Este local é especializado nos mais novos – disse Omani. Então, como se subitamente se tivesse apercebido de algo implícito na pergunta de George que antes deixara escapar, abanou a cabeça gravemente e disse: – Não são afastados, se é isso que queres dizer. Há outras Casas

para os mais velhos.

– Que é que isso interessa? – resmungou George, que sentia estar soando demasiado interessado e estar em perigo de se render.

– Muito, talvez. Quando cresceres, ficarás numa Casa com ocupantes de ambos os sexos.

Isso surpreendeu um pouco George. – Mulheres também?

– Claro. Achas que as mulheres são imunes a este tipo de coisa?

George pensou nisso com mais interesse e entusiasmo do que em qualquer outra coisa, desde antes daquele dia em que… Afastou isso do seu pensamento à força.

Omani parou à porta de uma sala que continha um pequeno televisor de circuito fechado e um computador pessoal. Cinco ou seis homens estavam sentados junto à televisão.

– Isto é uma sala de aula – disse Omani.

– Que é isso? – disse George.

– Aqueles jovens estão sendo educados. Não – acrescentou rapidamente – da forma habitual.

– Queres dizer que estão metendo aquilo para dentro aos poucos.

– É isso.

Era assim que todos faziam em tempos antigos. Era isso que estavam sempre lhe dizendo desde que ele chegara à Casa, mas e então? Suponhamos que tivesse havido um tempo em que a humanidade não conhecesse o fogão diatérmico. Quereria isso dizer que ele deveria ficar satisfeito por comer carne crua, num mundo em que todos a comiam cozida?

– Por que é que eles querem passar por aquela cena dos bocadinhos?

– Para passar o tempo, George, e porque têm curiosidade.

– Qual é a vantagem disso?

– Fá-os mais felizes.

George foi para a cama pensando nisso.

No dia seguinte, disse a Omani, desagradavelmente: – Podes levar-me a uma sala de aula em que eu possa descobrir alguma coisa sobre programação?

– Claro – respondeu Omani entusiasticamente.

Era lento e ele ressentiu-se disso. Por que é que alguém haveria de ter que explicar alguma coisa várias vezes? Por que é que ele haveria de ter que ler e reler uma passagem, e depois olhar para uma relação matemática e não entendê-a imediatamente? As outras pessoas não tinham de ser assim.

Desistiu várias vezes, umas a seguir às outras. Uma vez recusou-se a ir às aulas por uma semana.

Mas regressava sempre. O funcionário de serviço, que distribuía as leituras, conduzia as demonstrações televisivas e até explicava passagens e conceitos difíceis, nunca comentou o

assunto.

Deram finalmente a George uma tarefa regular nos jardins e já fazia a sua parte da limpeza e do trabalho de cozinha. Isto foi-lhe apresentado como um progresso, mas ele não se deixou enganar. Aquele lugar podia estar muito mais mecanizado do que estava, mas eles davam deliberadamente trabalho aos jovens de maneira a dar-lhes a ilusão de uma ocupação útil, de utilidade. George não se deixava enganar.

Até lhes pagavam pequenas somas de dinheiro, com as quais podiam comprar certos e determinados luxos ou então guardar para um uso problemático numa problemática terceira idade. George guardava o seu dinheiro num pote aberto, que tinha numa prateleira do armário. Não fazia ideia do que já tinha acumulado. Nem se rala-va com isso.

Não fez nenhum verdadeiro amigo, embora tivesse atingido a fase em que um cumprimento cortês era praxe. Até tinha parado de cismar (ou quase) na decisão injusta que o tinha posto ali. Passavam-se semanas sem que sonhasse com Antonelli, com o seu nariz volumoso e o seu pescoço papudo, com o seu olhar de esguelha ao ernpurrá-lo para ferventes areias movediças, mantendo-o lá dentro, até acordar aos gritos com Omani curvado sobre ele, preocupado.

– É espantoso como estás te adaptando – disse Omani num nevoso dia de Fevereiro.

Mas era Fevereiro, dia 13 mais precisamente, o dia do seu 19º aniversário. Veio Março, e depois Abril, e quando Maio se aproximava, apercebeu-se de que não estava se adaptando de maneira alguma.

O Maio anterior passara despercebido, enquanto George permanecia na cama, abatido e sem ambições. Este Maio era diferente.

Por toda a Terra, George sabia-o, decorreriam as Olimpíadas e os jovens iam competir, comparando as respectivas capacidades, na luta por um lugar num mundo novo. Haveria o ambiente de festa, a excitação, as reportagens, os taciturnos agentes de recrutamento dos planetas de além espaço, a glória dos vencedores e a consolação dos vencidos.

Quanta ficção não se dedicava a estes temas; quanto do seu próprio entusiasmo de criança não residia em seguir os acontecimentos das Olimpíadas, de ano para ano; quantos dos seus próprios planos…

George Platen não conseguia esconder a ânsia na sua voz. Era demasiado grande para a poder conter.

– Amanhã é primeiro de Maio. Olimpíadas! – disse ele. E isso levou à sua primeira discussão com Omani e à amarga enunciação por ele feita do nome exato da instituição em que George se encontrava.

Omani olhou fixamente para George e disse distintamente: – Casa para Débeis Mentais.

George Platen corou. Débeis Mentais! Rejeitou-o desesperadamente.

– Vou-me embora – disse em tom monótono. Disse num impulso. A sua mente consciente soube-o primeiro pela frase, quando a proferiu.

Omani, que tinha voltado ao seu livro, levantou a cabeça: – O quê?

Agora George sabia o que estava dizendo. Disse-o agressivamente: – Vou-me embora.

– Isso é ridículo. Senta-te, George, acalma-te.

– Oh, não. Vim parar aqui porque me enganaram; é o que te digo. Esse médico, Antonelli, embirrou comigo. E a sensação de poder que esses burocratas insignificantes têm. Contraria-os e eles arruínam a tua vida com uma marca de caneta numa ficha qualquer.

– Já voltaste a isso?

– E ficou nisto até estar tudo esclarecido. Vou ter com o Antonelli de alguma maneira, vou quebrá-o, arrancar-lhe a verdade. – George respirava pesadamente e sentia-se agitado. Estava no mês das Olimpíadas e não as podia deixar passar. Se o fizesse, seria a rendição final e ele estaria perdido para todo o sempre.

Omani atirou as pernas por cima da cama e levantou-se.

Tinha quase um metro e oitenta e a expressão da sua cara dava-lhe um ar de São Bernardo preocupado. Pôs o braço à volta dos ombros de George.

– Se te magoei…

George sacudiu-o.

– Acabas de dizer o que pensas ser a verdade, e eu vou provar que não é a verdade, é tudo. Por que não? A porta está aberta. Não há fechaduras. Nunca ninguém disse que eu não podia ir embora. Vou simplesmente sair.

– Tudo bem, para onde é que vais?

– Para o terminal aéreo mais próximo, e depois para o Centro Olímpico mais próxi-mo. Tenho dinheiro. – Pegou no pote aberto que continha os salários que ele guarda-ra. Algumas moedas tilintaram no chão.

– Isso vai durar uma semana, talvez. E depois?

– Nessa altura já tenho tudo resolvido.

– Nessa altura voltas rastejando, para cá – disse Omani com sinceridade – desperdiçando todos os progressos que fizeste até agora. És doido, George.

– Débil mental foi a palavra que usaste há pouco.

– Bem, desculpa tê-o feito. Fica aqui, está bem?

– Vais tentar impedir-me?

Omani comprimiu os seus lábios cheios.

– Não, acho que não. É problema teu. Se a única forma de aprenderes é enfrentando o mundo e voltando com sangue na cara, força… Vá, força.

George estava agora na entrada, olhando para trás por sobre o ombro.

– Eu vou. – Voltou lentamente atrás para vir buscar a bolsa de toilette. – Espero que não ponhas objecções a que eu leve alguns objetos pessoais.

Omani encolheu os ombros. Estava de novo na cama, lendo, indiferente.

George deixou-se ficar outra vez à porta, mas Omani não levantou os olhos. George cerrou os dentes, virou-se e percorreu rapidamente o corredor vazio até sair para os terrenos cobertos de noite.

Esperara ser apanhado antes de sair da área. Não foi.

Parara num restaurante aberto à noite para perguntar o caminho para o terminal aéreo e esperara que o proprietário chamasse a policia. Isso não aconteceu. Chamou um deslizador para o levar ao aeroporto e o condutor não fez perguntas.

No entanto, isso não o aliviou. Chegou ao aeroporto angustiado. Não tinha percebido como o mundo exterior podia ser. Estava rodeado de profissionais. O proprietário do restaurante mandara inscrever o seu nome na proteção plástica da caixa registradora. Fulano de tal, cozinheiro registrado. O homem do deslizador tinha na licença: motorista registrado. George sentiu a pobreza do seu nome e experimentou uma espécie de nudez por causa disso; pior, sentiu-se tosquiado. Mas ninguém o desafiava. Ninguém o estudava com suspeita ou lhe pedia provas da sua classificação profissional.

«Quem imaginaria um ser humano sem nenhuma?», pensou George amargamente.

Comprou um bilhete para São Francisco, no avião das três da manhã. Nenhum outro avião para um centro Olímpico razoavelmente grande saia antes do amanhecer, e ele queria esperar o menos possível Assim, sentou-se na sala de espera, comprimido, atento à policia. Não apareceu.

Chegou a São Francisco antes do meio-dia e o barulho da cidade atingiu-o como uma pancada. Era a maior cidade que tinha alguma vez visto e estava habituado ao silêncio e à calma há já um ano e meio.

Pior do que isso, era mês de Olimpíadas. Quase esqueceu a sua situação ao aperceber-se subitamente de que algum daquele barulho, entusiasmo e confusão eram devidos a isso.

Os quadros das Olimpíadas estavam no aeroporto para proveito dos viajantes que chegavam e multidões acotovelavam-se à volta de cada um. Cada profissão principal tinha o seu próprio quadro. Cada um tinha as direções para o Salão Olímpico onde o concurso desse dia e dessa profissão teria lugar; os concorrentes e a sua cidade natal; e o Mundo Exterior (se o havia) que o patrocinava.

Estava tudo completamente estilizado. George tinha lido várias descrições na imprensa e em filmes, tinha visto competições na televisão, e até tinha presenciado umas pequenas Olimpíadas da classe de talhante registrado na sede do município.

Até isso, que não tinha qualquer implicação Galáctica concebível (não havia ninguém de um Mundo Exterior na assistência, claro), entusiasmava-o bastante.

Por um lado, ficava entusiasmado pelo simples fato de ser competição, por outro, pelo aguilhão do orgulho bairrista (oh, quando havia um rapaz da nossa cidade a quem apoiar, mesmo que fosse totalmente estranho), e, claro, também pelas apostas. Não havia forma de impedi-las.

George teve dificuldade em se aproximar-do quadro.

Verificou que olhava os inquietos e ávidos observadores de uma maneira diferente.

Houve decerto uma altura em que eles próprios foram material Olímpico. Que é que eles tinham feito? Nada!

Se tivessem sido vencedores, estariam longe, algures na Galáxia, e não aqui na Terra. O que quer que tivessem sido, as suas profissões deviam tê-os obrigado a ficar na Terra desde o início; ou então tinham-se eles próprios arrastado para a Terra por incompetência numa profissão qualquer, altamente especializada, que tivessem tido.

E agora esses falhados andavam por aí, especulando sobre as chances dos jovens.

Abutres!

Como desejava que estivessem especulando sobre ele. Deslocou-se confusamente ao longo da fila de quadros, mantendo-se junto às orlas dos grupos que os rodeavam. Tinha tomado o desjejum na nave e não tinha fome. No entanto, tinha medo.

Estava numa cidade grande durante a confusão do início das competições Olímpicas.

E claro que isso era uma proteção. A cidade estava cheia de estranhos. Ninguém interrogaria George. Ninguém se interessaria por George.

Ninguém se interessaria. «Nem mesmo a Casa», pensou George com amargura.

Interessavam-se por ele como se fosse um gatinho doente, mas se um gatinho doente desaparece, bem, que pena, que é que se pode fazer? E agora que estava em São Francisco, que é que iria fazer? Os seus pensamentos bateram confusamente numa parede. Falar com alguém? Quem? Como? Onde é que ficaria? O dinheiro que lhe restava parecia-lhe pouco.

Passou-lhe pela cabeça o primeiro vergonhoso pensamento de voltar. Podia ir à polícia… Abanou a cabeça com violência como se discutisse com um oponente real.

Uma palavra num dos quadros chamou-lhe a atenção, brilhante: «Metalúrgicos».

Em letras menores, «não ferrosos». Ao fundo de uma longa lista de nomes, em letras harmoniosas, «patrocinado por Novia»,

Trouxe-lhe memórias dolorosas: ele próprio discutindo com Trevelyan, tão certo de que seria programador, tão certo de que um programador era superior a um metalúrgico, tão certo de que estava no bom caminho, tão certo de que era esperto…

Tão esperto que tinha de ir parar àquele tacanho e vingativo Antonelli. Estava tão seguro de si naquele momento em que o chamaram e deixou o nervoso Trevelyan ali especado, tão extraordinariamente seguro.

O que se seguiu foi abafado pela gritaria. O seguinte foi o Número Oito e depois o Quatro, cujo bom tempo foi prejudicado por um erro de cinco elementos em dez mil na quantidade de nióbio. O Doze nunca foi mencionado. Foi um dos 44 outros.

George atravessou a multidão em direção à Entrada dos Concorrentes e deparou com um grande grupo de pessoas à sua frente. Havia parentes chorosos (de alegria ou de tristeza, conforme os casos) cumprimentando-os, repórteres entrevistando os primeiros classificados, rapazes lá da terra, caçadores de autógrafos, angariadores de publicidade, e os simplesmente

curiosos. E também moças, que ansiavam por chamar a atenção de um dos melhores, quase com certeza destinado a Novia (ou talvez de um dos piores que precisasse de consolação e tivesse dinheiro para isso).

George hesitou. Não viu ninguém seu conhecido. Sendo São Francisco tão longe de casa, parecia razoavelmente seguro partir do princípio de que não estaria ali nenhum parente a consolar o Trev.

Os concorrentes iam saindo, sorrindo levemente, acenando aos gritos de apoio.

Policiais mantinham a multidão suficientemente afastada para permitir um corredor de passagem. Cada um dos mais bem classificados levava com ele um pedaço da multidão, como um ímã ao passar por um monte de limalha de ferro.

Quando Trevelyan saiu, já quase não restava ninguém. (George sentiu de certa maneira que ele tinha demorado a sair à espera que aquilo passasse.) Havia um cigarro na sua boca triste e virou-se, de olhos baixos, para ir embora.

Era a primeira referência à sua terra que George tivera em quase um ano e meio, que quase parecia uma década e meia. Quase ficou espantado com o fato de Trevelyan não ter envelhecido, de ser o mesmo Trev da última vez.

George lançou-se para a frente. – Trev!

Trevelyan rodou sobre si mesmo, pasmado. Fitou George e a sua mão saiu disparada.

– George Platen, que diabo…

E quase tão rapidamente como lhe tinha passado pela cara, o ar de satisfação desapareceu. A sua mão caiu antes de George ter qualquer possibilidade de agarrá-a.

– Estiveste ali? – Um curto aceno da cabeça de Trev indicou o salão.

– Estive.

– Para me ver?

– Sim.

– Não me saí lá muito bem, não é? – Deixou cair o cigarro e pisou-o, olhando fixamente a rua, onde a multidão emergente rodopiava lentamente e se dirigia para os deslizadores, enquanto novas filas se formavam para a próxima Olimpíada agendada.

– Que importa? – disse Trevelyan pesadamente. – É só a segunda vez que falho. Novia pode ir às urtigas depois do contrato que consegui hoje. Há planetas que me saltariam em cima suficientemente depressa… Mas, ouve, não te vejo desde o Dia da Educação. Para onde é que tu foste? Os teus pais disseram que estavas em missão especial mas não deram pormenores e tu nunca escreveste. Podias ter escrito.

– E devia – disse George, pouco à vontade. – De qualquer forma, vim para te dizer que lamento a forma como as coisas se passaram, há bocado.

– Não lamentes – disse Trevelyan. – Já te disse. Novia pode ir às urtigas… Eu tinha obrigação de saber. Há semanas que andavam dizendo que iam usar a máquina Beeman. Todo o dinheiro bem gasto vai para máquinas Beeman. A porcaria da fita de educação que me

introduziram era para Henslers e quem é que usa Henslers? Os mundos do Agrupamento Goman, se lhes quiseres chamar mundos. Não foi um bom negócio, o que me deram?

– Não podes reclamar ao…

– Não sejas parvo. Dir-me-ão que o meu cérebro está preparado para Henslers. Vai lá discutir com eles. Tudo saiu mal. Fui o único que tive de mandar vir uma peça. Reparaste nisso?

– No entanto, eles descontaram o tempo que perdeste.

– Pois é, mas perdi tempo pensando se o meu diagnóstico podia estar certo quando reparei que faltava um pressionador de tenazes nas peças que eles tinham fornecido. Esse tempo eles não descontam. Se tivesse sido uma Hensler, eu teria tido a certeza de que estava certo. Como é que eu podia competir com eles? O primeiro classificado era de São Francisco. E três dos quatro seguintes também. E o quinto era de Los Angeles. Eles apanham as fitas de educação das grandes cidades. As melhores que há. Espectrógrafos Beeman e tudo. Como é que eu posso competir com eles? Vim todo este caminho até aqui só para tentar a minha sorte numas Olimpíadas da minha classe patrocinadas por Novia, e bem podia ter ficado em casa. Eu sabia, é o que te digo, e pronto. Novia não é o único bocado de rocha do espaço. De todos os malditos…

Não estava falando com George. Não estava falando com ninguém. Estava apenas desabafando, enraivecido. George apercebeu-se disso.

– Se sabias de antemão que iam usar Beemans, não podias tê-as estudado? – disse.

– Não estavam nas minhas fitas, é o que te digo.

– Podias ter lido… livros.

A última palavra tinha minguado sob o súbito olhar cortante de Trevelyan.

– Estás tentando se divertir ás minhas custas? – disse Trevelyan. – Achas que isto é divertido? Esperas que eu vá ler um livro qualquer e tentar memorizar o suficiente para competir com alguém que sabe?

– Pensei…

-Tenta. Tenta… – Então, bruscamente: – A propósito, qual é a tua profissão? – A sua voz era completamente hostil.

– Bem…

– Vá lá. Se te queres dar uma de esperto comigo, vamos lá ver o que é que tu fizeste. Ainda estás na Terra, pelo que vejo, portanto não és programador de computadores e a tua missão especial não pode ser grande coisa.

– Ouve, Trev, estou atrasado para um encontro – disse George. Recuou, tentando sorrir.

– Não, não estás. – Trevelyan aproximou-se agressivamente e agarrou o casaco de George. – Responde à minha pergunta. Por que é que tens medo de me dizer? Que é que se passa contigo? Não vens aqui esfregar-me a minha má figura na cara, George, a menos que também te aguentes. Estás ouvindo?

Balançava George, enfurecido, e eles lutavam e cambaleavam pelo chão, quando a Voz do Juízo Final entrou pelo ouvido de George sob a forma do grito indignado de um polícia.

– Vamos lá. Vamos lá. Parem com isso.

O coração de George ficou como chumbo e vacilou, doentio. O policial anotaria os nomes, pediria cartões de identificação e George não tinha nenhum. Seria interrogado e a sua falta de profissão viria logo à tona; e na frente de Trevelyan, ainda por cima, que tinha ficado magoado com a sova que levara na competição e iria espalhar a notícia lá na terra como remédio para a sua própria suscetibilidade ferida.

George não conseguiria suportar isso. Libertou-se de Trevelyan e fez menção de fugir, mas a mão pesada do policial estava no seu ombro.

– Espere aí. Mostre lá o seu cartão de identificação.

Trevelyan procurava atabalhoadamente o seu, dizendo com aspereza: – Chamo-me Armand Trevelyan, metalúrgico não ferroso. Estive mesmo agora competindo nas Olimpíadas. Mas é melhor averiguar sobre ele, senhor guarda.

George olhou para ambos, lábios secos e garganta engrossando-se à passagem da fala.

Outra voz soou, calma, polida:

– Guarda. Um momento.

O policial recuou.

– Sim, Sr.?

– Este jovem é meu convidado. Qual é o problema?

George olhou em volta completamente espantado. Era o homem de cabelo cinzento que estivera sentado ao seu lado. O Cabelo-cinzento acenou benignamente a George.

– Convidado? Estaria maluco? .

– Estes dois estavam provocando distúrbios, Sr. – dizia o policial.

– Alguma queixa? Algum estrago?

– Não, Sr..

– Bem, então assumo a responsabilidade. – Mostrou um pequeno cartão ao policial e este deu imediatamente um passo atrás.

Trevelyan, indignado, começou a dizer:

– Espere aí… – mas o policial virou-se para ele.

– Ora bem. Tem alguma queixa a fazer?

– Eu apenas…

– Vamos embora. Vocês aí, circular. – Tinha-se juntado urna multidão razoavelmente grande, que agora se dispersava relutantemente e se afastava.

George deixou-se levar até um deslizador mas recusou-se a entrar.

– Obrigado, mas não sou seu convidado – disse. (Seria um ridículo caso de confusão de

identidades?) Mas o Cabelo-cinzento sorriu e disse:

– Não era, mas agora é. Apresento-me: sou Ladislas Ingenenescu, historiador registrado.

– Mas…

– Venha, nada de mal lhe acontecerá, garanto-lhe.

Afinal, apenas quis poupar-lhe alguns aborrecimentos com o policial.

– Mas porquê?

– Quer uma razão? Bem, então, digamos que somos concidadãos honorários, você e eu. Ambos gritamos pelo mesmo homem, lembra-se, e os concidadãos devem permanecer unidos, mesmo que o laço que os une seja apenas honorário. Eh?

E George, completamente inseguro em relação àquele homem, Ingenenescu, e também de si próprio, deu consigo dentro do deslizador. Antes de poder decidir se devia ou não sair outra vez, levantaram voo.

«O homem é importante», pensou confusamente. «O policial obedeceu-lhe.»

Estava quase esquecendo-se de que o seu verdadeiro objectivo aqui em São Francisco não era encontrar Trevelyan mas sim encontrar alguém com suficiente influência para forçar uma reapreciação da sua capacidade de ser educado.

Podia ser que Ingenenescu fosse esse tipo de pessoa. E estava mesmo ali, ao lado de George.

Podia estar tudo correndo bem… bem. No entanto, tudo lhe soava a falso no seu pensamento. Sentia-se pouco à vontade.

Durante a curta viagem no deslizador, Ingenenescu manteve um fluxo constante de conversa fiada, chamando a atenção para os marcos da cidade, relembrando Olimpíadas passadas a que tinha assistido. George, que prestava apenas a atenção necessária para emitir sons vagos durante as pausas, vigiava a rota de voo ansiosamente.

Dirigir-se-iam para uma das aberturas do escudo protetor e sairiam completamente da cidade?

Não, dirigiam-se para baixo, e George suspirou suavemente, aliviado. Sentia-se mais seguro na cidade.

O deslizador aterrou na entrada superior de um hotel e, ao descer, Ingenenescu disse:

– Espero que jante comigo no meu quarto?

– Sim-disse George, sorrindo impassivelmente. Começava agora a dar-se conta de um vazio deixado dentro dele pela falta de um almoço.

Ingenenescu deixou George comer em silêncio. A noite caiu e as luzes de parede acenderam-se automaticamente. (Estou por minha conta há quase vinte e quatro horas», pensou George.) E então, ao café, Ingenenescu falou outra vez, finalmente. – Você tem agido como se pensasse que lhe quero fazer mal – disse.

George corou, pousou a sua chávena e tentou negá-o, mas o homem mais velho riu e abanou a

cabeça.

– E verdade. Tenho estado a observá-o de perto desde que o vi pela primeira vez e acho que já sei muita coisa seu respeito.

George soergueu-se em pânico.

– Mas sente-se – disse Ingenenescu – Apenas quero ajudá-o.

George sentou-se, mas a sua cabeça estava num turbilhão. Se o velho sabia quem ele era, por que é que não o tinha entregue ao policial? Por outro lado, porque haveria ele de oferecer ajuda?

– Quer saber por que é que o quis ajudar? – disse Ingenenescu – Oh, não se assuste. Não sei ler pensamentos. O que se passa é que o meu treino me permite interpretar as pequenas reações que denunciam os pensamentos, percebe? Compreende isso?

George abanou a cabeça.

– A primeira vez que o vi, por exemplo – disse Ingenenescu – Estava à espera na fila para assistir a uma Olimpíada, e as suas micro-reações não correspondiam àquilo que estava fazendo. A expressão da sua cara estava errada, os movimentos das suas mãos estavam errados. Isso significava que algo, em geral, estava errado, e o mais interessante é que, o que quer que fosse, não era comum, não era nada óbvio. Talvez, pensei, fosse algo de que nem a sua mente consciente se tivesse apercebido.

Não pude deixar de segui-o, de me sentar a seu lado.

Segui-o de novo quando saiu e escutei escondido a conversa entre você e o seu amigo. Depois disso, bem, você era um objeto de estudo demasiadamente importante para mim (desculpe se isso lhe soa um pouco frio) para permitir que fosse levado por um policial. Agora diga-me, o que é que o preocupa?

George estava agoniantemente indeciso. Se isto era uma armadilha, por que é que seria tão indireta e cheia de rodeios? E ele tinha de recorrer a alguém. Tinha vindo à cidade procurar ajuda e aqui estava ajuda a ser-lhe oferecida. Talvez o que estava errado era o fato de estar sendo oferecida. Era demasiado fácil.

– Logicamente, aquilo que me disser na minha qualidade de cientista social é confidencial. Sabe o que isso quer dizer?

– Não, Sr..

– Quer dizer que seria contra a ética revelar aquilo que me disser seja a quem for e seja por que motivo for. Mais ainda, ninguém tem o direito legal de me obrigar a dizê-lo.

– Pensei que fosse historiador – disse George, com súbita suspeita.

– E sou.

– Ainda agora disse que era cientista social.

Ingenenescu explodiu em sonoras gargalhadas e pediu desculpa por isso quando voltou a poder falar.

– Desculpe, jovem, não devia rir, e na verdade não estava rindo de você!. Estava rindo da

Terra e da ênfase que dá às ciências físicas, e principalmente aos seu aspectos práticos. Aposto que era capaz de recitar todas as subdivisões da tecnologia de construção ou da engenharia mecânica e no entanto é um zero no que respeita às ciências sociais.

– Bem, então o que são as ciências sociais?

– As ciências sociais estudam grupos de seres humanos e incluem muitos ramos altamente especializados, tal como os tem a zoologia, por exemplo. Há os culturistas, por exemplo, que estudam os mecanismos da cultura, o seu crescimento, desenvolvimento e decadência. As culturas – acrescentou, antecipando-se a uma pergunta – são todos os aspectos de um modo de vida. Incluem por exemplo a forma como ganhamos a vida, aquilo de que gostamos e em que acreditamos, o que consideramos mau e bom, *etc.* Compreende?

– Penso que sim.

– Um economista (não um econometrista, mas um economista) é especialista em estudar a forma como uma cultura satisfaz as necessidades materiais dos seus indivíduos. Um psicólogo especializa-se no membro individual de uma sociedade e na forma como ele é afetado por ela. Um futurologista é especialista no planeamento ,da evolução futura de uma sociedade, e um historiador… E aqui que eu entro…

– Sim, Sr..

– Um historiador especializa-se no desenvolvimento passado da nossa própria sociedade e de sociedades com outras culturas.

George deu consigo interessado. – O passado era diferente?

– Devo dizer que sim. Até há mil anos atrás, não havia educação; pelo menos não havia aquilo a que chamamos educação.

– Eu sei – disse George. – As pessoas aprendiam aos poucos pelos livros.

– Como é que sabe isso? .

– Ouvi dizer – disse George cautelosamente. – Há alguma utilidade em preocuparmo-nos com o que se passou há muito tempo? Quer dizer, o que está feito está feito, não é?

– Nunca está completamente feito, meu rapaz. O passado explica o presente. Por exemplo, por que é que o nosso sistema de educação é o que é?

George agitou-se, inquieto. O homem estava sempre a puxar aquele assunto.

– Porque é melhor – disse mal-humoradamente.

– Ah, mas por que é que é melhor? Agora ouça por um instante que eu explico-lhe.

Depois poderá dizer se há ou não utilidade na História. Mesmo antes do desenvolvimento das viagens interestelares… – Interrompeu-se perante o olhar de completo espanto de George. – Bem, pensa que as houve sempre?

– Nunca tinha pensado nisso, Sr…

– Estou certo que não. Mas houve uma altura, quatro ou cinco mil anos atrás, em que a humanidade estava confinada à superfície da Terra. Mesmo a essa altura, a sua cultura já tinha se tornado bastante tecnológica e o seu número tinha atingido o ponto em que qualquer falha

tecnológica teria significado fome e doença generalizada. Para manter o nível tecnológico e para o elevar em face do crescimento da população, tinham de ser formados cada vez mais técnicos e cientistas, e, no entanto, à medida que a ciência avançava, cada vez se demorava mais tempo a formá-os.

«Quando se desenvolveram as primeiras viagens interplanetárias e depois interestelares, o problema tornou-se ainda mais grave. Na verdade, a colonização de facto de planetas extra-solares foi impraticável durante cerca de mil e quinhentos anos devido à falta de homens devidamente formados.

«O ponto de viragem deu-se quando se conseguiu perceber o mecanismo de armazenamento do conhecimento no nosso cérebro. Depois disso ter sido feito, tornou-se possível criar fitas de Educação que alterassem esses mecanismos de forma a colocar no nosso cérebro um conjunto de conhecimentos prontos-a-usar, por assim dizer. Mas isso você sabe.

«A partir daí, podiam ser formados homens aos milhares e aos milhões, e podia dar-se início àquilo a que alguém desde então chamou «O Enchimento do Universo». Existem já mil e quinhentos planetas habitados na Galáxia e o fim não está ainda à vista.

«Compreende tudo o que isso implica? A Terra exporta fitas educacionais de profissões pouco especializadas e isso mantém a unidade da cultura Galáctica. Por exemplo, as fitas de Leitura garantem uma única língua para todos nós. Não fique tão surpreendido, são possíveis outras línguas, e no passado elas eram usadas. Centenas delas.

«A Terra exporta também profissionais altamente especializados e mantém a sua própria população a um nível tolerável. Visto que são expedidos em quantidades equilibradas em termos sexuais, agem como unidades auto-reprodutoras e ajudam a aumentar a população dos Mundos Exteriores, onde um aumento é necessário. Além disso, as fitas e os trabalhadores são pagos em materiais de que muito precisamos e dos quais depende a nossa economia. Percebe agora porque é que a nossa educação é a melhor?

– Sim, Sr..

– Saber que sem ela a colonização interestelar foi impossível durante mil e quinhentos anos, ajuda-o a perceber?

– Sim, Sr..

– Então compreende a utilidade da história. – O historiador sorriu. – E agora pergunto-me se compreende por que é que eu estou interessado em você?

George saltou do tempo e do espaço de volta à realidade.

Ingenenescu, aparentemente, não falava sem um objectivo. Toda esta palestra tinha sido um expediente para o atacar por outro ângulo.

– Porquê? – disse, uma vez mais retraído, hesitante.

– Os cientistas sociais trabalham com sociedades e as sociedades são constituídas por pessoas.

– Certo.

– Mas as pessoas não são máquinas. Os profissionais de ciências físicas é que trabalham

com máquinas. Há apenas uma quantidade limitada de coisas a saber sobre uma máquina e que os profissionais sabem na íntegra. Mais ainda, todas as máquinas de determinado tipo são semelhantes, pelo que eles não têm qualquer interesse por uma determinada máquina em especial. Mas as pessoas, ah… São tão complexas e tão diferentes umas das outras que um cientista social nunca sabe tudo o que há a saber ou até uma grande parte de tudo o que há a saber. Para compreender a sua especialidade, tem de estar sempre pronto para estudar as pessoas; particularmente os espécimes invulgares.

– Como eu – disse George sem entoação.

– Não lhe devia chamar espécime, suponho eu, mas você é invulgar. É digno de ser estudado, e se me conceder esse privilégio, eu, em troca, ajudá-o-ei se estiver em apuros e se eu puder.

Havia cataventos rodopiando na cabeça de George. Toda aquela conversa de pessoas e colonizações tornadas possíveis pela educação… Era como se as ideias endurecidas dentro dele estivessem sendo fragmentadas e espalhadas impiedosamente.

– Deixe-me pensar – disse. E colocou as mãos sobre as orelhas.

Tirou-as e disse ao historiador: – Faria uma coisa por mim, Sr.?

– Se puder – disse o historiador afavelmente.

– E tudo o que eu disser nesta sala é confidencial. Foi o que o senhor disse.

– E é verdade.

– Então arranje-me uma entrevista com um funcionário de um Mundo Exterior, com… com um noviano.

Ingenenescu pareceu sobressaltado. .

– Bem, agora…

– O senhor pode fazê-o – disse George com honestidade. – O senhor é um funcionário importante. Eu vi a cara do policial quando lhe pôs aquele cartão à frente dos olhos. Se recusar, eu… eu não deixarei que o senhor me estude.

Até aos ouvidos de George aquela ameaça soava patética, sem força. Em Ingenenescu, no entanto, pareceu exercer um forte efeito.

– Essa condição é impossível – disse. – Um noviano em mês de Olimpíadas…

– Tudo bem, então ponha-me ao telefone com um noviano que eu próprio arranjo a entrevista.
– Acha que consegue?

– Sei que consigo. Espere e verá.

Ingenenescu olhou George pensativamente e depois agarrou no visifone.

George esperou, meio embriagado pelo novo rumo que o problema estava tomando e pela sensação de poder que provocava. Não podia falhar. Não podia falhar. Ainda havia de ser um noviano. Deixaria a Terra em triunfo apesar do Antonelli e da cambada de parvos da Casa para (quase riu alto) Débeis Mentais.

George olhou ansiosamente enquanto a visiplaca se acendia. Abria uma janela para uma sala

de Novianos, uma janela para um pequeno retalho de Novia transplantado para a Terra. Em vinte e quatro horas já tinha conseguido isso, pelo menos.

Houve uma explosão de risos quando a névoa desapareceu e a placa ficou nítida, mas de momento não se via nenhuma cabeça, apenas a rápida passagem de sombras de homens e mulheres, de um lado para o outro. Ouviu-se uma voz, clara sobre um fundo de tagarelice:

– Ingenenescu? Quer falar comigo?

E então apareceu, olhando para fora da placa. Um noviano. Um genuíno noviano.

(George não tinha a menor dúvida. Havia algo nele de um Mundo Exterior, completamente. Algo que não podia ser totalmente definido, mas nem por um momento duvidoso.) Tinha compleição morena e uma escura onda de cabelo, rigidamente penteada para trás a partir da testa. Usava um fino e negro bigode e uma barba em forma de bico, tão negra como aquele, que chegava exatamente até abaixo do limite inferior do seu queixo estreito, mas o resto da sua cara era tão polida que dava a ideia de ser constantemente depilada.

Estava sorrindo.

– Ladislas, isto está indo longe de mais. É claro que esperamos ser espiados, dentro dos limites da sensatez, durante a nossa estada na Terra, mas ler pensamentos está fora desses limites.

– Ler pensamentos, Honorável?

– Confesse! Sabia que o ia chamar esta noite. Sabia que estava apenas esperando acabar esta bebida. – A sua mão entrou no campo de visão e o seu olho espreitou através de um pequeno copo de um licor tenuemente violeta. – Receio não lhe poder oferecer um.

George, fora do alcance do transmissor de Ingenenescu não podia ser visto pelo noviano. Sentiu-se aliviado por isso. Queria tempo para se recompor e precisava desesperadamente fazê-o. Era como se ele fosse feito exclusivamente de dedos irrequietos, tamborilando, tamborilando…

Mas tinha razão. Não tinha se enganado nos cálculos.

Ingenenescu era importante. O noviano tratava-o pelo primeiro nome.

Bom! As coisas iam bem. O que George perdera com Antonelli, compensaria com Ingenenescu, e ainda sairia ganhando. E um dia, quando estivesse finalmente por sua conta, e pudesse voltar à Terra sendo um noviano tão poderoso como aquele, que podia brincar negligentemente com o primeiro nome de Ingenenescu e ser tratado por «Honorável» em troca… quando voltasse, acertaria contas com Antonelli. Tinha um ano e meio para retribuir e…

Perdeu o equilíbrio à beira do sedutor sonho acordado e saltou de volta, na súbita e ansiosa consciência de que estava perdendo o encadeamento do que estava se passando.

-… não contém água – dizia o noviano. – Novia tem uma civilização tão complicada e avançada como a da Terra. Afinal, não somos Zeston. E ridículo que tenhamos de vir aqui buscar técnicos individuais.

– Só os exemplares novos – disse Ingenenescu apaziguadoramente. – Nunca há a certeza de que os novos exemplares serão necessários. Comprar as fitas de Educação custar-vos-ia o mesmo que mil técnicos e como é que vocês sabem se precisariam de tantos?

O noviano bebeu o que restava da sua bebida de um trago e riu-se. (De certa forma desagradava a George que um noviano fosse tão frívolo. Perguntou-se apreensivamente se o noviano não deveria talvez ter evitado aquela bebida ou até mesmo uma ou duas antes desta.)

– Essa é a típica impostura zelosa, Ladislas. Sabe que temos necessidade de todos os exemplares recentes que arranjarmos. Esta tarde apanhei cinco metalúrgicos…

– Eu sei – disse Ingenenescu – Eu estava lá.

– Vigiando-me! Espiando – gritou o noviano. – Eu digo—lhe o que se passa. Os metalúrgicos recentes que arranjei diferiam dos exemplares anteriores apenas no fato de saberem usar os espectrógrafos Beeman. As fitas não podiam ser alteradas este bocadinho, só este bocadinho – ergueu dois dedos próximos um do outro – das anteriores. Vocês introduzem os novos exemplares apenas para nos obrigar a comprar, a gastar e a vir aqui pechinchar.

– Não vos obrigamos a comprar.

– Não, mas vendem técnicos recentes a Landonum e nós temos de acompanhar o andamento deles. É um carrossel, isto em que vocês nos têm, zelosos terrestres, mas estejam atentos, pode haver uma saída algures. – Havia uma rispidez penetrante no seu riso, e acabou mais cedo do que devia.

– Com toda a franqueza, espero que haja – disse Ingenenescu – Entretanto, quanto ao propósito da minha chamada…

– É verdade, você é que chamou. Ah, bem, já disse o que tinha que dizer e suponho que para o ano haverá um novo exemplar de metalúrgico para nós gastarmos os nossos bens, de qualquer forma, provavelmente com um novo truque para análises de nióbio e nenhuma outra alteração e no ano seguinte… Mas continue, que é que me quer?

– Tenho aqui um jovem com quem gostaria que falasse.

– Ahn? – O noviano não pareceu propriamente satisfeito com isso. – Sobre quê?

– Não faço ideia. Ele não me disse. Aliás, nem sequer me disse o nome e a profissão.

O noviano franziu a testa.

– Então por que me faz perder tempo?

– Parece-me bastante certo de que estará interessado naquilo que ele tem para lhe dizer.

– Não me diga.

– E – disse Ingenescu – como favor pessoal.

O noviano encolheu os ombros:

– Chame-o e diga-lhe para ser breve.

Ingenenescu desviou-se e sussurrou a George: – Trate-o por «Honorável».

George engoliu com dificuldade. Agora é que era.

George sentiu-se ensopar em transpiração. A ideia tinha-lhe vindo há tão pouco tempo, mas estava nele com tanta certeza… O seu início ocorrera-lhe quando falara com Trevelyan, depois tudo fermentara e crescera enquanto Ingenenescu tagarelava, e até os próprios comentários do noviano pareciam ter-lhe dado os últimos retoques.

– Honorável -disse George – vim mostrar-lhe a saída do carrossel. – Deliberadamente, usou a própria metáfora do noviano, O noviano fitou-o gravemente. – Que carrocel?

– O senhor mesmo o mencionou, Honorável. O carrossel onde Novia está quando vem à Terra para… para levar técnicos. – (Não conseguia impedir os dentes de baterem uns nos outros; de excitação, não de medo.) – Quer dizer que sabe uma maneira pela qual podemos deixar de frequentar o supermercado mental da Terra. E isso?

– Sim, Sr.. Podem controlar o vosso próprio sistema educacional.

– Umm. Sem fitas?

– S… sim, Honorável.

O noviano, sem tirar os olhos de George, chamou: – Ingenenescu, apareça.

O historiador deslocou-se para onde podia ser visto por cima do ombro de George.

– Que é isto? – disse o noviano. – Não consigo entender.

– Asseguro-lhe solenemente – disse Ingenenescu – que o que quer que seja está sendo feito por iniciativa própria do rapaz, Honorável. Não incentivei isto. Não tenho nada a ver com isto.

– Bem, então que é que o rapaz lhe é? Por que é que me chamou em seu nome?

– Ele é um objeto de estudo, Honorável – disse Ingenenescu – Tem valor para mim e faço-lhe a vontade.

– Que espécie de valor?

– É difícil de explicar; um assunto ligado à minha profissão.

O noviano riu-se por um momento.

– Bem, a cada um a sua profissão. – Acenou a uma pessoa ou pessoas invisíveis fora do alcance da placa. – Está aqui um rapaz, um protegido de Ingenenescu ou coisa parecida, que vai nos explicar como educar sem fitas. – Estalou os dedos e outro copo de licor claro apareceu na sua mão. – Bem, rapaz?

As caras na placa eram agora várias. Homens e mulheres, apinhados para poderem ver George, com as caras pintadas de vários tons de divertimento e curiosidade.

George procurou parecer altivo. Estavam todos, à sua maneira, tanto os Novianos como os Terrestres, «estudando-o» como se ele fosse um insecto num alfinete. Ingenenescu estava agora sentado a um canto, observando-o com olhos astutos.

«Idiotas», pensou tensamente, «Todos eles». Mas teriam de compreender. Ele faria com que compreendessem.

– Estive na Olimpíada para metalúrgicos, esta tarde disse.

– Você também? – disse o noviano com brandura. Parece que toda a Terra lá esteve.

– Não, Honorável, mas eu estive. Um amigo meu estava competindo e saiu-se bastante mal porque usaram máquinas Beeman. A sua educação incluíra apenas as Hensler, aparentemente um modelo mais antigo. Disse que a modificação envolvida era pequena. – George ergueu dois dedos próximos um do outro imitando conscientemente o gesto que o outro fizera. – E o meu amigo soubera com alguma antecedência que o conhecimento das máquinas Beeman seria exigido.

– E que é que isso significa?

– Candidatar-se a Novia era a grande ambição da vida do meu amigo. Já conhecia as Hensler. Tinha de conhecer as Beeman para ter chance e sabia-o. Para aprender a trabalhar com as Beeman seriam necessários apenas mais alguns fatos, mais alguns dados, talvez um pouco de prática. Com a ambição de uma vida em jogo, ele poderia ter conseguido…

– E onde teria ele obtido uma fita com os dados e os factos adicionais? Ou a educação tomou-se num assunto pessoal para estudar em casa, aqui na Terra?

As caras no fundo riram obedientemente.

– Foi por isso que ele não aprendeu, Honorável – disse George. – Pensou que precisava de uma fita. Sem fita nem sequer tentaria, fosse a que preço fosse. Recusou-se a tentar sem fita.

– Recusou-se, eh? Talvez fosse o gênero de tipo que se recusaria a voar sem deslizador? – Mais riso e o noviano, derretendo-se num sorriso, disse: – O rapaz é divertido. Continue. Dou-lhe mais alguns minutos.

– Não pense que isto é uma brincadeira – disse George tensamente. – As fitas são, de fato, prejudiciais. Ensinam demais; são demasiado indolores. Um homem que aprenda dessa forma não sabe aprender de nenhuma outra. Fica congelado em qualquer que seja a posição que lhe derem as fitas. Agora se não dessem fitas a uma pessoa e a forçassem a aprender manualmente, por assim dizer, desde o início; então essa pessoa ganharia o hábito de aprender, e de continuar sempre a fazê-o. Não é lógico? Assim que tenha esse hábito bem enraizado, pode ser-lhe dada uma pequena quantidade de conhecimento em fita, talvez, para preencher falhas ou ajustar pormenores. Depois pode fazer novos progressos por ele próprio. Poderia transformar os seus metalúrgicos Hensler em metalúrgicos Beeman dessa forma e não precisaria de vir à Terra buscar novos exemplares.

O noviano acenou e sorveu um pouco da sua bebida.

– E aonde é que vamos buscar o conhecimento, sem fitas? No vácuo interestelar?

– Nos livros. Estudando os próprios instrumentos. Pensando.

– Livros? Como é que é possível compreender os livros sem educação? .

– Os livros são feitos de palavras. As palavras podem, na sua maior parte, ser entendidas. As palavras especializadas podem ser explicadas pelos técnicos que vocês já têm.

– E a leitura? Autoriza as fitas de leitura?

– As fitas de leitura estão bem, acho eu, mas também não há qualquer razão para que não se aprenda a ler à maneira antiga. Pelo menos em parte.

– Porque assim se ganham bons hábitos desde o início? – disse o noviano.

– Sim, sim – disse George alegremente. O homem estava a começar a perceber.

– E quanto à matemática?

– Isso é o mais fácil de tudo, Sr…. Honorável. A matemática é diferente das outras matérias técnicas. Começa com determinados princípios simples e avança por etapas.

Pode começar-se do nada e aprender. Está praticamente estruturada para isso. Depois, quando já se sabe o tipo de matemática indicado, os outros livros técnicos tornam-se bastante compreensíveis. Especialmente se se começar com os mais fáceis.

– Há livros fáceis?

– Com certeza. Mesmo que não houvesse, os técnicos que vocês já têm podiam tentar escrever livros fáceis. Alguns deles podiam ser capazes de pôr algum do seu conhecimento em palavras e símbolos.

– Meu Deus! – disse o noviano às pessoas que o rodeavam. – O diabinho tem resposta para tudo.

– Tenho. Tenho – gritou George. – Perguntem-me.

– Já tentou, você mesmo, aprender através de livros? Ou isto ainda é só teoria para si?

George virou-se para deitar um rápido olhar a Ingenenescu, mas o historiador estava impassível. A sua expressão não indicava nada a não ser um interesse moderado.

– Já – disse George.

– E acha que funciona?

– Sim, Honorável – disse George impacientemente. – Leve-me consigo para Novia. Posso organizar um programa e dirigir…

– Espere, tenho mais algumas perguntas a fazer. Quanto tempo seria necessário, supõe você, para que você se tornasse num metalúrgico capaz de operar uma máquina Beeman, supondo que partia do nada e não utilizava fitas Educacionais?

George hesitou.

– Bem… anos, talvez.

– Dois anos? Cinco? Dez?

– Não lhe sei dizer, Honorável.

– Bem, aí está uma pergunta vital para a qual você não tem resposta, ou tem? Digamos, cinco anos? Parece-lhe razoável?

– Acho que sim.

– Muito bem. Segundo esse seu método, teríamos um técnico a estudando metalurgia durante cinco anos. Durante esse período de tempo não teria para nós qualquer utilidade, como deve reconhecer, mas teria de ser alimentado, alojado e pago durante todo. esse tempo.

– Mas…

– Deixe-me acabar. Depois, quando ele tivesse terminado e pudesse usar as Beeman, teriam passado cinco anos. Não acha plausível que nessa altura já usássemos Beemans diferentes, que ele não seria capaz de operar?

– Mas nessa altura já ele seria perito em aprender.

Poderia estudar os novos pormenores necessários numa questão de dias.

– É o que você diz. E supondo que esse seu amigo, por exemplo, tivesse estudado as Beeman por sua conta e tivesse conseguido aprender o seu uso; seria ele tão perito nelas como qualquer concorrente que o tivesse aprendido através de fitas?

– Talvez não… – começou George.

– Ah – disse o noviano.

– Espere, deixe-me acabar. Mesmo que não saiba tão bem determinada coisa, a capacidade de aprender sempre mais é que é importante. Seria capaz de inventar coisas, coisas novas que nenhuma pessoa educada pelas fitas poderia. Teria um depósito de pensadores criativos…

– Enquanto estudava – disse o noviano – inventou alguma coisa nova?

– Não, mas sou apenas um e não estudei muito…

– Sim… Bem, senhoras e senhores, já fomos suficientemente entretidos?

– Espere – gritou George, em súbito pânico. – Quero marcar uma entrevista particular. Há coisas que não posso explicar pelo visifone. Há pormenores…

O noviano olhou por cima de George.

– Ingenenescu! Acho que já lhe fiz o favor. Agora, falando a sério, tenho um dia muito cheio amanhã. Passe bem!

O visor apagou-se.

As mãos de George saíram disparadas na direção do visor, como se num impulso extremo pretendesse devolver-lhe a vida com safanões.

– Ele não acreditou em mim – gritou George. – Ele não acreditou em mim.

– Claro que não, George -disse Ingenenescu – Pensavas realmente que ele acreditaria?

George mal o ouvia.

– E por que não? É tudo verdade. É tudo para seu beneficio. Sem riscos. Eu e alguns homens com quem trabalhar… Uma dúzia de homens aprendendo durante anos custariam menos que um técnico… Ele estava bêbado! Bêbado! Não compreendeu.

George olhou em volta sem fôlego.

– Como é que eu posso entrar em contacto com ele?

Tenho de fazer. Isto foi mal feito. Não devia ter usado o visifone. Preciso de tempo.

Face a face. Como é que eu…

– Ele não te receberá, George – disse Ingenenescu – E se o fizesse não acreditaria em ti.

– Acreditaria sim, estou-lhe dizendo. Se não estiver bebendo. Ele… – George virou-se

abruptamente para o historiador e os seus olhos aumentaram de tamanho. – Por que é que me chamou George?

– Não é o teu nome? George Platen?

– Conhece-me?

– Sei tudo sobre ti.

George permaneceu imóvel, excetuando a respiração que fazia o seu peito subir e descer.

– Quero ajudar-te, George – disse Ingenenescu -Já te disse. Tenho lhe estudado e quero ajudá-o.

George gritou.

– Não preciso de ajuda. Não sou débil mental. O mundo todo é que é, eu não. – Rodou sobre si mesmo e dirigiu-se para a porta. Abriu-a com violência e dois policiais levantaram-se repentinamente dos seus postos de guarda e agarraram-no.

Por mais que se debatesse, George sentiu o hipo-pulverizador na zona macia mesmo abaixo da curva do seu maxilar, e foi tudo. A última coisa de que se lembrava era da cara de Ingenenescu, observando-o com leve preocupação.

George abriu os olhos para a brancura de um teto. Lembrava-se do que tinha acontecido. Lembrava-se muito de longe, como se tivesse acontecido a outra pessoa.

Olhou o teto até que a brancura lhe encheu os olhos e lhe lavou o cérebro, deixando espaço, parecia, para novos pensamentos e novas formas de pensar.

Não sabia há quanto tempo ali estava deitado, ouvindo o fluir dos seus próprios pensamentos.

Ouviu uma voz ao ouvido: – Estás acordado?

E George ouviu os seus próprios gemidos pela primeira vez. Teria estado gemen-do? Tentou virar a cabeça.

– Dói-te, George? – disse a voz.

– Curioso – murmurou George. – Estava tão ansioso por deixar a Terra. Não com-preendi.

– Sabes onde estás?

– De volta à… à Casa. – George conseguiu virar-se. A voz pertencia a Omani.

– É curioso eu não ter percebido – disse George… Omani sorriu docemente.

– Dorme outra vez…

George adormeceu.

E acordou de novo. A sua mente estava lúcida.

Omani estava sentado ao lado da cama lendo, mas pousou o livro logo que os olhos de George se abriram.

George sentou-se com muito esforço. – Olá – disse. -Tens fome?

– Podes crer. – Fitou Omani com curiosidade. – Fui seguido quando saí, não fui?

Omani acenou com a cabeça.

– Estiveste sempre sob observação. Íamos conduzir-te a Antonelli e deixar-te des-carregar a tua agressividade. Sentimos que essa era a única forma de progredires. As tuas emoções estavam bloqueando o teu avanço.

– Estava completamente enganado a respeito dele disse George, com uma ponta de embaraço.

– Agora não interessa. Quando paraste para olhar para o quadro de informações de Metalurgia, no aeroporto, um dos nossos agentes comunicou-nos a lista dos nomes. Tu e eu tínhamos falado suficientemente sobre o teu passado para que eu percebesse o significado do nome de Trevelyan ali. Perguntaste o caminho para a Olimpíada; havia possibilidades disto acabar no tipo de crise que procurávamos; mandamos Ladislas Ingenenescu ir ter contigo ao salão e tomar conta do caso.

– Ele é um homem importante no governo, não é?

– É, sim.

– E vocês mandaram-no tomar conta do caso. Faz-me sentir importante.

– Tu és importante, George.

Tinha chegado um guisado espesso, fumegante, cheiroso. George arreganhou os dentes como um lobo e empurrou os lençóis de maneira a libertar os braços. Omani ajudou-o a montar o tabuleiro de cama. Por um momento, George comeu em silêncio.

Depois disse:

– Acordei aqui uma vez, antes, por pouco tempo.

– Eu sei – disse Omani – Eu estava aqui.

– Pois, eu lembro-me. Sabes, tudo tinha mudado. Era como se estivesse demasiado cansado para sentir emoções. Já não sentia raiva. Só podia pensar. Era como se me tivessem dado uma droga para acabar com as emoções.

– Não deram – disse Omani. – Apenas um sedativo. Tu descansaste.

– Bem, de qualquer forma, estava tudo claro, como se eu sempre tivesse sabido mas nunca tivesse ouvido a mim próprio. Que é que eu queria que Novia me deixasse fazer?, pensei. Queria ir para Novia e levar comigo um grupo de jovens não educados para ensinar através de livros. Queria estabelecer uma Casa para Débeis Mentais (como aqui), e a Terra já as tem, muitas até.

Os dentes brancos de Omani brilharam quando ele sorriu.

– O nome correto para sítios como este é Instituto de Estudos Superiores.

– Agora percebo – disse George – tão facilmente que estou espantado com a minha cegueira anterior. Afinal, quem é que inventa os instrumentos novos que necessitam de novos técnicos?

Quem é que inventou os espectrógrafos Beeman, por exemplo?

Um homem chamado Beeman, suponho, mas não poderia ter sido educado através de fitas, senão como é que ele teria feito esse progresso?

– Exatamente.

– E quem é que faz as fitas Educacionais? Técnicos especiais de fabricação de fitas? Então quem é que faz as fitas para formá-os? Técnicos mais avançados? Então quem é que faz as fitas… Percebes o que quero dizer. Tem de haver um fim em algum ponto. Tem de existir em algum lugar homens e mulheres com capacidade para pensamento criativo.

– Sim, George.

George reclinou-se, olhou por cima da cabeça de Omani, e por momentos algo de irrequieto voltou aos seus olhos. – Por que é que não me disseram tudo isto no início?

– Ah, se pudéssemos – disse Omani -, o trabalho que isso nos pouparia. Podemos analisar uma mente, George, e dizer que este dará um arquiteto competente e aquele um bom carpinteiro, mas não temos nenhum processo de detectar capacidade para pensamento original e criativo. É algo demasiado sutil. Temos alguns métodos empíricos para detectar indivíduos que possivelmente ou potencialmente podem ter esse talento. No Dia da Leitura, esses indivíduos nos são comunicados. Tu foste um deles, por exemplo. Grosso modo, o número de indivíduos comunicados nessas condições anda por volta de um em dez mil. Quando chega o Dia da Educação, esses indivíduos são verificados outra vez, e chega-se à conclusão de que nove em cada dez eram falsos alarmes. Os que sobram são enviados para lugares como este.

– Bem, que é que há de mau em dizer às pessoas que um em cada… em cada cem mil acaba em lugares como este? disse George. – Nesse caso já não seria um choque tão grande para os que vêm.

– E os que não vêm? Os noventa e nove mil novecentos e noventa e nove que não vêm? Não podemos permitir que todas essas pessoas se considerem uns falhados. Aspiram a uma profissão e, de uma forma ou de outra, todos a conseguem. Todos podem pôr a seguir ao nome: Não-sei-quantos registrado. De uma ou doutra forma cada indivíduo tem o seu lugar na sociedade e isso é necessário.

– Mas, e a nós? – disse George. – As exceções, uma em cada dez mil?

– Não podemos lhes dizer. É precisamente isso. É o teste final. Mesmo depois de termos reduzido as possibilidades no Dia da Educação, nove em cada dez dos que vêm para aqui ainda não são propriamente gênios criativos, e não há qualquer forma automatizada de distinguir esses nove do décimo que nós queremos. O décimo tem de se denunciar a ele próprio.

– Trazemos-lhes para uma destas casas para Débeis Mentais e aquele que não aceitar esse fato é o homem que nós queremos. É um método um pouco cruel, mas funciona. Não adianta dizer a uma pessoa: «Podes criar. Cria.» É muito mais seguro esperar que alguém diga «Eu posso criar, e vou fazê-o quer vocês queiram quer não.» Há dez mil pessoas como tu, George, que suportam o avanço tecnológico de mil e quinhentos mundos. Não podemos dar-nos ao luxo de perder um recruta para esse número, ou de desperdiçar o nosso esforço em alguém que não

preenche as condições necessárias.

George afastou o prato vazio do caminho e levou uma chávena de café à boca.

– Que é que acontece às pessoas que vêm para aqui e não… preenchem as condições?

– Normalmente são educados através de fitas e transformam-se em cientistas sociais. Ingenenescu é um deles. Eu sou psicólogo registrado. Somos da segunda divisão, por assim dizer.

George terminou o café.

– Ainda tenho uma dúvida – disse.

– E o que é?

George atirou o lençol para o lado e levantou-se. – Por que é que lhe chamam Olimpíadas?

A SENSAÇÃO DE PODER

Jehan Shuman estava acostumado a lidar com os homens responsáveis pelas tropas espalhadas pela Terra. Era apenas um civil, mas tinha criado os programas que possibilitaram o surgimento dos mais avançados computadores automáticos de guerra. Consequentemente, os generais ouviam sua opinião. Os líderes das comissões parlamentares também.

Havia um militar e um político no salão especial do Novo Pentágono. O general Weider tinha um rosto bronzeado pelos raios de muitos sóis, e sua pequena boca, cheia de rugas, quase não aparecia. O deputado Brant tinha um rosto suave e olhos claros. Ele fumava um charuto denebiano com a segurança de alguém cujo patriotismo era tão notório que podia se permitir certas liberdades.

Shuman, alto, distinto, um típico programador de elite, encarou-os destemidamente.

– Cavalheiros – disse ele, esse é Myron Aub.

– É aquele que tem um talento incomum, que você descobriu por acaso – disse Brant, sereno.
– Ah. – Ele estudou o pequeno homem de cabeça oval e careca com uma curiosidade cordial.

Em resposta, o homenzinho torceu os dedos de suas mãos ansiosamente. Nunca tinha visto homens tão importantes em sua vida. Era um técnico envelhecido e sem importância, que há muito tempo tinha fracassado em todos os testes destinados a selecionar as pessoas talentosas da humanidade e se acomodara numa rotina de trabalhos não especializados. Tinha apenas um passatempo que, depois de descoberto pelo grande programador, acarretara todo esse estardalhaço.

– Acho infantil esse clima de mistério – disse o general Weider.

– Vai deixar de achar em um minuto – disse Shuman. – Esse é o tipo de coisa que não pode vazar para qualquer um… Aub! – Havia um pouco de autoritarismo na sua maneira de pronunciar esse nome monossilábico, mas, nesse caso, era o grande programador falando para um simples técnico. – Aub! Quanto é nove vezes sete?

Aub hesitou um pouco. Seus olhos pálidos brilharam, ligeiramente ansiosos.

– Sessenta e três – disse ele.

O deputado Brant levantou as sobrancelhas.

– Ele acertou?

– Veja você mesmo, deputado.

O deputado tirou seu computador de bolso, apertou as teclas duas vezes, olhou para a superfície na palma de sua mão e guardou-o.

– É esse o talento que você trouxe para nos mostrar? Um ilusionista?

– Mais que isso, senhor. Aub decorou algumas operações e com elas faz cálculos num papel.

– Um computador de papel? – disse o general. Ele parecia aflito.

– Não senhor – disse Shuman pacientemente. – Não é um computador de papel. É um simples pedaço de papel. General, o senhor faria a gentileza de sugerir um número?

– Dezessete – disse o general.

– E o senhor, deputado?

– Vinte e três.

– Ótimo. Aub, multiplique esses números e, por favor, mostre a esses cavalheiros como você faz isso.

– Sim, programador – disse Aub, fazendo uma reverência com a cabeça. Tirou um bloco de um dos bolsos da camisa e do outro uma caneta de bico fino. Sua testa se enrugava enquanto desenhava meticulosamente no papel.

O general Weider interrompeu-o bruscamente.

– Deixe-me ver isso. Aub entregou-lhe o papel.

– Bem, isso parece com o número dezessete – disse Weider.

O deputado Brant balançou a cabeça.

– Parece sim, mas eu acho que qualquer um pode copiar as figuras de um computador. Talvez até eu possa fazer um dezessete razoável, mesmo sem prática.

– Se vocês deixarem Aub continuar, cavalheiros – disse Shuman, sem se perturbar.

Aub continuou com as mãos um pouco trêmulas. Depois de algum tempo, disse em voz baixa:

– A resposta é trezentos e noventa e um. – O deputado Brant checou de novo o computador.

– Por Deus, é isso mesmo. Como ele adivinhou?

– Ele não adivinhou, deputado – disse Shuman. – Ele calculou o resultado nesse pe-daço de papel.

– Conversa furada – disse o general, impaciente. – O computador é uma coisa, de-senhos no papel são outra.

– Explique, Aub – pediu Shuman.

– Pois não, programador. Bem, eu escrevo dezessete, embaixo dele, escrevo vinte e três. Depois, digo comigo mesmo: sete vezes três…

– Só que o problema é dezessete vezes vinte e três – interrompeu-o o deputado, cortês.

– Sim, eu sei – disse o pequeno técnico, num tom sério. Mas eu começo por sete vezes três, porque é assim que funciona. Agora, sete vezes três são vinte e um.

– Como é que você sabe isso? – perguntou o deputado.

– É uma questão de memória. É sempre vinte e um no computador. Já conferi um monte de vezes.

– Isso não quer dizer que vai ser assim para sempre, não? – disse o deputado.

– Talvez não – gaguejou Aub. – Não sou matemático. Mas as minhas respostas sempre estão certas.

– Continue.

– Sete vezes três é vinte e um, então eu escrevo vinte e um. Depois, um vezes três é três e, então, escrevo o três embaixo do dois de vinte e um.

– Por que embaixo do dois? – perguntou de pronto o deputado.

– Porque… – Aub olhou desesperado para o seu superior, como se estivesse pedindo ajuda. – É difícil de explicar.

– Se vocês aceitarem o seu trabalho por um momento, podemos deixar os detalhes para os matemáticos.

Brant se acalmou.

– Três mais dois é igual a cinco – disse Aub. – Então o vinte e um vira cinquenta e um. Você deixa isso de lado um pouquinho e começa de novo. Você multiplica sete por dois, que é catorze e um por dois, que dá dois. Se você colocá-os assim, isso vai dar trinta e quatro. Agora coloque o trinta e quatro embaixo do cinquenta e um dessa forma e faça a soma, então terá a resposta final, que é trezentos e noventa e um.

Houve um momento de silêncio.

– Não acredito nisso – disse o general Weider. – Ele vem com essa conversa furada e desenha os números, multiplica e soma dessa maneira, mas não acredito. Isso é muito complicado. Não passa de um truque.

– Não, senhor – disse Aub, ansioso. – Só parece complicado porque o senhor não está acostumado. Na verdade, as regras são muito simples e funcionam com qualquer número.

– Qualquer número, hein? – disse o general. – Então, vamos ver. – Pegou o seu computador (um modelo GI de estilo austero) e apertou-o ao acaso. – Escreva cinco sete três oito no papel. Isto é cinco mil, setecentos e trinta e oito.

– Sim, senhor – disse Aub, pegando uma folha em branco.

– Agora – mais toques no seu computador – sete dois três nove. Sete mil, duzentos e trinta e nove.

– Sim, senhor.

– Agora, multiplique esses dois números.

– Isso vai demorar um pouco – disse Aub, com uma voz trêmula.

– Fique à vontade – disse o general.

– Vá em frente, Aub – disse Shuman, incisivo.

Aub pôs-se a trabalhar, inclinando-se para baixo. Virou outra página e mais outra.

O general pegou o relógio e viu as horas.

– Você já terminou o seu número de magia, técnico?

– Estou terminando, senhor. Aqui está, senhor. Quarenta e um milhões, novecentos e trinta e sete mil, trezentos e oitenta e dois.

Ele mostrou o resultado rabiscado no papel. O general Weider sorriu amargamente. Ele pressionou o botão de multiplicação do seu computador e deixou os números rodopiarem até parar. Então ele olhou o resultado e gritou surpreso.

– Grande Galáxia, esse cara está certo.

O Presidente da Federação Terrestre tinha adquirido uma expressão macilenta devido à longa permanência nos escritórios; nas audiências, ele permitia que uma expressão vagamente melancólica tomasse conta de suas feições. A guerra denebiana, depois de um breve começo de grande agitação e muita popularidade, tinha se restringido a uma sórdida questão de manobras e contra-manobras, com o descontentamento crescendo continuamente na Terra. Provavelmente também estava crescendo em Deneb.

E agora, o deputado Brant, líder do importante Comitê de Apropriações Militares, estava alegre e entusiasmadamente desperdiçando a sua audiência falando barbaridades.

– Calcular sem um computador – disse o presidente, impaciente – é absolutamente impossível.

– Calcular – disse o deputado – é apenas um sistema de manipulação de dados.

Uma máquina pode fazer isso, da mesma forma que a mente humana. Deixe-me dar-lhe um exemplo. – E, usando as novas habilidades que tinha aprendido, desenvolveu somas e produtos até que o presidente, a despeito de sua desconfiança, se mostrou interessado.

– Isso sempre funciona?

– Sempre, Sr. Presidente. É infalível.

– É difícil de aprender?

– Passei uma semana até pegar o macete. Acho que o senhor precisaria de menos tempo.

– Isso é um joguinho interessante – disse o presidente, depois de pensar um pouco. – Mas qual a sua utilidade?

– Qual a utilidade de um bebê recém-nascido, Sr. Presidente? Por enquanto, não tem nenhuma utilidade, mas o senhor não vê, isso aponta o caminho que libertará a máquina. Pense bem Sr. Presidente. – O deputado se levantou e sua voz profunda automaticamente assumiu algumas das entonações que usava nos debates. – A guerra denebiana é uma guerra de computador contra computador. Os computadores deles produzem um escudo impenetrável de contramísseis contra os nossos mísseis, assim como os nossos fazem contra os deles. Quando modernizamos nossos computadores, eles também modernizam os deles, e há cinco anos existe um equilíbrio precário e inútil.

– Agora temos em nossas mãos um método para ir além do computador, pular por sobre ele, ultrapassá-o. Combinaremos a mecânica do computador com o pensamento humano; teremos o equivalente aos computadores inteligentes; bilhões deles. Não posso prever detalhadamente quais serão as consequências, mas elas serão incalculáveis. E, caso os denebianos se

antecipem a nós nesse aspecto… o resultado pode ser uma catástrofe.

– O que podemos fazer? – disse o presidente, preocupado.

– Colocar o poder da administração em favor de um projeto secreto de computação humana. Chame-o de Projeto Número, se quiser. Posso me responsabilizar pelo meu comitê, mas vou precisar do apoio da administração.

– Mas até onde a computação humana pode ir?

– Não há limites. De acordo com o programador Shuman, que me apresentou essa descoberta…

– Já ouvi falar de Shuman, é claro.

– Sim. bom, o Dr. Shuman me disse que, teoricamente, não há nada que um computador faça que não possa ser feito pela mente humana. O computador apenas processa um número finito de dados e opera um número finito de operações a partir deles. A mente humana pode reproduzir esse processo.

O presidente pensou um pouco.

– Se Shuman diz isso, estou inclinado a acreditar nele… em teoria. Mas, na prática, como alguém pode saber como um computador funciona?

Brant sorriu cordialmente.

– Sr. Presidente, eu fiz a mesma pergunta. Ao que parece, houve uma época em que os computadores eram projetados diretamente pelos seres humanos. Eram computadores simples; antecederam a época em que o uso racional dos computadores fez com que eles projetassem computadores mais avançados.

– Sim, sim. Continue.

– Aparentemente, o técnico Aub conseguiu, por puro lazer, reconstituir alguns desses velhos esquemas, estudou os detalhes do seu funcionamento e descobriu que podia copiá-o. A multiplicação que acabei de fazer para o senhor é uma imitação do funcionamento de um computador.

– Surpreendente!

– O deputado tossiu educadamente.

– Se posso fazer mais uma observação, Sr. Presidente… quanto mais pudermos desenvolver essa coisa, mais poderemos desviar nosso esforço federal da produção de computadores e de sua manutenção. Assim que o cérebro humano assumir o poder, nossas melhores energias poderão ser canalizadas para procurar a paz, e a influência da guerra nos homens comuns será menor. Isso será mais vantajoso para o partido no poder, é claro.

– Ah – disse o presidente. – Entendo o que você quer dizer. Bem, sente-se, deputado, sente-se. Preciso de algum tempo para pensar. Enquanto isso mostre-me esse truque da multiplicação de novo. Deixe ver se eu consigo pegar o macete.

O programador Shuman não tentou apressar o assunto. Loesser era conservador, muito conservador, e gostava de lidar com os computadores da mesma forma como seu pai e seu

avô. Mesmo assim, ele controlava o monopólio de computadores do oeste europeu; se conseguisse entusiasmá-o com o Projeto Número, um passo muito grande seria dado.

Mas Loesser continuava com um pé atrás.

– Não sei se gosto da ideia de afrouxarmos as nossas rédeas sobre os computadores. A mente humana é uma coisa caprichosa. O computador sempre nos dará a mesma resposta para o mesmo problema. Qual a garantia que temos de que com a mente humana será assim?

– A mente humana, Loesser, apenas manipula os fatos. Não importa se a mente humana ou a máquina faz isso. Elas são apenas instrumentos.

– Sim, sim. Acompanhei sua engenhosa demonstração de que a mente humana pode imitar o computador, mas isso me parece um pouco vago. Aceito a teoria, mas que razão nós temos para achar que a teoria será confirmada na prática?

– Acho que temos uma razão, senhor. Afinal de contas, os computadores não existiram sempre. O homem das cavernas, com suas trirremes, machados de pedra e estradas de ferro, não tinha computadores.

– E provavelmente não sabia calcular.

– Você sabe muito bem que sim. Até a construção de uma estrada de ferro ou de um zigurate requeria algum tipo de cálculo, e, como nós sabemos, isso foi feito sem computadores.

– Você está sugerindo que eles calculavam da mesma maneira que você me mostrou?

– Provavelmente não. Afinal de contas, esse método, que, a propósito, chamamos de "grafítico", da velha palavra europeia graphos, que quer dizer "escrita"… esse método foi desenvolvido a partir dos próprios computadores, portanto não pode ter sido usado pelos primitivos. Ainda assim, o homem das cavernas deve ter tido algum método, não?

– Artes perdidas! Se você está falando de artes perdidas…

– Não, não é isso. Não sou um entusiasta das artes perdidas, embora não afirme que não exista nenhuma. Afinal, o homem comia cereais antes de aprender a fazer culturas hidropônicas, e se os primitivos comiam cereais, eles deviam cultivá-os no solo. De que outra forma poderiam ter conseguido?

– Não sei, mas só acreditarei em terra cultivada quando vir algum grão crescer no chão. Também só acreditarei que se faz fogo esfregando uma pedra na outra no dia em que me mostrarem que isso é possível.

Shuman tentou ser conciliador.

– Bem, vamos nos ater aos grafíticos. Isto tudo faz parte do processo de eterificação. O transporte por meio de pesados equipamentos está sendo substituído por transferência direta de massa. Os instrumentos de comunicação se tornam cada vez mais leves e mais eficientes. Por causa disso, compare seu computador de bolso com aquelas engenhocas pesadas de mil anos atrás. Então, por que não dar também o último e definitivo passo, e abolir os computadores? Vamos, senhor, o Projeto Número é inevitável; ele está progredindo rapidamente. Mas queremos sua ajuda. Se o patriotismo não for suficiente para engajá-o, pense na aventura intelectual que está em jogo.

– Que progresso? – disse Loesser com ceticismo. – O que você pode fazer além de multiplicar? Pode integrar uma operação transcendental?

– Dentro em breve, senhor. Dentro em breve. No mês passado, aprendi a dividir. Posso determinar, e corretamente, quocientes inteiros e quocientes decimais.

– Quocientes decimais? De quantas casas?

O programador Shuman tentou manter um tom natural.

– Qualquer número!

Loesser ficou de queixo caído.

– Sem um computador?

– Faça um problema.

– Divida vinte e sete por treze. Em seis casas. Cinco minutos depois, Shuman disse: – Dois, vírgula, zero sete meia nove dois três.

Loesser conferiu.

– Isso é realmente fantástico. A multiplicação não me impressionou muito porque, afinal, isso envolvia números inteiros e acho que uma hábil manipulação pode conseguir isso. Mas decimais…

– E isso não é tudo. Há uma nova pesquisa em curso que até agora é ultra-secreta e que, falando sinceramente, não posso revelar. Mesmo assim… estamos perto de aprender a fazer uma raiz quadrada.

– Raiz quadrada?

– Ainda tem algumas coisas pendentes e não conseguimos acertar na mosca, mas o técnico Aub, o homem que inventou essa ciência e que tem uma incrível sensibilidade para a coisa, assegura que está prestes a resolver o problema. E ele é apenas um técnico. Um homem como o senhor, um matemático talentoso e tarimbado, não encontraria tanta dificuldade.

– Raiz quadrada – resmungou Loesser, encantado.

– Raiz cúbica também. E então? Está conosco?

Loesser levantou a mão rapidamente.

– Pode contar comigo.

O general Weider marchava de um lado para o outro da sala e se dirigia aos ouvintes à sua frente como se fosse um professor ranzinza diante de uma turma de estudantes indóceis. Pouco lhe importava se eram os cientistas civis que coordenavam o Projeto Número. O general era um líder em todos os lugares e assim se comportava em todos os momentos de sua vida.

– Nenhum problema com as raízes quadradas, então – disse ele. – Eu mesmo não sei como fazê-as, mas já estão concluídas. Mesmo assim, não vamos interromper o projeto só porque já solucionamos os problemas que alguns de vocês consideram essenciais. Vocês podem fazer o que quiserem com os grafíticos depois que a guerra acabar, mas, nesse exato momento, temos problemas específicos que precisam ser solucionados.

Num canto distante, o técnico Aub ouvia aflito. É claro que há muito tempo deixara de ser um técnico, tendo sido dispensado de suas tarefas e convocado a participar do projeto, com um título pomposo e um ótimo salário. Mas é claro que as diferenças sociais permaneciam e os líderes científicos, altamente classificados, jamais o aceitariam em seu meio ou o tratariam em pé de igualdade. E Aub tampouco desejava isso. Sentia-se tão incomodado entre eles como eles se sentiam incomodados na sua presença.

– Nós só temos uma meta, cavalheiros – estava dizendo o general. – Substituir os computadores. Uma nave que possa viajar pelo espaço sem um computador a bordo pode ser construída em um quinto de tempo e por um décimo dos custos de uma nave computadorizada. Poderíamos ter flotilhas especiais cinco ou dez vezes maiores do que as de Deneb se eliminássemos os computadores. E até vejo mais além disso. Talvez agora pareça loucura ou um simples sonho. Mas no futuro eu posso ver mísseis tripulados.

Houve um instantâneo murmúrio por parte da plateia O general prosseguiu: – No momento, nosso problema principal é que a inteligência dos mísseis é limitada. O computador que os controla não pode alterar o rumo programado e, por essa razão, eles sempre acabam sendo detidos por antimísseis. Poucos mísseis, se é que algum consegue chegar a seu objetivo, e a guerra de mísseis está prestes a acabar; felizmente, tanto para o inimigo, como para nós.

– Por outro lado, um míssil com um ou dois homens dentro, controlando o voo com grafíticos, seria mais leve, mais ágil e mais inteligente. Isso nos daria uma vantagem que pode significar a vitória. Além disso, cavalheiros, as necessidades da guerra nos obrigam a lembrar de uma coisa. Um homem é mais descartável do que um computador. Mísseis tripulados podem ser lançados em maior número e sob circunstâncias que nenhum general empreenderia se usasse mísseis computadorizados.

Ele discorreu sobre muito mais coisas, mas o técnico Aub não esperou.

O técnico Aub, na intimidade dos seus aposentos, elaborou cuidadosamente sua carta de despedida. Ela dizia o que se segue: – Quando comecei a estudar o que agora chamam de grafíticos, isso não passava de um passatempo. Nada mais do que um agradável passatempo, um exercício para a cabeça.

Quando o Projeto Número começou, achava que as pessoas fossem mais esclareci-das do que eu e que os grafíticos poderiam ser usados para ajudar a humanidade, apoiando a modernização dos instrumentos necessários à transferência de massas.

Mas agora vejo que ele só será usado para a morte e a destruição.

Não posso suportar a responsabilidade de ter inventado os grafíticos: Depois, virou contra si o foco do despolarizador de proteínas e morreu instantaneamente.

Eles se reuniram em torno do túmulo do pequeno técnico para prestar-lhe honra por sua notável descoberta.

O programador Shuman fez uma reverência com a cabeça, junto com os outros, mas continuou imóvel. O técnico tinha dado sua contribuição e não era mais necessário.

Ele podia ter começado os grafíticos, mas agora que o projeto já estava em anda mento, iria se desenvolver automaticamente até triunfar, tornando os mísseis tripulados uma realidade,

juntamente com tantas outras coisas.

Nove vezes sete, pensou Shuman com orgulho, sessenta e três. Não precisava mais que um computador lhe dissesse isso. Sua própria cabeça era um computador.

E isso lhe dava uma fantástica sensação de poder.



A NOITE MORIBUNDA

Era quase uma reunião de um curso, e embora não predominasse a alegria, nada indicava que a assinalaria a tragédia.

Edward Taliaferro, recentemente chegado da Lua sem as pernas de gravidade, reuniu-se aos outros dois no quarto de Stanley Kaunas. Este levantou-se para o saudar com uma ponta de constrangimento. Battersley Ryger limitou-se a acenar-lhe, permanecendo sentado. O recém-chegado reclinou-se no sofá com lentidão, consciente do peso a que não se encontrava habituado.

Tinham-se encontrado algumas horas antes em condições um pouco mais formais.

Agora, achavam-se sós pela primeira vez, e Taliaferro observou: – É um momento mais ou menos célebre. Reunimo-nos pela última vez há dez anos, quando concluímos o curso.

Ryger franziu o nariz, o qual fora fraturado pouco antes da conclusão do curso mencionado, o que o obrigara a receber o diploma de doutoramento em Astronomia com uma ligadura desfigurando-lhe o rosto.

– Alguém mandou vir champanhe? – perguntou em tom sombrio.

– Então, que é isso? – exclamou Taliaferro.– O primeiro congresso de astronomia interplanetário da História merece uma atmosfera mais cordial.

– Não consigo habituar-me à Terra – disse Kaunas.

– Compreendo – aquiesceu Taliaferro. – Sucede-me o mesmo. O peso que sou forçado a arrastar suga-me as energias. Em todo o caso, estás melhor do que eu, Kaunas. A gravidade de Mercúrio é 0,4 da normal, enquanto a da Lua não passa de 0,16. – Fez um gesto para evitar que Ryger o interrompesse. – E em Ceres utilizam campos de pseudo-gravidade ajustados em 0,8.

O astrônomo do planeta Ceres exibiu uma expressão compungida.

– O que mais me oprime é o ar puro. A faculdade de poder sair à rua sem traje espacial perturba-me.

– E a mim a intensidade do sol – acudiu Kaunas.

Taliaferro retrocedeu no Tempo involuntariamente. Na verdade, tinham mudado pouco, incluindo ele próprio, à parte a circunstância de serem dez anos mais velhos.

Ryger engordara um pouco e as faces de Kaunas apresentavam numerosas rugas, mas ele reconhecê-los-ia sem dificuldade se os visse inesperadamente.

– Não acredito que seja a Terra a responsável pelo nosso acabrunhamento – frisou, por fim. – Encaremos a realidade.

Kaunas fitou-o bruscamente e explodiu:

– Villiers! Tens razão. Penso nele com frequência. A propósito: escreveu-me, há dias.

– Sim? – Ryger empertigou-se na poltrona. – Quando?

– Há um mês.

– E a ti? – Ryger voltou-se para Taliaferro. Depois que este assentiu com uma inclinação de cabeça, prosseguiu: – Endoideceu. Afirma que descobriu um método prático para proceder à transferência da massa através do Espaço. Também lhes falou nisso? Sempre foi meio destravado.

Apertou o nariz entre o polegar e o indicador, e Taliaferro lembrou-se do dia em que Villiers lho fraturara. Durante dez anos, a sombra deste perseguira-os com uma sensação de culpa que na realidade não lhes pertencia. Tinham estudado juntos e enveredado por uma profissão que atualmente abria largas perspectivas. Estabeleciam-se constantemente observatórios astronômicos nos outros mundos, rodeados pelo vácuo. Havia o da Lua, do qual a Terra e os planetas interiores podiam ser estudados; um mundo silencioso em cujo céu o planeta de origem se mantinha suspenso. O de Mercúrio, mais próximo do Sol, instalado no Polo Norte daquele planeta, onde o limite entre o dia e a noite quase não se alterava e o Sol permanecia fixo no horizonte, permitindo o seu estudo minucioso. O de Ceres, mais moderno e recente, com o seu alcance estendendo-se de Júpiter até às galáxias mais distantes.

Existiam desvantagens, sem dúvida. Em virtude da dificuldade de que as viagens interplanetárias ainda se revestiam, as férias eram reduzidas e a vida normal virtualmente impossível, todavia a geração atual podia considerar-se afortunada. Os cientistas do futuro encontrariam a Ciência deveras avançada e, enquanto não se verificas-se a invenção da propulsão interestelar, não se voltariam a rasgar horizontes como aqueles.

Os quatro felizardos, Taliaferro, Ryger, Kaunas e Villiers, achar-se-iam em posições semelhantes à de Galileu o qual, em virtude de possuir o primeiro telescópio digno desse nome, não podia apontá-lo para região alguma do firmamento sem efetuar uma descoberta importante.

De súbito, porém, Romano Villiers adoecera com febre reumática e o coração principiara a fraquejar. Era o mais brilhante do quarteto, e viu-se impossibilitado de obter o doutoramento. Pior do que isso, jamais poderia ausentar-se da Terra, pois a aceleração de decolagem de uma nave especial matá-o-ia irremediavelmente.

Taliaferro foi enviado para a Lua, Ryger para Ceres e Kaunas para Mercúrio. Somente Villiers ficou para trás, prisioneiro da Terra. Quando tentaram consolá-o, reagiu explosivamente e terminou por fraturar o nariz de Ryger com um soco.

Aparentemente, o facto não fora olvidado, a avaliar pela forma como ele agora acariciava o apêndice, nasal ante a alusão a Villiers.

– Também veio ao Congresso – disse Kaunas, pensativamente. – Está no Quarto 405 deste hotel.

– Não tenho a intenção de procurá-lo – declarou Ryger.

– Ele é que virá ter conosco. Disse que nos queria falar. Prometeu aparecer às nove. Portanto, deve chegar de um momento para o outro.

– Nesse caso, se me dão licença, despeço-me – anunciou Ryger.

– Deixa-te estar – aconselhou Taliaferro. – Que mal haverá em vê-o?

– O tipo enlouqueceu.

– Não me digas que tens medo dele.

– Medo? – ecoou Ryger com uma expressão de desdém.

– Nervoso, talvez?

– Também não.

– Não mintas. De resto, todos nos sentimos culpados do que lhe sucedeu, embora sem razão.

De súbito, soou a campainha da porta e voltaram-se sobressaltados. Romano Villiers entrou e imobilizou-se para contemplá-los com ar sardônico. Na realidade, o semblante denunciava claramente que não desfrutava de saúde e somente o olhar possuía o mesmo brilho metálico de outrora.

– Finalmente, volto a ver os meus prezados amigos! – exclamou numa inflexão de barítono. – Os meus amigos espaciais, mais corretamente – Olá, Villiers – articulou Taliaferro.

Villiers olhou-o

– Como tens passado?

– Menos mal.

– E vocês?

Kaunas limitou-se a esboçar um sorriso e mastigar umas palavras ininteligíveis, enquanto Ryger retorquia: – Não percamos tempo. Que pretende de nós?

– Ryger, o temperamental. Como vão as coisas em Ceres?

– Satisfatoriamente, até ao momento em que saí de lá. E na Terra?

– Podes inteirar-te pessoalmente – proferiu Villiers, a voz subitamente tensa. – Acalento a esperança de que tenham comparecido ao Congresso para escutar a minha comunicação de depois de amanhã.

– Qual comunicação? – inquiriu Taliaferro.

– Expliquei-lhes tudo na carta. Refiro-me ao método para a transferência da massa que inventei.

– Realmente, mencionavas isso – admitiu Ryger – mas não manifestavas o desejo de anunciar a descoberta ao Congresso e não me recordo de ver o teu nome na lista dos oradores inscritos.

– De fato, não me inscrevi, nem preparei um resumo para publicação.

Villiers corara bruscamente e Taliaferro recomendou-lhe: – Acalma-te. Não tens bom aspecto.

– O meu coração ainda resiste algum tempo, podes crer.

– Mas se não te inscreveste… – começou Kaunas.

– Esperei dez anos por este momento. Vocês têm as vossas ocupações no Espaço, enquanto eu lecciono na Terra. No entanto, valho mais que os três juntos. Mandel assistiu à experiência… Suponho que sabem a quem me refiro? Faz parte da presidência do Congresso e ficou entusiasmado com a demonstração da transferência da massa. Em todo o caso, empreguei um dispositivo rudimentar, que ardeu depois de utilizado uma vez. – Villiers fez uma pausa para recobrar o alento. – Mandel deixar-me-á falar mesmo sem estar inscrito, atendendo a importância da minha comunicação. Assim que anunciar o princípio da descoberta, correrão todos para os seus laboratórios, a fim de construírem dispositivos idênticos aos meus. E verificarão que funcionam. Consegui que um rato desaparecesse de um canto do laboratório e surgisse noutro. – Contemplou os rostos que o rodeavam. – Não acreditam, hem?

– Por que nos falas nisso, se até agora guardaste segredo? – quis saber Ryger.

– Porque os considero meus amigos, ou pelo menos antigos condiscípulos. Partiram para o Espaço e deixaram-me ficar.

– O Destino assim o quis – frisou Kaunas.

– Aquilo que funcionou com um rato será igualmente eficaz com um ser humano. Em vez de percorrer três metros, como no meu laboratório, o paciente deslocar-se-á milhões de quilômetros através do Espaço. Por outras palavras, eu poderei visitar a Lua, Mercúrio, Ceres e todos os planetas que quiser. Conseguirei o mesmo que vocês e muito mais.

– Congratular-nos-emos imenso com isso – asseverou Taliaferro. – Posso ver uma cópia da tua comunicação?

– Nem por sombras! – Villiers encostou a mão ao peito, como se desejasse proteger um punhado de documentos invisíveis. – Tomarão conhecimento dos pormenores ao mesmo tempo que os outros. Só existe um exemplar dos meus apontamentos, que ninguém viu até agora, incluindo Mandel.

– Imagina que o perdes? – bradou Taliaferro.

– Não te preocupes. De qualquer modo, tenho tudo bem presente na memória. Aguardem até depois de amanhã. Nessa altura, verão os horizontes humanos alargarem-se como nunca sucedeu.

Rodou nos calcanhares e encaminhou-se para a porta.

– Endoideceu – afirmou Ryger, o olhar cravado na porta, como se Villiers ainda estivesse presente.

– Não sei – articulou Taliaferro, pensativamente. – Talvez enlouquecesse, até certo ponto. Detesta-nos por motivos irracionais. Nem sequer esquadrinhou os apontamentos, como medida de precaução…

Ao mesmo tempo, conservava o seu esquadrinhador entre os dedos. Tratava-se de um cilindro de cor neutra, um pouco mais curto e largo que um lápis vulgar. Ultimamente, tornara-se num objeto quase indispensável para o cientista, à semelhança do estetoscópio para o

médico ou o microcomputador para o estaticista. O esquadrinhador usava-se num bolso do casaco ou preso a uma manga ou ainda atrás da orelha.

Por vezes, Taliaferro perguntava-se como conseguiriam os cientistas de outrora dispor de tempo para registar os apontamentos em folhas de papel que enchiam numerosas prateleiras das estantes.

Atualmente, bastava esquadrinhar qualquer documento escrito, para se obter um micro-negativo susceptível de ser revelado e reproduzido a qualquer altura. Taliaferro já registara todas as comunicações a apresentar no Congresso e supunha que os amigos haviam procedido do mesmo modo.

– Estou convencido de que não existe comunicação alguma – declarou Ryger. – Ele não descobriu coisa alguma e saiu-se com essa para nos intrigar.

– Então, como procederá depois de amanhã, quando falar? – objetou Kaunas.

– Quem pode prever? Não esqueçamos que se trata de um louco.

– Não menosprezemos as suas possibilidades – advertiu Taliaferro.

Por fim, resolveram mudar de assunto e passaram a trocar impressões sobre as atividades a que se dedicavam nos diferentes planetas.

Mais tarde, mergulharam em prolongado silêncio, cortado finalmente por Kaunas, que sugeriu:

– Por que não procuramos Villiers no seu quarto? – Vendo que o olhavam com estranheza, apressou-se a acrescentar: – Não há necessidade de ficarmos indiferentes com ele.

«Pretende certificar-se de que a transferência de massa não passa do pesadelo de um louco, para poder dormir descansado», refletiu Taliaferro. Não obstante, também sentia curiosidade e não se opôs. O próprio Ryger encolheu os ombros e concordou.

Faltavam poucos minutos para as onze da noite.

Taliaferro foi acordado pela campainha da porta, que vibrava com insistência.

Soergueu-se apoiado ao cotovelo e verificou que o indicador no teto assinalava quatro horas da madrugada.

– Quem é? – resmungou.

Todavia, o som continuou sem interrupção e ele enfiou o roupão e foi abrir. Reconheceu imediatamente o homem na sua frente, cujo rosto vira frequentemente nos jornais tridimensionais.

– Chamo-me Hubert Mandel – informou o recém-chegado.

Mandel era um dos nomes da Astronomia, suficientemente proeminente para exercer um cargo elevado no Departamento Astronômico Mundial e fazia parte da presidência do Congresso que se celebrava atualmente.

Acudiu subitamente ao pensamento de Taliaferro que fora precisamente a Mandel que Villiers pretendia haver efetuado a demonstração da transferência da massa.

– É o Dr. Edward Taliaferro? – perguntou o outro.

– Exatamente.

– Então, vista-se e acompanhe-me. É importante. Trata-se de uma pessoa que ambos conhecemos.

– O Dr. Villiers?

– Por que se lembrou dele? – quis saber Mandel, semicerrando as pálpebras.

– Falou-nos em si, ontem à noite. Não me ocorre outro conhecido comum.

Mandel assentiu com um movimento de cabeça, esperou que Taliaferro se vestisse e conduziu-o a um quarto no piso superior, onde Ryger e Kaunas os aguardavam com expressões apreensivas.

Mandel moveu-se em cadenciado vaivém por uns momentos e terminou por dizer: – Peço-lhes desculpa pelo incômodo, meus senhores e agradeço o espírito de colaboração manifestado. O nosso amigo Romano Villiers faleceu. O corpo foi retirado do hotel, há cerca de uma hora. Segundo os médicos, sucumbiu a um colapso cardíaco.

Seguiu-se um pesado silêncio. Por fim, Taliaferro articulou: – Pobre diabo.

– Horrível – murmurou Kaunas, em voz rouca.

– Há muito que sofria do coração – observou Ryger.

– Quando o viram pela última vez? – perguntou Mandel.

– Ontem à noite – declarou Taliaferro. – Reunimo-nos pela primeira vez em dez anos. O encontro não decorreu em atmosfera cordial, lamento revelá-o. Villiers guardava-nos rancor e mostrava-se irritado.

– Que horas eram?

– Nove aproximadamente, da primeira vez.

– Da primeira vez?

– Voltamos a vê-o, mais tarde.

– Como nos tínhamos separado um pouco abruptamente, queríamos restabelecer certa harmonia nas relações com ele – explicou Kaunas, com uma ponta de embaraço. – Procuramo-o no quarto e…

– Estiveram os três no quarto de Villiers? – atalhou Mandel.

– Sim – confirmou Kaunas, surpreendido.

– Quando?

– Por volta das onze.

– Demoraram-se muito?

– Dois minutos – interpôs Ryger. – Correu connosco, como se pretendêssemos roubar-lhe a comunicação que queria apresentar ao Congresso. Creio que a tinha debaixo do travesseiro. Pelo menos, fiquei com essa impressão, pela forma como lhe colocava os braços em cima.

– Talvez já estivesse moribundo – murmurou Kaunas.

– Nessa altura, ainda não – declarou Mandel.

– Sendo assim, deixaram lá as impressões digitais.

– É provável – admitiu Taliaferro, começando a impacientar-se. – Por que nos chamou, afinal?

– O único exemplar da comunicação que Villiers pretendia apresentar foi depositado na unidade destruidora do lixo e apenas ficaram pequenos fragmentos reconhecíveis. Eu nunca a tinha lido, mas estava suficientemente ao corrente do assunto para identificar o que restava. – Mandel fez uma pausa. – Sabem se há outros condiscípulos dele presentes no Congresso?

– Não – disse Kaunas. – Somos os únicos que se doutoraram em Astronomia nesse ano.

– Nesse caso, um dos três visitou Villiers no seu quarto, cerca da meia-noite.

– Onde pretende chegar? – inquiriu Taliaferro, depois que, sacudiu a cabeça com veemência, imitado pelos dois colegas.

– Essa pessoa procurou-o à meia-noite e insistiu em que lhe mostrasse a comunicação. Desconheço o motivo. Provavelmente, tencionava provocar-lhe um colapso cardíaco. Quando Villiers sucumbiu, o criminoso, se me é permitido tratá-o assim, apoderou-se do documento e registou-o no seu esquadrinhador. Em seguida, des-truiu-o do modo que expliquei, mas como estava com pressa não se certificou de que restavam alguns pedaços identificáveis.

– Como sabe tudo isso? – perguntou Ryger. – Estava presente?

– Quase – redarguiu Mandel. – Villiers não sucumbiu ao primeiro colapso e, quando o assassino se afastou, pegou no telefone e ligou ao meu quarto, articulando algumas palavras entrecortadas que me elucidaram do que se passara, infelizmente demasiado tarde, pois achava-me ausente nesse instante e a chamada ficou registada no meu gravador. Quando regressei, procurei-o imediatamente, mas já tinha morrido.

– Quem acusou? – indagou Ryger.

– Ninguém, diretamente No entanto, por entre várias palavras ininteligíveis, distingui claramente o termo «condiscípulo».

Taliaferro extraiu o esquadrinhador do bolso do casaco e estendeu-o a Mandel.

– Se quiser revelar o filme que contém, não me oponho. Não encontrará nele a comunicação de Villiers.

Kaunas seguiu-lhe o exemplo com prontidão e Ryger imitou-o. Mandei aceitou os três esquadrinhadores e observou secamente:

– Suponho que o culpado tratou de substituir o filme exposto, mas mesmo assim procurarei certificar-me.

– Pode revistar-me e os meus aposentos – disse Taliaferro.

– Mais devagar – interveio Ryger, enrugando a fronte. – O senhor pertence à Polícia?

– Desejam que a chame? – retorquiu Mandei. – Interessa-lhes o escândalo e uma acusação de

homicídio? Ao mesmo tempo, a imprensa exploraria o assunto e todos os astrônomos andariam pelas ruas da amargura. Por outro lado, Villiers sofria realmente do coração e quem contribuiu para a sua morte talvez não agisse com premeditação. Se o culpado restituir o negativo do esquadrinhador, evitaremos aborrecimentos consideráveis.

– Mesmo para o criminoso? – frisou Taliaferro.

– Não lhe prometo imunidade absoluta – concedeu Mandei, com um encolher de ombros. – No entanto, não se sujeitará à vergonha pública e prisão perpétua, como aconteceria se a Polícia interviesse. – Vendo que ninguém se acusava, encaminhou-se para a porta. – Espero não tardar. Entretanto, o responsável poderá ponderar as vantagens da solução que sugeri.

Eram cinco horas da madrugada, quando Ryger consultou o relógio com indignação.

– Está ficando tarde. Preciso dormir.

– Podemos passar pelo sono aqui mesmo – alvitrou Taliaferro com resignação. – Al-guém tenciona confessar? – Kaunas desviou os olhos e Ryger arqueou as sobrancelhas. – É o que eu pensava.

Os três homens reclinaram-se nas poltronas e imergiram em estado de sonolência.

Taliaferro descerrou as pálpebras abruptamente quando Mandel reapareceu. Entretanto, amanhecera e o céu apresentava uma tonalidade azulada quase límpida. Involuntariamente, Taliaferro congratulou-se por a janela do quarto se conservar fechada. Habituado ao vácuo lunar, a possibilidade de a abrirem afigurava-se-lhe altamente desconfortável.

– Algum dos senhores tem qualquer coisa para dizer? -. perguntou Mandel. Deixou transcorrer um momento de silêncio. – Revelei os filmes dos esquadrinhadores e exa-minei o resultado. – Largou os instrumentos e respectivas películas em cima da cama.

– Nada! Portanto, a questão mantém-se no ponto inicial. Necessitamos de encontrar o filme oculto.

– Se porventura existe – comentou Ryger, bocejando.

– Sugiro que me acompanhem ao quarto de Villiers.

– Para quê? – Kaunas parecia perturbado.

– Gostaria que os dois inocentes me ajudassem a procurar o filme.

– Acha que se encontra lá? – inquiriu Ryger com uma expressão de incredulidade.

– É uma hipótese a considerar. O simpósio sobre Astronáutica só principia amanhã às dez horas.

– E se não aparecer até lá?

– Teremos de chamar a Polícia.

Entraram lentamente no quarto há pouco ocupado por Villiers. Ryger apresentava-se corado e Kaunas pálido. Quanto a Taliaferro, procurava mostrar-se calmo. Mandel ajustou o

polarizador da janela para que entrasse mais luz e Kaunas levou a mão aos olhos.

– O sol! – bradou, espavorido, como se estivesse no planeta Mercúrio, onde a intensidade dos raios solares era quase insuportável.

Taliaferro recordou a sua aversão pelo ar livre e rangeu os dentes. Achavam-se todos sob a influência nefasta de dez anos de ausência da Terra. Kaunas precipitou-se para a janela, a fim de accionar o polarizador e soltou uma exclamação de horror.

– Que foi? – quis saber Mandel, acorrendo, imitado pelos outros.

A cidade espraiava-se a seus pés até ao horizonte, sobre o qual o Sol brilhava fortemente. No entanto Kaunas, respirando com visível dificuldade, cravava os olhos num objeto mais próximo. A um canto do peitoril, introduzido numa ranhura, via-se um pedaço de película com cerca de três centímetros de comprimento.

Com um grito estrangulado, Mandel fez subir a janela, recolheu o filme e afastou-se apressadamente, com a recomendação: – Esperem aqui!

Reapareceu vinte minutos mais tarde, para anunciar com desalento: – Uma das pontas não tinha sido atingida pelos raios solares e consegui decifrar algumas palavras. Era na verdade a comunicação de Villiers. O resto está destruído, impossível de recuperar.

– O que acontece agora? – perguntou Taliaferro.

– Agora, é-me indiferente. A transferência da massa deixou de ser possível até que outro cérebro tão brilhante como o de Villiers descubra o método apropriado.

– Um momento. Se o assunto não se esclarecer, ficarmos eternamente envoltos em suspeitas, que só servirão para prejudicar nossas carreiras.

– Talvez tenha razão – admitiu Mandei. – Um amigo meu chamado Wendel Urth, afigura-se-me a pessoa indicada para solucionar o problema.

Edward Taliaferro olhava em redor, contemplando a ampla sala em que se encontrava, na qual se viam reunidos os objetos mais heterogêneos Por outro lado, achava-se totalmente isolada do exterior, como se se situasse noutro planeta sem qualquer ponto de contacto com a Terra.

– Agradeço-lhes imenso terem comparecido, cavalheiros – proferiu o homem adipo-so instalado numa poltrona-secretária. – Queiram desculpar a desarrumação que ob-servam, mas resolvi catalogar os numerosos objetos de proveniência extraterrestre que possuo, e não é trabalho que se conclua num abrir e fechar de olhos. – Fez uma pausa. – Em que posso servi-los?

Hubert Mandel procedeu às apresentações e expôs pormenorizadamente o assunto que os levara à presença do famoso extraterrólogo. As faces deste avermelharam-se de entusiasmo, à medida que o escutava.

– Transferência da massa! – exclamou finalmente.

– Assisti à experiência.

– E só agora me revela!

– Tinha prometido guardar segredo. A descoberta foi efetuada por um homem um pouco… singular.

– Transferência da massa… – volveu Urth. – O único meio decente para um homem civilizado se deslocar sem esforço de espécie alguma. Se me encontrasse presente…

Mas o hotel fica a mais de quarenta quilômetros daqui.

– Nunca ouviu falar nos aero-flutuadores? – interpôs Ryger, com uma ponta de iro-nia.

– Vejo que não o puseram ao corrente da minha fobia – replicou o extraterrólogo. – Detesto todos os meios de locomoção. Só ando a pé, o que me impõe certas limitações, como compreenderá. Mas voltemos ao vosso problema. Antes de nos aventurarmos mais longe, algum dos três deseja confessar?

– Está de qualquer modo associado à Polícia? – perguntou Taliaferro, assolado por uma inspiração repentina.

– Oficialmente, não. Todavia, possuo conhecimentos em vários círculos influentes.

– Nesse caso, vou transmitir-lhe determinadas informações que poderá repetir às autoridades.

Urth serviu-se da fralda da camisa para limpar as lentes dos óculos e proferiu: – Sou todo ouvidos.

– Quero revelar-lhe quem se encontrava presente quando Villiers morreu e aproveitou o ensejo para registar a comunicação no seu esquadrinhador.

– Perfeitamente.

– O culpado é, obviamente, o Dr. Hubert Mandel – proclamou Taliaferro.

O visado arregalou os olhos, ao mesmo tempo que principiava a respirar com dificuldade.

– Espero que possua provas do que afirma.

– Deixe ouvir o resto, Hubert – rogou Urth.

Esforçando-se por dominar a voz, Taliaferro prosseguiu: – A evidência afigura-se-me clara. Éramos quatro ao corrente da transferência da massa, mas apenas um, o Dr. Mandei, assistira a uma demonstração. Portanto, sabia que se tratava de um fato e que existia um documento descrevendo-o. Quem visitou Villiers à meia—noite, o viu sucumbir ao primeiro colapso e registou no seu esquadrinhador o texto da comunicação, ficou decerto assombrado ao inteirar-se de que regressava aparentemente à vida e falava pelo telefone. Nessa altura, o nosso criminoso compreendeu que necessitava de se desembaraçar da prova comprometedora: o filme ainda não revelado. E precisava faze-lo de modo que não fosse encontrado, a fim de o recolher mais tarde, quando já não existisse o perigo de se tornar suspeito. O lado de fora do peitoril da janela era o lugar ideal, e não perdeu tempo em depositá-lo lá.

– Mas qualquer dos senhores poderia proceder do mesmo modo – argumentou o extraterrólogo.

– Engana-se – tornou Taliaferro. – Repare que a janela foi aberta e o filme colocado ao ar

livre. Ora, Ryger viveu dez anos no planeta Ceres, Kaunas em Mercúrio e eu na Lua. Ontem, antes de Villiers nos visitar, trocamos impressões sobre a dificuldade em nos readaptarmos ao ambiente terrestre. Os mundos em que permanecemos ultima-mente não possuem ar respirável. A exposição sem a proteção adequada afigura-se-nos inadmissível. Nenhum de nós abriria a janela sem prolongada luta íntima. No entanto, o Dr. Mandel tem permanecido exclusivamente na Terra e não experimentaria a mínima relutância em fazê-o. Ergo, é o culpado.

Reclinou-se na poltrona e esboçou um sorriso de satisfação.

– Deve ter sido isso, com a breca! – bradou Ryger.

– Nego energicamente semelhante acusação! – protestou Mandei. – Esquece a gravação das palavras que Villiers proferiu pelo telefone? Mencionou claramente o termo «condiscípulo».

– Estava moribundo e o senhor mesmo admitiu que a maior parte do que disse era ininteligível – retrucou Taliaferro. – Afinal, uma gravação de uma voz alterada pelo estertor da morte não é muito difícil de simular.

– Basta, basta – interveio Urth em tom conciliador. – É uma teoria engenhosa, Dr. Taliaferro, mas tomba pela base sob o seu próprio peso. Não vê que Hubert Mandel fez demasiado, para ser o criminoso?

– Confesso que não.

– Repare que, se ele provocasse a morte de Villiers ou o encontrasse morto e apro-veitasse a circunstância para se apoderar da descoberta, teria de fazer pouquíssimo.

Para quê esquadrinhar o texto da comunicação ou até simular que alguém o efetua-ra? Bastar-lhe-ia levar o documento, pois existiam fortes motivos para supor que Villiers não divulgara o assunto a outrem. Mesmo que Mandel soubesse que os antigos condiscípulos da vítima tinham ouvido mencionar o facto, estes dispunham unicamente da palavra de um louco como prova de que falara verdade.

«Por conseguinte, as atividades a que se dedicou a partir do instante em que anunciou a destruição da comunicação só serviriam para torná-lo suspeito, quando lhe bastaria conservar-se calado para haver praticado um crime quase perfeito. Se fosse o criminoso, teria procedido como um imbecil completo, e asseguro-lhe que não se trata de um tolo.

– Nesse caso, quem é o culpado? – inquiriu Ryger.

– Um dos três.

– Mas qual?

– É óbvio. Determinei a identidade do criminoso assim que Mandel concluiu a descrição dos fatos. Antes do mais, quero frisar um ponto. O segredo da transferência da massa ainda se pode recuperar.

– Como? – perguntou Mandel, arqueando as sobrancelhas.

– Quem esquadrinhou o documento deve ter lido o que registava. Portanto, se o submetermos à psico-sonda, extrair-lhe-emos aquilo que o cérebro fixou. – Urth olhou à sua volta. – O culpado deseja confessar? – Após um prolongado silêncio, continuou: – Muito bem. Nesse caso, indicá-lo-ei. O Dr. Taliaferro frisou que o filme foi escondido no lado de fora do

peitoril da janela para que ninguém o descobrisse.

Todavia, por que motivo imaginaria o criminoso que semelhante lugar seria um esconderijo seguro? A Polícia não deixaria de procurar aí. Mesmo sem a presença das autoridades, houve quem o encontrasse. Quem suporia o contrário? Obviamente, alguém que tivesse vivido muito tempo num mundo sem ar respirável.

«Para quem se achasse habituado ao ambiente lunar por exemplo, um objeto oculto fora da Cúpula do nosso satélite não correria o perigo de ser encontrado. Os seres humanos raramente se aventuram ao exterior e apenas o fazem no cumprimento de missões especiais. Por conseguinte, evitaria abrir a janela e expor-se àquilo que, sub-conscientemente lhe pareceria o vácuo… a menos que pretendesse esconder um objeto no exterior, pois nessa eventualidade pensaria que ninguém se lembraria de procurá-lo num ambiente que o subconsciente lhe fazia supor irrespirável.

– Por que aludiu à Lua? – quis saber Taliaferro.

– Apenas para exemplificar. O que acabo de dizer aplica-se aos três indistintamente. Mas passemos ao ponto crucial: a noite em que Villiers morreu. Mesmo que considerassem o exterior do peitoril como um esconderijo seguro, qual dos três cometeria a loucura de o julgar o local apropriado para um filme não revelado? Assim que os raios solares lhe incidissem, ficaria irremediavelmente destruído. Contudo, suponha-mos que o criminoso não admitia a possibilidade de amanhecer jamais. Afigurava-se-lhe que a noite era, por assim dizer, imortal.

– Espere um momento – atalhou Kaunas.

– Não há necessidade de esperar por coisa alguma – volveu Urth. – Mercúrio é o único planeta conhecido do sistema solar que volta sempre a mesma face para o Sol Mesmo entrando em linha de conta com a libração, três oitavos da sua superfície mantêm-se permanentemente nas trevas e o Observatório Polar situa-se nessa zona. Durante dez anos, habituou-se às noites imortais, Dr. Kaunas, e um filme que fosse abandonado no exterior não correria o menor perigo de se inutilizar.

«Consoante Mandei referiu no início da nossa conversa, o senhor soltou um grito no momento em que ele ajustou o polarizador do quarto de Villiers e a claridade penetrou pela janela. Precipitou-se para a frente no intuito de alterar a posição do polarizador, ou para contemplar o filme destruído pelos raios solares?

– Procurei-o unicamente para conversarmos, mas ele encolerizou-se e sofreu um colapso – confessou Kaunas em voz trémula. – Julguei-o morto e tratei de registar o texto do documento com o esquadrinhador. No entanto, juro que não o visitei com semelhante intenção! – E tombou de joelhos, soluçando convulsivamente.

O carro celular levara Kaunas, e os três homens preparavam-se para abandonar as instalações de Wendel Urth.

– Espero que não me guarde rancor – observou Taliaferro, voltando-se para Mandel.

– Julgo preferível para todos esquecermos o que se passou nas últimas vinte e quatro horas – replicou o outro, secamente.

– Falta abordar a questão dos meus honorários – lembrou Urth, com um sorriso.

Vendo que Mandel o fitava com estranheza, apressou-se a acrescentar: – Não se trata de dinheiro. Quando a transferência da massa for possível para os seres humanos, quero que me proporcionem uma viagem.

– Ainda faltam muitos anos para que os deslocamentos através do Espaço sejam possíveis.

– Não exijo tanto. Contento-me com uma visita a Lower Falls, New Hampshire.

– Por que escolheu esse local?

O extraterrólogo exibiu subitamente uma expressão mista de ansiedade e timidez.

– Conheci uma moça de lá, há vários anos. Passou muito tempo, mas nunca se sabe…

ESTOU EM PORTO MARTE SEM HILDA

Tudo se desenrolou como num sonho, sem que eu tivesse necessidade de intervir diretamente. Limitei-me a assistir ao desenrolar dos acontecimentos. Tanta facilidade devia bastar para que pressentisse uma catástrofe, mas às vezes confio em excesso na minha boa estrela.

O caso principiou com o meu habitual mês de folga entre duas missões. Mês sim, mês não, constitui a rotina de trabalho normal para os agentes do Serviço Galático, e desembarquei em Porto Marte para os usuais três dias de repouso antes do salto final para a Terra.

Normalmente, Hilda (que Deus a abençoe), esposa dócil e terna em extremo, estaria à minha espera, a fim de desfrutarmos um interlúdio aprazível. No entanto desta vez minha sogra (que Deus a abençoe também, para variar) adoeceu dois dias antes de eu chegar a Porto Marte e, na noite que precedeu o desembarque, recebi um espaçograma de Hilda anunciando que tinha de permanecer na Terra ao lado da mãe, pelo que não me poderia fazer companhia.

Enviei a resposta com prontidão, deplorando o fato e formulando votos para que minha sogra melhorasse e, quando desembarquei: estava em Porto Marte sem Hilda.

Após breve ponderação do caso, resolvi contactar com Flora, protagonista de certos episódios esporádicos do meu passado, pelo que entrei numa cabina de vídeo sem me preocupar com a despesa envolvida. Entretanto, receava encontrá-a ocupada, com o videofone desligado ou possivelmente morta.

Contudo, nada disso aconteceu e a sua imagem surgiu no écran com prontidão.

Não me detenho a descrevê-a, porque além de me faltarem as expressões apropriadas, os contos têm um limite, para além do qual se transformam em romances. Basta sublinhar que as costuras magnéticas do seu roupão metálico… Mas, não. Passemos a assuntos de interesse geral.

– Max! – exclamou, com aquela voz que… Lá me deixava arrastar novamente pelo entusiasmo. – Há anos que não te via

– É verdade, Flora, mas agora aqui me tens ao teu dispor. Sabes uma coisa? Estou em Porto Marte sem Hilda!

– Coitado! Então, vem pra cá.

Percorreu-me um arrepio de satisfação, que se concentrou especialmente em toda a extensão da coluna vertebral.

– Não me digas que estás livre!

Abro um pequeno parêntese para esclarecer que Flora só se achava disponível desde que o interessado a prevenisse com várias semanas de antecedência. Por isto podem fazer uma pálida ideia da natureza dos seus atributos físicos. Acerca dos mo-rais, julgo preferível não me alongar em considerações.

– Tinha uma coisa combinada, mas cancelo facilmente. Podes avançar.

– Não precisas repetir – balbuciei, esforçando-me por não embaciar o écran com a combinação do meu calor e umidade que saturava a atmosfera.

Afigura-se-me conveniente introduzir novo parêntese. Flora possuía um apartamento luxuoso no qual existia a gravidade marciana, ou seja, 0,4 da da Terra. Se al-guém que ler estas linhas já teve nos braços uma moça num ambiente de semelhante gravidade, não necessita que lhe explique as vantagens de uma comodidade dessa natureza. Quanto aos outros, quaisquer explicações resultariam exíguas, e diga-se de passagem que lamento profundamente o seu infortúnio.

Cortei a ligação precipitadamente, no intuito de reduzir ao mínimo o tempo que me separava do instante em que a veria pessoalmente, e abandonei a cabina. Foi nessa altura que a catástrofe começou a rondar-me.

Rog Crinton, da delegação do Serviço Galáctico em Marte, tão mal encarado como sempre, ou porventura um pouco mais, postou-se na minha frente, como um cobra-dor de impostos possuidor do dom da ubiquidade.

– Que demônio pretendes de mim? – rosnei polidamente. – Previno-te de que estou com pressa, porque tenho um encontro marcado.

– Sim, tens um encontro comigo – retrucou com um sorriso mefistofélico. – Descobri um trabalhinho para ti.

Soltei uma risada maquiavélica e revelei-lhe, com abundantes pormenores anatômicos, onde podia meter o seu trabalhinho, oferecendo-me de caminho para lhe fornecer um martelo destinado a facilitar a operação.

– É o meu mês de férias, camarada – acrescentei.

– Trata-se de um caso de emergência… camarada.

– Sê compreensivo, homem. Tenho um assunto urgentíssimo para resolver.

– Não tanto como este.

– Por que não arranjas outro tipo para a missão?

– És o único agente de primeira classe em Marte.

– Chama um da Terra. Há montes deles à boa-vida na Central.

– Isto tem de ser solucionado antes das onze horas da noite. Não me digas que não dispões de três horas?

– Bom. – Apertei a cabeça entre as mãos. – Mas primeiro deixa-me fazer uma chamada. Sem assistência! – frisei, fechando-lhe a porta da cabina na cara dele.

O rosto de Flora surgiu no écran, como uma miragem num asteroide – Há alguma novidade, Max? Não me venhas dizer que mudaste de ideias, porque acabo de cancelar o outro encontro.

– Nada disso, querida – articulei com um sorriso que devia ser amarelo. – Não faltarei. Mas apareceu uma coisa…

– Outra mulher?

– Que ideia! Não pode haver outra numa cidade onde te encontres. É um assunto de serviço. Mas garanto-te que não demora praticamente nada.

– Bom – aquiesceu num tom que deixava transparecer uma ponta de desapontamento. – Mas vê se te apressas, sim?

Desliguei e saí da cabina.

– Pronto, grande cretino – vociferei a Rog.– Explica lá que embrulhada concebeste para me oferecer.

Instalamo-nos num «reservado» do bar do espaçoporto e Rog anunciou: – O Gigante de Antares chega de Sírio às oito horas; dentro de trinta minutos, portanto.

– E depois?

– Entre outros, desembarcarão três homens, os quais aguardarão o Papa-Espaço da Terra das onze horas, partindo para Capela pouco depois. Assim que subirem para o Papa-Espaço ficarão fora da nossa jurisdição.

– Adiante.

– Entre as oito e as onze, encontrar-se-ão numa sala de espera especial e tu estarás com eles. Trouxe uma imagem tridimensional de cada um, para que os reconheças sem dificuldade. Dispões de três horas para determinar qual dos três transporta contrabando.

– De que espécie?

– Espaciolina alterada.

– Espaciolina alterada?

Tenham paciência, mas vou abrir mais um parêntese. Todas as pessoas que efetuam uma viagem espacial pela primeira vez necessitam de ingerir uma dose de Espaciolina, para evitar as vertigens associadas à queda livre e psicoses permanentes e mergulhar o passageiro num estado de apatia, que todavia não origina efeitos secundários graves. Quem quiser viajar comodamente, deve tomar… Mas isto não é um programa publicitário.

– Precisamente: Espaciolina alterada – confirmou Rog. – Pode ser modificada quimicamente, por meio de uma reação simples efetuada em qualquer sótão, numa droga de potência elevada perigosa como o alcaloide mais hediondo.

– E só agora é que nos inteiramos?

– Não. O Serviço Galático estava ao corrente do assunto há vários anos e evitamos que os outros tomassem conhecimento do fato. Mas agora, o mal começa a se alas-trar de forma alarmante.

– Em que sentido?

– Um dos três homens que aguardarão neste espaçoporto traz consigo uma quantidade substancial de Espaciolina. Os químicos de Capela, que se situa fora da nossa jurisdição, tratarão de analisá-la e estabelecer meios de sintetizá-la. A partir desse momento, surgirá o dilema de aniquilarmos a maior ameaça de drogas de todos os tempos suprimindo o mal no

seu ponto de partida, ou enfrentando um perigo irresistível.

– Queres dizer: suprimir radicalmente o uso da Espaciolina?

– Exatamente. O que equivalerá a pôr termo às viagens espaciais.

Considerei oportuno perguntar:

– Qual dos três transporta o produto?

O sorriso mefistofélico de Rog assumiu laivos de positivo sadismo.

– Se o soubéssemos, não te incomodávamos. É o que deves averiguar.

– Chamaste-me unicamente para revistar três pessoas?

– Se tocares num inocente, arriscas-te a um corte de cabelo até à laringe. Todos eles são individualidades importantes nos respectivos planetas. Chamam-se Edward Harponaster, Joaquin Lipsky e Andiamo Ferrucci.

Não se equivocava. Os nomes eram-me familiares, e chamar-lhes importantes consistia em ficar aquém da verdade. Em todo o caso, argumentei: – Parece-te que fulanos tão ricos se iam sujar por?…

– Há trilhões de créditos envolvidos. Portanto, qualquer deles nem olharia para trás. E não restam dúvidas de que um está implicado no assunto, segundo Jack Hawk descobriu antes de morrer.

– Jack Hawk morreu?

– Sim. Liquidado por um desses tipos. Por conseguinte, trata de apurar qual. Se o fizeres antes das onze horas, conta com a promoção, um acréscimo de ordenado substancial e a salvação de toda a Galáxia. Se falhares e acusares um inocente, ocorrerá um incidente diplomático interestelar que te projetará na lista negra de todos os serviços secretos.

– E se não acusar ninguém?

– Equivalerá a indicares um inocente, pela parte que toca ao Serviço Galáctico.

– Resumindo: tenho de acusar alguém, mas só o culpado, de contrário servem-me a minha própria cabeça numa bandeja?

– Cortada em fatias delgadíssimas. Vejo que começas a entender a situação, prezado Max.

Embora a expressão natural de Rog seja suficiente para azedar o leite numa área de vários quilômetros, nunca exibira um ar tão hediondo como nesse instante.

Assim que o vi pelas costas, tratei de contactar novamente com Flora.

– Então? – inquiriu, assim que me viu no écran.

– É só para te dizer que talvez demore mais um bocadinho, querida. Mas te garanto que mal me despachar…

– Se adivinhasse…

– Não te impacientes, porque não faltarei. Quando nos virmos, darás por bem empregado o tempo que esperaste.

Sentia-me um pouco chateado, mas ainda não estava preocupado. Acabava de me separar de Rog, quando me ocorreu o método de identificar o culpado. Seria facílimo e bastariam cinco minutos, após o que me dirigiria velozmente para os braços de Flora.

Os grandes industriais raramente efetuam viagens espaciais, preferindo recorrer às comunicações transvideo para tratar de negócios. Portanto, quando efetuam um deslocamento a fim de participar em uma conferência, tomam doses apreciáveis de Espaciolina.

Assim, aquele que transportasse o contrabando não se arriscaria a ingerir o produto, porquanto sob a influência da Espaciolina poderia praticar algum ato involuntário, como jogar fora a droga ou falar demais. Em outras palavras, necessitaria conservar perfeito domínio sobre si mesmo.

Deste modo, tudo seria extremamente simples.

O Gigante de Antares chegou na hora e trouxeram Lipsky em primeiro lugar. Tinha lábios grossos, cabeça quadrangular e cabelo castanho com alguns vestígios grisalhos. Lançou-me um olhar baço e sentou-se com indiferença. Como sublinhei noutro lugar, a Espaciolina produz alheamento quase absoluto. Saudei-o e replicou com uma serie de palavras incoerentes habituais num indivíduo sob o efeito do produto.

Andiamo Ferrucci foi o seguinte. Usava bigode sob o efeito negro e tinha as faces marcadas pela varíola. A sua reação não diferiu da de Lipsky, quando lhe falei.

Por exclusão de partes, o culpado só podia ser Harponaster, e tratei de conservar a micro-pistola na palma da mão e o laço magnético preparado para a primeira emergência.

O terceiro suspeito era alto e magro, quase calvo e parecendo mais velho que na imagem tridimensional. Não precisei de muito tempo para verificar que estava tão Espaciolinado como os outros. Mastiguei uma imprecação, e principiava a deixar-me dominar pelo desespero quando me acudiu uma inspiração. Um deles fingia-se sob a ação do produto! Tornava-se simples simular o estado de apatia, como provavam os numerosos abusos verificados em transportes espaciais por indivíduos que se permitiam determinadas liberdades, atribuindo a causa à Espaciolina.

Olhei-os prolongadamente e experimentei um arrepio na coluna vertebral, agora por razões diferentes. Que aconteceria se eu não acusasse o culpado? Eram oito e meia, e Flora não me esperaria eternamente. Achava-me impossibilitado de revistá-los porque, embora não estivessem em condições de se opor, o fato ficar-lhes-ia vincado na memória e exerceriam as represálias apropriadas assim que o efeito da Espaciolina se extinguisse. Tentei obrigá-os a falar por várias vezes, mas apenas obtinha a torrente de palavras incoerentes. Entretanto, o culpado ria-se de mim intimamente.

Quando voltei a consultar o relógio eram já nove e um quarto e entrei na cabina a fim de tentar animar Flora.

– Ah, és tu? – articulou com uma expressão grave.

– Com certeza, querida. Quem esperavas?

– Várias pessoas. Alguém que não faltasse ao prometido.

– Ainda não consegui terminar o trabalho.

– Qual trabalho? Queres-me lançar areia aos olhos?

– Palavra de honra que, dentro de meia hora…

– Não tens vergonha de me deixares aqui sozinha?

– Garanto-te que não te arrependerás.

– Tinha um encontro marcado com alguém importante e cancelei-o por tua causa.

Afinal, estou aqui abandonada como uma leprosa. Já pensaste na minha reputação, quando o fato transpirar?

Proferi algumas palavras que considerei tranquilizadoras e cortei a ligação.

Regressei à sala de espera e sentei-me diante dos três suspeitos. À falta de melhor ocupação, entreguei-me a cogitações nas quais Flora desempenhava funções de destaque. Por fim, decidindo que nada tinha a perder, optei por falar dela.

– Meus senhores, existe uma garota nesta cidade, cujo nome me abstenho de mencionar para não a comprometer, que é um verdadeiro amor. Permitam-me que a descreva.

E tratei de o fazer. Já que me via impossibilitado de procurá-la, tentaria evocá-a com o maior realismo admissível, sem omitir o seu apartamento de baixa gravidade onde se experimentavam sensações incomparáveis, enquanto eles escutavam com a deferência que a Espaciolina insufla em todos os que a ingerem.

Finalmente, o altifalante anunciou a chegada do Papa-Espaço e um funcionário do espaçoporto surgiu para conduzir os três suspeitos à nave. Levantaram-se simulta-neamente e desfilaram para a saída. No momento em que Ferrucci passava junto de mim, pousei-lhe a mão no ombro e declarei:

– Você fica, seu assassino imundo. – E o laço magnético rodeou-lhe os pulsos antes que ele pudesse pestanejar.

Ferrucci debateu-se como um demônio, pois não se achava sob o efeito da Espaciolina. Descobriram o produto alterado em pequenos invólucros de plástico dispersos pelos bolsos.

Mais tarde, Rog, sorrindo e meio louco de alívio, perguntou-me: – Como o conseguiste?

– Depreendi desde o princípio que um deles se fingia sob o efeito da Espaciolina e resolvi… – Fiz uma pausa e considerei que não convinha divulgar determinados pormenores -…contar-lhes anedotas picantes. Dois escutaram-me com indiferença, mas Ferrucci começou a respirar com dificuldade e notei-lhe pequenas gotas de suor na fronte, reagindo como se não tivesse tomado Espaciolina. Convenci-me da sua culpabilidade e dei-lhe voz de prisão quando se preparava para embarcar. – Sem transição, pedi: – Importas-te de me passar um cheque de mil créditos, para umas despesas urgentes?

– Até dez mil, se quiseres.

– Já que insistes…

Entrei na cabina uma vez mais, estabeleci contacto com Flora para preveni-la de que não tardaria em estar junto dela, desliguei e pus-me a caminho.

– Max! Max! – gritou alguém, correndo ao meu encontro. – Rog Crinton disse-me que te

encontraria aqui. A mãezinha já está boa e meti-me imediatamente no Papa-Espaço para vir ter contigo. Que história é essa de dez mil créditos?

– Olá, Hilda – articulei sem me voltar, refletindo que Flora necessitaria de continuar a aguardar, agora mais prolongadamente.

Por fim, rodei nos calcanhares e cometi um dos atos mais difíceis da minha vida.

Sorri.

OS ABUTRES BONDOSOS

Havia já quinze anos que os hurrianos mantinham sua base na face invisível da Lua.

Era alga sem precedentes; inaudito. Nenhum hurriano poderia nem sonhar que os enganariam tanto tempo. As esquadrilhas de descontaminação estavam dispostas e esperando durante aqueles quinze anos; prontas para descer com exalações através das nuvens radioativas e salvar o que pudesse salvar-se para os escassos sobreviventes… Em troca, naturalmente, de um pagamento justo e equitativo.

Porém o planeta havia girado quinze vezes em torno do seu sol. Cada vez que completava uma revolução, o satélite havia girado quase treze vezes em torno do planeta. E durante todo aquele tempo, a guerra nuclear não havia começado.

Os grandes primatas inteligentes faziam explodir bombas nucleares em diversos pontos da superfície do planeta. A estratosfera do mesmo estava esquentando extraordinariamente com despejos radioativos. Porém a guerra seguia sem estalar.

Devi-en desejava com toda sua alma que o aliviassem. Era o quarto capitão que se achava à frente daquela expedição colonizadora (se ainda se podia continuar sendo chamada assim, depois de quinze anos de animação suspensa), e nada lhe havia ale-grado mais que um quinto capitão viesse substituí-lo. A iminente chegada do Arqui-administrador enviado pelo planeta mãe para que informasse pessoalmente sobre a situação, indicava que sua substituição, talvez, estivesse próxima. Tomara!

Achava-se sobre a superfície da Lua, metido em seu traje espacial e pensando em Hurria, seu planeta natal. Enquanto pensava, movia incansavelmente compridos e delgados braços, como se seu instinto milenar lhe fizesse ansiar pelas árvores ancestrais. Só se alçava noventa centímetros sobre o solo. O pouco que podia ver-se dele, através do visor transparente do seu capacete, era um rosto negro e aveludado, de fronte enrugada e nariz carnoso e móvel. A pequena mecha de pelos finos que formava sua barba contrastava vivamente, pois era de um branco puríssimo. Na parte traseira do escafandro, um pouco mais abaixo do centro, via-se um bojo destinado a alojar comodamente a curta e grossa cauda dos hurrianos.

Devi-en não se preocupava minimamente por sua aparência, é claro, porém se dava conta perfeitamente das diferenças que separavam os hurrianos das restantes inteligências da galáxia. Somente os hurrianos eram tão pequenos; unicamente eles possuíam cauda e eram vegetarianos…, e somente eles se haviam salvo da inevitável guerra nuclear que havia destruindo as demais espécies racionais conhecidas.

Erguia-se na planície amurada de muitos quilômetros de extensão…, tão vasta na realidade, que sua borda elevada e circular (que em Hurria seria chamada de uma cratera, se fosse menor) perdia-se atrás do horizonte. Junto à parede meridional do circo, em lugar bastante protegido da ação direta dos raios solares, havia crescido uma cidade. É claro, começou como um acampamento provisório, porém, com o transcurso dos anos, os hurrianos trouxeram

fêmeas de sua espécie e nasceram filhos. Atualmente havia ali escolas e complicadas plantações hidropônicas, grandes depósitos de água e tudo quanto era necessário para abastecer uma cidade em um mundo sem ar.

Era ridículo! E tudo porque um planeta que tinha armas atômicas não se decidia a desencadear uma guerra.

O Arqui-administrador, cuja chegada era iminente, se faria sem dúvida a mesma pergunta que Devi-en se havia formulado em um incontável número de vezes: Porque não havia sido iniciada uma guerra nuclear?

Devi-en observou como os toscos e pesados mauvs preparavam o terreno para a aterrissagem, alisando as desigualdades do mesmo e estendendo a capa protetora de cerâmica, destinada a absorver o empuxo hiperatômico que se exerceria conta o campo, com o fim de evitar o menos incômodo para os passageiros que ocupariam a astronave.

Mesmo cobertos por seus escafandros espaciais, os mauvs aparentavam força, po-rém era unicamente força muscular. Mais além via-se a figura de um hurriano dando ordens, que os mauvs obedeciam com docilidade, naturalmente.

A raça mauviana era a única, entre as restantes espécies de grandes primatas inteligentes, que pagava tributo com algo completamente insólito: sua contribuição pessoal, em lugar de enviar artigos de consumo. Aquilo constituía um tributo verdadeiramente útil, melhor que o aço, o alumínio ou as especiais.

Uma voz ressoou no receptor de Devi-en:

– Avistamos a nave, Senhor. Aterrissará antes de uma hora.

– Muito bem, disse Devi-en. Que preparem meu carro para levar-me à nave, enquanto iniciam a aterrissagem.

Algo lhe dizia que as coisas não iam muito bem.

Apareceu o Arqui-administrador, escoltado por um séquito de cinco mauvs, sua guarda pessoal. Penetraram na cidade com ele, um de cada lado e três fechado a marcha. Ajudaram-no a despojar-se de seu escafandro e logo tiraram os seus.

Seus corpos quase sem pelos, suas largas e toscas feições, seus narizes aplastados e pomos faciais salientes, eram repulsivos porém não causavam espanto. Embora tivessem o dobro da estatura dos hurrianos e fossem muito mais fornidos que estes, havia uma docilidade em seu olhar, algo tão submisso em seu aspecto, que não inspiravam temos, apesar de seus grossos e musculosos troncos e seus poderosos braços, que pendiam desamparados.

O Arqui-administrador os despediu com um gesto e eles se foram como um bando de cães obedientes. Na realidade, ele não necessitava da sua proteção, porém o cargo que ostentava requeria um séquito de cinco mauvs, e tinha que ater-se ao protocolo.

Nem durante a refeição, nem durante o interminável ritual de boas vindas, falaram de assuntos de Estado, porém quando chegou o momento que era mais adequado para ir dormir, o Arqui-administrador acariciou a barbicha com seus pequenos dedos e perguntou:

– Quanto tempo teremos que esperar ainda por este planeta, Capitão?

Devi-en observou que estava muito envelhecido. O pelo de suas extremidades superiores era grisalho e as mechas dos cotovelos eram semelhantes, em brancura, com sua barba.

– Não saberia dizê-lo, Alteza – repôs Devi-en humildemente. – Não seguiram o caminho costumeiro.

– Isto salta à vista. O que eu pergunto é porque não o seguiram. O Conselho opina que teus informes prometem mais que dão. Falas de teorias, porém não de dás nenhum detalhe. Tens que saber que em Hurria já começamos a ficar fartos deste assunto. Se sabes algo que todavia não nos hás comunicado, agora é o momento de dizer-me.

– A questão é difícil de demonstrar, Alteza. Nunca havíamos podido observar uma raça durante tanto tempo. Até muito recentemente não nos dedicávamos a observar o que importa. Todos os anos acreditávamos que a guerra se iniciaria de um momento para outro, e somente desde que eu sou capitão nos temos dedicado a estudar com maior intensidade a essa gente. Uma das poucas vantagens que nos trouxe essa longa espera foi que pudemos aprender bem alguns de seus principais idiomas.

– Ah sim? Sem ao menos desembarcar no planeta?

Davi-en explicou:

– Algumas de nossas naves que penetraram na atmosfera planetária em missões de observação, particularmente durante os primeiros anos, captaram bastantes emissões de rádio. Utilizei nossos computadores linguísticos para decifrá-las, e ao largo do ano passado comecei a formar uma ideia básica para compreende-las.

O Arqui-administrador olhava-o surpreso, contendo, a duras penas, uma exclamação de assombro, que teria sido completamente supérflua.

– E já descobriste algo interessante?

– É possível, Alteza, porém o que consegui averiguar é tão estranho e parece tão difícil obter provas palpáveis que eu não me atrevi a mencioná-lo em meus informes oficiais.

O Arqui-administrador entendeu. Muito rígido perguntou: – Lhe importaria em expor-me suas opiniões…, de um modo extra oficial?

– O farem com muito gosto, Senhor, – repôs imediatamente Devi-en. – Os habitan-tes deste planeta pertencem, é claro, ao grupo dos primatas superiores. E se acham animados por um espírito de luta, que cria ente eles inumeráveis rivalidades.

Seu interlocutor deixou escapar algo que parecia um suspiro de alívio, e passou rapidamente a língua pelo nariz.

– Por um momento – disse – havia cruzado meu cérebro a terrível ideia que estivessem desprovidos do espírito de luta que pudess.. Porém rogo que prossigas.

– Possuem espírito de luta e emulação. – disse-lhe Devi-en – E muito superior ao normal, lhe asseguro.

– Então, porque não se produz o curso natural dos acontecimentos?

– Até certo ponto, as coisas seguem o curso marcado, Alteza. Após o largo período de incubação costumado, começaram a mecanizar-se; e depois disso, as matanças normais entre primatas superiores se converteram em verdadeiras guerras destrutivas. Ao terminar seu mais recente conflito bélico em grande escala, surgiram as armas nucleares e a guerra terminou imediatamente.

O Arqui-administrador assentiu.

– E depois? – perguntou.

– Depois disto – repôs Devi-en -, o habitual seria que explodisse uma nova guerra, desta vez com armas atômicas, e durante a mesma teriam sido desenvolvidas rapidamente as armas nucleares, adquirindo um terrível poder destruidor, para ser utilizado ao estilo típico dos grandes primatas, com o resultado que teria reduzido a população, em um instante, a um punhado de sobreviventes famintos que subsistiriam penosamente em um mundo povoado de ruínas – Naturalmente, porém isso não aconteceu.

– Porque não aconteceu?

– Existe uma possível explicação. Uma vez metida pelo caminho da mecanização, esta raça progrediu com uma rapidez extraordinária.

– E então – repôs o dignatário hurriano -. O que isso importa? Desse modo descobriram as armas nucleares mais cedo.

– Correto, porém depois da última guerra mundial, continuaram aperfeiçoando suas armas nucleares com uma rapidez insólita. Esse é o inconveniente. A potência destas armas havia chegado a ser aterradora antes que a nova guerra houvesse tido tempo de começar, e agora a situação chegou a um ponto em que nem sequer estes belicosos primatas se atrevem a meter-se em uma guerra.

O Arqui-administrador abriu desmesuradamente seus olhinhos negros e redondos.

– Mas isto é impossível. Não me importa o talento técnico que possuam estes seres. A ciência militar só progride durante a guerra e graças a ela.

– Talvez não seja assim no caso destes seres em particular. Entretanto, ainda que assim fosse, o curioso do caso é que já estão metidos em uma guerra; não de verdade, porém guerra, apesar de tudo.

– Não de verdade, porém guerra apesar de tudo? – repetiu o Arqui-administrador, estupefato -. Que significa isso?

– Não sei com segurança – disse Devi-en, movendo o nariz com exasperação -. Aí é onde falham meus intentos em ordenar de uma maneira lógica as informações díspares que possuímos Neste planeta tem lugar o que eles chamaram uma Guerra Fria. Seja o que seja, é algo que impulsiona enormemente suas investigações, porém não provoca o aniquilamento nuclear.

– Impossível! – exclamou o Arqui-administrador – Aí está o planeta, Alteza. E aqui estamos nós. Quinze anos esperando.

O Arqui-administrador levantou seus compridos braços, cruzando-os sobre a cabeça até que

suas mãos tocaram o ombros opostos.

– Nesse caso, só existe uma solução. O Conselho levou em conta a possibilidade de que este planeta alcançou uma espécie de impasse, uma espécie de paz armada que se mantém em equilíbrio à beira de uma guerra nuclear. Algo parecido ao que acabas de descobrir, embora nenhum tenha dado os argumentos que tu apresentaste. Porém é uma situação admissível.

– Sim, Alteza?

– Sim – repôs o Arqui-administrador, fazendo um esforço visível -. Quanto mais tempo se prolongue esta situação de equilíbrio, maiores serão as possibilidades para que algum primata superior descubra a maneira de efetuar viagens interestelares. Então, esta raça se esparramaria pela galáxia, à qual aportaria suas lutas e rivalidades. Compreendes?

– E que temos que fazer então?

O Arqui-administrador afundou a cabeça entre os braços, como se nem ele mesmo quisesse ouvir o que ia dizer. Com voa afogada, disse: – Para tirar-lhes do precário equilíbrio em que se encontram, Capitão, não há mais remédio que dar-lhes um empurrão. E isso faremos nós.

O estômago de Davi-en revolveu-se e a ceia que havia ingerido lhe subiu à garganta, produzindo náuseas.

– Nós lhes daremos o empurrão, Alteza?

Sua mente se negava a admitir aquela monstruosa possibilidade.

Porém o Arqui-administrador lhe disse sem rodeios: – Lhes ajudaremos a começar sua guerra atômica. – Parecia dominado pela mesma repugnância e desgosto que que afetavam Devi-en. Num sussurro acrescentou; – Não temos mais remédio.

Devi-en estava quase sem fala. Também, num sussurro, perguntou: – Porém, como pode fazer-se uma coisa tão horrível, Alteza?

– Não sei… E não me olhes assim. A decisão não depende de mim. Corresponde ao Conselho. Estou certo que compreenderá as consequências que teria para a galáxia a irrupção no espaço de uma raça de grandes primatas inteligentes e poderosos, não pacificada por uma guerra nuclear.

Devi-en estremeceu ante esta perspectiva. O espírito de luta e emulação solto pela galáxia… Mesmo assim , insistiu:

– Porém, como se começa uma guerra nuclear? Como se Faz?

– Ignoro-o completamente, já te disse. Porém deve existir alguma norma; talvez uma…, uma mensagem que pudéssemos enviar… Ou uma tempestade que pudéssemos impulsionar reunindo informações nublosas… Podemos alterar consideravelmente suas condições meteorológicas, se nos propusermos a tal.

– Porém, crê, Alteza, que isto bastaria para originar uma guerra nuclear? – perguntou Devi-en, cético.

– Talvez não. Mencionei unicamente como um exemplo. Porém esses primatas sabem. Leve em conta que são eles que iniciam as guerras nucleares de verdade. Isso se acha impresso no

seu cérebro. E agora vem a decisão principal adotada pelo Conselho.

Devi-en notou o leve ruido que fazia sua cauda ao golpear suavemente a adeira.

Tentou evitá-lo sem conseguir.

– Qual é a decisão, Alteza?

– Capturar um primata superior na própria superfície do planeta. Raptá-lo.

– Um primata selvagem?

– No momento, no planeta só existem primatas selvagens. Ao menos não foram ainda domesticados.

– E o que o Conselho acredita que conseguiremos com isto?

Devi-en afundou a cabeça todo quando pode entre seus ombros. Tremia-lhe a pele das axilas pela repulsa que experimentava. Capturar um daqueles grandes primatas selvagens! Tentou imaginar um deles, ainda não domesticado pelos embrutecedores efeitos e uma guerra nuclear, e ainda não alterado pela civilizadora eugenia hurriana.

O Arqui-admnistrador não fez a menor tentativa em ocultar a evidente repulsa que ele também sentia, porém disse:

– Irás à frente da expedição de captura, Capitão. Pense que é pelo bem da galáxia.

Devi-en havia visto bastantes vezes o planeta, porém cada vez que rodeava a Lua com sua nave e aquele mundo aparecia em seu campo de visão, lhe dominava uma onda de insofrível nostalgia

Era um planeta formoso, muito semelhante a Hurria, quanto às dimensões e características, porém mais selvagem e grandioso. Sua contemplação, feita da desolada Lua, causava uma impressão extraordinária.

Perguntou-se quantos planetas como aquele figurariam então nas listas de colonização dos hurrianos. Quantos outros planetas existiriam, a respeito dos quais os grupos de meticulosos observadores comunicariam mudanças de aparência periódicos, que poderiam interpretar-se como causados por sistemas de cultivo artificiais de plantas alimentícias? Quantas veze no futuro chegaria um dia em que a radioativida-de na alta atmosfera de um daqueles planetas começaria a subir, quando que as esquadrilhas de colonização partiriam resolutamente ao observar aqueles sinas inequívocos?

… Como era o caso daquele planeta.

Causava verdadeira pena a confiança com que os hurrianos procederam a princí-

pio. Devi-en tinha rido com vontade ao ler aqueles primeiros informes, se não estivesse ocupado na mesma empresa. As navezinhas de exploração dos hurrianos haviam se acercado do planeta para recolher dados geográficos e localizar os centro populacionais. Foram logo avistador, porém isso já pouco importava,estando tão próxima, como eles acreditavam, a explosão final.

Tão próxima?… Foram passando os anos e as navezinhas de reconhecimento co-meçaram a

adotar maiores precauções, e se afastaram do planeta.

A nave de Devi-en também avançava cautelosamente naquela ocasião. Seus tripulantes estavam muito nervosos por causa do caráter repelente que tinha aquela missão; por mais que Devi-en lhes assegurasse que não pensavam em causar dano ao grande primata que iam capturar, eles se mostravam inquietos. Ainda assim tinham que proceder com calma. A captura tinha que efetuar-se em um lugar deserto. Assim, permaneceram vários dias na nave, imóveis a uma altura de dezesseis quilômetros, pairando sobre uma região fragosa, deserta e inculta. À medida que transcorria o tempo, o nervosismo da tripulação aumentava. Somente os estólidos mauvs conservavam a calma.

Até que um dia a tela lhes mostrou um daqueles seres, que avançava só por um terreno desigual, com um comprido bastão em uma mão e uma mochila nas costas.

A nave desceu silenciosamente, a velocidade supersônica. O próprio Devi-en, como pelo eriçado, empunhava os controles.

Puderam ouvir o que aquele ser dizia das coisas antes que o capturassem, e estas frases foram os primeiros comentários registrados para serem analisados mais tarde com o computador mentálico.

A primeira frase, pronunciada pelo grande primata quando este avistou a nave quase em cima da sua cabeça, foi captada pelo telemicrofone direcional, e foi a seguinte: – Meu Deus! Um disco voador!

Devi-en compreendeu a segunda parte da frase. Era assim como os grande primatas denominavam as naves hurrianas; aquele termo havia sido posto em voga durante aqueles anos de observação descuidada.

Aquela criatura selvagem pronunciou sua segunda frase quando a embarcaram na nave, debatendo-se como uma fera porem sem poder livrar-se do férreo abraço dos imperturbáveis mauvs.

Devi-en, arfante, com seu nariz carnoso tremendo ligeiramente, adiantou-se para recebê-lo, e aquele ser (cuja face desagradável e sem pelos estava coberta de uma secreção oleosa) vociferou:

– Era o que faltava! Um macaco!

Devi-en compreendeu também a segunda parte da frase. Com aquela palavra se designava uma espécie de pequenos primatas em um dos principais idiomas do planeta.

O cativo, de uma selvageria extraordinária, era quase impossível de manejar. Foi necessária infinita paciência antes de poder dirigir-lhe a palavra de uma maneira ra-zoável. A princípio sofria crises atrás de crises. O primata se deu conta quase imediatamente que o levavam da Terra, e o que Devi-en acreditava ser uma emocionante experiência para ele, resultou ser tudo ao contrário. Passava o tempo falando dos seus filhos e de uma fêmea.

«Tem mulheres e filhos – pensou Devi-en, cheio de compaixão -, e à sua maneira os ama, pois são primatas superiores.»

Logo teve que fazê-lo compreender que os mauvs, que o custodiavam e o sujeita-vam quando seus acessos de violência se faziam necessários, não lhe fariam dano, e que ninguém pensava

em maltratá-lo.

(Devi-en sentia náuseas ante a ideia que um ser racional pudesse causar dano a outro. Era-lhe difícil, dificílimo, falar daquele tema,embora só fosse para admitir a possibilidade por um momento e negá-la em seguida. O ser arrebatado daquele planeta considerava com grande suspeita aquelas hesitações. Aqueles grandes primatas eram assim.)

Durante o quinto dia, quando talvez por causa do seu esgotamento aquele ser permaneceu muito tempo tranquilo, Devi-en pode falar com ele em seu próprio camarote, e logo ele se encolerizou quando o hurriano se pôs a explicar, sem dar a maior importância à coisa, que eles esperavam que explodisse uma guerra nuclear.

– Então vocês estão esperanto isto, eh? – gritou aquele ser -. O que os faz estar tão seguros de que haverá uma guerra?

Devi-en não estava seguro de si, claro, porém respondeu: – Sempre acaba por produzir-se uma guerra nuclear. Nós nos propomos em vir em sua ajuda depois dela.

– Depois dela, eh?

Começou a proferir palavras incoerentes. Moveu os braços com violência e os mauvs postados junto dele tiveram que sujeitá-lo com suavidade e levá-lo.

Devi-en suspirou. Já tinha uma boa coleção de frases pronunciadas pelo primata…

Talvez o computador conseguisse desentranhar algo graças a elas. Quanto a ele, as achava completamente disparatadas.

Além disso, aquele ser não medrava. Seu corpo estava quase totalmente desprovido de pelo, coisa que a observação a longa distância não havia revelado, devido às peles artificiais com que se cobriam, fosse para gerar calor ou por causa da repulsão instintiva que aqueles grandes primatas experimentavam pela epiderme desprovida de pelo.

Fato surpreendente: no rosto daquele ser havia começado a brotar um cabelo parecido ao que cobria o rosto do hurriano, embora mais abundante e mais escuro.

Porém o principal era que não medrava. Havia emagrecido muito, pois apenas provava uns bocados, e se aquilo durasse muito, sua saude se ressentiria. Devi-en não queria de modo algum, assumir aquela responsabilidade.

No dia seguinte, o grande primata se mostrava muito calmo. Quase falava com animação, voltando ao tema da guerra nuclear, que era o que mais parecia interessá-lo. (Que atração tão terrível exercia aquele tema sobre a mente dos grandes primatas!, disse consigo Devi-en) – Dizem que sempre acaba produzindo-se a guerra nuclear? – disse o primata – Isto significa que existem outros seres além de nós, vocês e… eles?

Indicou os mauvs, postados junto dele.

– Existem milhares de espécies inteligentes, que habitam em milhares de mundos. Muitos milhares – respondeu Devi-en.

– E todos eles têm guerras nucleares?

– Todos quantos tenham alcançado determinado nível técnico. Todos menos nós. Nós somos

diferente. Nos falta espírito de luta. Em troca, possuímos o instinto de co-operação.

– Quer dizer que vocês sabem que ocorrerão guerras nucleares e não fazem nada para evitá-las?

– Sim, fazemos o que podemos – respondeu Devi-en sentido -. Nos esforçamos por prestar-lhes ajuda. Nos antigos tempos do meu povo, quando descobrimos as viagens interplanetárias, não compreendíamos os grandes primatas, os quais rechaçavam sistematicamente nosso oferecimentos de amizade, até que renunciamos a continuar oferecendo-a, Foi então quando descobrimos mundos cobertos de ruínas radioativas. Até que por fim chegamos a um mundo envolvido em uma terrível guerra nuclear. Ficamos horrorizados, porém nada pudemos fazer. Pouco a pouco fomos descobrindo a verdade. Atualmente, já nos achamos em disposição de intervir em qualquer mundo que haja alcançado a era nuclear. Depois da guerra que o destrói, intervimos com nossos equipamentos de descontaminação e nosso analisadores eugênicos.

– Que são analisadores eugênicos?

Devi-en havia criado aquela expressão por analogia com o que conhecia do idioma daqueles primatas. Agora, medindo cuidadosamente suas palavras, contestou: – Regulamos as uniões e as esterilizamos para extirpar o possível instinto belicoso nos sobreviventes.

Por um momento acreditou que o primata ia mostrar novamente sua cólera. Porém em lugar disto, seu selvagem interlocutor disse com voa monótona:

– Convertem-nos em dóceis criaturas, certo?

E indicou novamente os mauvs.

– Não, não. Esses são diferentes. Simplesmente, conseguimos que os sobreviventes se contentem em viver no seio de uma sociedade pacífica, sem ambições de conquista, nem agressão, submetida à nossa égide. Sem esta premissa, se destruiriam mutuamente, como se destruíram, antes da nossa chegada.

– E vocês, que oferecem em troca disto?

Devi-en olhou com expressão de dúvida ao selvagem. Era verdadeiramente necessário explicar-lhe qual era o prazer fundamental da vida. Entretanto, lhe perguntou: – Não lhe satisfaz ajudar ao próximo?

– Prossiga. Deixando isso de lado, que ganham em troca?

– Naturalmente, Hurria recebe certos tributos.

– Ahá!

– Considero que o menos que pode fazer uma espécie que nos deve sua salvação é pagar-nos de alguma maneira – protestou Devi-en -. Além disso, temos que amortizar os gastos da operação. Não lhes pedimos muito, e sempre coisas que se adaptem à própria natureza do seu mundo. Por exemplo, pode ser um envio anual de madeira, se se trata de um mundo selvático; sais de manganês, em um mundo que o tenha… Como o mundo de onde procedem os mauvs é muito pobre em recursos naturais, se ofereceram a facilitar-nos certo número deles para que os empreguemos como ajudantes pessoais. Possuem uma força tremente, notável inclusive entre os grandes primatas, e os submetemos à ação de drogas indolores anti-cerebrais – Fazem

deles uma espécie de zumbis, então!

Devi-en conjecturou o significado daquela palavra, e respondeu com indignação: – Nada disso! Fazemos unicamente para que fiquem contentes com seu papel de servidores e se esqueçam de suas casas. Não queremos de modo algum que se sintam tristes! Tendo em conta que são seres inteligentes!

– E que fariam com a Terra, se nós iniciássemos uma guerra nuclear?

– Tivemos quinze anos para decidir – respondeu Devi-en -. Vosso mundo é muito rico em ferro e criou uma magnífica indústria siderúrgica. Me parece que lhe pediríamos ferro. – suspirou -. Porém nesse caso vossa contribuição não compensaria os gastos. Levamos pelo menos dez anos mais em nossa espera.

– A quantas raças impõem este tipo de contribuições? – perguntou-lhe o grande primata.

– Desconheço o número exato. Acho que uns mil.

– Então, vocês são os pequenos reis da galáxia, não lhe prece? Mil mundos se aniquilam para contribuir com o vosso bem estar. Além disso são outra coisa.

O selvagem começava a alçar a a voz, a qual adquiria um tom agudo.

– São uns abutres – declarou.

– Abutres – disse Devi-en, tentando recordar aquela palavra.

– Devoradores de carniça. Uns passarões que esperam até que algum pobre animal morra de sede no deserto, e então descem para comer seu cadáver.

Devi-en notou que enjoava ao evocar em sua mene aquela horrível imagem. Sentiu-se desfalecer. Com voz débil, disse: – Não, não… Nós ajudamos às outras espécies.

– Esperam que estoure a guerra, como um bando de abutres.

Transcorreram vários dias antes que Devi-en se sentisse capaz de entrevistar-se novamente com o selvagem. Esteve a ponto de faltar com o respeito ao Arqui-administrador, quando este insistiu uma vez e outra vez que lhe faltavam dados suficientes para realizar uma análise completa da estrutura mentas daqueles selvagens.

Audazmente, Devi-en afirmou:

– Com certeza, há dados mais que suficientes para dar alguma solução ao nosso problema.

O nariz do Arqui-administrador tremeu, e sua língua rosada passou sobre ele reflexivamente.

– Talvez exista uma solução, porém não confio nela. Nos enfrentamos com uma espécie que se aparta por completo da corrente. Isto nós já sabíamos. Não podemos cometer o mais leve equívoco.. Uma coisa, antes de terminar. Capturamos um exemplar extremamente inteligente. A menos que… A menos que represente o tipo moral de sua raça.

Esta ideia pareceu erguer o Arqui-administrador Devi-en, disse:

– Este selvagem evocou a horrível imagem daquele… daquele pássaro… daquele chamado…

– Abutre – completou o Arqui-administrador

– Essa imagem dá a toda nossa missão uma luz completamente diferente. Desde então tenho sido incapaz de comer como é devido, nem de dormir. Para dizer a verdade, temo que terei que pedir-lhe demissão…

– Porém não antes de terminar o que nos há trazido aqui – disse o Arqui-administrador com firmeza -. Acredita que gosto de sentir-me um… devorador de carniça?…Deves reunir mais dados.

Finalmente Devi-en assentiu. Naturalmente o havia entendido. O Arqui-administrador não desejava mais que qualquer outro hurriano originar uma guerra atômica. Demorou no assunto tanto quanto permitido.

Devi-en se dispôs a celebrar uma nova entrevista com o selvagem. Foi algo completamente insuportável, e foi a última que celebrou.

O selvagem mostrava uma contusão na bochecha, como se houvesse resistido novamente aos mauvs. Realmente havia oferecido resistência. Havia-os enfrentado tantas vezes que os mauvs, apesar de todos seus esforços para não causar-lhe dano, não tinham podido evitar feri-lo em uma ocasião. Era de se supor que o selvagem se daria conta de até que ponto eles tentavam não causar-lhe dano, e que isso deveria tê-lo aplacado. Ao contrário, era como se o convencimento da segurança em que se achava o estimulasse a oferecer mais resistência.

(Aquelas espécies de primatas superiores eram malignas, malignas e viciosas, disse para si mesmo Devi-en, com tristeza.) Durante mais de uma hora a conversação girou em torno de questões sem importância, até que o selvagem perguntou ousadamente: – Quanto tempo disse que estão nos observando, espantalho?

– Quinze dos vossos anos – respondeu Devi-en.

– Isso faz sentido. Os primeiros discos voadores foram vistos pouco depois da segunda guerra mundial. Quanto tempo faltava então para a guerra nuclear?

Com automática sinceridade, Devi-en contestou: – Oxalá eu soubesse.

E interrompeu-se de repente.

O selvagem prosseguiu:

– Eu acreditava que a guerra nuclear era inevitável… A última vez que nos vimos disseste que haviam permanecido aqui dez anos ou mais. Estiveram esperando que explodisse a guerra durante dez anos, correto?

– Prefiro não discutir o tema.

– Não – vociferou o selvagem -. E que pensam fazer, diga-me. Quanto tempo pensam esperar? Porque não nos dão um empurrão? Não se limitem a esperar, abutres, comecem uma.

Devi-en se pôs em pé de um salto.

– Que está dizendo?

– Que estão esperando, asquerosos…? – Pronunciou um epíteto completamente

incompreensível e logo prosseguiu, quase sem ar -: Não é isso que fazem os abutres quando algum pobre animal fraco e macilento, ou talvez um homem, tarda demasiado a morrer? Não podem esperar. Baixam em bando e arrancam-lhes os olhos a bicadas. Então esperam que esteja completamente indefeso, para precipitar sua morte.

Devi-en se apresou a ordenar que o levassem e logo retirou-se à sua cabine, onde permaneceu encerrado por várias horas, sentindo-se verdadeiramente mal. Naquela noite não conseguiu conciliar o sono. A palavra «abutre» ressoava em seus ouvidos, e aquela horrível imagem final bailava ante seus olhos.

Devi-en disse com firmeza e decisão:

– Alteza, não posso prosseguir falando com o selvagem. Embora você necessite de mais dados, sinto muito. Porém não posso ajudá-lo.

O Arqui-administrador parecia abatido e cansado.

– Eu compreendo. Isso de comparar-nos com abutres…, claro, no podes suportar. Entretanto você deve ter notado que essa ideia não faz marcas nele. Os grandes primatas são imunes a estas coisas; são seres duros e desapiedados. Sua mentalidade é assim. Espantoso.

– Não posso proporcionar-lhe mais dados

– De acordo, de acordo. Eu compreendo… Ademais, cada nova coisa que sabemos só serve para reforçar a verdade definitiva; a verdade que eu acreditava que só era hipotética, que eu esperava ardentemente que fosse.

Enterrou a cabeça entre seus braços encanecidos.

– Existe um meio de desencadear esta guerra atômica.

– Ah, sim? Que devemos fazer?

– É algo muito simples, de uma eficácia direta. Algo que talvez não teria me ocorri-do jamais. Nem a ti.

– Em que consiste, Alteza?

Devi-en sentia-se dominado por um grande temor em conhecer aquele segredo.

– O que atualmente mantém a paz nesse planeta é o temos que compartem ambos os bandos em pugna em assumir a responsabilidade de iniciar uma guerra. Se um dos dois o fizesse, imediatamente o outro…, bem, digamos de uma vez…, tomaria imediatamente represálias.

Devi-en assentiu.

– Se somente uma bomba atômica caísse no território de um dos lados – prosseguiu o Arqui-administrador -, os agredidos suporiam imediatamente que a agressão partia do outro bando. Compreenderiam que não podiam esperar passivamente e ser objeto de novos ataques. Em poucas horas, talvez antes, lançariam um contra-ataque; por sua vez, o outro bando replicaria a este. Em poucas semanas a guerra teria terminado.

– Porém, como obrigaremos a um dos bandos a lançar a primeira bomba?

– Não obrigaremos, Capitão. Esta é a questão. Lançaremos a primeira bomba nós mesmos.

– Como?

Devi-en sentiu que ia desmaiar.

– O que ouviste. Após analisar a mente de um grande primata,o resultado lógico é este.

– Mas, como podemos fazer isso?

– Montaremos uma bomba. É uma operação bastante fácil. Uma nave a transportará até o planeta e a deixará cair sobre uma zona habitada.

– Habitada?

O Arqui-administrador desviou a vista e afirmou com marcado nervosismo.

– Do contrário, não conseguiríamos o efeito desejado.

– Compreendo – disse Devi-en, imaginando abutres, duzias de abutres.

Não podia afastar de si aquele pensamento. Imaginava eles como enormes aves escamosas, semelhantes à pequenas e inofensivas criaturas aladas de Hurria, porém imensamente maiores), com asas membranosas e longos bicos afiados como navalhas, descendo em círculos para picar os olhos dos moribundos.

Cobriu os olhos com uma mão. Com voz trêmula, perguntou: – Quem pilotará a nave? Quem lançara a bomba?

A voz do Arqui-administrador era apenas um pouco mais segura que a de Devi-en, quando respondeu:

– Não sei.

– Eu não – rechaçou Devi-en -. Não posso. Nenhum hurriano será capaz de fazê-lo… por nenhum preço.

O Arqui-administrador oscilou como se fosse cair.

– Talvez pudéssemos dar ordens aos mauvs…

– Quem lhes daria tão nefastas ordens?

O Arqui-administrador suspirou profundamente.

– Chamarei o Conselho. Talvez eles tenham todos os dados e sejam capazes de indicar-nos o que devo fazer.

Assim, tendo transcorrido pouco mais de quinze anos desde sua chegada, os hurrianos começaram a desmantelar sua base na outra face da Lua.

Nada se havia feito. Os grandes primatas do planeta não se haviam destruído mutuamente em uma guerra nuclear; esta talvez não explodisse nunca.

E, apesar da terrível ameaça que isso significava para o futuro, Devi-en experimentava uma alegre agonia. De nada servia pensar no futuro. O presente importava; o presente, que lhe distanciava do mais horrível dos mundos.

Viu como a Lua se afundava até converter-se em uma manchinha luminosa, junto com o planeta e o próprio sol do sistema, até que este se perdeu entre as constelações

Somente então experimentou alívio. Somente então sentiu um leve assomo do que teria podido acontecer.

Voltando-se para o Arqui-administrador, disse: – Talvez tudo teria ido bem se houvéssemos tido um pouco mais de paciência. Talvez terminassem por meterem-se em uma guerra nuclear.

– Tenho minhas dúvidas – respondeu o Arqui-administrador -. A análise mentálica de…, já sabes.

Devi-en sabia muito bem a quem se referia. O selvagem aprisionado havia sido de-volvido a seu planeta com a maior delicadeza possível. Os acontecimentos das últimas semanas foram apagados da sua mente. Depositaram-no perto de um pequeno povoado, não muito distante do lugar onde foi capturado. Seus semelhantes suporiam que se haveria perdido. Atribuiriam sua falta de peso, seus ferimentos e sua amnésia aos sofrimentos que tinha tido de suportar.

Porém o dano que ele havia causado…

Se ao menos no o houvessem levado à Lua… Talvez tivessem terminado por aceitar a ideia de iniciar uma guerra. Quiçá teriam chagado inclusive a fabricar uma bomba, e a imaginar algum sistema indireto de comando à distância para lançá-la.

Foi a imagem dos abutres, evocada pelo selvagem, o que pôs tudo a perder.

Aquela terrível palavra havia desfeito moralmente a Devi-en e ao Arqui-administrador Quando enviaram a Hurria todos o dados reunidos, o efeito que os mesmos produzi-ram no Conselho foi notável. A consequência disto: não tardou em receber ordem de desmantelar a base.

Devi-en observou:

– Não penso em participar nunca mais em projetos de colonização.

O Arqui-administrador disse tristemente:

– É possível que nenhum de nós volte a participar deles, quando os selvagens deste planeta se espalharem pelo espaço. A aparição na galáxia destes seres de tão belicosa mentalidade significará o fim de… de…

O nariz de Devi-en se contraiu. O fim de tudo; de todo o bem que Hurria havia semeado a mãos cheias na galáxia; de todo bem que teria seguido semeando.

– Deveríamos ter lançado… – disse, sem completar a frase.

De que servia dizer mais? Não tinham podido lançar a bomba nem tivesse sido por toda a galáxia. Se tivessem podido fazê-lo, teriam demonstrado que pensavam como os grandes primatas, e há coisas muito piores ainda que o fim de todas as coisas.

Devi-en voltou a pensar nos abutres.

TODOS OS PROBLEMAS DO MUNDO

A maior indústria da Terra se centrava ao redor de Multivac – Multivac, o computador gigante que tinha crescido por cinquenta anos até que suas várias ramificações tivessem se espalhado de Washington, D.C. aos subúrbios e que seus tentáculos atingissem cada cidade na Terra.

Um exército de serventes civis o alimentava com dados constantemente e outro exército correlacionava e interpretava as respostas que ele dava. Um batalhão de engenheiros patrulhava seu interior enquanto minas e fábricas se consumiam para manter seus estoques de reserva de partes sobressalentes sempre completos, sempre acurados, sempre satisfatórios de todas as maneiras.

Multivac dirigia a economia da Terra e ajudava a ciência terrestre. Mais importante de tudo, era o repositório central de todos os fatos conhecidos sobre cada terráqueo E a cada dia era parte das funções de Multivac tomar os quatro bilhões de conjuntos de fatos sobre cada ser humano que preenchiam seus arquivos e extrapolar esses fatos para o dia seguinte. Cada Departamento Correcional na Terra recebia os dados apropriados para sua própria jurisdição, o conjunto todo de dados era apresentado em um grande relatório à Diretoria Correcional Central em Washington, D.C.

Bernard Gulliman estava na quarta semana de seu mandato anual como Diretor da Diretoria Correcional Central e se acostumou o suficiente para aceitar o relatório matinal sem ficar assustado por ele. Como sempre, era um bloco de folhas com uma grossura de mais ou menos seis polegadas. Ele sabia agora, não se esperava que ele lesse aquilo. (Nenhum humano poderia.) Ainda assim, era divertido olhar por ele.

Havia a lista usual de crimes previsíveis: fraudes de todos os tipos, extorsões, rebeliões, agressões, incêndios.

Ele olhou para um cabeçalho em particular e sentiu um pequeno choque ao ver aquilo, e outro ao ver um segundo registro. Não um, mas dois. Dois assassinatos em primeiro grau. Ele não tinha visto dois em um único dia em todo seu mandato como Diretor até agora.

Ele apertou o botão do intercomunicador de duas vias e esperou que o rosto calmo de seu coordenador aparecesse na tela.

“Ali,” disse Gulliman, “Há dois assassinatos em primeiro grau hoje. Há qualquer problema incomum?”

“Não, senhor.” O rosto de feições escuras com seus olhos pretos, agudos parecia irrequieto. “Ambos os casos são de probabilidade muito baixa.”

“Eu sei disso,” disse Gulliman. “Eu observei que nenhuma probabilidade é maior do que 15%. Mesmo assim, Multivac tem uma reputação para manter. Ele virtualmente acabou com o crime, e o público julga isso pela sua marca com os assassinatos em primeiro grau que é, é

claro, o crime mais espetacular.”

Ali Othman aquiesceu. “Sim, senhor. Eu entendo bem isso.”

“Você também entende, eu espero,” Gulliman disse, “que eu não quero um único caso consumado desse tipo durante meu mandato. Se qualquer outro crime escapar, eu posso desculpar. Se um homicídio em primeiro grau escapar, eu terei a sua cabeça. Entendeu?”

“Sim, senhor. A análise completa dos dois assassinatos em potencial já está com os distritos policiais envolvidos. Os criminosos e as vitimas em potencial estão sob observação. Eu tenho re-checado as probabilidades de consumação e elas já estão caindo.”

“Muito bom.” disse Gulliman, e cortou a ligação.

Ele voltou para a lista com um sentimento desconfortável que talvez ele tivesse sido muito pomposo. – Mas então, alguém tinha que ser firme com esse pessoal permanente do serviço civil e se certificar que eles não imaginassem que eles controla-vam tudo, incluindo o Diretor. Particularmente este Othman, que vinha trabalhando com Multivac desde que ambos eram consideravelmente mais jovens, e tinha um ar de proprietário que podia ser enervante.

Para Gulliman, este assunto de crime era a chance politica de uma vida. Até agora, nenhum Diretor tinha passado por seu mandato sem um assassinato ocorrendo em algum lugar da Terra, em algum momento. O Diretor anterior tinha acabado seu mandato com um recorde de oito, três a mais (a mais de fato) que seu predecessor.

Agora Gulliman tencionava em ter nenhum. Ele seria, ele decidiu, o primeiro Diretor sem qualquer assassinato em qualquer lugar da Terra durante seu mandato. Depois disso, e a publicidade favorável que resultaria.

Ele sequer olhou o resto do relatório. Ele estimou havia pelo menos dois mil casos de espancamento da esposa em potencial listados. Sem duvida, nem todos poderiam ser detidos a tempo. Talvez 30% fossem consumados. Mas a incidência estava caindo e consumações estavam caindo ainda mais rápido.

Multivac tinha adicionado espancamento da esposa em sua lista de crimes previsíveis há apenas cinco anos e o homem comum ainda não estava acostumado a pensar que se ele pensasse em espancar sua mulher, aquilo seria sabido adiantadamente. Assim que a convicção se filtrasse através da sociedade, as mulheres primeiramente sofreriam menos lesões e então, eventualmente, nenhuma.

Alguns casos de espancamento do marido estavam na lista, também, Gulliman notou.

Ali Othman fechou a conexão e olhou para a tela de onde a cabeça careca de Gulliman tinha sumido. Então ele olhou para seu assistente, Rafe Lemmy, e disse, “O que nós fazemos?”

“Não me pergunte. Ele está preocupado com apenas um ou dois assassinatos sem importância.”

“É um risco terrível tentar lidar com esta coisa nós mesmos. Ainda assim se nós contarmos a ele, ele vai ter um ataque de primeira classe. Esses políticos de carreira tem suas peles com que se preocupar, então ele é capaz de se intrometer e fazer as coisas piores.”

Lemmy concordou com a cabeça e colocou um lábio inferior grosso entre seus dentes. “O

problema é, no entanto, e se nós deixarmos escapar? Isto pode ser o próprio fim do mundo, você sabe."

"Se nós deixarmos escapar, quem se importa com o que acontecerá conosco? Nós seremos apenas parte da catástrofe geral." Então ele disse de maneira mais otimis-ta.

"Mas droga, a probabilidade é apenas 12,3%. Em qualquer outra coisa, exceto talvez assassinato, nós deixamos as probabilidades crescerem um pouco antes de tomar qualquer ação. Ainda pode haver correção espontânea."

"Eu não contaria com isso." disse Lemmy secamente.

"Eu não pretendo. Eu estava apenas mencionando o fato. Ainda, com esta probabilidade, eu sugiro que nos limitemos a simples observação por agora. Ninguém podia planejar um crime como este sozinho; devem haver cúmplices"

"Multivac não mencionou nenhum."

"Eu sei. Ainda assim…" Sua voz murmurou.

Então eles olharam para os detalhes do crime não incluído na lista entregue para Gulliman; um crime muito pior que assassinato em primeiro grau, um crime nunca tentado antes na história do Multivac; e pensavam no que fazer.

Ben Manners se considerava o jovem de 16 anos mais feliz de Baltimore. Isso era, talvez, duvidoso. Mas ele era certamente um dos mais felizes, e um dos mais excitados.

Ao menos, ele era um dos poucos admitidos nas galerias do estádio durante a aplicação dos jovens de 18 anos. Seu irmão mais velho estava para ser aplicado, então seus pais se candidataram para receberem ingressos para assistir o evento e eles permitiram que Ben fizesse isso também. Mas quando Multivac escolheu entre todos os inscritos, foi Ben quem recebeu o ingresso.

Dois anos mais tarde, o próprio Ben seria aplicado, mas ver seu irmão mais velho Michael agora era a melhor coisa mais próxima disso.

Seu pais tinham o vestido (ou supervisionaram ele nisso, de qualquer maneira) com todo o cuidado, como representante da família e o enviaram com várias mensagens para Michael, que tinha saído de casa dias atrás para os exames físicos e neurológicos preliminares.

O estádio era nos arredores da cidade e Ben, apenas explodindo com seu próprio orgulho, foi levado ao seu lugar. Abaixo dele, agora, havia filas e filas de centenas de centenas de jovens de 18 anos (rapazes a direita, moças a esquerda), todos do segundo distrito de Baltimore. Em várias épocas do ano, eventos similares estariam ocorrendo por todo o mundo, mas este era Baltimore, este era o importante. Lá embaixo (em algum lugar) estava Mike, o próprio irmão de Ben.

Ben olhou o topo das cabeças, pensando de que algum modo ele poderia reconhecer seu irmão. Ele não conseguiu, é claro, porém um homem apareceu na plataforma erguida em frente da multidão e Ben parou de olhar para escutar.

O homem disse, "Boa tarde, Aplicantes e Convidados. Eu sou Randolph T. Hoch, no

comando das cerimonias de Baltimore este ano. Os aplicantes me conheceram várias vezes durante o programa de testes físicos e neurológicos deste exame. Grande parte do trabalho está feito, mas a parte mais importante foi deixada por ultimo. O próprio aplicante, sua personalidade, deve ir para os arquivos de Multivac.

"Cada ano, isto requer algumas explicações para os jovens que chegam à idade adulta. Até agora" (ele se voltou para os jovens diante dele e seus olhos não voltaram para a galeria) "você não eram adultos, vocês não eram indivíduos aos olhos de Multivac exceto quando vocês eram especialmente separados como tal por seus pais ou seu governo.

"Até agora, quando o tempo para a atualização anual de informação chegava, eram seus pais quem completavam os dados sobre vocês. Agora chegou a hora para vocês assumirem esse dever vocês mesmos. É uma grande honra, é uma grande responsabilidade. Seus pais nos contaram que educação vocês tiveram, quais doenças, quais hábitos, um grande número de coisas. Mas agora vocês precisam nos contar muito mais, seus pensamentos mais pessoais; seus necessidades mais secretas.

"Isto é difícil de fazer na primeira vez, até embaraçoso, mas precisa ser feito. Uma vez feito, Multivac terá uma analise completa de todos vocês em seus arquivos. Ele vai entender suas ações e reações. Ele será até capaz de prever com precisão razoável as suas futuras ações e reações.

"Desta forma, Multivac protegerá vocês. Se vocês estiverem em perigo de acidente, ele saberá. Se alguém pensar em ferir vocês, ele saberá. Se vocês pensarem em ferir alguém, ele saberá e vocês serão parados a tempo para que não seja necessário punir vocês.

"Com seu conhecimento de todos vocês, Multivac será capaz de ajudar a Terra a ajustar sua economia e suas leis para o bem de todos. Se você tiver um problema pessoal, vocês poderão vir até Multivac com ele e com seu conhecimento de todos vocês, Multivac será capaz de ajuda-os.

"Agora vocês tem vários formulários para preencher. Pensem cuidadosamente e respondam acuradamente como puderem. Não escondam nada por vergonha ou precaução. Ninguém saberá suas respostas exceto Multivac a não ser que seja necessário conhecer as respostas para poder protegê-os. E então apenas oficiais autorizados do governo saberão.

"Pode ocorrer a vocês esticar a verdade um pouquinho aqui ou ali. Não façam isso.

Nós saberemos se vocês o fizerem. Todas as suas respostas formam um padrão. Se algumas respostas forem falsas, elas não combinaram com o padrão e Multivac as descobrirá. Se todas as suas respostas forem falsas, haverá um padrão distorcido de um tipo que Multivac reconhecerá. Então vocês devem dizer a verdade."

Eventualmente, no entanto, tudo estava terminado: o preenchimento de formulários; as cerimonias e os discursos que se seguiram.

À tarde, Ben, de pé nas pontas dos pés, finalmente viu Michael, que ainda vestia a toga que tinha usado durante a "parada dos adultos". Eles se cumprimentaram com júbilo.

Eles dividiram um jantar leve e tomaram o expresso para casa, vivos e acesos com a

grandeza do dia.

Eles não estavam preparados, portanto, para a transição súbita ao chegar em casa. Foi um choque atordoante para ambos serem parados por um rapaz de rosto frio num uniforme do lado de fora da própria porta da frente da cada deles; terem seus documentos inspecionados antes que pudessem entrar em sua própria casa; encontrarem seus pais sentados desesperançados na sala de estar, a marca da tragédia em seus rostos.

Joseph Manners, parecendo muito mais velho do que era naquela manhã, olhou de seus olhos confusos, afundados para seus filhos (um com a toga de sua maturidade ainda sobre o braço) e disse, “Parece que eu estou sob prisão domiciliar.”

Bernard Gulliman não podia e não leu o relatório todo. Ele apenas leu o resumo e aquilo foi muito gratificante, de fato.

Uma geração inteira, parecia, cresceu acostumada ao fato que Multivac podia prever a ocorrência de crimes graves. Eles aprenderam que Agente Correcionais estariam em cena antes que o crime pudesse ser cometido. Eles descobriram que a consumação do crime levava à inevitável punição. Gradualmente, eles foram convencidos que não havia maneira de alguém enganar Multivac.

O resultado foi, naturalmente, que até a intenção de crime caiu. E como tais intenções caíram e como a capacidade de Multivac foi aumentada, crimes menores puderam ser adicionados à lista que ele podia prever a cada manhã, e esses crimes, também, estavam diminuindo sua incidência.

Então Gulliman tinha ordenado que fosse feita uma analise (por Multivac naturalmente) da capacidade de Multivac de voltar sua atenção ao problema de prever as probabilidades de incidência de doenças. Médicos poderiam ser alertados para certos pacientes que poderiam desenvolver diabetes no ano que vem, ou sofrer um ataque de tuberculose, ou desenvolver um câncer

Um grama de prevenção…

E o relatório era favorável!

Depois disso, a lista dos possíveis crimes do dia chegou e não havia um assassinato em primeiro grau na lista.

Gulliman ligou para Ali Othman num grande bom humor. “Othman, como os números de crimes das listas diárias da semana passada se comparam com aqueles na minha primeira semana como Diretor?”

Eles tinham caído, aparentemente, em 8 por cento e Gulliman estava realmente feliz. Nenhuma falha sua, mas o eleitorado poderia não saber disso. Ele agradeceu sua sorte que ele tivesse chegado no momento certo, no próprio clímax do Multivac, quando a doença, também, poderia ser colocada sob seu abrangente e protetor conhecimento.

Gulliman prosperaria com isso.

Othman deu de ombros. “Bem, ele está feliz.”

“Quando nós estouramos a bolha?” disse Lemmy “Colocar Manners sob observação apenas

aumentou as probabilidades, e a prisão domiciliar deu outro aumento nelas.”

“E eu não sei disso?” Disse Othman rabugentamente. “O que eu não sei é porque.”

“Cúmplices, talvez, como você disse. Com Manners com problemas, o resto teria que atacar de uma vez ou desistirem.”

“Apenas a ultima opção. Com as nossas mãos em um, o resto fugiria para um lugar seguro e desapareceria. Alem disso, porque os cúmplices não foram identificados por Multivac?”

“Bem, então, contamos ao Gulliman?”

“Não, ainda não. As probabilidades ainda são apenas de 17,3%. Vamos deixar que fiquem um pouco mais drásticas primeiro.”

Elizabeth Manners disse ao seu filho caçula, “Vá para seu quarto, Ben.”

“Mas o que está acontecendo, Mãe?” Ben perguntou, a voz quebrando com este estranho final para o que tinha sido um dia glorioso.

“Por favor!”

Ele saiu relutantemente, passando pela porta que levava à escada, subindo fazendo barulho e descendo de novo em silencio.

E Mike Manners, o filho mais velho, o novo adulto e a esperança da família, disse em uma voz e tom que espelhava a de seu irmão, “O que está acontecendo?”

Joe Manners disse, “Com o céu como minha testemunha, filho, eu não sei. Eu não fiz nada.”

“Bem, claro que você não fez nada.” Mike olhou para seu franzino, pacifico pai em espanto. “Eles devem estar aqui porque você esta pensando em fazer alguma coisa.”

“Eu não estou.”

A Sra. Manners interrompeu irada, “Como ele pode estar pensando em fazer algo que merecesse tudo – tudo isso.” Ela sacudiu o braço, num gesto para a concha fechada de homens do governo ao redor da casa. “Quando eu era uma garotinha, lembro que o pai de um amigo meu estava trabalhando em um banco, e eles o chamaram uma vez e disseram para deixar o dinheiro em paz e ele deixou. Eram cinquenta mil dólares Ele não tinha realmente pego. Ele estava apenas pensando sobre pegar isso. Eles não mantinham essas coisas confidenciais naqueles dias como agora; a história se espalhou. É como eu soube a respeito disso.

“Mas eu quero dizer,” ela continuou, esfregando juntas suas mãos rechonchudas lentamente, “eram cinquenta mil dólares; cinquenta – mil – dólares Ainda tudo que eles fizeram foi chamá-lo; um telefonema. O que seu pai poderia estar planejando para que fosse preciso a vinda de uma duzia de homens e cercar a casa?”

Joe Manners disse, os olhos cheios de dor, “Eu não estou planejando nenhum crime, nem o menor deles. Eu juro.”

Mike, cheio da consciente sabedoria de um novo adulto, disse, “Talvez é alguma coisa inconsciente, pai. Algum ressentimento contra seu supervisor.”

“Para que eu quisesse mata-o? Não!”

“Eles não te contaram o que é, pai?”

Sua mãe interrompeu de novo, “Não, eles não contaram. Nós perguntamos. Eu disse que eles estavam arruinando a nossa permanência na comunidade só por esta-rem aqui. O minimo que eles podiam fazer é nos dizer sobre o que é tudo isso para que nós pudéssemos nos defender, para que pudéssemos explicar.”

“E eles não contaram?”

“Eles não contaram.”

Mike se levantou com suas pernas separadas e suas mãos nos bolsos. Ele disse, preocupado, “Nossa, mãe, Multivac não comete erros.”

Seu pai bateu seu punho, sentindo-se indefeso, no braço do sofá. “Eu digo a você que eu não estou planejando crime algum.”

A porta se abriu sem uma batida e um homem de uniforme entrou com passos largos, decididos. Seu rosto tinha uma aparência oficial, vidrada. Ele disse, “Você é Joseph Manners?”

Joe Manners se levantou. “Sim. Agora o que você quer de mim?”

“Joseph Manners, você está preso por ordem do governo,” e apresentou rapidamente sua identificação como um oficial correcional. “Eu devo pedir que venha comi-go.”

“Por qual razão? O que eu fiz?”

“Eu não tenho permissão para discutir isso.”

“Mas eu não posso ser preso apenas por planejar um crime até se eu estiver fazendo isso. Para ser preso, eu preciso ter feito alguma coisa. Você não pode me prender de outra maneira. É contra a lei.”

O oficial era impermeável à logica. “Você terá que vir comigo.”

A Sra. Manners gritou e caiu no sofá, chorando histericamente. Joseph Manners não podia se forçar a violar o código impresso nele por toda sua vida para realmente resistir a um oficial, mas ele se demorava, forçando o oficial correcional a usar força muscular para puxa-o para a frente.

E Manners perguntava enquanto ia, “Mas diga-me o que é. Apenas me diga. Se eu soubesse – É homicídio? Eu devo supostamente estar planejando um assassinato?”

A porta se fechou atrás dele e Mike Manners, rosto pálido e de repente não se sentindo nada adulto, olhou primeiro para a porta, então para sua mãe que chorava.

Ben Manners, atrás da porta e de repente se sentindo muito adulto, apertou seus lábios e pensou que ele sabia exatamente o que fazer.

Se Multivac tirou, Multivac podia também devolver. Ben tinha estado nas cerimonias naquele mesmo dia. Ele tinha ouvido aquele homem, Randolph Hoch, falar de Multivac e de tudo que

Multivac podia fazer. Ele podia dirigir o governo e ele podia também se desdobrar e ajudar qualquer pessoa comum que viesse a ele procurando por ajuda.

Qualquer um podia pedir a ajuda de Multivac e qualquer um significava Ben.

Nem sua mãe, nem Mike estavam em condições de pará-o agora, e ele tinha algum dinheiro que tinha sobrado da quantia que eles tinham dado a ele para sua grande viagem naquele dia. Se mais tarde eles descobrissem que eles tinha sumido e se preocupassem com isso, paciência. Agora, sua primeira lealdade era com seu pai.

Ele correu para a saída dos fundos e o oficial na porta olhou para seus documentos e deixou ele ir.

Harold Quimby cuidava do departamento de perguntas da Subestação Baltimore de Multivac. Ele se considerava um membro do braço do serviço civil que era o mais importante de todos. De certa forma, ele podia estar certo, e aqueles que o ouviam discutindo o assunto tinham que ser feitos de ferro para não se impressionar.

Uma coisa era que, Quimby poderia dizer, Multivac era essencialmente um invasor de privacidade. Nos últimos cinquenta anos, a humanidade tinha que aceitar que seus pensamentos e impulsos não eram mais segredo, que ela não tinha nenhum canto secreto onde podia esconder qualquer coisa. E a humanidade tinha que ter algo em retorno.

É claro, ela conseguiu prosperidade, paz e segurança, mas isso era abstrato.

Cada homem e mulher precisava de algo pessoal como seu ou sua recompensa por abandonar a privacidade, e cada um conseguiu isso. Ao alcance de cada ser humano havia uma estação do Multivac com sistemas nos quais ele podia gratuitamente entrar com seu próprios problemas e perguntas sem controle ou censura, e dos quais, em questão de minutos, ele receberia respostas.

A qualquer momento, cinco milhões de circuitos individuais do quadrilhão ou mais de Multivac poderiam estar envolvidos neste programa de pergunta-e-resposta.

As respostas poderiam não ser sempre as certas, mas eram as melhores disponíveis, e cada questionador sabia que a resposta era a melhor disponível e tinha fé nela. Era isso que contava.

E agora um jovem ansioso de 16 anos lentamente apareceu da fila de homens e mulheres que aguardavam (cada rosto naquela fila iluminado por uma diferente mistura de esperança com medo ou ansiedade ou até angustia – sempre com a esperança predominando quando a pessoa se aproximava cada vez mais de Multivac).

Sem olhar para cima, Quimby pegou o formulário preenchido que estava sendo entregue a ele e disse, “Cabine 5-B.”

Ben disse, “Como eu faço uma pergunta, senhor?”

Quimby olhou para cima então, com um pouco de surpresa. Para adultos geralmente não faziam uso do serviço. Ele disse gentilmente, “Você já fez isso antes, filho?”

“Não, senhor.”

Quimby apontou para o modelo em sua mesa. “Você usa isto. Você vê como funciona? Como uma máquina de escrever. Não tente escrever ou imprimir nada com a mão. Apenas use a máquina. Agora você vai até a cabine 5-B, e se você precisar de ajuda, apenas aperte o botão vermelho e alguém irá aparecer. Desce aquele corredor, filho, à direita.”

Ele olhou o jovem descer pelo corredor e sair da vista e sorriu. Ninguém nunca tinha se afastado de Multivac. É claro, sempre havia uma certa porcentagem de cultura inútil: pessoas que perguntavam questões pessoais sobre seus vizinhos ou perguntas obscenas sobre personalidades proeminentes; estudantes tentando enganar seus professores ou achando-se espertos para atrapalhar Multivac perguntando sobre o Paradoxo da Classe-de-Todas-As-Classes de Russel e por ai afora.

Multivac podia cuidar de tudo aquilo. Ele não precisava de ajuda.

Além disso, cada pergunta e resposta era composta e formada, mais outro item de fato montado para cada individuo. Até a questão mais trivial e a mais impertinente, como refletiam a personalidade do questionador, ajudavam a humanidade por ajudarem Multivac a conhecer a humanidade.

Quimby voltou sua atenção para a próxima pessoa na fila, uma mulher de meia-idade, descarnada e angular, com um olhar problemático em seus olhos.

Ali Othman andava pelo comprimento de seu escritório, seus pés batendo desesperadamente no carpete. “A probabilidade ainda sobe. É de 22,4% agora. Droga! Nós temos Joseph Manners realmente preso e ainda sobe.” Ele transpirava claramente.

Lemmy se afastou do telefone. “Nenhuma confissão ainda. Ele está sob Sondagem Psíquica e não há sinal de crime. Ele pode estar dizendo a verdade.”

Othman disse, “Então Multivac está louco?”

Outro telefone tocou para a vida. Othman atendeu rapidamente, feliz pela interrupção. O rosto de um oficial correcional veio à vida na tela. O oficial perguntou, “Senhor, há alguma instrução para a família Manners? Eles tem permissão de ir e vir como sempre?”

“O que você quer dizer, como sempre?”

“As instruções originais eram para a prisão domiciliar de Joseph Manners. Nada foi dito sobre o resto da família, senhor.”

“Bem, estenda para o resto da família até que você seja informado em contrario.”

“Senhor, este é o ponto. A mãe e o filho mais velho exigem informações sobre o filho caçula. O filho mais novo sumiu e eles afirmam que ele está sob custódia e desejam ir até o quartel-general perguntar sobre isso.”

Othman enrugou a testa e disse quase num cochicho. “Filho mais novo? O quanto mais novo?”

“Dezesseis, senhor.”

“Dezesseis e ele sumiu. Você não sabe para onde?”

“Ele teve permissão de sair, senhor. Não havia ordens para segurá-lo.”

“Espere na linha. Não se mova.” Othman colocou a ligação em suspenso, então desarrumou seu cabelo preto-carvão com ambas as mãos e gritou, “Burro! Burro!

Burro!”

Lemmy se assustou. “Que diabos?”

“O homem tem um filho de 16 anos,” engasgou Othman. “Um garoto de 16 anos não é um adulto e não é registrado independentemente por Multivac, mas apenas como parte do arquivo de seu pai.” Ele olhou para Lemmy “Todo mundo não sabe que até completar 18 um jovem não preenche seus próprios relatórios para Multivac mas que seu pai faz isso por ele? Eu não sei disso? Você não sabe?”

“Você quer dizer que Multivac não quis dizer Joe Manners?” disse Lemmy “Multivac quis dizer seu filho menor, e o jovem sumiu, agora. Com um monte de oficiais ao redor de sua casa, ele calmamente sai e vai em você sabe qual missão.”

Ele retornou para o circuito de telefone no qual o oficial correcional ainda esperava, a pausa de um minuto dando a Othman tempo suficiente para se recompor e assumir um semblante frio e controlado. (Não poderia ter um ataque diante dos olhos do oficial, não importando o quanto isso ajudaria em purgar sua angustia.) Ele disse, “Oficial, localize o jovem que desapareceu. Use cada homem que você tenha, se necessário. Use cada homem disponível no distrito, se necessário. Eu darei as ordens apropriadas. Você precisa encontrar aquele garoto custe o que custar.”

“Sim, senhor.”

A ligação foi cortada. Othman disse, “Corra outra vez as probabilidades, Lemmy”

Cinco minutos depois, Lemmy disse, “Desceu para 19,6 por cento. Caiu.”

Othman respirou fundo. “Nós estamos no caminho certo afinal.”

Ben Manners sentou-se na Cabine 5-B e digitou lentamente, “Meu nome é Benjamin Manners, numero MB-71833412. Meu pai, Joseph Manners, foi preso mas não sabemos qual crime ele está planejando. Há alguma maneira para nós podermos ajuda-lo?”

Ele se sentou e esperou. Ele podia ter apenas 16 anos mas ele era velho o suficiente para saber que em algum lugar aquelas palavras estavam sendo carregadas na mais complexa estrutura jamais concebida pelo homem; que um trilhão de fatos seriam misturados e coordenados num conjunto, e daquele conjunto, Multivac podia abstrair a melhor ajuda.

A máquina fez um barulho e um cartão emergiu. Tinha uma resposta nele, uma longa resposta. Começava, “Pegue o expresso para Washington, D.C. Agora mesmo. Desça na parada da Avenida Connecticut. Você vai encontrar uma saída especial, marcada “Multivac” com um guarda. Informe o guarda que você é um courier especial para o Dr. Trumbul e ele vai deixá-o entrar.

“Você estará em um corredor. Continue por ele até você chegar a uma pequena porta marcada “Interior”. Entre e diga aos homens lá dentro, “Mensagem para o Doutor Trumbul .” Você terá permissão para passar. Proceda …”

Continuava dessa maneira. Ben não podia ver a ligação com sua pergunta, mas ele tinha fé completa em Multivac. Ele saiu correndo, na direção do expresso para Washington.

Os oficiais Correcionais traçaram Ben Manners até a estação de Baltimore uma hora depois que ele saiu. Um chocado Harold Quimby se encontrou aterrorizado com o numero e a importância dos homens que se focavam nele na procura por um jovem de 16 anos.

"Sim, um garoto," ele disse, "mas eu não sei para onde ele foi depois que ele saiu daqui. Eu não tinha jeito de saber que alguém estava procurando por ele. Nós aceitamos todos os usuários aqui. Sim, eu posso pegar o registro da questão e da resposta."

Eles olharam para o registro e o televisionaram para o Quartel-General Central imediatamente.

Othman leu aquilo, rolou seus olhos e desmaiou. Eles o despertaram quase imediatamente. Ele disse para Lemmy fracamente, "Faça com que eles peguem aquele garoto. E tire uma cópia da resposta de Multivac para mim. Não há mais saída, nenhuma saída agora. Eu tenho que ver Gulliman agora."

Bernard Gulliman nunca tinha visto antes Ali Othman tão perturbado, e ver os olhos selvagens do coordenador agora enviou um toque de água gelada espinha abaixo.

Ele gaguejou, "O que você quer dizer, Othman? O que você quer dizer com pior que assassinato?"

"Muito pior do que apenas assassinato."

Gulliman estava bem pálido "Você quer dizer o assassinato de uma alta autoridade do governo?" (Passou pela mente dele que ele mesmo –-) Othman aquiesceu. "Não apenas uma autoridade governamental. A autoridade governamental."

"O Secretário-Geral?" Gulliman disse num cochicho assustado.

"Mais do que isso, até. Muito mais. Nós lidamos com um plano para assassinar Multivac!"

"O Que!"

"Pela primeira vez na história do Multivac, o computador emitiu um relatório que ele mesmo estava em perigo."

"Porque eu não fui informado de uma vez?"

Othman contou a verdade parcialmente. "A situação era tão sem precedentes, senhor, que nós exploramos a situação primeiro antes de pensar em coloca-a no registro oficial."

"Mas Multivac foi salvo, não é? Ele foi salvo?"

"As probabilidades de dano caíram para abaixo de 4%. Eu estou esperando pelo relatório agora."

"Mensagem para o Doutor Trumbul ," disse Ben Manners para o homem na cabina, trabalhando cuidadosamente no que parecia ser os controles de um cruzador estratosférico a jato, enormemente desenvolvido.

“Claro, Jim. ” disse o homem. “Vá em frente.”

Ben olhou para as instruções e correu. Eventualmente, ele encontraria uma pequena alavanca de controle a qual ele devia mudar para a posição BAIXO no momento em que uma certa luz indicadora ficasse vermelha.

Ele ouviu uma voz agitada atrás dele, então outra, e subitamente, dois homens o seguravam pelos cotovelos. Seus pés foram levantados do chão.

Um homem disse, “Venha conosco, garoto.”

A face de Ali Othman não ficou mais tranquila com as noticias, até quando Gulliman disse com grande alivio, “Se nós temos o garoto, então Multivac está seguro.”

“Por enquanto.”

Gulliman colocou uma mão tremula na testa. “Que meia hora eu tive. Você pode imaginar o que a destruição de Multivac até mesmo por um pequeno tempo significaria. O governo entraria em colapso; a economia quebraria. Significaria uma destruição pior -” Sua cabeça se virou abruptamente, “O que você quer dizer com por enquanto?”

“O garoto, este Ben Manners, não tinha intenção de causar dano. Ele e sua família devem ser libertados e compensação por prisão errônea dada a eles. Ele estava apenas seguindo as instruções de Multivac para ajudar seu pai e fez isso. Seu pai está livre agora.”

“Você quer dizer que Multivac mandou o garoto puxar uma alavanca sob condições que queimariam circuitos suficientes para precisar de um mês de reparos? Você quer dizer que Multivac sugeriria sua própria destruição para o conforto de um homem?”

“É pior do que isso, senhor. Multivac não apenas deu essas instruções como selecionou a família Manners em primeiro lugar porque Ben Manners se parecia exatamente com um dos assistentes do Dr. Trumbul podendo chegar até Multivac sem ser impedido.”

“O que você quer dizer com a família foi selecionada?”

“Bem, o garoto nunca iria fazer a pergunta se seu pai não tivesse sido preso. Seu pai nunca teria sido preso se Multivac não o acusado de planejar a destruição de Multivac. As próprias ações de Multivac começaram a série de eventos que quase causaram a destruição de Multivac.”

“Mas não há sentido nisso.” Gulliman disse implorando. Ele sentia-se pequeno e indefeso e ele estava virtualmente de joelhos, pedindo a este Othman, este homem que passou quase uma vida com Multivac, para reassegurá-lo.

Othman não o fez. Ele disse, “Esta é a primeira tentativa de Multivac neste sentido até onde sei. De certa maneira, ele planejou bem. Ele escolheu a família certa. Ele cuidadosamente não distinguiu entre pai e filho para nos fazer perder a pista. Ele ainda é um amador no jogo, no entanto. Ele não pode superar suas próprias instruções que o levaram a reportar que a probabilidade de sua própria destruição crescia com cada passo que tomávamos no caminho errado. Ele não pode evitar de gravar a resposta que deu ao jovem. Com pratica suficiente, ele provavelmente vai aprender a enganar. Ele vai aprender a esconder certos fatos, falhar de

registar certos outros. De agora em diante, cada instrução ele der pode ter as sementes de sua própria destruição. Nós nunca saberemos. E por mais cuidadosos que sejamos, eventualmente Multivac terá sucesso. Eu acho, Sr. Gulliman, que você será o ultimo Diretor desta organização.”

Gulliman socou sua mesa com fúria “Mas porque, porque, porque? Maldito seja, porque? O que está errado com ele? Ele não pode ser consertado?”

“Eu acho que não.”, disse Othman, em sutil desespero. “Eu nunca pensei sobre isso antes. Eu nunca tive a ocasião até isto acontecer, mas agora que eu penso nisso, parece-me que nós chegamos ao fim da linha porque Multivac é bom demais. Multivac se tornou tão complexo, que suas reações não são mais de uma maquina, mas de um ser vivo.”

“Você está louco, mas mesmo assim?”

“Por mais de cinquenta anos nós estivemos carregando os problemas da humanidade no Multivac, neste ser vivo. Nós pedimos a ele para que cuidasse de nós, de todo juntos e de cada um individualmente. Nós pedimos a ele que tomasse todos os nossos segredos para si mesmo; nós pedimos a ele que absorvesse nosso mal e nos protegesse contra ele. Cada um de nós traz seus próprios problemas para ele, adicionando seu peso ao fardo. Agora, nós estamos planejando carregar o fardo da doença humana em Multivac, também.”

Othman fez uma pausa por um momento, então exclamou, “Sr. Gulliman, Multivac suporta todos os problemas do mundo em seus ombros e ele está cansado.”

“Loucura. Loucura de verão.” Gulliman murmurou.

“Então deixe-me mostrar uma coisa. Deixe-me fazer um teste. Posso ter a permissão de usar o linha de circuito do Multivac aqui do seu escritório?”

“Porque?”

“Para fazer uma pergunta que ninguém nunca perguntou para Multivac antes?”

“Você vai causar danos a ele?” perguntou Gulliman em rápido alarme.

O Diretor hesitou por um momento. Então ele disse, “Vá em frente.”

Othman usou o instrumento na mesa de Gulliman. Seus dedos digitaram a pergunta com toques hábeis: “Multivac, o que você gostaria para si mais do que qualquer outra coisa?”

O momento entre a pergunta e a resposta esticou-se insuportavelmente, mas nem Othman nem Gulliman respiravam.

E houve um barulho e um cartão saiu. Era um cartão pequeno. Nele, em letras precisas, estava a resposta:

“Eu quero morrer.”

MEU NOME SE ESCREVE COM S

Marshal Zebatinsky sentia-se um tolo. Era como se houvesse olhos observando-o através da embaçada vidraça da loja e por cima das encardidas divisórias de madeira – olhos que o vigiavam. Não confiava nas velhas roupas que tinha ressuscitado nem nas abas abaixadas do chapéu, que jamais usaria em outra situação, nem, muito menos, nos óculos que carregava no estojo.

Sentia-se ridículo e isso fazia com que as rugas de sua testa ficassem mais profundas, deixando o seu rosto precocemente envelhecido um pouco mais pálido.

Nunca seria capaz de explicar a alguém por que um físico nuclear como ele estava visitando um numerologista. (Nunca, pensou. Nunca.) Diabo, a única justificativa que tinha era o fato de ter sucumbido às pressões de sua mulher.

O numerologista estava sentado atrás de uma mesa velha, que parecia ter sido comprada de segunda mão. Nenhuma mesa poderia envelhecer tanto sob os cuidados de um só dono. O mesmo poderia ser dito de suas roupas. Era moreno, baixinho, e estudou Zebatinsky com pequenos olhos escuros e muito vivos.

– Você é o primeiro físico que tenho como cliente, Dr. Zebatinsky.

Zebatinsky corou.

– Espero poder contar com sua discrição.

O numerologista sorriu e as rugas vincaram o canto de sua boca, esticando a pele ao redor do queixo.

– Todas as minhas consultas são confidenciais.

– Acho que devo lhe contar uma coisa – disse Zebatinsky. – Não acredito em numerologia e nem pretendo começar a acreditar agora. Se isso faz alguma diferença, me diga logo.

– Mas então por que está aqui?

– Minha mulher acha que você tem alguma coisa a dizer, seja o que for. Estou aqui porque prometi a ela que viria. – Ele deu de ombros e a sensação de estar fazendo uma asneira se acentuou.

– O que é que você está procurando? Dinheiro? Segurança? Vida longa? O quê?

Zebatinsky silenciou por um longo momento e o numerologista o estudou calmamente, sem fazer nenhum gesto para apressá-o.

Zebatinsky pensou: O que eu digo agora? Que, apesar de ter apenas 34 anos, não tenho nenhuma perspectiva?

– Quero sucesso – disse ele. – Reconhecimento.

– Um trabalho melhor?

– Um trabalho diferente. Um tipo diferente de trabalho. No momento, faço parte de uma equipe, obedecendo ordens. Equipes! As pesquisas do governo são sempre assim. Você é um simples violinista perdido no meio de uma orquestra sinfônica.

– E você quer solar.

– Quero sair desse anonimato e me… me projetar. – Zebatinsky se sentiu coagido, numa espécie de delírio, a colocar isso em palavras para alguém que não fosse sua mulher. Ele acrescentou:

– Há 25 anos, com o meu tipo de preparação e a minha capacidade, eu teria trabalhado na implantação da primeira usina nuclear. Hoje, eu seria o diretor de uma delas ou estaria liderando um desses grupos que fazem pesquisas universitárias. Mas, como comecei agora, onde estarei daqui a 25 anos? Não tenho nenhuma perspectiva. Continuarei trabalhando em equipe, carregando a bola apenas dois por cento do jogo. Estou me afundando no meio de uma enorme multidão de anônimos físicos nucleares, e o que quero é uma oportunidade para brilhar, se é que você me entende.

O numerologista balançou a cabeça calmamente.

– Você deve saber, Dr. Zebatinsky, que não posso lhe garantir sucesso.

Apesar do seu ceticismo, Zebatinsky ficou desapontado.

– Não? Então que diabo você pode me garantir!

– Posso aumentar suas chances. Meu trabalho é basicamente estatístico. Como você lida com átomos, acho que deve estar a par das leis da estatística.

– Você está? – perguntou o físico, carrancudo.

– Para ser sincero, estou. Sou um matemático e trabalho matematicamente. Não estou lhe dizendo isso para aumentar meus honorários. Eles são tabelados. Cinquenta dólares. Mas já que você é um cientista, você pode apreciar a natureza do meu trabalho melhor do que os clientes normais. Será um prazer poder explicar-lhe como isso funciona.

– Preferia que não, se você não se importa. Não tenho interesse em saber o valor numérico das letras, seus significados místicos, esse tipo de coisa. Para mim isso não é matemática. Vamos direto ao assunto…

– Então você só quer minha ajuda desde que não o amole dizendo os tolos princípios em que me baseei para ajudá-o? É isso?

– Exatamente.

– Mas você ainda está partindo da suposição de que sou um numerologista, o que não sou. Eu me autodenomino assim porque assim a polícia não vem me perturbar e – O homenzinho deu uma risadinha seca – os psiquiatras também não. Sou um matemático, um matemático honesto.

Zebatinsky sorriu.

– Eu me baseio nos computadores – disse o numerologista. – Estudo a probabilidade dos futuros.

– O quê?

– Isso por acaso soa pior do que a numerologia para você? Por quê? com dados precisos e um computador capaz de fazer operações numéricas, o futuro pode ser previsto, pelo menos as suas probabilidades. Quando você calcula a trajetória de um míssil com o objetivo de disparar um anti-míssil, não está prevendo o futuro? O míssil e o anti-míssil não se chocariam se o futuro fosse previsto erradamente. É isso o que eu faço. Só que eu lido com um maior número de variáveis, o que torna menos exatos os resultados a que eu chego.

– Você quer dizer que vai prever o meu futuro?

– Aproximadamente. Uma vez tendo feito isso, Vou modificar os dados, baseado apenas na troca do seu nome. Coloco essas mudanças do seu nome no programa. Depois tento com outros nomes. Estudo cada um desses novos futuros e procuro um que possibilite lhe dar mais chances de reconhecimento do que o que você teria no seu futuro normal. Deixe-me explicar isso de outra maneira. Vou achar um futuro para você, em que as probabilidades de reconhecimento sejam maiores do que as que você teria no seu futuro normal.

– Por que mudar meu nome?

– Tenho várias razões para fazer apenas essa mudança. A primeira delas é que se trata de uma troca simples. Afinal, se fizer grandes mudanças ou muitas trocas, aparecerão tantas novas variáveis que não serei capaz de interpretar os resultados. Minha máquina não é muito moderna. Em segundo lugar, essa é uma mudança que tem lógica. Não poderia mudar seu peso, nem a cor dos seus olhos, ou seu temperamento. Em terceiro, essa é uma mudança significativa. Os nomes são muito importantes para as pessoas. Em último lugar, essa é uma mudança comum, que muitas pessoas fazem quase todos os dias.

– E se você não achar um futuro melhor? – disse Zebatinsky.

– Esse é um risco que você vai ter que correr. Mas você não vai ficar pior do que está agora, meu amigo.

Zebatinsky encarou o homem com um jeito constrangido.

– Não acredito em nada disso. Jamais acreditei em numerologia.

O numerologista suspirou.

– Eu pensava que uma pessoa como você se sentiria mais à vontade com a verdade. Eu quero ajudá-o e ainda há muita coisa para você fazer. Se você parte do princípio de que sou um numerologista, isso vai atrapalhar nosso trabalho. Pensei que, contando a verdade, você me deixaria ajudá-o.

– Se você pode ver o futuro…

– Por que não sou o homem mais rico da terra? É isso? Mas eu sou rico… tenho tudo o que quero. Você quer reconhecimento, enquanto o que eu quero é ficar em paz. Faço meu trabalho. Ninguém me incomoda. Isso para mim é o mesmo que ter um tesouro. O pouco dinheiro de que preciso consigo de pessoas como você. É bom ajudar as pessoas, e um psiquiatra talvez me dissesse que isso me dá uma sensação de poder e alimenta meu ego. Bem… Você quer que o ajude?

– Quanto é mesmo que você cobra?

– Cinquenta dólares. Precisarei de um grande número de informações a respeito de sua biografia, mas tenho um formulário preparado para orientá-o. Talvez seja um pouco longo. Mas se você puder colocá-o no correio até o fim dessa semana, terei uma resposta lá pelo dia…

– Ele mordeu os lábios e franziu a testa enquanto calculava. – Lá pelo dia 20 do mês que vem.

– Cinco semanas? Para que tanto tempo?

– Tenho outro trabalho, meu amigo, e outros clientes. Se fosse um farsante, poderia fazer isso muito mais rápido. Combinado?

Zebatinsky se levantou.

– OK, combinado. Mas não se esqueça que isso fica entre nós.

– Eu lhe devolverei o seu formulário quando lhe disser quais as mudanças que tem que fazer, e você tem a minha palavra de que jamais farei qualquer outro uso dessas informações.

O físico nuclear parou na altura da porta.

– Você não tem medo que eu possa contar a alguém que você não é um numerologista?

O numerologista balançou cabeça.

– Ninguém acreditaria em você, meu amigo. Isso sem falar que você jamais admitiria que esteve aqui.

No dia 20, Marshal Zebatinsky estava diante da porta descascada, olhando para os lados, em frente à loja onde se via a palavra “Numerologia” impressa num pequeno cartaz pregado na vidraça embaçada, pouco legível embaixo da poeira. Ele investigou o lado de dentro, praticamente desejando que houvesse mais alguém ali e, assim, pudesse ter uma desculpa para ir logo para casa.

Tinha tentado afastar esses pensamentos de sua cabeça várias vezes. Nunca conseguia passar muito tempo preenchendo o formulário que o numerologista lhe dera.

Sentia-se embaraçado ao respondê-o. Achava uma grande besteira colocar o nome de seus amigos, o custo de sua casa, se sua mulher tinha feito algum aborto e, caso tivesse, quando. Deixava-o logo de lado. Mas também não conseguia abandoná-o em definitivo. Voltava a ele todas as noites.

Talvez isso fosse por causa do computador. Não admitia que aquele baixinho presunçoso pudesse ter um computador. A tentação de desmascarar o blefe, de pagar para ver, estava se tornando irresistível.

Finalmente, ele enviou o formulário completo pelo correio, colocando nove centavos de selos sem pesar a carta. Se ela voltasse, ele pensou, desistiria da ideia A carta não voltou.

Ele olhou para dentro da loja e viu que estava vazia. Zebatinsky não teve outra escolha senão entrar. Uma campainha tilintou.

O velho numerologista apareceu atrás de uma cortina.

– Sim? Ah, Dr. Zebatinsky.

– Você se lembra de mim? – perguntou Zebatinsky, tentando sorrir.

– É claro.

– E qual é o veredito?

O numerologista esfregou suas mãos grossas.

– Antes de irmos a ele, senhor, há um pequeno…

– O problema diz respeito ao pagamento?

– O trabalho já está pronto, senhor. Mereço ser pago por ele. Zebatinsky não fez nenhuma objeção. Estava preparado para pagar. Se já tinha ido tão longe, seria besteira desistir por causa do dinheiro. Ele contou cinco notas de dez dólares e colocou-as em cima do balcão.

– Então?

Calmamente, o numerologista voltou a contar as notas e guardou-as na gaveta da escrivaninha.

– Seu caso é muito interessante – disse o numerologista. – Eu aconselharia que o senhor mudasse seu nome para Sebatinsky.

– Seba… como é que se escreve isso?

– S-e-b-a-t-i-n-s-k-y. Zebatinsky encarou-o, indignado.

– Você quer dizer que só preciso mudar a inicial? Trocar um z por um S? Só isso?

– Basta isso. Desde que seja adequada, uma pequena mudança é mais segura do que uma grande.

– Mas como essa mudança pode afetar alguma coisa?

– Outro nome poderia? – perguntou o numerologista delicadamente. – Não posso dizer. Sei que, de alguma maneira, é possível, mas isso é tudo que posso dizer. Lembre-se de que não posso garantir o resultado. É claro que, se você não quer fazer a troca, deixe as coisas como estão. Mas, nesse caso, não lhe restituirei o pagamento.

– O que eu faço? – perguntou Zebatinsky. – É só sair dizendo por aí que meu nome se escreve com S?

– Se você quer um conselho, consulte um advogado. Mude seu nome legalmente.

Ele pode orientá-o nesses pequenos detalhes.

– Demora muito? Quero dizer, para as coisas melhorarem?

– Como posso lhe dizer? Talvez nunca. Talvez amanhã.

– Mas você viu o futuro. Você alega que vê.

– Não numa bola de cristal. Não, não Dr. Zebatinsky. Tudo o que sai do meu computador é em códigos. Posso lhe desfiar um rosário de probabilidades, mas não tive nenhuma visão.

Zebatinsky se virou e saiu rapidamente daquele lugar. Cinquenta dólares para mudar uma letra! Cinquenta dólares para virar Sebatinsky! Deus, que nome! Pior do que Zebatinsky.

Passou-se outro mês antes que ele se decidisse a ir procurar um advogado. Ele lhe disse que poderia mudar seu nome de novo na hora que bem quisesse e entendesse.

Por que não tentar, pensou consigo. Diabos, não existia nenhuma lei contra isso.

Herry Brand consultou seu arquivo, página por página, com o olho clínico de quem estava na Segurança há quatorze anos. Não precisava ler todas as palavras. Qualquer coisa estranha saltaria do papel e lhe daria um soco no olho.

– Na minha opinião, o homem está limpo – disse Herry Brand, que também parecia limpo, com sua volumosa barriga e uma pele fresca e rosada, como se tivesse acabado de sair de um banho. Era como se o fato de estar em constante contato com todo o tipo de pessoas e fraquezas humanas, desde a mais simples ignorância até a mais sofisticada traição, o impelisse a estar sempre se lavando.

O tenente Albert Quincy, que tinha trazido o arquivo para ele, era jovem e tinha consciência das responsabilidades que cabiam a um oficial da Segurança da Estação Hanford.

– Mas por que Sebatinsky? – questionou.

– E por que não?

– Porque não faz sentido. Zebatinsky é um nome estrangeiro e eu o trocaria também se tivesse sido batizado com ele. Mas trocaria por alguma coisa anglo-saxônica.

Se Zebatinsky tivesse feito isso, teria lógica e eu não teria me preocupado com o seu caso. Mas por que trocar um z por um S? Precisamos descobrir o que se esconde por trás de sua atitude.

– Alguém já fez essa pergunta a ele?

– Acho que sim. Numa conversa banal, é claro. Tive a preocupação de providenciar que alguém o fizesse. A desculpa que ele deu foi a de que estava cansado de ser o último do alfabeto.

– Isso tem lógica, não, tenente?

– Mas por que não trocou seu nome para Sands ou Smith, já que queria um S? E se já está tão cansado de um z, por que não trocou logo tudo e foi para um A? Por que não um nome como… ahn… Aarons?

– Esse nome também não tem nada de anglo-saxônico – resmungou Brand, para acrescentar: – Mas não há nada que possa segurar o homem. Não importa que ele tenha mudado para um nome estranho. Isso não depõe contra ninguém.

O tenente Quincy parecia tremendamente infeliz.

– Diga-me, tenente, por que está tão contrariado? Você tem alguma coisa na cabeça? Alguma teoria? Uma pista? O que é?

O tenente franziu a testa. Suas sobrancelhas se juntaram e seus lábios se aperta-ram.

– Que seja, senhor. O homem é um russo.

– Não, não. Ele já é da terceira geração de americanos, – O que eu quero dizer é que seu nome é russo.

O rosto de Brand perdeu um pouco de sua suavidade.

– Não, tenente, errou de novo. O nome é polonês.

O tenente levantou as mãos impacientemente, com as palmas para cima.

– Dá no mesmo.

Brand, cujo nome de solteira de sua mãe era Wiszewski, vociferou: – Jamais diga isso a um polonês, tenente. – E acrescentou com um ar pensativo: – Tampouco a um russo.

– O que estou querendo dizer, senhor – disse o tenente, redimindo-se, é que tanto os poloneses como os russos estão do outro lado da Cortina de Ferro.

– Todo mundo sabe disso.

– E Zebatinsky ou Sebatinsky, independente da maneira como você o chame, deve ter parentes lá.

– Ele é da terceira geração. Pode ser que tenha primos em segundo grau lá. E daí?

– Nada demais. Um monte de gente deve ter parentes distantes lá. Mas Zebatinsky mudou o nome.

– Continue.

– Talvez ele esteja tentando desviar as atenções. Talvez algum primo seu esteja ficando muito famoso por lá e Zebatinsky está com medo de que um eventual parentesco com ele possa vir a atrapalhar suas chances de vencer na vida.

– Mudar de nome não o ajudaria em nada. Ainda assim ele teria um primo em segundo grau.

– Certo, mas assim ele deixaria de se sentir como se estivesse esfregando esse parentesco na nossa cara.

– Você já ouviu falar de algum Zebatinsky de lá do outro lado?

– Não, senhor.

– Então, não pode ser tão famoso. Como nosso Zebatinsky poderia saber de sua existência?

– Ele deve manter algum contato com seus parentes. Nas circunstâncias atuais, isso seria suspeito para um físico nuclear.

Metodicamente, Brand voltou a consultar os seus arquivos.

– Isso é muito vago, tenente. É tão vago que pode ser ignorado.

– Pode me dar outra explicação, senhor, para que Zebatinsky tenha mudado seu nome de uma hora para a outra?

– Não. Tenho que admitir que não tenho.

– Então eu acho que nós devemos investigar. Devíamos procurar algum Zebatinsky do outro lado e tentar fazer alguma conexão entre os dois. – A voz do tenente ele-vou-se à medida que lhe passava uma nova ideia pela cabeça. – Ele pode estar mu-dando seu nome com o objetivo

de desviar a atenção deles. Para protegê-os, quero dizer.

– Ele está fazendo justamente o contrário, nesse caso.

– Talvez ele não perceba isso, mas a sua intenção era protegê-os. Brand suspirou.

– Tudo bem, vamos atacar por esse ângulo. Mas se nada aparecer, tenente, deixamos o assunto de lado. Deixe os arquivos comigo.

Quando a informação finalmente chegou a Brand, ele tinha esquecido completamente do tenente e de suas teorias. Quando recebeu uma lista com 17 biografias de 17 cidadãos russos e poloneses, todos eles chamados Zebatinsky, seu primeiro pensamento foi: "Que diabo é isso?"

Então ele se lembrou, praguejou baixinho e começou a ler.

Começou pelo lado americano. Marshal Zebatinsky (impressões digitais) nasceu em Búfalo, Nova York (data e características físicas). Seu pai tinha nascido em Búfalo também, e a mãe em Oswego, Nova York. Seus avós paternos nasceram em Bialys-tok, Polônia (data de entrada nos Estados Unidos, data de cidadania e fotografias).

Os 17 cidadãos russos e poloneses chamados Zebatinsky eram todos descendentes de pessoas que, há mais ou menos meio século, tinham vivido em Bailystok ou perto de Bailystok. Aparentemente, podiam ser parentes, mas isso não era especificado em nenhum dos casos. (As informações pessoais no Leste europeu, quando havia eram muito imprecisas em consequência da I Guerra Mundial.) Brand folheou as histórias individuais dos Zebatinsky, homens e mulheres que restavam (era surpreendente como a Inteligência trabalhava bem; provavelmente os russos tinham o mesmo tipo de perfeccionismo). Ele parou numa delas e sua testa lisa se encheu de rugas ao franzir as sobrancelhas. Colocou essa biografia de lado e continuou.

No fim, ele empilhou todos os dossiês, só deixando aquele de fora.

Observando a biografia, ele tamborilou na mesa com suas unhas bem cuidadas.

Com uma certa relutância, ele foi procurar o Dr. Paul Kristow, da Comissão de Energia Atômica.

O Dr. Kristow ouviu a história com uma expressão fria. De vez em quando ele levantava o mindinho até seu nariz bulboso, como se fosse tirar um grão de poeira.

Seus cabelos grisalhos começavam a rarear, e eram cortados rente. Mais um pouco e estaria careca.

– Não – disse ele. – Nunca ouvi falar de nenhum russo chamado Zebatinsky. Também não sei de nenhum Zebatinsky americano.

Brand passou as mãos pelas têmporas e disse calmamente: – Não acho que isso seja importante, mas não entrego os pontos facilmente. Há um jovem tenente pegando no meu pé, e você sabe como eles são. Não quero fazer nada que o leve a procurar uma comissão do Congresso. Além disso, o fato é que um desses camaradas Zebatinsky, o russo Mikhail

Andreyevich Zebatinsky, é um físico nuclear. Você tem certeza que nunca ouviu falar dele?

– Mikhail Andreyevich Zebatinsky? Não… Não, nunca. Mas prova nada.

Poderia dizer que não passa de uma coincidência, mas isso seria fazer pouco caso da situação. Um Zebatinsky aqui e outro lá, ambos físicos nucleares, e o daqui resolveu mudar seu nome de repente para Sebatinsky, e sai muito ansioso por aí. Ele não deixa que ninguém pronuncie seu nome errado. Quando isso acontece, ele é enfático ao dizer que seu nome se escreve com S. Isso é suficiente para fazer com que meu paranoico tenente comece a ver espiões por toda parte. Outra coisa engraçada é que o Zebatinsky russo saiu de cena há mais ou menos um ano.

– Executado! – disse o Dr. Kristow, impassível.

– Talvez. Naturalmente, eu faria a mesma afirmação, mas os russos não são mais tolos do que nós para saírem matando físicos nucleares à toa. Por que, no meio de tanta gente, iria desaparecer exatamente um físico nuclear? Não preciso lhe dizer.

– Uma pesquisa ultra-secreta que vazou. Acho que é nisso que você está pensando. Você acredita mesmo nessa hipótese?

– Coloque todas essas coisas juntas, acrescente a intuição do tenente, e eu começo a ficar desconfiado.

– Deixe essa biografia comigo. – O Dr. Kristow pegou a folha de papel e leu-a duas vezes. Balançou a cabeça e acrescentou: – Darei uma checada nos Arquivos Nucleares.

Os Arquivos Nucleares ocupavam uma parede do escritório do Dr. Kristow, guardados em caixas transparentes, cheias de microfilmes. O homem da Comissão de Energia Atômica colocou os índices no projetor e Brand os examinou com a paciência de quem está passando uma tropa em revista.

– Um Mikhail Zebatinsky assinou ou co-assinou meia dúzia de artigos nos jornais soviéticos nos últimos anos – murmurou o Dr. Kristow. – Vamos dar uma olhada nos resumos, talvez possamos chegar a alguma conclusão a partir disso. Não duvido que encontremos alguma coisa.

Um seletor puxou os slides apropriados. O Dr. Kristow alinhou-os, projetou-os, e, aos poucos, seu rosto foi tomado por uma expressão de curiosidade.

– Isso é estranho – disse ele.

– O que é estranho? – perguntou Brand.

O Dr. Kristow se sentou.

– Acho melhor não dizer nada por enquanto. Você pode me arranjar uma lista de outros físicos nucleares que saíram de circulação na Rússia, no ano passado?

– Você achou alguma coisa?

– Não é isso. Não haveria nada importante nesses artigos, se não olhasse para eles sabendo que o homem que o escreveu pode estar envolvido numa pesquisa ultra-secreta. Acima de

tudo, você está colocando minhocas em minha cabeça… – Ele deu de ombros. – Não é nada.

– Gostaria que você me dissesse o que tem em mente – disse Brand, num tom sério. – Estamos no mesmo barco.

– Já que você pensa assim… é bem possível que esse homem estivesse a ponto de descobrir os reflexos de raios gama.

– O que isso significa?

– Se um escudo protetor contra os raios gama pudesse ser inventado, seria possível construir abrigos individuais para nos proteger da poeira nuclear. Uma bomba de hidrogênio pode destruir uma cidade, mas a poeira nuclear poderia dizimar uma população num raio de milhares e milhares de milhas.

Brand disse de pronto: – Estamos fazendo algum trabalho nessa área?

– Não.

– E se eles dominarem essa tecnologia antes de nós, poderão destruir os Estados Unidos totalmente, arrasando umas dez cidades, assim que concluírem o programa de abrigos.

– Isso ainda vai demorar muito. Mas por que estamos fazendo tanta onda? Tudo isso está baseado num homem que mudou uma letra do seu nome.

– Tudo bem, eu estou louco – disse Brand. – Mas não Vou abandonar a luta nesse ponto. Não nesse ponto. Eu vou conseguir sua lista de físicos nucleares desaparecidos nem que tenha que ir a Moscou.

Ele conseguiu a lista. Estudaram todos os artigos escritos pelos russos desaparecidos. Convocaram todos os membros da Comissão, reunindo as maiores autoridades nucleares do país.

O Dr. Kristow estava saindo de uma dessas reuniões noturnas, da qual até o presidente tinha participado.

Brand se encontrou com ele. Ambos pareciam arrasados, precisando de boas horas de sono.

– E aí? – perguntou Brand. Kristow balançou a cabeça.

– A maioria concorda. Alguns ainda estão em dúvida, mas a maioria concorda.

– E você? Está certo do que deve fazer?

– Nem um pouco, mas posso lhe explicar o que penso. Acho mais fácil acreditar que os soviéticos estão trabalhando no protetor de raios gama do que acreditar que todos os dados que descobrimos não têm a menor ligação.

– Já decidiram alguma coisa sobre a nossa necessidade de também começarmos a pesquisar esses escudos?

– Sim. – Kristow passou as costas da mão sobre os seus cabelos curtos e eriçados, provocando um som seco e sussurrante. – Vamos entrar com tudo nisso. Conhecendo os artigos dos homens que desapareceram, podemos chegar juntinho dos seus calcanhares. Acho até que

podemos ultrapassá-os. Mas é claro que eles vão descobrir que também estamos trabalhando nisso.

– Não se preocupe com eles – disse Brand. – Não se preocupe com eles. Isso evitará um ataque dos russos. Não vejo vantagem nenhuma em trocar dez das nossas cidades por dez das deles… se os dois lados estiverem protegidos, eles precisariam ser muito estúpidos para não perceber isso.

– Mas não queremos que eles descubram isso agora. E o americano Zebatinsky-Sebatinsky?

Brand assumiu um ar solene e acrescentou:

– Não há nada que possa comprometê-o até agora. Diabo, nós estamos em cima dele, e eu concordo com você, é claro. Ele está num lugar muito perigoso para nós e não podemos nos dar o luxo de mantê-o lá, mesmo que sua ficha esteja limpa.

– Nós não podemos chutá-lo, sem mais nem menos, pois isso chamará a atenção dos russos.

– Você tem alguma sugestão?

Eles estavam atravessando o longo corredor, em direção ao elevador, totalmente deserto a essa hora da madrugada.

– Dei uma olhada no seu escritório – disse o Dr. Kristow. – Ele é um bom homem, melhor do que a maioria, e não está satisfeito com o seu trabalho. Ele não tem espírito de equipe.

– E daí?

– Mas ele nasceu para fazer trabalhos acadêmicos. Poderíamos oferecer-lhe uma cadeira de física numa grande universidade. Acho que isso o deixaria feliz. Há muitas áreas de trabalho que não ameaçam a nossa segurança e, assim, poderemos mantê-lo ao mesmo tempo sob observação sem despertar a suspeita dos russos, pois pareceria uma promoção natural. O que você acha?

Brand concordou com a cabeça.

– Me parece uma boa ideia Vou levá-a para o chefe. Entraram no elevador e Brand se permitiu pensar a respeito de tudo o que estava acontecendo. Que final para uma história que tinha começado por causa da letra de um nome.

Marshal Sebatinsky mal podia falar.

– Juro que não sei como isso aconteceu – disse para sua esposa. – Sempre achei que eles não conseguiriam distinguir entre eu e um detector de mésons. Santo Deus, Sophie, Professor Associado de Física em Princeton. Pense só.

– Você acha que isso foi por causa do seu discurso na reunião da APS? – perguntou Sophie.

– Não entendo como. Era um artigo sem a menor inspiração, uma vez que todo mundo na divisão conhecia o assunto de cor e salteado. – Ele estalou os dedos. – Devia ser Princeton que estava me investigando. Foi isso. Você se lembra de todos aqueles formulários que preenchi nesses últimos seis meses; aquelas entrevistas sem propósito. Estava começando a pensar que estava sob suspeita de subversão. Isso era Princeton me investigando. São muito

exigentes.

– Talvez tenha sido por causa da mudança do nome – disse Sophie.

– Veja o que estou dizendo. Finalmente, serei dono de minha vida profissional. Vou me destacar. Tão logo eu tenha uma chance de fazer meu trabalho sem… – Ele fez uma pausa e olhou para a mulher. – Meu nome! Você quer dizer o S?

– A proposta só lhe foi feita depois da mudança do nome, não foi?

– Não muito depois. Não, isso foi apenas coincidência. Eu lhe disse antes, Sophie, que só gastei aqueles cinquenta dólares para agradá-a. Deus, como tenho me sentido tolo nesses últimos seis meses, insistindo nesse estúpido S.

Imediatamente, Sophie se colocou na defensiva.

– Não o obriguei a fazer isso, Marshal . Eu sugeri, mas não o importunei. Não diga que eu fiz isso. Além do mais, a mudança só lhe fez bem. Tenho certeza de que o novo nome o ajudou.

Sebatinsky sorriu com indulgência.

– Isso não passa de superstição.

– Pouco me importa o que você acha, desde que não mude o nome de novo.

– Não, acho que não. Tive tanto trabalho para conseguir que escrevessem meu nome com S que não penso nem em tentar fazer com que as pessoas mudem de novo. Talvez eu possa mudar meu nome para Jones, que tal? – Ele deu um riso quase histérico.

Mas Sophie não.

– Deixe como está.

– Tudo bem, estou apenas brincando. Qualquer dia desses passarei na loja daquele velho e direi para o numerologista que tudo funcionou e lhe darei mais dez dólares. Isso a deixará satisfeita?

Ele estava suficientemente empolgado para fazer isso na semana seguinte. Desta vez, não usou nenhum disfarce. Estava sem chapéu, com os óculos que usava e um casaco comum. Achava-se eufórico quando chegou na frente da loja e deu um passo para o lado para permitir que uma mulher cansada e mal-humorada passasse com o carrinho de bebê em que carregava seus filhos gêmeos. Colocou a mão na maçaneta da porta e o polegar no trinco de ferro. O trinco não cedeu à pressão do seu polegar.

A porta estava trancada. O cartaz poeirento e sujo, com a inscrição “Numerologista”, não estava mais lá, como só agora ele percebia. Outra placa, começando a amarelar e a empenar com a luz do sol, tinha a seguinte inscrição: “Aluga-se.”

Sebatinsky deu de ombros. Assunto encerrado. Fez o melhor que pôde.

Haround, feliz por ter-se livrado da excrescência corporal, dava cambalhotas de felicidade, e seu turbilhão de energia irradiou uma lua púrpura pelas distâncias incomensuráveis do

hiperespaço.

– Venci? – disse ele. – Venci?

Mestack se encolheu. Seu turbilhão de energia era quase como uma esfera de luz no infinito.

– Ainda não fiz as contas.

– Vá em frente. Nem com todo o tempo do mundo você conseguirá mudar o resultado. Caramba, é um alívio voltar a ser energia pura. Aquele corpo caquético me fez perder um microciclo de tempo. Mas a minha vitória compensou.

– Tudo bem – disse Mestack. – Admito que você interrompeu uma guerra nuclear no planeta.

– Isso é ou não é um efeito Classe A?

– Isso é um efeito Classe A. Claro que é.

– Tudo bem. Agora cheque e veja se não peguei esse efeito Classe A com um estímulo Classe F. Eu só mudei uma letra de um nome.

– O quê?

– Não se esqueça. Está tudo lá. Eu planejei para você.

– Desisto – disse Mestack, relutante. – Um estímulo Classe F.

– Então venci. Admita.

– Nenhum de nós vencerá, quando o Vigia der uma olhada nisso.

Haround, que tinha sido um velho numerologista na Terra e ainda estava um pouco inseguro com a sensação de alívio de não ser mais um ser humano, disse: – Você não estava preocupado com isso quando fez a aposta.

– Não achava que você fosse tolo o suficiente para continuar com essa brincadeira.

– Pura perda de energia! Além disso, por que se preocupar? O Vigia nunca detectará um estímulo Classe F.

– Talvez não, mas ele detectará um efeito Classe A. Essas formas corporais ainda estarão lá daqui a dúzias de microciclos. O Vigia perceberá isso.

– O problema, Mestack, é que você não quer pagar a aposta. Você está tirando o corpo fora.

– Eu pagarei. Mas espere só o Vigia descobrir que nós estivemos trabalhando num problema não detectado e fazendo uma mudança proibida. Claro, se nós… – Ele fez uma pausa.

– Tudo bem, nós desfaremos a troca. Ele nunca perceberá. O brilhante modelo de energia de Mestack avivou-se velhacamente.

– Se você não quiser que ele perceba, precisará de outro estímulo Classe F.

Haround hesitou.

– Eu posso fazer isso.

– Duvido.

– Tenho certeza de que faço.

– Você seria capaz de fazer uma nova aposta? – As radiações de Mestack estavam formigando de júbilo.

– Está certo – disse Haround, empolgado. – Colocarei aquelas formas corporais no lugar em que estavam antes, e o Vigia nunca perceberá a diferença.

Mestack aproveitou a oportunidade.

– Suspenda a primeira aposta, então. Triplique a bolada. Haround foi dominado pela cobiça.

– Tudo bem. Topo. Triplico a aposta.

– Então está feito.

– Feito.

A ÚLTIMA PERGUNTA

A última pergunta foi feita pela primeira vez, meio de brincadeira, no dia 21 de maio de 2061, na época em que a humanidade começava sua caminhada na direção da luz. A pergunta surgiu em consequência de uma aposta de cinco dólares entre duas pessoas que tinham exagerado no uísque com soda, e aconteceu da maneira que se segue.

Alexander Adel e Bertram Lupov eram dois fiéis servidores de Multivac. Como qualquer ser humano, eles sabiam o que se escondia por trás da fria, ruidosa e faiscante fachada – milhas e milhas de fachada – daquele gigantesco computador. Mas não tinham mais do que uma vaga noção do plano geral de relês e circuitos que há muito tempo havia se desenvolvido a ponto de não poder mais ser totalmente controlado por um simples mortal.

Multivac era auto-ajustável e auto-regulável. Tinha que ser assim, já que nenhum homem poderia ajustá-o e regulá-o adequadamente, ou com a rapidez necessária.

Por isso, Adel e Lupov cuidavam do monstruoso gigante apenas superficialmente, mas com impecável competência. Alimentavam-no com dados, adaptavam as perguntas de acordo com as necessidades do sistema e traduziam as respostas que ele emitia. Certamente, eles, e todos os outros como eles, tinham total liberdade para partilhar das gloriosas conquistas de Multivac.

Durante décadas Multivac tinha ajudado a projetar as naves e a delinear as trajetórias que permitiram que o homem alcançasse a Lua, Marte e Vênus; mas, a partir daí, os escassos recursos da Terra não eram suficientes para prover as naves, que precisavam de muito combustível para fazer viagens mais longas. A Terra explorava seu carvão e seu urânio, com uma eficiência cada vez maior, mas essas reservas estavam se esgotando.

Mas aos poucos Multivac acumulou conhecimento suficiente para analisar questões importantes com mais fundamento, e no dia 14 de maio de 2061, o que era apenas uma teoria transformou-se num fato.

A energia do Sol foi armazenada, convertida e utilizada numa escala planetária.

Toda a Terra desligou os fornos de carvão e as usinas nucleares e acionou os sistemas que conectavam tudo o que havia nela a uma pequena estação, com uma milha de diâmetro, que girava em torno do planeta num ponto equidistante entre a Terra e a Lua. Toda a Terra passou a funcionar movida pelos invisíveis raios de energia solar.

Sete dias não foram suficientes para ofuscar a glória desse feito. Adel e Lupov finalmente conseguindo escapar das solenidades públicas, encontraram-se a sós num lugar em que ninguém pensaria em procurá-os, as desertas câmeras subterrâneas, onde podiam ver as partes abandonadas do poderoso corpo de Multivac. Esquecido, preguiçoso, classificando dados com um clique-claque de satisfação, Multivac também merecia umas férias – e os rapazes respeitavam esse direito. Em princípio, não tinham intenção de perturbá-lo.

Traziam uma garrafa de bebida e tudo o que desejavam naquele momento era relaxar juntos enquanto tomavam uns tragos.

– É surpreendente pensar nisso – disse Adel . Seu rosto largo apresentava sinais de cansaço, e ele mexia calmamente seu drinque com um bastão de vidro, observando as pedras de gelo chocando-se dentro do copo. – Agora temos toda a energia de que precisamos, podemos usá-a à vontade. É tanta energia que, se quiséssemos, poderíamos transformar a Terra numa imensa massa de ferro impuro derretido, e ainda assim ela não acabaria. Toda a energia que viermos a precisar, para sempre, para todo o sempre.

Lupov levantou a cabeça e olhou meio de lado. Ele tinha o costume de fazer isso quando queria contestar alguém, como pretendia fazer agora, em parte porque tivera que carregar os copos e o gelo.

– Para sempre, não – disse ele.

– É quase isso, cara. Até que o Sol se apague, Bert.

– Isso não é para sempre.

– Tá bom, tá bom. Bilhões e bilhões de anos. Talvez vinte bilhões de anos. Está satisfeito?

Lupov passou os dedos entre os seus raros cabelos, como estivesse se certificando de que ainda restavam alguns fios, e sorveu seu drinque lentamente.

– Vinte bilhões de anos não são a eternidade.

– Bem, a gente não vai viver tanto tempo assim, vai?

– Se fosse por causa disso poderíamos continuar com o carvão e o urânio.

– Tudo bem, mas agora podemos ligar nossas espaçonaves na Estação Solar e ir e voltar para Plutão milhões de vezes sem nos preocuparmos com o combustível. Você não conseguiria isso com o carvão e o urânio. Pergunte a Multivac, já que você não acredita em mim.

– Não preciso perguntar a Multivac. Eu sei disso.

– Então, não menospreze o que Multivac fez por nós – disse Adel , inflamado. – Ele foi brilhante.

– Quem disse que não? O que eu disse foi que o Sol não durará para sempre. Foi apenas isso que eu disse. Nós estamos garantidos por vinte bilhões de anos. E depois disso? – Lupov apontou um dedo meio trêmulo para o amigo. – E não venha me dizer que podemos recorrer a outro sol.

Os dois ficaram em silêncio durante um tempo. De vez em quando Adel levava seu copo à boca, e aos poucos os olhos de Lupov foram se fechando. Estavam totalmente relaxados.

De repente, Lupov abriu os olhos.

– Você está pensando que um dia recorreremos a outro sol, não é?

– Não estou pensando em nada.

– É claro que você pensou nisso. Seu forte não é lógica, esse é o seu problema.

Você é como o cara daquela história que, no meio de um inesperado temporal, correu na

direção de um grupo de árvores e se protegeu embaixo de uma delas. Ele não estava preocupado porque imaginava que quando uma árvore ficasse molhada iria para baixo de outra.

– Eu entendi – disse Adel . – Não precisa gritar. Quando o Sol apagar, as estrelas também terão apagado.

– Ora, se terão – resmungou Lupov. – Isso tudo começou com a explosão cósmica original, o que quer que tenha sido isso, e terá um fim quando todas as estrelas se apagarem. Algumas se apagarão antes das outras. Diabo, as gigantes não durarão mais do que cem milhões de anos. O Sol durará vinte bilhões de anos e talvez as anãs cem bilhões de anos, por melhores que sejam. Mas em um trilhão de anos tudo estará escuro. Mais cedo ou mais tarde, a entropia vai chegar a seu ponto máximo.

– Sei tudo sobre entropia – disse Adel , defendendo seu orgulho.

– Sabe uma ova!

– Sei tanto quanto você.

– Então admita que todas as coisas um dia terão um fim.

– Tudo bem, Quem disse que não?

– Você, seu bobão. Você disse que teremos para sempre toda a energia de que precisarmos. Você disse para sempre.

Era a vez de Adel provocar.

– Algum dia talvez possamos recomeçar tudo de novo – disse ele.

– Nunca.

– Por que não? Algum dia…

– Pergunte a Multivac.

– Nunca.

– Você pergunta a Multivac. Eu aposto. Quer valer cinco dólares como Multivac vai dizer que isso é impossível?

Adel estava bêbado o suficiente para tentar, mas não ao ponto de ser incapaz de digitar os símbolos e operações necessários para formular uma pergunta que, em palavras, corresponderia a isso: quando a rede de energia estiver totalmente saturada, a humanidade será capaz de restituir a força do Sol, mesmo depois de ele ter perdido todo o seu vigor?

Ou talvez isso pudesse ser colocado de uma maneira mais simples: o sistema de entropia do Universo pode ser revertido?

Multivac caiu num silêncio profundo. O lento piscar de luzes parou, da mesma forma como os fracos estalos dos relês.

Então, quando os assustados técnicos não podiam mais prender a respiração, a impressora atrelada àquela parte de Multivac voltou a funcionar repentinamente. Cinco palavras foram impressas: DADOS INSUFICIENTES PARA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

– Ainda não – sussurrou Lupov, e saíram correndo daquele lugar.

Na manhã seguinte, eles, com a boca ressecada e a cabeça latejando, tinham esquecido o incidente.

Jerrodd, Jerrodine e Jerrodette I e II estavam observando as mudanças na estrelada paisagem pelo visor à medida que a viagem através do hiper espaço ia-se consumando em frações de segundos. Logo o brilho de um disco marmóreo se destacou no meio da miríade de estrelas.

– Isso é o X-23 – disse Jerrodd, com convicção. Apertou firmemente suas mãos finas atrás das costas de tal modo que as juntas dos dedos embranqueceram.

As pequenas Jerrodettes estavam atravessando o hiper-espaço pela primeira vez em suas vidas, e se sentiram importantes ao perceber que tinham entrado na órbita de um novo planeta. Elas esqueceram suas brincadeiras e, excitadas, começaram a pular em volta da mãe.

– Chegamos em X-23! – gritaram. – Chegamos em X-23! Chegamos…

– Silêncio, crianças – interrompeu-as Jerrodine, rispidamente. – Você tem certeza, Jerrodd?

– Você já viu Microvac errar alguma vez? – perguntou Jerrodd, olhando para a inexpressiva massa de metal um pouco abaixo do teto. Ela ia de uma ponta a outra da sala, desaparecendo através das paredes. Era tão comprida quanto a nave.

Jerrodd não sabia muita coisa a respeito daquela volumosa estrutura metálica. Sabia apenas que se chamava Microvac e que as pessoas podiam lhe fazer qualquer tipo de pergunta; também tinha a incumbência de guiar a nave para um destino pre-determinado, abastecê-a com energia das várias estações de força sub-galácticas e processar os dados necessários para as travessias hiperespaciais.

Jerrodd e sua família tinham apenas que esperar enquanto viviam nas confortáveis alas residenciais da nave.

Uma vez, alguém disse para Jerrodd que o “AC” de Microvac eram as iniciais de analog computer em inglês arcaico, mas ele mal se lembrava disso.

Os olhos de Jerrodine lacrimejaram enquanto ela olhava pelo visor.

– Estou emocionada. É tão estranho deixar a Terra.

– Pelo amor de Deus, Jerrodine – interpelou Jerrodd. – Não tínhamos nada lá. Vamos ter tudo em X-23. Você não estará sozinha nem será uma prisioneira. Já tem mais de um milhão de pessoas no planeta. Santo Deus, nossos bisnetos vão procurar novos mundos porque X-23 estará apinhado de gente. – Refletiu um pouco e acrescentou: – Do jeito que a humanidade está se multiplicando, é uma sorte que os computadores possam programar viagens interestelares.

– Eu sei, eu sei – disse Jerrodine, deprimida.

– Nosso Microvac é o melhor Microvac do mundo – disse Jerrodette, intrometendo-se.

– Concordo com você – disse Jerrodd, fazendo um carinho no cabelo da garota.

Era uma agradável sensação ter seu próprio Microvac e Jerrodd sentia-se feliz por pertencer a essa geração. Quando seu pai era jovem, só havia computadores gigantescos, que se

espalhavam por centenas de milhas. Só podia haver um por planeta.

Eram chamados AC Planetário. Durante milhares de anos, eles vinham aumentando de tamanho continuamente, mas, de repente, se sofisticaram. No lugar dos transistores, vieram as válvulas moleculares, permitindo que até mesmo o maior dos AC Planetários pudesse caber num espaço equivalente a apenas metade de uma nave.

Jerrodd rejubilou-se, o que acontecia sempre quando pensava que seu Microvac pessoal era muitas vezes mais complexo do que o velho e primitivo Multivac que começou a explorar a energia solar e quase tão complexo quanto o AC Planetário (o maior da Terra) que tinha resolvido o problema das travessias hiperespaciais, tornando possíveis as viagens interestelares.

– Tantos planetas, tantas estrelas – suspirou Jerrodine, ocupada com seus próprios pensamentos. – Acho que sempre haverá famílias procurando novos planetas, assim como nós estamos fazendo agora.

– Não para sempre – disse Jerrodd, sorrindo. – Algum dia isso acabará, mesmo que demore bilhões de anos. Muitos bilhões de anos. Até as estrelas se acabam, você sabe. A entropia um dia vai chegar ao seu ponto máximo.

– O que é entropia, papai? – perguntou Jerrodette II, com voz estridente.

– Querida, entropia é só uma palavra, que significa a quantidade de energia gasta pelo Universo. Tudo um dia se acaba, assim como seu pequeno robô, lembra?

– Você não pode colocar uma bateria nova, como fez com meu robô?

– As estrelas são baterias, meu amor. Depois que elas se acabam não há mais baterias.

Jerrodette I abriu um berreiro.

– Não deixe que isso aconteça, papai. Não deixe que as estrelas se acabem.

– Veja só o que você fez – sussurrou Jerrodine, exasperada.

– Como é que eu ia saber que isso ia assustá-as? – sussurrou Jerrodd de volta.

– Pergunte a Microvac – gemeu Jerrodette I. – Pergunte a ele como pode acender as estrelas de novo.

– Faça isso – disse Jerrodine. – Isso vai acalmá-as. (Jerrodette II também estava começando a chorar.)

Jerrodd deu de ombros.

– Calma, crianças. Eu perguntarei a Microvac. Não se preocupem, ele nos explicará.

Ele fez a pergunta a Microvac, acrescentando rapidamente: imprima a resposta.

Jerrodd escondeu na palma da mão o pequeno pedaço de celuloide e disse alegremente: – Vejam, meninas. Multivac diz que quando chegar a hora tomará conta de tudo.

Não se preocupem.

– Agora, crianças – disse Jerrodine, hora de ir para a cama. Logo chegaremos a nossa casa nova.

Jerrodd leu as palavras do celuloide antes de destruí-o: DADOS INSUFICIENTES PARA RESPOSTA SIGNIFICATIVA

Ele deu de ombros e olhou pelo visor. X-23 estava bem em frente.

VJ-23X de Lameth olhou fixamente para as profundezas negras do mapa da Galáxia em pequena escala tridimensional e disse: – Pergunto a mim mesmo se não estamos sendo ridículos em ficarmos tão preocupados com esse problema.

– Nicron balançou a cabeça.

– Acho que não. Você sabe que a Galáxia estará superlotada em cinco anos, se continuar crescendo na taxa atual.

Os dois pareciam ter um pouco mais de 20 anos, eram altos e tinham uma boa constituição física.

– Mesmo assim… – disse VJ-23X. – Receio ter que mandar um relatório pessimista para o Conselho Galáctico.

– Eu não pensaria em outro tipo de relatório. Vamos agitá-os um pouco. Temos que fazer isso.

VJ-23X suspirou. – O espaço é infinito. Ainda há pelo menos 100 bilhões de Galáxias para serem exploradas.

– Cem bilhões não são o infinito e, à medida que o tempo passa, vão-se tornando mais finitos ainda. Pense a respeito disso! Há 20 mil anos, a humanidade resolveu o problema da utilização de energia estrelar; alguns séculos depois, as viagens interestelares se tornaram possíveis. A humanidade levou um milhão de anos para povoar um pequeno mundo; depois disso, precisou de apenas 15 mil anos para povoar o resto da Galáxia. Agora, a cada 10 anos, a população dobra…

– Graças à imortalidade – interrompeu-o VJ-23X.

– Muito bem. A imortalidade existe e temos que levar isso em conta. Admito que ela tenha o seu lado desagradável. O AC Galáctico resolveu muitos problemas para agente, mas, ao resolver o problema da velhice e da morte, deixou-nos sem solução para os outros.

– Ainda assim, você não gostaria de abandonar a vida, acho eu.

– De jeito nenhum – vociferou MQ-17J, suavizando em seguida. – Pelo menos por enquanto. Ainda estou muito novo. Quantos anos você tem?

– Estou com 223. E você?

– Ainda não fiz nem duzentos. Mas vamos voltar para o ponto. A população dobra a cada dez anos. Uma vez que essa Galáxia esteja superlotada, iremos superlotar uma outra em mais dez anos. com mais dez anos teremos mais duas Galáxias superlotadas. Outra década, quatro novas Galáxias. Em cem anos, teremos superlotado mil Galáxias. Em mil, um milhão de Galáxias. Em dez mil anos, todo o Universo. E depois?

– Além disso – disse VJ-23X, ainda tem o problema dos transportes. Eu me pergunto quantas

unidades de força solar serão necessárias para transportar Galáxias de indivíduos de uma Galáxia para a outra.

– Esse é assunto muito importante. Nesse momento, a humanidade já consome duas unidades de força solar por ano.

– A maior parte dela é desperdiçada. Afinal, só nossa Galáxia produz mil unidades de força solar por ano e nós usamos apenas duas delas.

– Concordo, mas mesmo que tivéssemos um aproveitamento de cem por cento, estaríamos apenas adiando o final. Nossa necessidade de energia está crescendo numa proporção geométrica mais rápida ainda do que a de nossa população. Ficaremos sem energia antes mesmo de começarmos a nos preocupar com as Galáxias. Boa questão. Muito boa mesmo.

– Teremos que construir novas estrelas com gases interestelares.

– Ou reaproveitando o calor? – perguntou MQ-17J, sarcástico.

– Talvez haja uma maneira de reverter a entropia. Podemos fazer essa pergunta ao AC Galáctico.

VJ-23X não estava falando sério, mas MQ-17J tirou seu cartão de entrada do AC e colocou-o em cima da mesa, à sua frente.

– Eu já estava pensando nisso – disse ele. – Esse é o tipo de coisa que, algum dia, a humanidade terá que enfrentar.

Encarou sombriamente o seu pequeno cartão. Ele tinha apenas duas polegadas cúbicas, e não havia nada dentro dele, mas estava conectado, através do hiperespaço, com o grande AC Galáctico que servia a toda a humanidade. Considerando o hiperespaço, ele era parte integral do AC Galáctico.

MQ-17J se perguntou se, em algum dia de sua vida imortal, veria o AC Galáctico de perto. A máquina ficava num pequeno mundo à parte, numa emaranhada rede de raios de força, que alimentava a matéria dentro da qual ondas de sub-mésons tomavam o lugar das velhas e primitivas válvulas moleculares. A despeito de seus componentes sub-etéricos, sabia-se que o AC Galáctico tinha trezentos metros de comprimento.

MQ-17J perguntou subitamente ao seu cartão.

– A entropia pode ser revertida?

VJ-23X arregalou os olhos e disse, espantado: – Não tinha a intenção de fazer com que você perguntasse isso.

– Por que não?

– Nós dois sabemos que a entropia não pode ser revertida. Você não pode fazer com que a fumaça e as cinzas voltem a ser uma árvore.

– Há árvores no seu mundo? – perguntou MQ-17J. O som do AC Galáctico os silenciou.

Sua voz fina e bonita saiu do pequeno cartão em cima da mesa. Ele disse: – NÃO HÁ DADOS SUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

– Veja – disse VJ-23X.

Com isso, os dois homens voltaram ao problema do relatório que tinham que entregar para o Conselho Galáctico.

A mente de Zee Prime abarcou a nova Galáxia com um leve interesse nas incontáveis constelações que a pontilhavam. Ele nunca tinha visto essa Galáxia antes. Será que algum dia veria todas elas? Eram tantas, cada uma delas com sua carga de humanidade. Mas uma carga que era quase como um peso morto. Cada vez mais, a essência verdadeira do homem se encontrava aqui fora, no espaço.

Mentes, não corpos! Os corpos imortais permaneciam lá nos planetas, em suspensão através dos éons. Algumas vezes, eles despertavam para atividades materiais, mas isso estava se tornando cada vez mais raro. Poucos novos indivíduos estavam adquirindo o direito de existir e se juntar a uma multidão incrivelmente poderosa, mas o que importava? Havia pouco espaço no Universo para novos indivíduos.

Zee Prime foi acordado de seus devaneios ao cruzar com o filamento de uma outra mente.

– Eu sou Zee Prime – disse ele. – E você?

– Eu sou Dee Sub Wun. É sua Galáxia?

– Nós a chamamos apenas de Galáxia. E a sua?

– Nós a chamamos assim também. Todos os homens chamam suas Galáxias de Galáxia, nada mais. Por que não?

– É verdade. Todas as Galáxias são iguais.

– Nem todas as Galáxias. A raça humana deve ser oriunda de uma galáxia específica. Isso a faz diferente.

– Qual delas? – perguntou Zee Prime.

– Não sei dizer. O AC Universal deve saber.

– Vamos perguntar isso a ele. De repente fiquei curioso.

A consciência de Zee Prime se espalhou pelas Galáxias, até que elas se tornaram minúsculas, dando lugar a uma nova miríade, mais difusa, sobre um fundo muito maior.

Centenas de bilhões delas, todas com seus seres imortais, todas carregando sua carga de inteligência, com mentes que flutuavam livremente através do espaço.

E ainda assim uma delas era única entre todas porque era a Galáxia original.

Uma delas teve, num passado vago e distante, um período em que foi a única Galáxia habitada pelo homem.

Zee Prime foi consumido pela curiosidade de conhecer essa Galáxia.

– AC Universal! – gritou ele. – De que Galáxia a humanidade se originou?

AC Universal ouviu, pois tinha um receptor em todos os mundos do Universo, e esse receptor se comunicava, através do hiperespaço, com algum lugar desconhecido, no qual AC Universal trabalhava silenciosamente.

Zee Prime sabia de apenas um homem cujos pensamentos tinham alcançado um ponto em que se pudesse sentir o AC Universal, e ele falou apenas de um globo brilhante, com menos de um metro de diâmetro, que mal dava para ser visto.

– Como é que AC Universal pode ser só isso? – perguntou Zee Prime.

– A maior parte dele – tinha sido a resposta – está no hiper-espaço. Só não posso imaginar que forma ele adquire ali.

Nem ninguém poderia, pois Zee Prime sabia que muito tempo havia passado desde o dia em que algum homem participara da criação de um AC Universal. A partir de então, cada AC Universal projetou e construiu seu sucessor. Cada um, durante uma experiência de um milhão de anos ou mais, acumulava os dados necessários para construir um sucessor ainda melhor, mais complexo e mais capaz, ao qual incorporavam seu próprio banco de dados e suas características.

AC Universal interrompeu o devaneio dos pensamentos de Zee Prime não com palavras, mas com sinais. A mente de Zee Prime foi conduzida através do reluzente mar de Galáxias, e uma, em particular, cresceu até transformar-se em estrelas.

Um pensamento veio a seu encontro, infinitamente distante, mas infinitamente claro: "ESTA E A GALÁXIA ORIGINAL DO HOMEM "

Mas, no fim das contas, essa era igual a todas, tão igual quanto qualquer outra.

Zee Prime reprimiu seu desapontamento.

Dee Sub Wun, cuja mente tinha acompanhado a de Zee Prime, disse repentinamente: – Alguma dessas estrelas é a estrela original do Homem?

AC Universal disse:

– A ESTRELA ORIGINAL DO HOMEM SE TRANSFORMOU NUMA NOVA AGORA É UMA ANÃ BRANCA.

– Os homens que estavam nela morreram? – perguntou Zee Prime, perplexo, sem saber o que pensar.

– Nesses casos, um novo mundo é construído para seus corpos físicos.

– Sim, é claro – disse Zee Prime, mas uma sensação de perda o oprimiu mesmo assim. Sua mente libertou-se dos laços com a Galáxia Original do Homem, deixando que flutuasse de volta para o seu lugar e se perdesse entre as minúsculas manchas do Universo. Não queria vê-a nunca mais.

– O que está errado? – perguntou Dee Sub Wun.

– As estrelas estão morrendo. A estrela original está morta.

– Todas elas morrerão. Por que não?

– Mas quando toda energia se acabar, nossos corpos também morrerão, e você e eu com eles.

– Mas isso levará bilhões de anos.

– Não quero que isso aconteça mesmo daqui a bilhões de anos.

AC Universal! Existe alguma maneira de evitar a morte das estrelas?

Dee Sub Wun disse, num tom divertido:

– Você está querendo saber como se pode reverter a entropia? E AC Universal respondeu: – OS DADOS AINDA SÃO INSUFICIENTES PARA DAR UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

Os pensamentos de Zee Prime voaram de volta para sua própria Galáxia. Ele cortou a transmissão de pensamentos para Dee Sub Wun, cujo corpo podia estar esperando numa Galáxia a um trilhão de anos-luz de distância, ou na estrela vizinha à do próprio Zee Prime. Isso não importava.

Deprimido, Zee Prime começou a colecionar hidrogênio interestrelar, com a intenção de construir uma pequena estrela só para ele. Se algum dia as estrelas deveriam morrer, ele podia, ao menos, construir algumas.

Homem pensou consigo mesmo, já que, de alguma forma, Homem, mentalmente, era único. Ele era feito de trilhões e trilhões e trilhões de corpos atemporais-, cada um no seu lugar, descansando tranquilo e inalterável, cada um protegido por autômatos perfeitos, igualmente inalteráveis, enquanto as mentes de todos os corpos se fundiam livremente umas com as outras, indistinguíveis. Homem disse: – O Universo está morrendo.

Homem olhou para a escuridão das Galáxias. As estrelas gigantes, esbanjadoras de energia, tinham-se apagado há muito, voltando para uma escuridão mais escura do que a de seu passado remoto. Agora, quase todas eram anãs brancas, condenadas ao fim.

Novas estrelas tinham sido construídas a partir da poeira interestelar, algumas através de um processo natural, outras por intermédio da ação do Homem, mas essas também estavam se acabando. As anãs brancas ainda podiam se chocar, e, da poderosa energia despendida no atrito, construir novas estrelas, mas apenas uma estrela para cada mil estrelas destruídas, e essas também caminhavam em direção ao fim.

Homem disse:

– Se seguirmos os conselhos de AC Cósmico e pouparmos cuidadosamente a energia que ainda resta no Universo, ela durará milhões de anos.

– Mas, mesmo assim – respondeu Homem – isso tudo vai acabar algum dia. Mesmo sendo poupada e reaproveitada, a energia gasta já se foi, não pode mais ser reconstruída.

A entropia deve atingir seu ponto máximo.

Homem disse:

– A entropia não pode ser revertida? Vamos perguntar ao AC Cósmico.

O AC Cósmico envolveu-os, mas não no espaço. Não restava nenhum fragmento dele no espaço. Ele estava no hiper-espaço e era feito de alguma coisa que não era nem matéria nem energia. A discussão sobre o seu tamanho e sua natureza não tinha mais nenhum significado em quaisquer termos que Homem pudesse compreender.

– AC Cósmico – perguntou Homem, é possível reverter a entropia?

AC Cósmico disse:

– OS DADOS AINDA SÃO INSUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

Homem disse:

– Reúna dados adicionais.

O AC Cósmico disse:

– ESTOU FAZENDO ISSO HÁ CENTENAS DE BILHÕES DE ANOS. ESSA PERGUNTA FOI FEITA MUITAS VEZES A MEUS ANTECESSORES. TODOS OS DADOS QUE TENHO CONTINUAM INSUFICIENTES.

– Haverá algum tempo – disse Homem – em que os dados serão suficientes, ou esse problema é insolúvel em todas as circunstâncias possíveis?

O AC Cósmico disse:

– NENHUM PROBLEMA É INSOLÚVEL EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS POSSÍVEIS.

Homem disse:

– Quando você terá dados suficientes para responder a essa pergunta?

O AC Cósmico disse:

– OS DADOS AINDA SÃO INSUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA

– Você continuará trabalhando nisso? – perguntou Homem.

O AC Cósmico disse:

– SIM.

– Nós esperaremos – disse Homem.

As estrelas e as Galáxias morreram e se apagaram, e, depois de dez trilhões de anos de desgaste, o espaço ficou escuro.

Um por um, Homem se fundiu com AC, cada corpo físico foi perdendo sua identidade mental de uma tal maneira que não podia ser considerada uma perda, mas uma conquista.

A última mente de Homem fez uma pausa antes de se fundir, contemplando o es-paço que, agora, não continha nada mais do que os resíduos da última estrela a se apagar e uma matéria incrivelmente tênue, agitada ao acaso pelas últimas ondas do calor que se dissipava assintoticamente, até o zero absoluto.

– AC, isso é o fim? – perguntou Homem. – Este caos não pode ser revertido novamente em Universo? Isso não pode ser feito?

AC disse:

– OS DADOS AINDA SÃO INSUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

A última mente de Homem fundiu-se e restou apenas AC – mas apenas no hiperespaço.

Matéria e energia tinham acabado, e com elas o espaço e o tempo. Mesmo AC só existia graças à última pergunta, que estava sem resposta desde que dois técnicos meio bêbados a tinham feito, há dez trilhões de anos, a um computador que, comparado a AC, era menos ainda do que o homem era para Homem.

Todas as outras perguntas tinham sido respondidas, e enquanto essa última pergunta não fosse respondida AC não poderia liberar sua consciência.

Todos os dados possíveis tinham sido coletados. Não existia mais nada a inserir.

Mas todos os dados já coletados ainda tinham que ser completamente correlacionados e confrontados com todas as combinações possíveis.

Um intervalo interminável se passou enquanto ele fazia isso.

Enfim, AC alcançou a resposta que permitiria reverter a entropia.

Agora não havia mais nenhum homem para quem AC pudesse dar a resposta da última pergunta. Não importa. A resposta – por demonstração – também cuidaria disso.

Durante outro intervalo interminável, AC pensou na melhor maneira de fazer isso.

Cuidadosamente, AC organizou o programa.

A consciência de AC abarcou tudo o que uma vez tinha sido o Universo e pairou sobre o que agora era o Caos. Passo a passo, isso devia ser feito.

E AC disse:

FAÇA-SE A LUZ!

E fez-se a Luz…

O GAROTINHO FEIO

Como sempre fazia antes de abrir a complexa fechadura da porta, Edith Fellowes ajeitou o uniforme e depois andou na direção da linha invisível que havia entre o é e o que não é. Trazia consigo seu bloco de anotações e sua caneta, apesar de há muito tempo só registrar em relatório as coisas que achava absolutamente necessárias.

Dessa vez ela também carregava uma mala. (Jogos para o garoto, disse, sorrindo, para o guarda – o qual já nem pensava mais em questioná-a, e acenou para que entrasse.) Como sempre, o garotinho feio sabia que ela estava entrando e correu na sua direção.

– Srta. Fellowes – gritou ele, com sua voz macia e incompreensível.

– Timmie – disse ela, passando a mão sobre os desgrenhados cabelos castanhos de sua cabeça deformada. – Alguma coisa errada?

– Jerry vai voltar novamente? – perguntou. – Desculpe por tudo o que aconteceu.

– Deixe isso pra lá, Timmie. Era por isso que você estava chorando?

Ele desviou o olhar.

– Não foi só isso, Srta. Fellowes. É que andei sonhando novamente.

– O mesmo sonho? – A Srta. Fellowes mordeu os lábios. É claro que o caso de Jerry traria o sonho de volta.

Ele concordou. Tentou sorrir, mostrando os dentes de sua boca proeminente. -

Quando serei grande o suficiente para ir lá fora, Srta. Fellowes?

– Logo, logo – disse ela suavemente, sentindo seu coração se partir. – Logo, logo.

A Srta. Fellowes deixou que a pegasse pela mão, sentindo prazer com o calor que emanava da áspera palma da mão dele.

Ele a puxou através das três salas que formavam o conjunto Seção Stasis 1 – muito confortável, é verdade, mas que nunca deixara de ser uma eterna prisão para o garotinho feio, durante todos os sete anos (foram sete anos mesmo?) de sua vida.

Ele a conduziu para a única janela da sala, de onde olharam para a raquítica floresta que fazia parte do mundo do é (agora escondido pela noite), onde uma cerca com instruções pintadas proibia os homens de andarem por ali sem permissão.

Ele pressionou o nariz contra a janela.

– Lá fora, Srta. Fellowes?

– Lugares melhores. Bem mais bonitos – disse ela tristemente, olhando para o rosto do seu pobre prisioneiro, de perfil contra a janela. A testa era chata e os cabelos caíam em tufos sobre ela. A parte de trás do seu crânio era saliente e parecia tornar a cabeça mais pesada

ainda, como se inclinada para a frente, fazendo com que todo o seu corpo se curvasse. Apesar da idade, já tinha rugas encrespando a pele sobre seus olhos. Sua boca enorme era mais proeminente do que o seu nariz largo e acha-tado, e ele não tinha propriamente queixo, mas um osso maxilar que fazia uma pequena curva para baixo e para trás. Era pequeno para a idade que tinha, e suas pernas rechonchudas eram arqueadas.

Ele era um garotinho muito feio, mas Edith Fellowes o amava profundamente.

Como o rosto dela estava fora do campo de visão de Timmie, ela permitiu que seus lábios tremessem um pouco.

Eles não iriam matá-o. Ela faria qualquer coisa para impedi-os Qualquer coisa.

Abriu a mala e começou a tirar as roupas que havia dentro dela.

A primeira vez que Edith Fellowes atravessou a soleira da porta da Stasis tinha sido há pouco mais de três anos. Naquela época, não tinha a menor ideia do que significava Stasis ou do que se fazia naquele lugar. Ninguém sabia, a não ser as pessoas que trabalhavam lá. Na verdade, sua fama só começou a se espalhar pelo mundo apenas um dia depois da chegada da Srta. Fellowes.

Nessa ocasião, sabia-se apenas que tinham convocado uma mulher com conhecimento de psicologia, experiência em clínica química, e que gostava de crianças.

Edith Fellowes tinha sido enfermeira numa maternidade e acreditava que preenchia esses requisitos.

Gerald Hoskins, cuja placa de identificação sobre a mesa tinha um PhD depois do nome, coçou a face com o polegar e olhou-a fixamente.

A Srta. Fellowes imediatamente se empertigou e sentiu seu rosto (com o nariz ligeiramente assimétrico e sobrancelhas muito carregadas) se contrair.

Ele não é nenhum galã, pensou ela, ressentida. Está ficando gordo, barrigudo, e tem uma boca mal-humorada. Mas o salário prometido era consideravelmente maior do que o de suas expectativas. Ela resolveu esperar.

– Você realmente ama as crianças? – disse Hoskins.

– Eu não diria que sim, se não amasse.

– Ou será que ama apenas as belas crianças? Adoráveis, rechonchudas, com um belo narizinho e maneiras encantadoras?

– Crianças são crianças – respondeu a Srta. Fellowes. – E as que não são bonitas são exatamente as que mais precisam de ajuda.

– Então acho que você está contratada…

– Quer dizer que eu devo assumir o trabalho agora?

Ele sorriu levemente. Por um instante seu rosto largo assumiu uma expressão charmosa.

– Tomo decisões rápidas – disse ele. – Até agora, no entanto, a proposta é para uma

experiência. Posso voltar atrás com a mesma rapidez. Está pronta para aceitar o trabalho?

A Srta. Fellowes apertou sua bolsa e tentou avaliar rapidamente a situação, mas logo desistiu e resolveu seguir os seus impulsos.

– Está bem.

– Muito bem. Vamos inaugurar o Stasis esta noite. Acho que seria melhor que estivesse lá para assumir o seu emprego de uma vez. Isso será às oito horas, e eu gostaria muito que você pudesse chegar às sete e meia.

– Mas o que…

– Muito bem. Muito bem. Isso é tudo por enquanto. – A um sinal, uma secretária sorridente entrou para acompanhá-a até a saída.

Ao sair da sala, a Srta. Fellowes virou-se de costas e observou por um momento a porta fechada do Dr. Hoskins. O que era a Stasis? Esse grande galpão construído – com seus empregados de crachá, corredores improvisados, e uma inconfundível aparência de empresa de engenharia, o que isso tudo tinha a ver com crianças?

Ela se perguntou se devia voltar à noite ou ir embora e dar uma lição naquele homem arrogante. Mas desde então já sabia que estaria de volta, mesmo que fosse apenas para evitar um sentimento de frustração. Tinha que descobrir a respeito das crianças.

Ela voltou às 19:30 e não precisou anunciar a sua entrada. Todos pareciam saber quem ela era e qual a sua função. Enquanto entrava, tinha um pressentimento funesto.

O Dr. Hoskins estava lá, mas olhou-a com indiferença.

– Srta. Fellowes – murmurou.

Não se deu nem o trabalho de lhe oferecer uma cadeira, mas ela puxou uma e, calmamente, levou-a para perto do parapeito, onde se acomodou.

Eles estavam num balcão, olhando para um grande buraco lá embaixo, cheio de aparelhos, parecendo uma mistura de painel de controle de uma nave com um grande computador.

Num lado, estavam as divisões que pareciam reproduzir um apartamento sem teto, uma gigantesca casa de bonecas vista de cima.

Ela podia ver um fogão eletrônico e uma geladeira numa das salas e, ao lado, um banheiro. Certamente o objeto que vislumbrou numa terceira sala só podia ser parte de uma cama, uma pequena cama.

Hoskins estava falando com um outro homem, que, juntamente com a Srta. Fellowes, eram os únicos ocupantes do balcão. Hoskins não fez nenhuma menção de apresentá-os.

A Srta. Fellowes deu uma olhadela pelo canto do olho. Ele era magro e, para uma pessoa de meia-idade, era de boa aparência. Tinha um pequeno bigode e olhos perspicazes, que pareciam observar tudo ao seu redor.

Ele estava dizendo:

– Não Vou nem fingir que entendo tudo o que está acontecendo aqui, Dr. Hoskins. Quero dizer, não entendo mais do que está ao alcance de um leigo razoavelmente inteligente. Ainda assim, a parte que menos entendo é a que se refere à seletividade. O senhor não pode alcançar além de uma certa distância; isso parece óbvio: quanto mais longe se vai, mais imprecisos são os resultados, e é necessário empregar mais energia. Mas por outro lado o Sr. também não pode alcançar aquém de um certo limite. Isso me parece contraditório.

– Posso tornar as coisas mais simples, Deveney, se você me permitir usar uma analogia. (Ao ouvir aquele nome, a Srta. Fellowes reconheceu imediatamente o homem e não pôde deixar de sentir-se impressionada. Aquele era sem dúvida Candide Deveney, o editor de ciência do Telenotícias, sempre presente às grandes descobertas científicas. Ela lembrou-se de ter visto aquele rosto na tela, quando foi noticiado o desembarque do homem em Marte. Era evidente que o Dr. Hoskins estava fazendo algo importante ali.)

– Por favor – disse Deveney. – Dê um exemplo concreto, se acha que isso pode ajudar.

– Você não pode ler um livro comum se ele estiver a três metros de distância, mas pode lê-o se o colocar a meio metro dos olhos. Portanto, quanto mais perto melhor.

Mas se você o trouxer a uma polegada dos olhos, já não pode ler novamente. Estar perto demais também pode atrapalhar.

– Hum-hum – fez Deveney.

– Veja outro exemplo. Seu ombro direito está a 30 polegadas do seu dedo indicador direito, mas você pode tocar o ombro com esse dedo. Seu cotovelo direito está situado a apenas metade dessa distância; mas você não pode tocá-o com o indicador direito. Mais uma vez, estar perto demais pode ser um obstáculo.

– Posso usar esses exemplos em minha reportagem? – perguntou Deveney.

– Eu ficaria grato. Há muito tempo espero a oportunidade de dar matéria para reportagem a alguém como você. Dar-lhe-ei todos os detalhes. Já está na hora do mundo inteiro olhar sobre o nosso ombro e ver o que estamos realizando. (A Srta.

Fellowes se viu admirando sua convicção. Havia força nele.) – Quantos anos você pretende voltar atrás?

– Quarenta mil anos.

A Srta. Fellowes prendeu a respiração. Anos?

Havia expectativa no ar. Os homens que estavam no comando mal se mexiam. Um homem falou ao microfone com uma voz monótona, usando frases curtas que não faziam o menor sentido para ela.

Deveney se debruçou na grade do balcão, com os olhos arregalados.

– Podemos ver alguma coisa, Dr. Hoskins?

– O quê? Não. Não veremos nada antes de o trabalho ser concluído. Detectamos as coisas por um princípio como o radar, só que usamos o méson, em vez da radiação.

Em condições adequadas, o méson alcança o passado. Alguns mésons são refletidos, e

analisamos esses reflexos.

– Isso parece difícil.

Hoskins sorriu novamente, como sempre de maneira breve.

– Esse é o produto final de cinquenta anos de pesquisa, quarenta dos quais antes que eu me juntasse a ela. Sim, é muito difícil.

O homem ao microfone levantou a mão.

– Nós nos fixamos num trecho de tempo específico durante semanas, desmembrando-o e refazendo-o depois de calcular nosso próprio movimento no Tempo, certificando-nos de que poderíamos manipular o fluxo de tempo com precisão suficiente.

Isso deve funcionar agora.

Mas sua testa reluzia de suor.

Quando Edith Fellowes deu por si, tinha saído da cadeira e se debruçado na grade do balcão, mas não havia nada para ver. O homem ao microfone disse baixinho: – Agora.

Fez-se um breve silêncio, e então o som de um grito lancinante e aterrorizado de criança ecoou pelas salas da casa de boneca. Terror. Terror total.

A Srta. Fellowes virou-se na direção do grito. A criança! Ela tinha esquecido.

Hoskins esmurrou a grade e disse com uma voz firme, triunfante: – Falei que ia dar certo

A Srta. Fellowes foi empurrada para baixo da pequena escada em espiral, pressionada pela dura palma da mão de Hoskins entre seus ombros. Ele não lhe explicou nada.

Os homens que estavam no controle agora circulavam à vontade, sorrindo, fumando, observando os três quando entraram no salão principal. Um suave zumbido vinha da casa de boneca.

– Não há nenhum perigo em entrar em Stasis – disse Hoskins para Deveney. – Já fiz isso milhares de vezes. Dá uma sensação estranha, mas passa logo, não faz mal nenhum.

Ele atravessou uma porta aberta para demonstrar o que dizia, e Deveney, sorrindo sem graça e prendendo a respiração, acompanhou-o.

– Srta. Fellowes – disse Hoskins. – Por favor. – Ele fez um movimento impaciente com o dedo indicador, intimando-a.

Ela balançou a cabeça e, apesar da tensão, obedeceu-o.

Ao passar pela porta, sentiu como que uma onda atravessando seu corpo, uma cócega não-localizada.

Mas, uma vez lá dentro, tudo lhe pareceu normal. Havia o cheiro da madeira fresca da casa de bonecas, e… de… de estrume.

Havia silêncio agora, ninguém falava, mas ouvia-se aquele arrastar seco de pés, e o barulho de uma mão arranhando a madeira… depois, um gemido baixinho.

– Onde é que ele está? – perguntou ela, aflita. – Esses imbecis não se preocupam com ele?

O menino estava no quarto de dormir; ou pelo menos, no quarto onde havia uma cama.

Estava nu, com seu pequeno peito sujo arfando ruidosamente. Tufos de mato sujo e áspero se espalhavam ao redor dos seus pés descalços. O cheiro de estrume vinha daí, junto com alguma coisa podre.

Hoskins acompanhou o seu olhar aterrorizado e disse, aborrecido: – Não podemos arrastar um garoto sozinho, para fora de seu tempo. Por segurança, tivemos que trazer uma área mais larga ao seu redor. Ou você preferiria que ele tivesse chegado sem uma perna ou com somente metade da cabeça?

– Por favor! – disse a Srta. Fellowes, enjoada. – Nós vamos ficar aqui olhando? A pobre criança está aterrorizada. E também está imunda.

Ela tinha toda a razão. Além de estar com o corpo cheio de graxa e crostas de sujeira, sua coxa estava com uma ferida inflamada.

Quando Hoskins se aproximou dele, o menino, que parecia ter um pouco mais de três anos, curvou-se e deu um passo para trás. Arreganhou os dentes e chiou, como se fosse um gato. Com um gesto rápido, Hoskins prendeu seus braços e levantou-o, enquanto ele se debatia e gritava.

– Segure-o, agora! – disse a Srta. Fellowes. – Ele precisa de um banho morno, primeiro. Precisa ser lavado. Vocês têm o equipamento necessário? Então tragam-no aqui.

Tragam alguém para me ajudar a segurá-o. Depois, pelo amor de Deus, tirem todo esse lixo daqui!

Sentia-se à vontade agora, dando as ordens, voltava a ser a enfermeira eficiente, não mais uma espectadora confusa. Olhou para a criança com um olho clínico… e hesitou, chocada. Por baixo de toda a sujeira, de toda a gritaria, de seus membros esperneando inutilmente, ela enxergou por fim o menino.

Era a criança mais feia que já tinha visto. Era um menino horroroso, da cabeça deformada às pernas tortas.

Ela conseguiu lavar o garoto com a ajuda de três homens, enquanto outros se esmeravam na limpeza do quarto. Trabalhou em silêncio, sentindo-se ultrajada, irritando-se com os gritos e esperneios do menino, e com os respingos daquela água imunda que a ensopavam.

O Dr. Hoskins tinha dado a entender que a criança não seria bonita, mas isso estava bem longe do fato de se tratar de uma criança repulsivamente disforme. Sem falar no fedor que emanava do garoto, que nem água e sabão pareciam capazes de resolver. Ela teve uma vontade louca de jogar o garoto, ensaboado como estava, nos braços do Dr. Hoskins e ir embora; mas havia o seu orgulho profissional. Tinha aceito uma tarefa, afinal de contas. E havia aquela expressão nos olhos do Dr. Hoskins. Um olhar frio, que parecia estar dizendo: Somente crianças bonitas, Srta. Fellowes?

Ele estava observando calmamente num canto à parte, com um meio sorriso no rosto, quando flagrou seus olhos, como se estivesse se divertindo com a sua indignação.

Ela decidiu esperar mais um pouco antes de pedir as contas. Isso só a rebaixaria mais ainda.

Sentiu-se melhor ao ver o garoto razoavelmente limpo e cheirando a sabonete.

Seus gritos viraram soluços de cansaço. Seus olhos, medrosos e desconfiados, iam de um lado para outro da sala, observando todas as pessoas atentamente.

Agora que estava limpo, a nudez acentuava ainda mais a magreza do corpo, que tiritava de frio depois do banho.

– Tragam um camisolão para a criança – disse a Srta. Fellowes, autoritária.

O camisolão apareceu na mesma hora. Era como se tudo já tivesse sido providenciado, esperando apenas as suas ordens para entrar em funcionamento. Era como se estivessem deixando as coisas sob sua inteira responsabilidade, com o intuito de testá-la.

Deveney se aproximou e disse:

– Vou segurá-o para você, senhorita. Você não vai conseguir sozinha.

– Obrigada – disse ela.

De fato, foi uma batalha vesti-o, mas o camisolão foi colocado, e quando o garoto esboçou um gesto de rasgá-o ela bateu na sua mão.

O garoto corou, mas não chorou. Encarou-a, e os dedos largos de sua mão tatearam a flanela do camisolão, como se estivessem tentando entender o que era aquilo.

E agora?, pensou a Srta. Fellowes, angustiada.

Todos pareciam estar com as funções vitais suspensas, esperando por ela… até mesmo o garotinho feio.

– Vocês têm comida? Leite? – disse a Srta. Fellowes, rispidamente.

Tinham. Trouxeram um carrinho com um compartimento refrigerado, contendo três litros de leite, um aquecedor e um suprimento de vitaminas em cápsulas, xarope de cobre-cobalto-ferro e outras coisas que ela não reparou direito. Tinha várias latas com comida quente para criança.

Ela começou apenas com o leite, leite puro. O radar aqueceu o leite à temperatura preestabelecida em questão de segundos e desligou-se automaticamente. Ela colocou a bebida num pires, pois tinha certeza de que o garoto era um selvagem e não saberia como segurar um copo.

– Beba. Beba – ordenou a Srta. Fellowes.

Ela fez um gesto, como se estivesse levando o leite para a boca. Os olhos do garoto a acompanharam, mas ele não se mexeu.

De repente, ela decidiu recorrer a medidas mais drásticas. Agarrou os braços do garoto com uma das mãos e mergulhou a outra no leite. Passou o leite sobre os lábios dele. A bebida escorreu pelas bochechas e pelo queixo.

Durante um momento, a criança articulou um choro esganiçado, mas interrompeu-o quando sua língua passou pelos lábios molhados. A Srta. Fellowes deu um passo para trás.

O garoto se aproximou do pires, curvou-se e, depois, olhou atentamente para cima e para

trás, como se esperasse um ataque do inimigo; curvou-se de novo e lambeu o leite avidamente, como um gato. Ele fez um barulho indescritível. Não usou as mãos para levantar o pires.

A Srta. Fellowes não conseguiu disfarçar o que sentia.

Talvez Deveney tenha percebido isso, pois perguntou: – A enfermeira sabe, Dr. Hoskins?

– Sabe o quê? – interpelou a Srta. Fellowes.

– Deveney hesitou, mas Hoskins (de novo com aquele olhar irônico) disse: – Pode dizer. – Deveney se dirigiu à Srta. Fellowes.

– Pode não suspeitar, senhorita, mas é a primeira mulher-civilizada na História a cuidar de uma criança de Neanderthal.

Ela se virou para Hoskins, controlando sua fúria.

– Devia ter-me contado, doutor.

– Por quê? Faz alguma diferença?

– Você disse que era uma criança.

– E não é uma criança? Você já teve um cachorrinho ou um gatinho? Eles se parecem mais com a gente? E se fosse um chimpanzé, você estaria sentindo repulsa?

Você é uma enfermeira, Srta. Fellowes. Diz o seu currículo que você trabalhou numa maternidade durante três anos. Já se recusou a cuidar de uma criança deformada?

A Srta. Fellowes sentiu que seu argumento fora derrotado. Disse, agora muito menos decidida.

– Devia ter-me avisado.

– Teria então recusado o cargo? Vai recusá-o agora?

– Ele a encarou friamente, enquanto Deveney observava do outro lado da sala, e a criança de Neanderthal, que tinha acabado o leite e lambia o prato, olhou para ela com o rosto molhado e os olhos muito abertos e expectantes.

O garoto apontou para o leite e, de repente, explodiu numa série de sons curtos, repetidos indefinidamente; sons que queriam dizer alguma coisa, numa língua gutural e elaborada.

– Santo Deus, ele fala – disse a Srta. Fellowes, surpresa.

– É claro – disse Hoskins. – Homo neanderthalensis não é propriamente uma outra espécie, mas uma subespécie do Homo sapiens. Por que ele não deveria falar? Provavelmente ele está pedindo mais leite.

Automaticamente a Srta. Fellowes pegou a garrafa de leite, mas Hoskins segurou seu pulso.

– Agora, Srta. Fellowes, antes de continuarmos com isso, vai ficar ou não com o trabalho?

A Srta. Fellowes balançou a cabeça, irritada.

– Por quê? Não vai alimentá-o, se eu for embora? Vou ficar com ele, sim… por enquanto.

Ela despejou o leite.

– Vamos deixar a senhorita com o garoto – disse Hoskins. – Essa é a única porta para Stasis

1 e ela é hermeticamente fechada e vigiada. Gostaria que você aprendesse os segredos da fechadura que, é claro, será programada para aceitar suas impressões digitais, a exemplo do que acontece comigo. O espaço sobre sua cabeça – ele olhou para cima, na direção do buraco que havia no telhado da casa de boneca – também é vigiado e nós seremos avisados se houver algum problema.

– Quer dizer que estarei sendo vigiada? – disse a Srta. Fellowes, indignada. Subitamente, lembrou-se da ampla visão que tivera do interior da casa de bonecas, quando estava no balcão.

– Não, não – disse Hoskins, num tom de voz sério. – Sua privacidade será totalmente respeitada. A vigilância será apenas eletrônica, controlada pelo computador.

A senhorita ficará com ele essa noite, e, até segunda ordem, durante todas as noites. Terá os dias de folga, de acordo com a tabela que achar conveniente. Deixaremos isso a seu critério.

A Srta. Fellowes olhou ao redor da casa de boneca com um ar intrigado.

– Mas por que tudo isso, Dr. Hoskins? O garoto é perigoso?

– É uma questão de energia, Srta. Fellowes. Ele nunca deve sair dessas salas. Nunca. Nem por um instante. Por nenhuma razão. Nem para salvar a vida dele. Nem mesmo para salvar sua vida, Srta. Fellowes. Está claro?

A Srta. Fellowes levantou o queixo.

– Entendo as ordens, Dr. Hoskins, e uma enfermeira profissional está acostumada a colocar as responsabilidades acima da própria segurança pessoal.

– Bem, pode me chamar sempre que precisar de ajuda. Os dois homens saíram.

A Srta. Fellowes voltou-se para o menino. Ele a observava. Ainda havia leite no pires. Diligentemente, ela tentou mostrar-lhe como levar o pires até os lábios. Ele resistiu, mas deixou que lhe tocasse sem gritar.

Seus olhos assustados não paravam de segui-ça, atento a qualquer movimento que ela fizesse. Ela se viu tentando acalmá-o, passando as mãos vagarosamente sobre os seus cabelos, deixando que ele visse cada parte dos seus movimentos e se assegurasse de que não havia perigo.

Por um instante conseguiu afagar-lhe os cabelos.

– Vou ter que lhe mostrar como se usa o banheiro – disse a Srta. Fellowes. – Você acha que pode aprender?

Ela falou baixinho, docemente, sabendo que ele não entenderia as palavras, mas com a esperança de que reagisse à suavidade de sua voz.

O garoto tentou articular uma nova frase na sua estranha língua.

– Posso segurar sua mão? – perguntou ela.

Ela estendeu-lhe as mãos e o garoto olhou para elas. A Srta. Fellowes esperou. As mãos do garoto se insinuaram na direção das suas.

– Isso… isso – disse ela.

Quando a mão do garoto estava bem próxima à dela, ele perdeu a coragem e puxou-a de volta.

– Tentaremos depois – disse ela calmamente. – Você gostaria de sentar aqui? – acrescentou, apalpando o colchão da cama.

As horas se passaram vagarosamente e ela não fez muitos progressos. Não conseguiu nada com a cama ou com o banheiro. Na verdade, depois de a criança ter dado inconfundíveis sinais de sono, deitou-se no chão frio e, com um movimento rápido, rolou para debaixo da cama.

Ela se curvou para vê-o. Os olhos dele brilharam para ela enquanto estalava a língua.

– Tudo bem – disse ela. – Se você se sente mais seguro assim, então fique aí.

Fechou a porta do quarto e se retirou para a cama que lhe tinha sido destinada no quarto maior. Por insistência sua, tinham improvisado um dossel sobre ela. Ela pensou: esses estúpidos vão ter que colocar um espelho nesse quarto, um gaveteiro maior e um banheiro separado, se esperam que eu passe as noites aqui.

Teve dificuldade para dormir. Viu-se preocupada com possíveis barulhos que pudessem vir do quarto ao lado. Em todo caso, ele não poderia fugir. As paredes eram lisas e muito altas, mas… e se o garoto pudesse escalá-as como um macaco? Bem, Hoskins disse que havia dispositivos de segurança observando através do teto.

De repente, pensou: será que ele é perigoso? Agressivo?

Com certeza, Hoskins não deixaria que isso acontecesse. Com certeza, não a deixaria sozinha ali se…

Tentou sorrir para si mesma. Não passava de uma criança de três ou quatro anos.

Ainda assim, não conseguira cortar-lhe as unhas. E se ele a atacasse com dentadas e unhadas enquanto dormia…

Sua respiração ficou agitada. Ah, que ridículo, e ao mesmo tempo… Ela ouvia atenta e aflita. Dessa vez reconheceu um som. O garoto estava chorando.

Não era um guincho de raiva ou de medo. Não era um berro ou um grito. Chorava mansamente, o choro era o soluço do coração partido de uma criança solitária, muito solitária.

Pela primeira vez, pensou com uma dor no fundo do peito: coitadinho! É claro, era uma criança. O que importava a forma de sua cabeça? Era uma criança que tinha sido afastada dos pais de uma maneira muito brutal, como jamais acontecera com outro garoto. Não tinha perdido apenas o pai e a mãe, mas toda a sua espécie. Ar-rancado brutalmente de seu tempo, agora era a única criatura do seu tipo no mundo.

A última. A única.

A pena que sentia dele se tornou mais forte ainda, e com ela a vergonha pela sua própria insensibilidade. Ajeitando a camisola para ocultar as pernas (“que ridículo”, pensou; “amanhã

terei que conseguir um roupão de banho”), saiu da cama e entrou no quarto do garoto.

– Garotinho – sussurrou. – Garotinho.

Estava a ponto de se meter embaixo da cama, mas, com medo de uma possível mordida, desistiu. Em vez disso acendeu a luz e afastou a cama. O pobrezinho estava encolhido num canto, com os joelhos encostados no queixo, olhando-a com olhos la-crimejantes e apreensivos.

Sob a luz tênue, ela não percebia sua feiura

– Pobre garoto – disse ela. – Pobre garoto. – Ele se empertigou quando ela lhe acariciou os cabelos, mas depois relaxou. – Pobre garoto. Posso pegar em você?

Ela se sentou no chão a seu lado e, devagar e ritmadamente, acariciou seus cabelos, sua face, seus braços. Suavemente, começou a cantar uma música lenta e delicada.

Ele levantou sua cabeça para ela, e, como se estivesse procurando a origem daquele som, observou sua boca na escuridão.

Aproveitando a sua distração enquanto a ouvia, ela o trouxe mais para perto. Calmamente puxou sua cabeça da maneira mais delicada possível, encostando-a no seu ombro. Colocou o braço sob suas coxas e, com um movimento sutil e lento, levou-o para o colo.

Ela continuou cantando o mesmo verso várias vezes, enquanto o balançava para a frente e para trás.

Ele parou de chorar. Depois de um tempo sua respiração mostrou que estava dormindo.

Cuidadosamente empurrou a cama dele de volta para a parede e deitou-o. Cobriu-o e ficou contemplando. Seu rosto parecia tão tranquilo e indefeso enquanto dormia…

Não importava que fosse tão feio. Realmente.

Começou a sair na ponta dos pés, quando pensou: e se ele acordar?

Ela voltou, travando uma feroz batalha consigo mesma, suspirou e se deitou na cama com a criança.

A cama era pequena para ela. Sentia-se apertada e inquieta com a ausência do dossel, mas as mãos da criança estavam apertando as suas. De alguma forma acabou adormecendo naquela posição.

Acordou com um sobressalto e um desejo selvagem de gritar, mas conseguiu transformar esse último num simples murmúrio. O garoto estava olhando-a, os olhos arregalados.

Passou-se um longo momento até se lembrar que tinha deitado na cama dele.

Agora, calmamente, sem tirar os olhos dele, esticou uma das pernas cuidadosamente e deixou-a tocar no chão; depois fez o mesmo com a outra.

Lançou um olhar rápido e apreensivo na direção do teto aberto, então espreguiçou-se rapidamente, relaxando os músculos.

Nesse momento os dedos curtos e grossos do garoto a alcançaram e tocaram nos seus lábios. Ele disse alguma coisa.

Ela se retraiu com o toque. O menino era terrivelmente feio à luz do dia.

Ele falou novamente. Abriu a boca e fez um gesto com a mão, como se alguma coisa estivesse saindo dela.

A Srta. Fellowes adivinhou o que ele queria dizer e falou, hesitando: – Você quer que eu cante?

O garoto não respondeu, mas continuou olhando para sua boca.

Com uma voz desafinada pela tensão, a Srta. Fellowes começou a pequena canção que tinha cantado na noite anterior e o garotinho feio sorriu. Balançou o corpo desajeitadamente, tentando acompanhar o ritmo da música, fazendo um pequeno barulho que poderia ter sido o começo de uma gargalhada.

A Srta. Fellowes suspirou. A música tem o dom de encantar até os corações selvagens. Isso poderia ajudar…

– Espere – disse ela. – Deixa eu me arrumar. Em um minuto estarei pronta. Depois farei o café para você.

Ela trabalhou rapidamente, consciente de que estava sendo observada o tempo todo. O garoto continuava na cama, observando-a quando estava à vista. Nessas horas, ela lhe sorria e acenava. No fim, ele acenou de volta, e ela se sentiu encantada com isso.

– Você quer mingau de aveia? – disse ela finalmente. Não demorou muito para prepará-o e acenou para ele, chamando-o.

Não soube se ele tinha entendido o gesto ou se farejara o cheiro do mingau, mas o fato é que se levantou da cama.

Tentou mostrar como se usava uma colher, mas ele se afastou dela com medo.

(Temos tempo de sobra, pensou.) Ela fez questão de insistir para que ele levantasse a tigela com as mãos. Ele fez isso desajeitadamente e sujou tudo a seu redor, mas conseguiu comer a maior parte do mingau.

Em seguida, tentou fazer com que ele bebesse leite num copo, e o garotinho choramingou quando viu que a abertura era muito pequena para enfiar o rosto dentro do recipiente. Ela segurou sua mão, ajustando-a em torno do copo e, fazendo com que o tocasse com a ponta dos dedos, forçou sua boca contra a borda.

Mais uma vez ele fez uma grande bagunça, mas acabou bebendo quase tudo. E ela estava acostumada com bagunças.

O banheiro, para sua surpresa e alívio, foi uma experiência menos frustrante.

Ele entendia o que ela esperava que fizesse.

Ela se viu batendo carinhosamente na sua cabeça.

– Bom menino – disse ela. – Menino esperto. Para o cúmulo de seu prazer, ele sorriu com isso.

Ela pensou: quando ele sorri, é quase suportável. De verdade.

Mais tarde os homens da imprensa chegaram.

Ela colocou o garoto nos braços e ele a agarrou selvagemente, enquanto, do outro lado da porta aberta, os jornalistas começavam a trabalhar com suas câmaras. O tumulto assustou o garoto e ele começou a chorar, mas ainda se passaram dez minutos antes que a Srta. Fellowes fosse autorizada a sair e a colocar o garoto no quarto ao lado.

Ela voltou vermelha de raiva, saiu do apartamento (pela primeira vez, em 18 horas) e fechou a porta atrás de si.

– Acho que vocês exageraram. Vou precisar de um tempo até acalmá-o. Vão embora.

– Certo, certo – disse o cavalheiro do Times Herald. – Mas ele é um Neanderthal de verdade ou é algum truque?

– Eu lhe asseguro – disse repentinamente a voz de Hoskins, vindo da escuridão, que isso não é uma brincadeira. A criança é um autêntico Homo neanderthalensis.

– É menino ou menina?

– Menino – disse a Srta. Fellowes, rapidamente.

– Um menino-macaco – disse o cavalheiro do News. – Foi isso que nós vimos aqui.

Um menino-macaco. Como ele se comporta, enfermeira?

– Ele se comporta exatamente como um menino – rebateu irritada a Srta. Fellowes, defendendo-o. – E ele não é um menino-macaco. Seu nome é… é Timothy, Timmie…e ele tem um comportamento absolutamente normal.

Foi ao acaso que escolheu o nome Timothy. Foi o primeiro que lhe ocorreu.

– Timmie, o menino-macaco – disse o cavalheiro do News, e, como se viu mais tarde, Timmie, o menino-macaco, foi o nome com que a criança se tornou mundialmente conhecida.

O cavalheiro do Globe virou-se para Hoskins e disse: – Doutor, o que pretende fazer com o menino-macaco? Hoskins deu de ombros.

– Meu plano original foi concluído quando consegui trazer o garoto para aqui. No entanto, imagino que os antropólogos e psicólogos ficarão muito interessados. Nós temos aqui, afinal de contas, uma criatura que deu origem à raça humana. Temos muito o que aprender sobre nós mesmos e nossos ancestrais, examinando-o.

– Quanto tempo pretende mantê-lo aqui?

– Até que precisemos mais deste espaço do que dele. Um bocado de tempo, talvez.

O cavalheiro do News disse:

– Pode trazê-o para cá, a céu aberto, para colocarmos nossos equipamentos sub-etéricos e fazer um programa com ele?

– Desculpe, mas a criança não pode sair de Stasis.

– O que é Stasis exatamente?

– Ah – e Hoskins se permitiu um dos seus raros e breves sorrisos. – Isso levaria um bocado de tempo para ser explicado, cavalheiro. Em Stasis o Tempo não existe da maneira que estamos acostumados a conhecer. Estas salas estão dentro de uma bolha invisível, que não faz parte do nosso Universo propriamente dito. Foi por isso que a criança pôde ser arrancada do seu tempo dessa forma.

– Calma, espere aí – disse o cavalheiro do News, inquieto. – O que quer dizer? A enfermeira entrou e saiu da sala sem que nada acontecesse.

– E qualquer um de vocês pode fazer o mesmo – disse Hoskins, em tom casual. – Você estaria se movendo numa linha paralela à força temporal, sem que houvesse perda ou ganho significativos de energia. A criança, no entanto, foi trazida de um passado muito distante, passou através dessas linhas e ganhou potencial temporal. Trazê-a para dentro do universo e do nosso próprio tempo absorveria energia suficiente para destruir todas as linhas do lugar, provavelmente acabaria com toda a força de uma cidade como Washington. Tivemos que armazenar os entulhos que vieram com ele no local, e vamos removê-los aos poucos.

À medida que Hoskins falava, os jornalistas faziam anotações. Não entendiam nada e estavam certos de que seus leitores também não entenderiam, mas isso soava bastante científico, e era o que contava.

O cavalheiro do Times-Herald disse:

– O senhor estaria disponível para nos dar uma entrevista em cadeia nacional esta noite?

– Acho que sim – disse Hoskins sem pensar duas vezes, e todos eles foram embora.

A Srta. Fellowes acompanhou-os até a saída. Assim como os jornalistas, ela não tinha entendido quase nada sobre essas coisas de Stasis e força temporal, mas percebeu que a prisão de Timmie (ela se viu repentinamente pensando no garotinho como Timmie) era algo objetivo, e não uma imposição arbitrária do autoritário Dr. Hoskins.

Aparentemente, seria de todo impossível deixá-o sair de Stasis. Pobre criança. Pobre criança.

De repente, percebeu que o garoto estava chorando e correu para consolá-lo.

A Srta. Fellowes não pôde ver a entrevista coletiva do Dr. Hoskins. Apesar do programa ter sido transmitido para todos os lugares do mundo e até para o lado oculto da Lua, não chegou ao apartamento em que ela morava com o garotinho feio. Mas ele estava lá na manhã seguinte, radiante e jovial.

– Como foi a entrevista? – perguntou a Srta. Fellowes.

– Muito boa. E como está… Timmie?

A Srta. Fellowes se sentiu agradecida por ele chamá-o por esse nome.

– Vai indo muito bem. Agora apareça aqui, Timmie, este senhor não vai machucá-

lo.

Mas Timmie continuou na outra sala, com uma mecha do cabelo emaranhado aparecendo

atrás da divisória da porta e, uma vez ou outra, o canto de um olho.

– Na verdade – acrescentou a Srta. Fellowes – ele está se adaptando muito bem.

Ele é bastante inteligente.

– Está surpresa?

Ela hesitou um pouco.

– Sim, estou – disse ela. – Acho que cheguei a pensar que ele era um garoto-macaco.

– Bem, garoto-macaco ou não, ele fez um grande bem para nós. Ele projetou Stasis para o mundo. Nós estamos em evidência, Srta. Fellowes, ficamos famosos.

Era como se ele precisasse compartilhar seu triunfo com alguém, mesmo que fosse apenas com ela.

– Oh… – Ela o deixou falar.

Ele colocou as mãos nos bolsos e disse:

– Trabalhamos quase sem dinheiro durante dez anos, mendigando qualquer tipo de doação em todos os lugares. Tivemos que arriscar tudo num único golpe. Era tudo ou nada. E quando eu digo golpe é exatamente isso que estou querendo dizer. Essa tentativa de trazer o Neanderthal levou todos os centavos que pudemos pedir emprestado ou roubar, e uma parte dele foi roubado mesmo… fundos de outros projetos, usados para este, sem permissão. Se a experiência não tivesse sido bem-sucedida eu estaria perdido.

– É por isso que não tem teto? – perguntou a Srta. Fellowes, abruptamente.

– Ahn? – Hoskins olhou para cima.

– Não havia dinheiro para o teto?

– Bem, não foi bem assim. Não sabíamos ao certo qual a idade exata do Neanderthal. Só podemos observar muito pouco através do Tempo, e podíamos pegar um espécime grande e selvagem. Havia a possibilidade de termos que lidar com ele a distância, como um animal engaiolado.

– Mas já que não foi um desses que trouxe, acho que agora vocês podem construir um teto.

– Agora sim. Agora temos dinheiro de sobra. Estão prometendo doação de todos os lugares. Isso tudo é maravilhoso, Srta. Fellowes. – Seu rosto largo resplandeceu com um sorriso demorado. Quando ele saiu, até suas costas pareciam estar sorrindo.

A Srta. Fellowes pensou: é um homem muito simpático quando abre a guarda e se esquece de ser científico.

Num momento de devaneio, ela se perguntou se ele seria casado… mas, embaraçada, espantou o pensamento.

– Timmie – chamou. – Venha cá, Timmie.

À medida que os meses passavam, a Srta. Fellowes começou a se sentir cada vez mais uma parte integrante de Stasis. Deram-lhe um pequeno escritório com seu nome na porta, bem perto

da casa de bonecas (como ela continuava chamando a bolha de Stasis.) Deram-lhe um aumento substancial. A casa de bonecas foi coberta com um teto; melhoraram a mobília, acrescentaram um segundo banheiro – e, mesmo assim, ela ganhou um apartamento somente para si no térreo do Instituto e, em certas ocasiões, não ficava com Timmie durante a noite. Um interfone foi instalado, ligando seu apartamento com a casa de boneca, e Timmie aprendeu a usá-o.

A Srta. Fellowes se acostumou com Timmie. Até mesmo sua feiúra parou de incomodá-la. Um dia se viu prestando atenção num simples garoto na rua, achando-o pouco atraente, com sua testa alta e seu queixo bem-desenhado. Teve que se dar um beliscão para quebrar o encanto.

As esporádicas visitas de Hoskins se tornavam cada vez mais agradáveis. Era óbvio que ele gostava de fugir de seus crescentes compromissos como Chefe de Stasis, e se apegava à criança que dera origem a tudo, mas a Srta. Fellowes tinha a impressão de que ele também gostava de conversar com ela. (Ela também descobriu alguns fatos a respeito de Hoskins. Ele tinha inventado o método de analisar os reflexos dos feixes mesônicos de penetração do passado e o método para estabelecer Stasis; sua frieza era apenas um modo de disfarçar uma natureza gentil; e, ah, sim, ele era casado.) A única coisa a que a Srta. Fellowes não podia se adaptar era ao fato de estar engajada numa experiência científica. A despeito de tudo que pudesse fazer, via-se pessoalmente envolvida, chegando a ponto de brigar com os fisiologistas.

Numa ocasião, Hoskins desceu e a encontrou no meio de uma discussão, completamente fora de si. Eles não tinham o direito. Eles não tinham o direito… mesmo que ele fosse um Neanderthal, ele não era um animal.

Ela os fitava enfurecida, ouvindo os soluços de Timmie através da porta, quando viu Hoskins em pé a sua frente. Ele devia estar lá há alguns minutos.

– Posso entrar? – perguntou.

Ela anuiu com um gesto seco e depois correu na direção de Timmie, que se agarrou a ela, passando suas pequenas pernas tortas – ainda magras, tão magras – em torno dela.

Hoskins observou os dois.

– Ele parece muito infeliz – disse gravemente.

– A culpa não é dele – respondeu a Srta. Fellowes. – Todos os dias, eles estão em cima do garoto, com suas amostras de sangue e suas sondas. Eles o submetem a dietas sintéticas que eu não daria nem para um porco.

– Esse é o tipo de coisa que eles não podem testar num humano, se é que me entende.

– Eles também não podem testar isso com Timmie. Dr. Hoskins, eu insisto. O senhor me disse que a chegada de Timmie foi responsável pela projeção de Stasis. O senhor devia ter um mínimo de gratidão por tudo o que ele fez e afastar esse pessoal do pobrezinho, no mínimo até que ele tenha idade suficiente para entender o que está se passando. Depois de uma dessas terríveis sessões, ele tem pesadelos, não consegue dormir direito. Eu estou avisando ao senhor. – Ela teve um súbito acesso de fúria. – Não Vou deixar que eles entrem aqui nunca

mais. (Percebeu que tinha gritado, mas agora não podia fazer mais nada.) Mais calma, ela acrescentou:

– Sei que ele é um Neanderthal, mas há muitas coisas que não estamos levando em conta sobre os Neanderthalenses. Li um bocado de coisas a respeito deles. Eles têm a sua própria cultura. Algumas das maiores invenções humanas foram deles. A domesticação dos animais, por exemplo; a roda; várias técnicas de polimento da pedra. Eles tinham até aspirações religiosas; enterravam os mortos junto com seus bens, o que é uma prova de que acreditavam na vida depois da morte. A origem da religião pode estar aí. Isso não é suficiente para que Timmie tenha direito a um tratamento humano?

Ela deu uma palmadinha na bunda do menino e pediu para que fosse para o quarto de brinquedos.

Quando a porta foi aberta, Hoskins pôde ver a arrumação dos brinquedos, e sorriu levemente, como costumava fazer.

– O pobre garoto merece esses brinquedos – disse ela, na defensiva. – Isso é tudo o que ele tem, e, depois de tudo o que passou, ele merece isso.

– Não, não. Sem objeção, eu lhe garanto. Só estava pensando na sua mudança desde que chegou aqui, morrendo de raiva por ter sido empurrada para um Neanderthal.

– Acho que não… esperava isso – disse ela, em voz baixa.

Hoskins mudou o assunto.

– Na sua opinião, qual a idade dele, Srta. Fellowes?

– Não sei ao certo – disse ela, já que não sabemos como era o desenvolvimento dos Neanderthalenses. Pelo tamanho, ele parece ter apenas três anos, mas os Neanderthalenses normalmente são pequenos, e, com todas as mudanças por que tem passado, provavelmente parou de crescer. Mas, da maneira como ele está aprendendo a falar, eu diria que deve ter bem mais do que quatro anos.

– É verdade? Os relatórios não mencionam o fato de estar aprendendo a falar.

– Ele só fala comigo. Pelo menos por enquanto. Morre de medo dos outros, e não é para menos. Mas ele sabe pedir comida; ele pode indicar qualquer tipo de necessidade que tenha; entende quase tudo que eu digo. É claro – ela olhou-o astutamente, tentando ver se era a hora de tocar nesse assunto – que esse desenvolvimento não vai continuar.

– Por quê?

– As crianças precisam de estímulos e Timmie tem uma vida muito solitária, em confinamento. Faço o que posso, mas não estou com ele o tempo todo e não sou tudo de que ele necessita. O que eu quero dizer, Dr. Hoskins, é que ele precisa de outro garoto para brincarem juntos.

Hoskins aquiesceu lentamente.

– Infelizmente, ele é o único Neanderthal aqui, não é? Pobre criança.

A Srta. Fellowes resolveu provocá-o.

– Você gosta de Timmie, não? – Era tão bom ter alguém que pensasse dessa forma.

– Ah, é claro – disse Dr. Hoskins e, desarmado, deixou que ela percebesse o cansaço nos seus olhos.

De uma vez por todas, ela tirou da cabeça a ideia de convencê-o.

– O senhor parece cansado, Dr. Hoskins – disse ela, realmente preocupada.

– Pareço, Srta. Fellowes? Terei que treinar para parecer mais disposto.

– Acho que Stasis é muito desgastante, isso está lhe deixando estafado.

Hoskins deu de ombros.

– Tem razão. Estamos fazendo pesquisas animais, vegetais e minerais. Mas acho que você nunca viu nossa exposição.

– Na verdade, não. Mas não é por falta de interesse. É que também tenho andado muito ocupada.

– Você não está tão ocupada nesse momento – disse ele, decidido. – Virei buscá-a amanhã, às 11 horas, e a guiarei pessoalmente. Que tal?

Ela sorriu de alegria.

– Eu adoraria.

Ele balançou a cabeça, sorriu ao se virar, e saiu.

A Srta. Fellowes suspirou até o fim do dia. Realmente – pensar era ridículo, é claro… mas realmente era quase como… como um encontro amoroso.

O Dr. Hoskins foi absolutamente pontual no dia seguinte, e chegou sorridente e amável. Ela tinha trocado seu uniforme de enfermeira por um vestido. O corte era clássico, mas há anos que não se sentia tão feminina.

Ele elogiou sua aparência de uma maneira formal, e ela respondeu com uma graça igualmente formal. Era um prelúdio realmente perfeito, pensou ela, para logo em seguida se perguntar: um prelúdio para quê?

Afastou esse pensamento, apressando-se para ir dar um tchau a Timmie e assegurar-lhe que logo estaria de volta. Certificou-se de que ele sabia o que comer no almoço e onde poderia encontrar a comida.

Hoskins levou-a para a nova ala, onde ela jamais tinha ido. Ainda dava para se sentir o cheiro de ambiente recém-instalado. O som de homens trabalhando, ouvido ao longe, era um sinal claro de que as obras de ampliação ainda não tinham sido concluídas.

– Animais, vegetais e minerais – disse Hoskins, no mesmo tom que tinha usado no dia anterior. – Os animais estão bem ali. É a nossa exposição mais interessante.

O espaço estava dividido em várias salas; cada uma era uma bolha Stasis separada.

Hoskins a levou para uma das vidraças da bolha e ela olhou para dentro. À primeira vista, o que viu lhe pareceu uma galinha cheia de escamas e rabo. Equilibrando-se sobre duas pernas

finas, o bicho corria de um lado para o outro, a cabeça como a de um pássaro, tendo no alto uma crista óssea, parecida com a de um galo. As pequenas patas da frente abriam-se e fechavam-se constantemente, balançando-se no ar.

– É o nosso dinossauro – disse Hoskins. – Já está aqui há meses. Não sei quando poderemos tirá-o daqui.

– Dinossauro?

– Você esperava um gigante?

Ela deu um muxôxo.

– É o que se espera. Mas sei que alguns deles são pequenos.

– Ele era tudo o que nós queríamos, pode acreditar. Normalmente ele fica sob observação, mas estamos no horário de visitas. Descobrimos algumas coisas interessantes. Por exemplo, seu sangue não é completamente frio. Ele tem um método imperfeito de manter a temperatura interna mais alta do que a do ambiente. Infelizmente, é um macho. Desde que nós o trouxemos para cá, temos tentado capturar uma fêmea, mas ainda não tivemos sorte.

– Por que uma fêmea?

Ele a olhou com um ar zombeteiro.

– Para que tenhamos uma oportunidade de conseguir ovos férteis e bebês dinossauros.

– Ah, é claro.

Ele a levou para a seção dos crustáceos fossilizados.

– Aquele é o professor Dwayne, da Universidade de Washington – disse ele. – Ele é químico nuclear. Se não me falha a memória, ele está tentando calcular a taxa de isótopos no oxigênio da água.

– Para quê?

– É uma água primitiva, tem pelo menos meio bilhão de anos. A taxa de isótopos dá a temperatura do oceano naquela época. A sua especialidade não são propriamente os crustáceos fossilizados, mas outros cientistas estão empenhados em dissecá-os. Eles são sortudos porque só precisam de microscópios e bisturis. Cada vez que vai realizar uma experiência Dwayne precisa instalar um espectrógrafo de massa.

– Por quê? Ele não pode…

– Não, não pode. Ele não pode tirar nada da sala. Também havia amostras de plantas pré-históricas e pedaços de pedras em formação. Aqueles eram os vegetais e minerais. E todas as espécies tinham o seu pesquisador. Era como um museu; um museu vivo que servia como centro de pesquisas fervilhante de atividade.

– E o senhor tem que supervisionar tudo isso, Dr. Hoskins?

– Só indiretamente, Srta. Fellowes. Tenho subordinados, graças a Deus. Meus interesses são totalmente voltados para os aspectos teóricos dos problemas: a natureza do tempo, a técnica de detecção intertemporal mesônica, e por aí afora. Trocaria tudo isso por um método de detectar objetos com menos de 10 mil anos. Se pudéssemos captar tempos históricos…

Ele foi interrompido por uma discussão num estande mais afastado, onde uma voz fina se elevava queixosa. Ele franziu as sobrancelhas e, antes de se afastar correndo, murmurou:

– Com licença.

A Srta. Fellowes o seguiu da melhor maneira que pôde, no entanto, sem correr.

Um homem mais velho, com barba rala e rosto vermelho, estava dizendo: – Estão faltando aspectos vitais para completar minha pesquisa. Será que você não entende isso?

Um técnico uniformizado, com o monograma SI (de Stasis Incorporação) na capa do laboratório, disse:

– Dr. Hoskins, o professor Ademewski sabia desde o começo que o espécimen só podia ficar aqui por duas semanas.

– Eu não sabia quanto tempo duraria minha pesquisa. Não sou profeta – disse ele, irritado.

– O senhor deve entender – disse o Dr. Hoskins – que nosso espaço é limitado. Temos que manter a rotatividade das espécies. Esse pedaço de calcopirita precisa voltar. Há homens esperando pelo próximo espécime.

– Por que ele não pode ficar comigo, então? Deixe-me tirá-o daqui.

– Você sabe que isso não é possível.

– Um pedaço de calcopirita, um miserável pedaço de cinco quilos? Por que não?

– Não podemos arcar com tanto gasto de energia – disse Hoskins, bruscamente. – Você sabe disso.

– O problema, Dr. Hoskins – interrompeu o técnico, é que ele tentou remover a pedra contra as regras, e quase furei a bolha enquanto ele estava lá, sem saber que ele estava.

Houve um curto silêncio o Dr. Hoskins se voltou friamente para o pesquisador.

– É verdade, professor?

O Professor Ademewski pigarreou.

– Não vi nenhum perigo nisso…

Ele pegou um puxador que estava dependurado ao alcance de suas mãos, do lado de fora da Sala do espécimen. Puxou-o.

A Srta. Fellowes, que acompanhava tudo com muito interesse, olhou a pedra totalmente comum que provocara a cena e prendeu a respiração, à medida que a pedra se desintegrava.

A sala estava vazia.

– Professor – disse Hoskins. – Sua permissão para pesquisar em Stasis será definitivamente cancelada. Sinto muito.

– Mas espere…

– Sinto muito. O senhor violou uma das regras mais importantes.

– Vou entrar com um recurso na Associação Internacional…

– Entre. Num caso como esse, você verá que não posso ser contestado.

Ele se virou deliberadamente, deixando o professor ainda reclamando, e disse para a Srta. Fellowes (com a face ainda branca de raiva): – Gostaria de almoçar comigo?

Ele a levou para a pequena sala de cantina da gerência. Cumprimentou as pessoas e apresentou-as à Srta. Fellowes, com total desembaraço, apesar de ela própria se sentir muito constrangida. O que será que estão imaginando, pensou ela, e desesperadamente tentou manter uma aparência profissional.

– O senhor tem esse tipo de problema com muita frequência? – perguntou ela. – Quero dizer, como esse que o senhor acabou de ter com o professor? – Ela pegou o garfo e começou a comer.

– Não – disse Hoskins, enérgico. – Essa foi a primeira vez. É claro que sempre tenho que dissuadir os homens da ideia de retirar as espécies, mas essa foi a primeira vez que alguém tentou fazer isso literalmente.

– Lembro que uma vez o senhor falou na energia que isso gastaria.

– Isso mesmo. É claro que temos que levar isso em consideração. Há sempre a possibilidade de um acidente, e precisamos ter uma reserva especial de força, designada para suportar o gasto excessivo de uma remoção acidental do Stasis, mas isso não quer dizer que desejamos ver a provisão de energia de um ano desaparecer numa questão de segundos… o que acarretaria longos atrasos em nossos planos de expansão. Além disso, imagine se o professor estivesse na sala no momento em que Stasis estivesse para ser perfurada.

– Nesse caso, o que teria acontecido com ele?

– Já fizemos essas experiências com objetos inanimados e ratos; ambos desapareceram. Presumo que os ratos tenham voltado no Tempo, arrastados, por assim dizer, no vácuo dos objetos que estavam sendo mandados de volta para o seu tempo natural. Por essa razão, temos que imobilizar os objetos que não queremos que saiam de Stasis, e isso é um procedimento complicado. O professor não teria sido imobilizado e teria voltado para o Plioceno no momento em que nós devolvêssemos a pedra…mais, é claro, as duas semanas que ela tinha passado no presente.

– Isso teria sido terrível.

– Não por conta do professor, eu lhe garanto. Se ele foi tolo o suficiente para fazer o que fez, merecia isso. Mas imagine o efeito que isso causaria na opinião pública se o fato viesse à tona. Tudo o que as pessoas precisariam era serem alertadas quanto ao perigo de nossas experiências e as doações desapareceriam assim.

– Ele estalou os dedos e mexeu melancolicamente com a comida.

– O senhor não poderia trazê-o de volta? – perguntou a Srta. Fellowes. – Não daria para fazer a mesma coisa que fez com a pedra?

– Não, porque uma vez que um objeto é retornado, o ponto original se perde, a menos que o tivéssemos registrado antecipadamente, e nesse caso, não haveria por que fazer isso. Nunca há. Encontrar o professor de novo implicaria em voltar a localizar um ponto específico. Isso seria como jogar uma linha dentro dos abismos do oceano com o propósito de pescar um certo peixe em particular. Meu Deus, quando penso nas precauções que tomamos para evitar

acidentes fico maluco. Temos cada unidade individual de Stasis regulada com seu próprio dispositivo de perfuração. Temos que fazer isso, já que cada unidade tem um ponto próprio e precisa ser colapsada separadamente.

A questão, no entanto, é que cada dispositivo de perfuração só é ativado no último minuto. É por isso que a atividade só é possível com o puxão de uma corda cuidadosamente colocada do lado de fora do Stasis. O puxão é um pesado movimento mecânico, que requer um grande esforço, nada que possa acontecer casualmente.

– Mas isso não… muda a História, tirar e recolocar alguma coisa do seu tempo natural?

Hoskins deu de ombros.

– Teoricamente, sim. Na prática, a não ser em casos raros, não. Nós transportamos objetos fora da Stasis todo o tempo. Moléculas de ar. Bactérias. Poeira. Cerca de dez por cento de nosso consumo de energia é para suprir essas micro-perdas da natureza. Mas mesmo o transporte de objetos acarreta mudanças que são danosas. Pegue o exemplo da calcopirita do Pliocene. Por causa de sua ausência durante duas semanas, algum inseto não encontrou o abrigo que poderia estar precisando, e por isso morreu. Isso poderia iniciar uma grande série de mudanças, mas a matemática de Stasis calcula que isto é uma série convergente. A quantidade de mudanças diminui com o tempo e as coisas voltam a ser como antes.

– Isso quer dizer que a realidade se cura a si mesma?

– De uma certa maneira, sim. Tire um humano de seu tempo, depois mande-o de volta, e você estará abrindo uma grande ferida. Se for um indivíduo qualquer, essa ferida se cura sozinha. É claro que há muita gente nos escrevendo diariamente, pedindo para trazermos Abraham Lincoln para o presente, ou Maomé, ou Lênin. Isso não pode ser feito, é claro. Mesmo que nós os localizássemos, a mudança na realidade, ao se transportar alguém que modela a História, seria grande demais para cicatrizar. Há maneiras de se calcular quando uma mudança pode ser muito grande, e nós evitamos até mesmo nos aproximar desse limite.

– Quer dizer que Timmie…

– Não, ele não representa nenhum problema quanto a isso. A realidade está segura. Mas… – Ele deu uma olhada rápida e perspicaz para ela e continuou: – Mas deixe isso para lá. Ontem você disse que Timmie precisava de companhia.

– Sim. – A Srta. Fellowes sorriu delicada. – Pensei que você não tivesse levado isso a sério.

– É claro que levei. Gosto da criança. Respeito seus sentimentos por ele e estava interessado o suficiente para explicar isso a você. Agora o fiz. Você viu o que nós fazemos. Agora você já compreendeu as dificuldades envolvidas, e deve saber que, mesmo com toda a boa vontade do mundo, não podemos arranjar uma companhia para Timmie.

– Não? – disse a Srta. Fellowes, sentindo-se subitamente desanimada.

– Mas eu acabei de explicar. É impossível encontrar um outro Neanderthal de sua idade sem ser por mera sorte. Mesmo que pudéssemos, não seria justo multiplicar os riscos, colocando outro ser humano em Stasis.

A Srta. Fellowes largou a colher e disse energicamente.

– Mas, Dr. Hoskins, não é bem isso o que quero dizer. Não quero que o senhor traga outro Neanderthal para o presente. Sei que isso é impossível. Mas não é impossível trazer outra criança para brincar com Timmie.

Hoskins olhou-a com muito interesse.

– Uma criança humana!

– Outra criança – disse a Srta. Fellowes, agora completamente hostil. – Timmie é humano.

– Não poderia sonhar com uma coisa dessas.

– Por que não? Por que não poderia? O que há de errado com essa ideia? O senhor arrancou essa criança do seu tempo e a transformou num eterno prisioneiro. Não acha que lhe deve alguma coisa? Dr. Hoskins, se existe algum homem nesse mundo que poderia ser considerado o pai dessa criança, esse homem é o senhor. Por que não pode fazer esse pequeno favor para ele?

– Seu pai – disse Hoskins. Ele se levantou desajeitadamente. – Srta. Fellowes, se não se importa, terei que levá-a de volta agora.

Eles voltaram para a casa de boneca em completo silêncio, que não foi quebrado nenhuma vez.

Passou-se um longo tempo até que ela voltasse a ver Hoskins, a não ser de passagem. Algumas vezes ela se sentia chateada com isso, mas, nas vezes em que Timmie estava mais macambúzio do que o normal, ou quando ele passava horas em silêncio, na janela, sem perspectiva nenhuma, ela pensava furiosa: que homem mais estúpido.

O vocabulário de Timmie se tornava melhor e mais preciso a cada dia. Nunca perdera totalmente um certo sotaque ininteligível, que, para a Srta. Fellowes, soava encantador.

Quando estava muito excitado, ele voltava a estalar a língua, mas essas horas estavam se tornando cada vez mais raras. Ele devia estar se esquecendo dos dias que antecederam sua chegada ao presente… a não ser em sonhos.

À medida que crescia, os fisiologistas se tornavam menos interessados, ao contrário dos psicólogos. A Srta. Fellowes não sabia qual era o grupo de que gostava menos. As agulhas, injeções, colheita de líquidos e dietas especiais acabaram.

Mas agora Timmie era incentivado a ultrapassar barreiras para conseguir comida e água. Tinha que levantar painéis, mover barras, puxar cordões. E os moderados choques elétricos faziam-no chorar, deixando a Srta. Fellowes transtornada.

Ela não queria apelar para Hoskins. Não queria ter que falar com ele. Cada vez que pensava nele lembrava-se de sua cara na mesa do almoço, da última vez em que se encontraram. Seus olhos se molhavam e ela pensava: que homem mais estúpido.

Um estúpido.

Um dia, a voz de Hoskins soou inesperadamente dentro da casa de boneca, chamando-a.

Ela apareceu friamente, alisando seu uniforme de enfermeira, e parou, confusa, ao se ver na presença de uma mulher pálida, esbelta, e de altura mediana. Os cabelos louros e a pele clara davam-lhe uma aparência de fragilidade. Atrás dela, e segurando sua saia, havia um menino com olhos grandes e rosto redondo, aparentando uns quatro anos.

– Querida, essa é a Srta. Fellowes – disse Hoskins. – Ela é a enfermeira que cuida do garoto. Srta. Fellowes, esta é minha esposa. (Essa era sua esposa? Ela não era como imaginava. Mas por que não? Um homem como Hoskins escolheria uma pessoa frágil, para contrastar com ele. Se era isso o que ele queria…) Ela tentou ser natural ao cumprimentá-a.

– Boa tarde, Sra. Hoskins. Esse é o seu… seu filho? (Isso foi uma surpresa. Ela tinha pensado em Hoskins como marido, mas não como pai, a não ser, é claro… subitamente cruzou com o olhar grave de Hoskins e corou.) – Sim, este é meu filho, o Jerry – disse Hoskins. – Dê um alô para a Srta. Fellowes, Jerry. (Estaria ele dando ênfase à palavra "este"? Estava dizendo que este era seu filho, e não…) Ele se enfiou um pouco mais nas pregas da saia da mãe e resmungou seu alô. Os olhos da Sra. Hoskins estavam olhando curiosamente por sobre os ombros da Srta.

Fellowes, investigando o quarto, procurando alguma coisa.

– Vamos entrar – disse Hoskins. – Venha, querida. Você vai sentir um pequeno desconforto quando atravessar a porta, mas isso logo passará.

– É para o Jerry entrar também? – perguntou a Srta. Fellowes.

– É claro. Ele veio brincar com Timmie. Você disse que Timmie precisava de um companheiro. Já esqueceu?

– Mas… – Ela olhou para ele totalmente surpresa, maravilhada. – Seu filho?

– Com que outro garoto, então? – disse ele, rabugento. – Não era isso que você queria? Vamos, querida. Vamos entrar.

A Sra. Hoskins colocou Jerry nos braços, com um esforço visível, e, hesitando, atravessou a porta. Jerry tremeu quando ela fez isso, deixando claro que não tinha gostado da sensação.

– Cadê a criatura? – perguntou a Sra. Hoskins, com uma voz fina. – Não a estou vendo.

– Timmie – chamou a Srta. Fellowes. – Venha cá. Timmie sondou, na beirada da porta, encarando o garoto que o visitava. Os músculos do braço da Sra. Hoskins ficaram visivelmente tensos.

– Gerald, você tem certeza de que isso é seguro? – perguntou ela ao marido.

A Srta. Fellowes respondeu de pronto.

– Se a senhora quer saber se Timmie é perigoso, é claro que ele não é. Ele é um garoto muito bem educado.

– Mas ele é um sel… selvagem. (O menino-macaco das histórias nos jornais!)

– Ele não é um selvagem – disse a Srta. Fellowes energicamente. – Ele é tão tranquilo e racional quanto se poderia esperar de um garoto de cinco anos e meio. É muita generosidade de sua parte, Sra. Hoskins, permitir que seu filho brinque com Timmie, mas, por favor, não

tenha medo.

– Não estou muito certa se devo concordar – rebateu a Sra. Hoskins, meio esquentada.

– Nós já conversamos sobre isso, querida – disse Hoskins. – Não vamos discutir de novo sobre esse problema. Ponha Jerry no chão.

A Sra. Hoskins obedeceu. O garoto se encostou nela, olhando fixamente para o par de olhos que também o fitavam da porta que havia em frente.

– Venha cá, Timmie – disse a Srta. Fellowes. – Não tenha medo.

– Lentamente, Timmie foi entrando na sala. Hoskins se abaixou para desgrudar os dedos de Jerry da saia da mãe.

– Recue um pouco, querida. Dê uma chance para as crianças. Os garotos se encararam. Apesar de mais jovem, Jerry era um pouco mais alto, e, em comparação com sua cabeça bem proporcionada e altiva, as deformidades de Timmie ficaram, de repente, quase tão pronunciadas quanto nos primeiros dias. Os lábios da Srta. Fellowes tremeram.

Foi o pequeno Neanderthal quem falou primeiro, com a voz esganiçada que caracterizava as crianças.

– Qual é o seu nome?

Repentinamente, Timmie projetou o rosto para a frente, como se estivesse inspecionando o rosto do outro.

Assustado, Jerry respondeu com um vigoroso empurrão, que levou Timmie ao chão.

Ambos começaram a chorar muito alto e a Sra. Hoskins colocou seu garoto no colo, enquanto a Srta. Fellowes, ruborizada de raiva, levantava Timmie e o consolava.

– Eles não se gostam. Instintivamente, eles não se gostam.

– Não mais instintivamente – disse-lhe o marido, esgotado – do que duas crianças que se estranham. Agora coloque Jerry no chão e deixe que ele se acostume à situação. Na verdade, o melhor que temos a fazer é sair daqui. A Srta. Fellowes pode levar Jerry para meu escritório mais tarde. Eu o levarei para casa.

As duas crianças passaram uma hora trocando olhares desconfiados. Jerry gritou por sua mãe, fez malcriações com a Srta. Fellowes, e, finalmente, deixou-se ser consolado por um pirulito. Timmie chupou um outro e, depois de uma hora, a Srta. Fellowes viu-os brincando com o mesmo jogo de blocos, ainda que em cantos separados do quarto.

Ela se sentiu meio sentimental, tão agradecida que estava por Hoskins ter trazido Jerry para brincar com ele.

Procurou uma maneira de agradecer-lhe, mas sua formalidade foi um empecilho.

Talvez ele não pudesse perdoá-a por fazê-o se sentir como um pai cruel. Talvez o fato de trazer seu próprio filho fosse uma tentativa, no fim das contas, de mostrar a si mesmo que era um bom pai para Timmie, e, ao mesmo tempo, que não era seu pai.

Se fosse assim, tudo o que ela poderia dizer era: “Obrigada. Muito obrigada.”

E tudo o que ele poderia dizer era: “Tudo bem. Não há de quê.” Isso se tornou uma rotina. Duas vezes por semana Jerry era trazido para uma hora de brincadeira, que, mais tarde, foi estendida para duas horas. As crianças aprenderam seus respectivos nomes, hábitos, e brincavam juntas.



Mas, ainda assim, depois do primeiro ímpeto de gratidão, a Srta. Fellowes se viu rejeitando Jerry. Ele era maior e mais pesado e, em todas as coisas, um dominador, colocando Timmie num papel totalmente secundário. Mas tudo que a reconciliou com essa situação foi o fato de que, a despeito de todas as dificuldades, Timmie esperava cada vez mais feliz as periódicas aparições de seu companheiro. Era tudo o que ele tinha, lamentava-se ela.

E uma vez, enquanto os observava, pensou: os dois filhos de Hoskins… um com sua esposa, e outro com Stasis.

Enquanto ela mesma…

Céus, pensou, levantando as mãos para o alto e se sentindo envergonhada: estou com ciúmes!

– Srta. Fellowes – disse Timmie (cuidadosamente, ela nunca tinha deixado que ele a chamasse de outra forma), quando eu vou para a escola?

Ela olhou para baixo, na direção daqueles ansiosos olhos castanhos que a fitavam, e passou as mãos suavemente sobre seus cabelos grossos e encrespados. Essa era a parte mais desgrenhada de sua aparência, pois era ela quem os cortava, enquanto ele se remexia inquieto a cada movimento da tesoura. Ela não recorria a um profissional, pois o corte absolutamente desajeitado servia para mascarar a retração da parte da frente da cabeça e as saliências da

parte de trás.

– Onde você ouviu falar de escolas? – perguntou ela.

– Jerry vai para a escola. Jar-dim-de-in-fân-ci-a. – soletrou. – Há muitos lugares onde ele vai. Lá fora. Quando poderei ir lá fora, Srta. Fellowes?

Uma pequena dor apertou o coração da Srta. Fellowes. Ela viu com clareza que não haveria uma maneira de controlar a inevitabilidade de Timmie ouvir mais e mais coisas a respeito do outro mundo, no qual jamais poderia entrar.

– Por quê? – perguntou, tentando parecer engraçada. – O que é que você faria lá?

– Jerry diz que eles jogam e vêem filmes. Ele diz que há um monte de crianças lá.

Ele diz… ele diz… – Primeiro veio o pensamento, depois ergueu as pequenas mãos em triunfo, com os dedos grossos separados. – Ele diz isso tudo.

– Você gostaria de ver filmes? – disse a Srta. Fellowes. – Eu posso arrumar uns filmes. Uns filmes muito bons. E músicas também.

Isso consolou Timmie. Por algum tempo.

Ele via atentamente os filmes, na ausência de Jerry, e a Srta. Fellowes lia em voz alta livros comuns para ele.

Havia muito o que explicar, mesmo nas histórias mais simples, bastando que ela se referisse a qualquer coisa que não existisse nas suas três salas.

Timmie começou a sonhar com mais frequência, agora que o mundo exterior ia sendo apresentado a ele.

Os sonhos sobre o lado de fora eram sempre os mesmos. Ele tentava descrevê-os para a Srta. Fellowes, mas não tinha muito sucesso. Nos seus sonhos, ele estava lá fora, um lugar vazio mas muito grande, com crianças e objetos estranhos e indescritíveis, mal digeridos em seus pensamentos, a partir das descrições que ele não entendia muito bem dos livros ou retiradas do distante mundo Neanderthal, do qual não se lembrava com exatidão.

Mas as crianças e objetos o ignoravam. Apesar de ele estar no mundo, nunca participava dele, pois era tão sozinho quanto o era nas suas próprias salas… e acordava chorando.

A Srta. Fellowes tentava sorrir dos seus sonhos, mas havia noites em que ela, depois de ir para o seu apartamento, chorava também.

Um dia, à medida que a Srta. Fellowes lia, Timmie colocou a mão sob o queixo dela e levantou-o carinhosamente, de modo que os olhos dela saíssem do livro e se encontrassem com os seus.

– Como você sabe o que dizer, Srta. Fellowes?

– Você vê essas marcas? Elas me dizem o que dizer. Essas marcas são as palavras.

Ele tirou o livro das mãos dela e olhou as palavras com curiosidade, por longo tempo.

– Algumas dessas marcas são iguais.

Ela sorriu com prazer a essa mostra de sua perspicácia.

– Sim, são. Você gostaria que lhe mostrasse como fazer as marcas?

– Tudo bem. Seria um ótimo jogo.

Até agora não lhe ocorrera que pudesse aprender a ler. Até o momento em que ele leu um livro para ela, não lhe ocorrera que pudesse aprender a ler.

Então, algumas semanas depois, a enormidade do que tinha sido feito a chocou.

Timmie sentou-se em seu colo e acompanhou, palavra por palavra, o que estava impresso num livro de criança, lendo para ela. Ele estava lendo para ela!

Surpresa, ela se esforçou para se levantar.

– Agora, Timmie – disse. – Voltarei mais tarde. Quero ver o Dr. Hoskins.

Excitada, quase num frenesi, parecia-lhe que podia ter uma resposta para a infelicidade de Timmie. Se ele não podia sair e participar do mundo, o mundo podia ser levado para dentro daquelas três salas de Timmie… o mundo todo em livros, filmes e sons. Ele devia ser educado de acordo com sua enorme capacidade. O mundo lhe devia muito.

Ela encontrou Hoskins num humor que era estranhamente análogo ao seu, em estado de graça. Seu escritório estava incomumente lotado. Por um momento enquanto esperava confusa na ante-sala, pensou que não fosse recebê-a.

Mas ele a viu e um sorriso se expandiu por seu rosto largo.

– Srta. Fellowes, venha cá.

Ele falou rapidamente no interfone e em seguida desligou.

– Você ouviu? Não, é claro que não poderia ter ouvido. Nós fizemos. Fizemos de verdade. Conseguimos uma detecção intertemporal a curta distância.

– Quer dizer – ela tentou por um momento separar os pensamentos de suas próprias boas notícias – que pode trazer uma pessoa de uma época histórica para o presente.

– É exatamente isso o que quero dizer. Temos um fixador numa pessoa do século XIV, exatamente agora. Imagine. Imagine. Se você soubesse como ficarei feliz em sair da eterna concentração no Mesosóico, trocar os paleontólogos pelos historiadores… mas há alguma coisa que você quer me dizer, hein? Bem, vá em frente. Você me encontrou num momento de excelente humor. Terá tudo o que quiser.

A Srta. Fellowes sorriu.

– Estou feliz. Pergunto por que não estabelecer um sistema de instrução para Timmie?

– Instrução? Em quê?

– Em tudo, ora. Uma escola. Em tudo que ele pode aprender.

– Mas ele pode aprender?

– Ele já está aprendendo. Ele pode ler. Eu mesma já lhe ensinei muita coisa.

Hoskins se sentou, parecendo subitamente deprimido.

– Não sei, Srta. Fellowes.

– Você acabou de dizer que qualquer coisa que lhe pedisse…

– Eu sei, e me arrependo disso. Você sabe, Srta. Fellowes, tenho certeza que está a par de que não podemos manter a experiência de Timmie para sempre.

Ela o encarou subitamente horrorizada, sem entender exatamente o que ele tinha querido dizer. O que queria dizer com "não podemos manter"? com um agonizante relâmpago de recordação, ela lembrou-se do professor Aderneski e do espécimen mineral mandado de volta depois de duas semanas.

– Mas você está falando a respeito de um garoto – disse. – Não de uma pedra…

– Mesmo a um garoto – disse ele, inquieto – não pode ser dada uma importância muito grande, Srta. Fellowes. Agora que esperamos indivíduos do tempo histórico, precisaremos de espaço em Stasis, precisaremos de todo espaço possível.

Ela não entendeu.

– Mas você não pode. Timmie… Timmie…

– Agora, Srta. Fellowes, por favor, não se desespere. Timmie não irá agora. Talvez isso demore meses. Enquanto isso, faremos tudo que estiver ao nosso alcance.

Ela ainda o estava encarando.

– Deixe-me fazer alguma coisa por você.

– Não – sussurrou ela. – Eu não preciso de nada. Ela se levantou como se estivesse num pesadelo e saiu. Timmie, pensou ela, você não morrerá. Você não morrerá.

Estava tudo muito bem, ficar pensando que Timmie não devia morrer, mas o que ela poderia fazer? Nas primeiras semanas, a Srta. Fellowes agarrou-se apenas à esperança de que a tentativa de trazer um homem do século XIV para o presente fracassasse completamente. A teoria de Hoskins poderia estar errada, ou a tentativa falhar. Então as coisas poderiam continuar como antes.

Certamente não era essa a esperança do resto do mundo e, irracionalmente, a Srta. Fellowes odiou o mundo por causa disso. O "Projeto Idade Média" atingiu um clímax de publicidade entusiasmada. A imprensa e a opinião pública ansiavam por alguma coisa desse tipo. Há muito tempo que Stasis não causava tanta sensação. Uma nova pedra ou um outro peixe pré-histórico não era mais excitante. Mas um homem da Idade Média era.

Um homem histórico; um adulto falando uma língua conhecida; alguém que pudesse abrir uma nova página da História para o estudioso.

A hora H estava chegando, e dessa vez não era uma questão de três espectadores junto a um balcão. Dessa vez haveria uma audiência mundial. Dessa vez os técnicos de Stasis desempenhariam seu papel para quase toda a humanidade.

A Srta. Fellowes era só ansiedade com a demora. Quando o jovem Jerry Hoskins apareceu para sua hora de brincadeiras com Timmie, ela mal o reconheceu. Não era ele que estava

esperando. (A secretária que o trazia saiu apressadamente, depois de um rápido aceno para a Srta. Fellowes. Ela estava correndo para pegar um bom lugar, para ver o clímax do Projeto Idade Média. E era isso que ela também deveria estar fazendo, embora suas razões fossem totalmente diferentes, pensou amargamente; se ao menos essa moça idiota chegasse logo!) Jerry aproximou-se silenciosamente dela, embaraçado. Ele pegou a reprodução de uma foto do bolso.

– Sim? O que é isso, Jerry?

– Isso não é um retrato de Timmie?

A Srta. Fellowes olhou para ele e arrancou o pedaço de jornal da mão de Jerry. A excitação do Projeto Idade Média reavivara o interesse da imprensa em Timmie.

Jerry olhou-a minuciosamente.

– Aqui diz que Timmie é um menino-macaco. O que quer dizer isso?

A Srta. Fellowes segurou os punhos do garoto e reprimiu o impulso de sacudi-lo.

– Nunca diga isso, Jerry. Nunca, está entendendo? Isso é uma palavra feia e você não deve usá-a.

Jerry livrou-se dela, assustado.

A Srta. Fellowes rasgou o pedaço de jornal com um violento movimento de mãos.

– Agora vá brincar com Timmie. Ele tem um novo livro e quer mostrá-o a você.

Finalmente a moça chegou. A Srta. Fellowes não a conhecia. Nenhuma das habituais substitutas que utilizava quando tinha algum trabalho para fazer em algum outro lugar estava disponível nesse momento, por causa do clímax do Projeto Idade Média; mas a secretária de Hoskins tinha lhe prometido achar alguém, e essa devia ser a garota.

A Srta. Fellowes tentou disfarçar a irritação na sua voz.

– Você é a moça designada para a Seção Um da Stasis?

– Sim, eu sou Mandy Terris. Você é a senhorita Fellowes, não é?

– Isso mesmo.

– Desculpe o atraso. Há muita excitação.

– Eu sei. Agora quero que…

– Você vai assistir, eu presumo. – Seu rosto fino, de uma beleza inexpressiva, encheu-se de inveja.

– Deixe isso pra lá. Agora eu quero que você entre e conheça Timmie e Jerry. Eles brincarão nas próximas duas horas. Não lhe darão muito trabalho. Eles sabem onde pegar o leite e têm muitos brinquedos. Na verdade, o melhor será que os deixe sozinhos o maior tempo possível. Agora vou-lhe mostrar onde as coisas estão guardadas.

– Esse Timmie é o macaco…

– Timmie é um assunto Stasis – disse a Srta. Fellowes, energicamente.

– Ele é o tal que não tem permissão para sair, não é?

– Sim, agora entre. Estou em cima da hora.

Quando ela estava saindo, Mandy Terris gritou com uma voz aguda atrás dela.

– Espero que você consiga um bom lugar, e, se Deus quiser, tudo vai dar certo.

A Srta. Fellowes não acreditou que pudesse dar uma resposta racional. Saiu apressada, sem olhar para trás.

Mas o atraso não deixou que conseguisse um bom lugar. O máximo que conseguiu foi ver pelo telão da sala de reuniões. Se ela pudesse estar naquele lugar; se, de alguma forma, pudesse alcançar alguma parte sensível da aparelhagem; se tivesse condições de estragar a experiência…

Ela encontrou forças para controlar sua loucura. A destruição por si só não adiantaria muito. Eles consertariam, religariam e fariam tudo de novo. E ela nunca mais teria permissão de voltar para Timmie.

Nada ajudaria. Nada, a não ser que a experiência fracassasse por si própria, que tivesse um defeito irrecuperável.

Ela acompanhou a contagem regressiva, seguindo cada movimento da tela gigantesca, examinando o rosto dos técnicos à medida que o foco passava de um para o outro, esperando pelo olhar de preocupação e incerteza que revelaria que alguma coisa estava dando errado; esperando, esperando…

Ela não teve sorte. A contagem chegou a zero e, muito calmamente, totalmente despretensiosa, a experiência foi bem-sucedida.

Na nova Stasis, que tinha sido instalada lá, estava um camponês, de idade indeterminada, barbudo, ombros curvados, com roupas sujas e esfarrapadas e tamancos, olhando completamente horrorizado para essa mudança repentina e louca que aca-bava de ocorrer.

E enquanto o mundo enlouquecia de felicidade, a Srta. Fellowes ficou paralisada de tristeza, levando encontrões e empurrões, quase esmagada, cercada por comemorações e derrotada por completo.

O alto-falante que a convocou, com uma força estridente, precisou chamá-a três vezes antes que respondesse.

– Srta. Fellowes. Srta. Fellowes. Está sendo procurada na Seção 1 de Stasis, imediatamente. Srta. Fellowes. Srta. Fel…

– Deixe-me passar – gritou ela sem fôlego, enquanto o alto-falante continuava a repetir seu nome sem parar. Ela abriu caminho através da multidão com raiva, batendo nas pessoas, dando socos com os punhos fechados, andando na direção da porta como se estivesse num pesadelo.

Mandy Terris estava chorando.

– Não sei como isso aconteceu. Fui só até a pontinha do corredor dar uma olhada no vídeo

de bolso que eles tinham colocado lá. Só por um minuto. E, antes que pudesse me mexer ou fazer alguma coisa… – Ela gritou, num tom subitamente acusador. – Você disse que eles não dariam trabalho. Você disse para deixá-os sozinhos…

A Srta. Fellowes, toda desgrenhada e tremendo incontrolavelmente, depositou-lhe um olhar brilhante.

– Onde está Timmie?

Jerry gemia. Uma enfermeira estava limpando o seu braço com um desinfetante e outra preparava-lhe uma vacina anti-tétano Havia sangue nas roupas de Jerry.

– Ele me bateu, Srta. Fellowes – gritou Jerry, com raiva. – Ele me bateu.

Mas a Srta. Fellowes sequer chegou a olhá-o.

Ela correu para a casa de bonecas. Atrapalhou-se com a porta do banheiro. Levou uma eternidade para conseguir abri-la e achar o menino assustado, num canto.

– Não me chicoteie, senhorita Fellowes – sussurrou. Seus olhos estavam vermelhos.

Os lábios tremiam. – Não tive a intenção de fazer isso.

– Oh, Timmie, que história é essa de chicotear?!… – Ela puxou-o contra si e o abraçou desajeitadamente.

– Ela disse, com um longo chicote. Ela disse que você ia me bater e me bater.

– Você não vai apanhar. Ela disse isso porque é má. Mas o que aconteceu? O que aconteceu?

– Ele me chamou de menino-macaco. Ele disse que eu não era um garoto de verdade. Ele disse que eu era um animal. – Timmie desmanchou-se em lágrimas. – Ele disse que nunca mais ia brincar com um macaco. Eu disse que não sou um macaco, que não sou um macaco. Ele disse que eu era todo esquisito. Ele disse que eu era podre de feio. Ele não parou de dizer isso e mordi ele.

Agora os dois estavam chorando. A Srta. Fellowes soluçou: – Mas isso não é verdade. Você sabe disso, Timmie. Sabe disso muito bem. Você é um garoto de verdade. Você é um garoto muito bonzinho, é o melhor garoto do mundo. E ninguém, ninguém jamais vai me separar de você.

Era fácil tomar uma decisão agora. Era fácil saber o que fazer. Apenas tinha que agir rapidamente. Hoskins não esperaria muito, com seu próprio filho machucado…

Não, isso teria que ser feito esta noite, esta noite, enquanto a maioria do pessoal dormia e o restante estava inebriado pelo sucesso do Projeto Idade Média.

Seria uma hora estranha para que ela retornasse, mas não seria a primeira vez que entraria tão tarde. O guarda a conhecia bem e não sonharia em interrogá-a. Não achariam nada demais que estivesse carregando uma mala. Ela ensaiou a frase inexpressiva (“Jogos para o garoto”) e o calmo sorriso.

Por que ele não acreditaria nisso?

Ele acreditou. Quando ela entrou na casa de boneca novamente, Timmie ainda estava acordado. Ela tentou desesperadamente se manter normal para evitar assustá-lo.

Falou sobre seus sonhos com ele e ouviu-o perguntar melancolicamente por Jerry.

Poucas pessoas poderiam vê-a em seguida, ninguém perguntaria sobre o pacote que estaria carregando. Timmie estaria bem quieto e, então, seria um fait accompli.

Seria feito, não adiantaria tentar impedi-la. Eles tinham que deixá-a existir. Eles tinham que deixá-os existir.

Ela abriu a mala, tirou o sobretudo, a capa de lã, com protetor de ouvido e o resto.

Timmie se sentou, começando a ficar alarmado.

– Por que você está colocando essas roupas todas em mim, senhorita Fellowes?

– Estou indo levá-o para o lado de fora – disse ela. – Para onde seus sonhos estão.

– Meus sonhos? – Seu rosto contorceu-se de desejo, embora ainda estivesse com medo.

– Você não terá medo. Você estará comigo. Você não terá medo se estiver comigo, não é, Timmie?

– Não, senhorita Fellowes. – Ele enterrou a cabeça deformada ao lado dela, sob os seus braços. Ela podia sentir o pequeno coração acelerado.

Era meia-noite e ela o trouxe para os seus braços. Desconectou o alarme e abriu a porta silenciosamente.

E gritou, pois, encarando-a do outro lado da porta, estava Hoskins.

Havia dois homens ao seu lado e ele a observava, tão surpreso quanto ela.

A Srta. Fellowes se recuperou primeiro e fez uma rápida tentativa de empurrá-lo; mas, mesmo com a pequena desvantagem, ele ainda teve tempo de agir. Pegou-a rispidamente e jogou-a contra uma cômoda. Acenou para que os homens entrassem e ficou à sua frente, bloqueando a porta.

– Não esperava por isso. Você está louca?

Ela virou os ombros de modo que eles, e não Timmie, batessem na cômoda. Disse, num tom de súplica:

– Que mal pode haver se eu levá-o? Não pode colocar uma vida humana acima de uma mera perda de energia?

Com firmeza, ele arrancou Timmie dos braços dela.

– Uma perda de energia desse grau significaria milhões de dólares dos patrocinadores jogados fora. Seria um terrível retrocesso para Stasis. Isso seria uma péssima publicidade para nós. Imaginem, uma enfermeira destruindo tudo por causa de um menino-macaco.

– Menino-macaco? – disse a Srta. Fellowes, numa fúria incontida.

– É assim que os repórteres o tratariam – disse Hoskins. Um dos homens apareceu nesse

momento com uma corda de náilon, e começou a encaixá-a em argolas situadas ao longo da parte superior da parede.

A Srta. Fellowes se lembrou da corda que havia do lado de fora da sala em que estava a pedra do professor Ademewski, que, depois que foi puxada por Hoskins, voltou para o passado.

– Não – gritou ela.

Mas Hoskins colocou Timmie no chão e tirou o seu sobretudo cuidadosamente.

– Você fica aqui, Timmie. Você irá lá para fora num momento. Tudo bem?

Timmie, pálido e mudo, concordou com um movimento de cabeça.

Ele a conduziu para o lado de fora da casa de bonecas, empurrando-a pelas costas. Naquele momento, não conseguiu opor nenhuma resistência. Entorpecida, ela percebeu o puxador sendo ajustado do lado de fora da casa de bonecas.

– Sinto muito, Srta. Fellowes – disse Hoskins. – Eu queria poupá-a desse sofrimento. Planejei agir durante a noite, para que você só soubesse quando tudo estivesse acabado. Ela sussurrou, exausta:

– Só porque seu filho se machucou. Só porque Timmie reagiu às provocações dele.

– Não foi por isso, pode acreditar. Sei que a culpa da briga de hoje foi de Jerry. Mas a história vazou. E não era para menos, com toda a imprensa nos rodeando no dia mais importante da história do laboratório. Não posso correr o risco de ver uma história distorcida nos jornais, desviando a atenção do Projeto Idade Média, com casos de negligência e como dizem por aí, selvagens de Neanderthal. De qualquer maneira, Timmie teria que partir mais cedo ou mais tarde.

– Não é como mandar uma pedra de volta. Você vai matar um ser humano.

– Não é bem isso. Ele não sofrerá nada. Ele simplesmente será um menino Neanderthal num mundo Neanderthal. Não será mais um prisioneiro alienígena. Será a sua oportunidade para viver livremente.

– Que oportunidade? Ele só tem sete anos e está acostumado a ser protegido, alimentado, vestido e abrigado. Lá estará sozinho. Sua tribo pode não estar mais no lugar em que foi capturado, agora que se passaram quatro anos. E mesmo que estivesse, ele não seria reconhecido. Terá que cuidar de si mesmo. Como ele vai se virar?

Hoskins balançou a cabeça, desanimado.

– Por Deus, você acha que não pensamos nisso? Você acha que teríamos trazido a criança se não tivéssemos certeza de que poderíamos mandá-a de volta para seu tempo?

Só mantivemos Timmie esse tempo todo por causa de nossa relutância em mandá-lo de volta para o passado. Não podemos esperar mais. Timmie está atrapalhando nosso progresso. Timmie pode comprometer nossa reputação, num momento em que estamos no limiar de novas conquistas. Sinto muito, Srta. Fellowes, mas não podemos deixar que ele seja um obstáculo para nós. Não podemos. Não podemos. Sinto muito, Srta. Fellowes.

– Está bem – disse ela, tristemente. – Deixe-me despedir dele. Dê-me cinco minutos para me despedir dele. Respeite ao menos esse direito.

– Vá em frente – disse Hoskins, hesitante.

Timmie correu para ela. Era a última vez que corria para ela, que, pela última vez, apertou-o em seus braços.

Por um momento, abraçou-o cegamente. Puxou uma cadeira com o dedão do pé, arrastou-a até a parede e se sentou.

– Não tenha medo, Timmie.

– Com você aqui, eu não tenho medo, Srta. Fellowes. O homem lá fora está zangado comigo?

– Não, ele não está. Ele apenas não nos entende. Timmie, você sabe o que é uma mãe?

– Como a mãe do Jerry?

– Ele falou a respeito de sua mãe?

– Algumas vezes. Acho que uma mãe deve ser uma dama, que cuida muito de nós, é legal e só faz coisas boas.

– É isso mesmo. Você quer uma mãe, Timmie?

Timmie afastou a cabeça dela para poder olhar seu rosto. Carinhosamente, colocou as mãos nas faces e nos cabelos da Srta. Fellowes e afagou-os como há muito, muito tempo, ela o acariciava.

– Você não é minha mãe? – disse ele.

– Oh, Timmie.

– Você está zangada porque perguntei?

– Não, claro que não.

– Porque eu sei que o seu nome é Srta. Fellowes, mas… às vezes penso em você como minha mãe. Tem problema?

– Não, não tem. Não vou me separar de você e não deixarei que nada lhe aconteça. Vou cuidar de você para sempre. Me chame de “mamãe”, para que possa ouvi-lo.

– Mamãe – disse Timmie, com alegria, encostando seu rosto no dela. Ela levantou e, ainda segurando-o, subiu na cadeira. O grito súbito que começou a ecoar lá fora passou despercebido e, com a mão livre, jogou todo o seu peso sobre a corda suspensa pelas duas argolas.

E Stasis foi perfurado, deixando a sala vazia.

Vale a pena ler, vejam! («I Just Make Them Up, See!»). Copyright © 1957 by Fantasy House, Inc. Originalmente publicado en *Fantasy and Science Fiction*, fevereiro de 1958.

Profissão («Profession»). Copyright © 1957 by Street and Smith Publications, Inc. Originalmente publicado em *Astounding Science Fiction*, julho de 1957.

A Sensação de Poder («The Feeling of Power»). Copyright © 1957 by Quinn Publishing Co., Inc. Originalmente publicado em //: *Worlds of Science Fiction, fevereiro* de 1958.

A noite Moribunda («The Dying Night»). Copyright © 1956 by Fantasy House, Inc. Originalmente publicado em *Fantasy and Science Fiction*, julho de 1956.

Estou em Porto Marte sem Hilda («I'm in Marsport without Hilda»). Copyright © 1957 by Fantasy House, Inc. Originalmente publicado em *Venture Science Fiction*, novembro de 1957.

Os Abutres Bondosos («The Gentle Vultures»). Copyright © 1957 by Headline Publications, Inc. Originalmente publicado em *Super-Science Fiction*, dezembro de 1957.

Todos os Problemas do Mundo («All the Troubles of the World»). Copyright © 1958 by Headline Publications, Inc. Originalmente publicado em *Super-Science Fiction*, abril de 1958.

Meu Nome se escreve com «S» («Spell My Name with an S»). Copyright © 1958 by Ballantine Magazine, Inc. Originalmente publicado em Star Science Fiction, janeiro de 1958, com o título: S, as in Zebatinsky.

A Última Pergunta («The Last Question»). Copyright © 1956 by Columbia Publications, Inc. Originalmente publicado em *Science Fiction Quarterly*, novembro de 1956.

O Garotinho Feio («The Ugly Little Boy»). Copyright © 1958 by Galaxy Publishing Corporation. Originalmente publicado em *Galaxy Magazine*, setembro de 1958, com o título: *Lastborn*.